

DOROTHY KOOMSON

MARSHMALLOW

O QUE PODE ACONTECER QUANDO SE ABRE O
CORAÇÃO PARA COMPLETOS ESTRANHOS





DOROTHY KOOMSON

MARSHMALLOW

O QUE PODE ACONTECER QUANDO SE ABRE O
CORAÇÃO PARA COMPLETOS ESTRANHOS



PRIMAVERA
EDITORIAL

Para a Tess, que inspirou esta história.

Sumário

Flocos de milho, uma colher de chá de açúcar e leite gelado

Panquecas e toucinho defumado mergulhados em xarope de açúcar

Morangos, mirtilos, fatias de maçã, fatias de pera e um pouco de iogurte

Ovo frito e tiras de pão torrado com

manteiga Cereais integrais e leite de soja

orgânico Torrada, manteiga e marmelada de

gingibre Tortilhas

Ovos, toucinho defumado, torradas, batatas bem fritas em cubos e

chouriço Nada

Fatia de pizza fria

Mingau de aveia e natas espessas e

viscosas Cereal caseiro com iogurte

natural Água

Ar, apenas ar

Tudo e mais alguma coisa

Pão torrado com requeijão

Marshmallow

Ah, peço desculpas...

Expressar gratidão publicamente é a melhor parte de ser escritora. Peço a paciência do leitor, pois adoro agradecer! Portanto, aqui vai...

minha família extraordinariamente fabulosa: Samuel, Agnes, Sameer, Kathy, David, Maryam, Dawood, Maraam, Muneerah, Yusuf, Ahmad, Muhammad, Ameerah, Liah, Skye, Aysah, Joshua, Habiba, David, Jade. Vocês são muito especiais para mim, principalmente pelo apoio.

Aos meus espantosos agentes: Antony Harwood (vulgo gam) – “acima e além do que o dever exige” devia ser o seu epíteto – obrigada por tudo. James Macdonald Lockhart, deve ser o homem mais calmo acima da Terra; adoro você por isso.

Às minhas perfeitas parceiras editoriais: Jo Dickinson (vulgo mge) – todos os escritores deveriam ter a sorte de tê-la como editora – obrigada, sobretudo por manter contato mesmo durante a licença-maternidade. Louise Davies, abençoada seja por sua paciência e compreensão. Jennifer Richards, aprecio mesmo o seu trabalho. Kirsten Astor, também adoro o seu trabalho. Ainda Kerry Chapple e Emma Stonex, obrigada por compartilharem comigo os mexericos e os livros.

Aos meus brilhantes companheiros britânicos: Richard Atkinson, obrigada por ter sido o primeiro a ler a “nova Dorothy Koomson”; Emily Partridge; Andy Baker, obrigada por ser o único a me visitar em Oz; Rhian Clugston; Sharon Wright, David Jacobson e Luc; Marian, Gordon, Jonathan e Rachel Ndumbe; Stella Eleftheriades; Jean Jollands; Emma Hibbs; Bibi Lynch; Adam Gold; Rob Haynes; Janet Cost-Chretien; Tasha Harrison; Denise Ryan; Sarah Ball;

Martin, Sachiko e Connor O'Neill; Tanya Smale, obrigada por ser a minha Kamryn; Colette Harris; Nuala Farrell; Maria Owen; e Sharon Percival.

Aos meus fantásticos amigos australianos: Lucy e Olivia Tumanow-West; Lindsay Curtis; Rebecca Buttrose; Rebecca Carman; Jen; Danny; Dylan; Isabella; Sunny; Jolie; Gemma e Violet (vulgo "Os Adcock"); e Erin Kisby.

Agradeço, ainda, a todas as pessoas que tiveram a amabilidade de me contar as histórias que inseri neste livro; um profundo e sentido agradecimento pela sinceridade e coragem de vocês.

Prólogo

Parece o momento entre as pulsações. O intervalo em que nada acontece.

Quando o sangue abrandando nas veias, a respiração se segura e a mente mergulha naquele enorme vazio de irreabilidade.

Estou falando com ele ao telefone.

É ele. É mesmo ele.

— Temos de conversar sobre o nosso bebê — diz.

Eu largaria o telefone se conseguisse me mexer. Se a voz dele não tivesse se infiltrado no meu corpo e provocado a paralisação de todos os meus músculos.

— Kendra? — pergunta. — Está me ouvindo?

Há um ligeiro ruído na linha, pois ele está ligando de um celular; um telefone toca do outro lado do meu escritório vazio, mas eu consigo ouvi-lo. Claro que consigo ouvi-lo. Cada palavra é clara e precisa, sendo a sua voz profunda e suave como uma tina de xarope quente. Consigo ouvi-lo e a lembrança invade meu pensamento.

A sua mão grande e forte estende-se para me impedir de tropeçar; o pulso férreo cinge-me o pescoço. A boca sorri ao dizer que, por mim, é capaz de tudo; sinto a sua respiração ao ouvido ao prometer me matar.

— Kendra, está me ouvindo? — repete, perante o meu silêncio.

— Sim — consigo responder. — Sim, estou ouvindo.

— Temos de conversar sobre o nosso filho... Você tem que me falar sobre ele ou ela — ele se detém e inspira. — Nem sequer sei se é menino ou menina. Não é justo. Tenho o direito de saber. Tenho o direito... Kendra, você tem que falar comigo. Você me deve, pelo menos, isso.

Nada digo.

— Vou me encontrar contigo — afirma. — Quando você sair do trabalho. Já estou à entrada do seu prédio, mas espero. A que horas você sai?

Igual ninho de morcegos perturbados, o pânico cresce dentro de mim e torna-se um cobertor de asas de couro, espessas e negras, amortecendo todas as restantes sensações. Ele está lá fora? Ele está lá fora, neste momento?

— Hoje à noite tenho o que fazer — replico, tentando falar normalmente; tento impedir que a minha voz revele o meu medo.

— Não me interessa o que você tem a fazer. Nada é mais importante do que isto. Temos de conversar.

— Eu, hum, eu, aah... — hesito. Tenho de recuperar o controle desta situação. Ele não pode fazer isto.

— Eu sei onde você trabalha. Quanto tempo você acha que demorarei a descobrir onde você mora? Aparecerei em sua casa. Irei ao seu local de trabalho todos os dias e, depois, irei à sua casa. Não deixarei você em paz até que fale comigo. Você pode evitar tudo isso, basta aceitar me ver agora.

Ele está falando sério. Eu sei que ele está falando sério. Sei o que ele faz quando não consegue o que quer.

— Podemos nos encontrar na entrada, às 16h45, declaro. Tenho meia hora.

— Linda, menina — ronrona, em um tom suave, sensato e calmo.

— Eu sabia que tomaria a atitude acertada. Mal posso esperar...

— Adeus — digo abruptamente e desligo o telefone, quase atirando o aparelho branco para o descanso.

Há cinco minutos, jamais imaginara que ele pudesse me encontrar. Há cinco minutos, nunca me passara pela cabeça que ele andava à minha procura. Há cinco minutos, o que de mais me ocupava o pensamento era em qual supermercado eu iria fazer compras.

Agora, isto.

A mão esmaga-me o pescoço; a sua voz de mel insinua-se ao meu ouvido.

Desta vez, ele vai mesmo me matar, não vai?

Flocos de milho,
uma colher de
chá de açúcar
e leite gelado



Primeiro capítulo

— Você é negra.

Surpreendentemente, não gritei, chiei ou caí ao chão, tremendo, quando me deparei com uma intrusa em minha casa. Cambaleei para trás quando o meu coração parou subitamente de bater; fitei-a com olhos arregalados e espantados, mas não gritei.

Era uma manhã de sábado, bem cedo; eu tinha acabado de sair do banho e estava prestes a atravessar apressadamente o meu apartamento para me vestir no quarto, quando descobri a intrusa – os intrusos, aliás – parados à entrada do banheiro, a me olhar fixamente. A intrusa, que me falou, tinha cerca de sessenta centímetros de altura, seis anos de idade, uns olhos verdes que eram tão escuros e reluzentes como folhas de eucalipto, e cabelos negros à altura dos ombros – apanhados, de um lado, com um elástico vermelho e, do outro, caindo em ondas sobre o ombro. Ao seu lado, erguia-se o seu reflexo masculino – tinha cabelos escuros mais curtos, mas era da mesma altura, da mesma idade e tinha os mesmos olhos verdes.

Os dois não estavam sequer vestidos “harmoniosamente”. Ela usava a saia cor-de-rosa com babadas sobre um collants com riscas azuis e brancas e uma camisola branca de mangas compridas sob um colete cor de laranja desbotado. Tinha umas meias amarelas enroladas nos tornozelos como se fossem polainas de lã, enquanto uns sapatos vermelhos com grandes flores amarelas na biqueira lhe adornavam os pés. Ele usava umas calças compridas azuis, das quais uma perna estava entalada numa das suas meias verdes. A camiseta branca estava enfeitada com um trabalho artístico vanguardista composto por marcas de caneta de feltro e riscos feitos por dedos sujos,

estando um dos lados da gola do seu casaco de lã azul com fecho de correr dobrado para dentro, abraçando-lhe o ombro.

Ambos usavam roupas enrugadas e amarrotadas, como se tivessem dormido vestidos com elas.

Além das roupas desalinhadas, os gêmeos tinham também em comum a pele branca com escuros círculos roxos azulados, alisados como manchas de terra, sob os olhos. Pareciam um par de garotos de rua, maltratados e fatigados pelo frio de fevereiro, que tinham vagueado até o calor do meu apartamento. Eu tinha, porém, quase a certeza de que não se tratava de crianças de rua. Eram os filhos do meu senhorio. Eu me mudara para aquele apartamento há poquíssimo tempo e ainda não conhecera o ele e a sua família, pois estavam viajando quando eu chegara da Austrália. Era evidente que estavam de volta.

As crianças me examinaram de maneira descarada com os olhos, repararam na touca de banho de plástico transparente que me cobria os cabelos pretos, no rosto limpo e hidratado, no pescoço e ombros úmidos, na toalha com que eu envolvera o tronco e que, naquele momento, agarrava com toda a força para mantê-la fechada, nos joelhos a espreitarem sob a toalha e na barriga das pernas salpicadas de água. Os seus olhos demoraram-se nos meus pés, provavelmente fascinados com os meus felpudos chinelos brancos.

— Você é negra — afirmou novamente a menina, com uma voz límpida e firme; falava com a sinceridade de uma criança e a confiança de um adulto. Sabia como se dirigir às pessoas, independentemente da idade. Nos braços, segurava um coelho de brincar, azul e mole.

— Percebi — respondi.

— Meu nome é Summer — disse ela, confirmando ser a filha do meu senhorio. Apontou com o polegar para o menino. — Ele é Jaxon. Nós somos gêmeos.

Observou-me novamente, da touca de banho aos pés e, depois, levantou os olhos na direção dos meus. Os nossos olhares fixaram-se. Ela hipnotizou-me, teve toda a minha atenção durante o tempo que quis. O seu rosto, emoldurado daquela forma invulgar pelo cabelo, era inocente e franco, mas, ao mesmo tempo, sábio e reservado. Uma

infinidade de pensamentos insignificantes e profundos ocorria por trás daquele rosto.

Summer encolheu os ombros pequenos e magros, quebrando a troca de olhares ao acenar ligeiramente com a cabeça.

— Até que você é bem bonita — disse ela.

— Ah... obrigada, acho eu — repliquei.

Jaxon se inclinou na direção de Summer, colocou a mão em formato de concha junto à boca e começou a sussurrar ao ouvido dela. Falou durante alguns segundos e, quando parou, ela acenou com a cabeça. Jaxon endireitou-se.

— Não é tão bonita como a minha mamãe — informou-me Summer.

Deduzindo que Jaxon tinha contribuído para o comentário, olhei de relance para ele, que me fitou de modo provocador, desafiando-me a contestar. Era evidente que não era um grande conversador, mas sabia fazer-se entender.

— Ah, está bem — declarei.

— Summer! Jaxon! — gritou uma voz de homem adulto do fundo das escadas, perto da porta da rua do meu apartamento, causando um novo sobressalto no meu coração. — O que estão fazendo aí em cima?

— continuou a voz, à medida que começaram a se ouvir passos subindo as escadas.

Devia ser o meu senhorio, Kyle Gadsborough, apressando-se para encontrar os filhos, enquanto estes me viam completamente despida. Antes de eu poder planejar uma fuga, de poder perceber se seria capaz de voltar rapidamente para dentro do banheiro, o senhor Gadsborough apareceu.

Ocupou toda a área acima das escadas, pois era um homem alto, com um pouco mais de 1,80 metro de altura. Era ligeiramente mais velho do que eu, tendo trinta e seis ou, talvez, trinta e sete anos de idade, com um corpo robusto, mas em boa forma. Vestia umas calças de malha azul-marinho largas e uma camiseta branca amarrotada por baixo de um casaco cinzento azulado. O cabelo preto estava cortado rente; os olhos eram tão grandes como os dos filhos, mas castanhos. Tinha uma sombra de barba por fazer no rosto e, tal como os filhos,

caracterizava-se pela palidez de quem parece estar a lutar contra o sono.

O meu senhorio parou ao cimo das escadas, soltou um suspiro e revirou os olhos aos filhos.

— Já disse a vocês — afirmou —, que ela não está aqui; deve ter ido às compras ou algo parecido. Quando eles não lhe responderam e, em vez disso, continuaram a me olhar, ele perguntou-se, obviamente, o que estariam vendo e voltou o olhar na direção em que eles estavam concentrados. Cumprimentou-me com um breve aceno de cabeça antes de se voltar novamente para as crianças. Deteve-se. Assisti ao momento em que o cérebro dele apreendeu que tinha visto uma pessoa naquele rápido relancear de olhos para a direita. Voltou-se novamente na minha direção, com surpresa e confusão patentes no rosto.

— Ah, está aqui — disse. Peço desculpa, nós... — Sua voz cessou quando ele notou que estava na presença de uma mulher praticamente nua. Uma mulher que não era a sua esposa. O seu rosto branco acinzentado e privado de sono explodiu de cor e duas vivas faixas vermelhas gravaram nele um rasto escarlate.

— Ah-h-h — gaguejou. — H, hum, eu, hum... — Começou a recuar, esqueceu-se de que se encontrava no topo das escadas, falhou o primeiro degrau, tropeçou e escorregou para trás. Por um momento, por uma fração de segundo, o senhor Gadsborough pareceu ficar suspenso em pleno ar e, depois, o corpo iniciou a sua queda pelas escadas de madeira abaixo. O meu coração já acelerado subiu até à boca enquanto o observava e esperava que ele desaparecesse com o trambolhão, mas, à última hora, a sua mão precipitou-se, agarrou-se ao corrimão branco e ele conseguiu manter-se de pé. Uma vez equilibrado, desceu mais alguns degraus correndo até só conseguirmos ver, do local onde nos encontrávamos, os suaves cabelos que lhe cobriam o alto da cabeça em redemoinhos irregulares. Virou-se para a parede para não olhar sequer vagamente na minha direção.

— Vamos, meninos, temos de ir, disse para a parede. Já! Já!

Os seus passos desceram desenfreadamente o resto das escadas e saíram pela porta como se estivesse sendo perseguido pelo diabo.

Summer que, tal como Jaxon e eu, estava observando o senhor Gadsborough, voltou-se para mim.

— Temos de ir — declarou com seriedade, com o seu tom, e acrescentou: — Mas, voltaremos.

— Está bem — respondi, tanto à afirmação feita como à que ficou por fazer.

Summer foi a primeira a começar a descer as escadas; através das frestas do corrimão, vi-a descer cuidadosamente cada degrau até desaparecer. Jaxon seguiu-a, mas, antes de colocar o pé no segundo degrau, parou, virou-se e lançou-me um olhar. “Não me enganas”, dizia aquele olhar. “Percebo todas as tuas intenções.”

Recuei um pouco perante a sua intensidade.

Só uma pessoa me tinha olhado assim em toda a minha vida. E fora há uma eternidade. Naquela altura, o olhar tinha me perturbado, mas, desta vez, quase me derrubou. Como podia um menino de seis anos olhar-me como se eu fosse um livro aberto?

Pisquei-lhe o olho, perguntando-me se ele iria dizer algo, mas nada disse. Tendo cumprido a sua missão, lançado o seu olhar, Jaxon deu meia-volta e desceu as escadas, atrás da irmã e do pai.

Pronto, pensei, quando a porta se fechou depois de Jaxon ter saído, tenho de sair daqui. Imediatamente.

Segundo capítulo

Antes de mais nada, coloquei uma cadeira de jantar por baixo do puxador da porta do quarto. Não ia correr quaisquer riscos neste nível: se ia tirar a toalha para me vestir, queria ser avisada com vários minutos de antecedência na eventualidade de algum membro da família Gadsborough voltar a aparecer.

Confirmando que a cadeira estava segura, antes de deixar cair a toalha, peguei no frasco de loção corporal que estava pousado na mesa de cabeceira e deitei uma grande porção branca e cremosa na palma da mão. Hidratei o corpo em tempo recorde – trinta segundos no máximo; depois, fui buscar o sutiã preto à cama e vesti-o. Enfieei a calcinha nas pernas e puxei-as até acima; depois, vesti a minha blusa branca de mangas compridas e abotoei as calças jeans. Demorei menos de dois minutos vestindo-me e, enquanto o fazia, mantive os olhos fixos na porta, não fosse o diabo tecê-las.

Há sete dias, eu estava na Austrália.

Esse fato ainda me causava alguma agitação um pouco, levava-me a olhar à minha volta, examinando o que me rodeava como uma toupeira que via a luz à superfície pela primeira vez. Tentava constantemente não me esquecer de que as árvores despidas, a baixa temperatura, o ar puro e tonificante significavam que eu estava na Grã-Bretanha. Tinha voltado à minha terra natal. Estava de regresso à minha casa. Há sete dias, levava uma vida muito diferente em Sydney. Tinha um apartamento perto do centro da cidade e era assessora de imprensa em uma grande empresa de comunicação social.

Há cinco dias, carregada, exausta e ligeiramente pedrada devido ao excesso de açúcar, um regabofe de doces que durou vinte e quatro horas, tinha saído dos serviços de imigração e da alfândega do aeroporto de Heathrow e entrado na zona das chegadas. Ignorando as pessoas que corriam para os braços umas das outras, novamente unidas e felizes, de regresso e com alguém à sua espera, encaminhei-me para a fila dos táxis. Ninguém ia ao meu encontro, pois poucas pessoas sabiam que eu tinha voltado. Os meus pais viviam em Gana, a minha irmã na Itália e os meus dois irmãos na Espanha e no Canadá. A minha família estava dispersa pelo mundo e eu não podia incomodar nenhum amigo para que fosse me buscar.

Levava todos os meus bens materiais mais fáceis de transportar em uma mochila e duas malas. Tinha enviado os meus documentos para mim mesma à véspera da partida, de modo que chegassem a dada altura. Coloquei-me na fila para os táxis e fui à Brockingham, na fronteira entre Kent e Londres.

Enquanto o táxi percorria a rodovia, dirigindo-se para o nó de trânsito que era Londres, eu sabia que os Gadsborough, os novos senhorios, não estariam lá. Kyle Gadsborough tinha me avisado que a família tinha de ir a Nova York e, embora não fosse ideal não estarem presentes para me receber, não havia nada que nenhum de nós pudesse fazer – eles tinham de ir para a América e eu tinha de ir para Inglaterra.

Para ir buscar as chaves, tive de me dirigir à casa da vizinha do lado. Ela abriu-me a porta e eu fui apanhada um pouco de surpresa. Tinha um cabelo que lhe assentava na cabeça como merengue castanho, sobrancelhas violentamente arranjadas e uma boca tão enrugada com falhas que parecia estar prestes a dar de si.

Não queria entregar-me as chaves. Pediu-me o passaporte e uma cópia do contrato de arrendamento. Quando eu assenti, pediu-me outro documento de identificação. Mostrei-lhe o meu cartão de crédito britânico. Sabendo que não podia continuar a protelar, disse que ia calçar os sapatos e me acompanharia. Esta foi a gota d'água. Depois de vinte e quatro horas de viagem e de ter gasto cento e cinquenta libras num táxi, a minha paciência, que já tinha sido posta à prova,

estava, agora, prestes a se esgotar. Eu estendi a mão para receber as chaves. Com relutância, ela deixou-as cair na palma da minha mão.

O senhor Gadsborough tinha me dito que a entrada para o meu apartamento ficava à direita da casa, por trás de altos e ornamentados portões de ferro. Depois de destrancar o portão, puxei a minha bagagem ao longo do caminho de pedra e da parte lateral da casa branca. As traseiras davam para um amplo pátio relvado, rodeado de lajes cinzentas como lousa. Em frente à casa principal, erguia-se o meu apartamento.

O senhor Gadsborough era arquiteto e tinha projetado e reconstruído o apartamento que assentava em uma antiga garagem como um estúdio independente para a esposa. Era branco por fora, com uma fiada de seis janelas panorâmicas com vista para o pátio e três claraboias embutidas no telhado inclinado. No meio do edifício, onde costumava ser a entrada da garagem, estava a porta azul da frente.

Ao aproximar-me do apartamento, senti que este era meu, apesar de só ter visto as fotografias que o senhor Gadsborough tinha enviado por e-mail. Senti que era o lugar onde eu podia recomeçar. Deixar Sydney tinha sido uma decisão tomada às pressas. Eu não fazia ideia de onde ia viver, não tinha família na Inglaterra à qual pudesse impor a minha presença, pelo que tinha passado horas a esquadrinhar a internet até ver o anúncio daquela casa. Após algumas conversas com o proprietário, quando passamos pelo processo de enviar contratos de um lado para o outro e transferir dinheiro, era minha. Toda minha. Senti uma calma perpassar-me quando o senhor Gadsborough me disse que eu podia alugar o apartamento. Tinha um lugar onde viver, onde me esconder.

Puxei as minhas malas cinza-metálico pelo caminho de lajes cinzentas até ao meu apartamento. A porta azul-marinho da frente tinha uma aldraba de latão. Por trás da porta, estariam as escadas que conduziriam àquele que se tornaria o meu espaço.

O frio da casa avançou pelas escadas abaixo para me receber quando abri a porta. No exterior, estava fresco, mas, no interior,

estava mais frio – a ausência de alguém na casa tinha deixado a sua marca.

Eu olhei para as escadas de madeira com uma suave curva no alto – era impossível conseguir levar tudo para cima de uma só vez.

Deixando as malas à porta, subi as escadas.

Larguei a mochila e a carteira e, depois, voltei rapidamente para baixo e levei uma das minhas malas para cima com esforço, tornei a descer e levei a outra. Depois de ter fechado a porta ao entrar, parei. Parecia ser a primeira vez em várias semanas que eu parei. Parei e permiti que a quietude que emanava de uma casa que não era habitada há algum tempo se abatesse sobre mim. Fechei os olhos, inspirei a sensação de imobilidade para que me chegasse bem ao fundo dos pulmões e, depois, expirei. Expulsei-a para que se unisse ao sossego que me rodeava. Era assim a tranquilidade. Era isto que eu queria quando embarquei no avião com destino àquela casa.

Abri os olhos e, pela primeira vez, observei convenientemente a sala. Todo o apartamento tinha cerca de doze metros de comprimento, caracterizando-se, na sua maior parte, por um espaço amplo. À minha direita, estava a sala de estar, com um sofá, o televisor e uma mesinha de centro. Ao lado do sofá, ficava a porta que dava para o quarto. À minha esquerda, encontrava-se a pequena e redonda mesa de jantar com três cadeiras. Para lá destas, ao fundo, ficava a cozinha, com toda uma parede em vidro que deixava a luz entrar. Ao lado desta, ficava a porta que dava para o banheiro. Todo o apartamento, à exceção do banheiro, possuía um assoalho de madeira descascada, coberto de tapetes de cores vivas que assentavam como ilhas em pontos equidistantes no chão.

Em cima da mesa de jantar, encontrava-se uma caixa de bombons atada com um laço cor-de-rosa, à qual estava encostado um cartão branco. Peguei no bilhete.

Bem-vinda ao seu novo lar, Kendra.

Da família Gadsborough.

Um gesto simpático e inesperado que me revelou que eles eram boas pessoas. Normais, gentis. Sentia isso sempre falava com o senhor Gadsborough. Eram decentes e amáveis.

Amáveis. Esse fato levou um pingo de ansiedade a perpassar-me. A sua possível amabilidade pode constituir um problema, pensei ao pousar o bilhete e olhar para os bombons. Precisava de ficar só por uns tempos. Sentia-me uma fugitiva, fugindo da Austrália, e precisava de solidão, agora que estava em casa. Um lugar onde pudesse passar algum tempo sozinha, a lamber as feridas que me tinham levado a deixar Sydney; recompor-me. Ficar mais forte enquanto me habituava novamente a conviver com pessoas.

O meu maior receio, ao manusear a cobertura de celofane dos bombons, era o de que eles não me deixassem em paz tempo suficiente para eu começar a refazer a minha vida. O de que não me deixassem em paz, ponto final.

Percorri o assoalho do quarto, contorcendo as mãos, inquieta. Um pavor irracional crescia e tornava-se mais real a cada minuto que passava. As crianças deviam ter voltado para casa e contado à senhora Gadsborough o que tinha acontecido. “Ela até é bem bonita”, diria Summer naturalmente.

“Ela estava sem roupa, não estava, pai?”, acrescentaria Jaxon com jovialidade.

A qualquer momento, a senhora Gadsborough se dirigiria à minha casa, empunhando uma frigideira, para me pregar um sermão. Para me dizer que me mantivesse vestida, mesmo no banho. Principalmente, no banho.

Mesmo que não aparecesse para tal confronto, aquele fato dificilmente lhe suscitaria simpatia por mim. Iria semear a dúvida no espírito a meu respeito, levando-a a perguntar-se se eu estaria interessada no seu marido e a decidir manter-me debaixo de olho.

Com esse pensamento cristalizado na minha cabeça, vesti uma camisa com decote em “V”, debati-me com um casaco de malha preto e coloquei o meu casaco comprido preto. Rapidamente, enrolei um cachecol às riscas coloridas ao pescoço, peguei na minha mala e encaminhei-me para a porta. Iria a algumas agências imobiliárias, apanharia o ônibus para o centro de Londres e aí passaria o dia.

Regressaria o mais tarde possível, altura em que eles já estariam dormindo. Podia continuar a fazê-lo – ficar fora até tarde – até encontrar outro lugar onde viver.

Antes de sair do apartamento, abri uma fresta considerável da porta e espreitei para fora, vendo se o caminho estava desimpedido. Do outro lado do pátio, erguia-se a casa, grande, branca e imponente. De onde me encontrava, via a grande janela da cozinha. As persianas de madeira estavam levantadas e eu conseguia divisar o senhor Gadsborough junto à mesa da cozinha, gesticulando freneticamente às duas crianças, que estavam sentadas à mesa, ambas concentradas no que ele estava dizendo. A senhora Gadsborough não estava por perto. Era a minha oportunidade para fugir.

Transpus a soleira e fechei a porta devagar. Com o mesmo cuidado, introduzi a chave na fechadura, rodando-a lentamente. Em seguida, inseri a chave na fechadura de segurança e rodei-a também sem fazer barulho para trancar a porta uma segunda vez.

Mordendo o lábio inferior e retesando-me para atravessar furtivamente o pátio em direção ao portão, virei-me e deparei com o senhor Gadsborough, segurando uma caixa de *Weetabix*, mesmo atrás de mim.

– VALHA-ME DEUS! – gritei, dando um salto para trás e levando a mão ao peito. – NÃO FAÇA ISSO! – *Que talento era o daquela família para aparecer do nada?*

Simultaneamente, o meu senhorio pareceu ficar aflito, como se não acreditasse que tinha feito aquilo a mim.

– Oh, meu Deus, peço desculpa – disse ele, estendendo a mão livre na minha direção. Eu recuei, encostando todo o corpo à porta para o impedir de me tocar. Já tínhamos transposto demasiadas barreiras na última meia hora e não precisávamos de passar por cima de mais nenhuma.

Ele retirou a mão, distanciou-se de mim e deu-me espaço. Eu afastei-me um pouco da porta, agora que ele se encontrava a uma distância segura.

– Menina Tamale, peço desculpa, não era minha intenção assustá-la – declarou.

– Trate-me por Kendra – retorqui com cautela, ainda com o coração acelerado.

– Peço desculpa, Kendra, não era minha intenção sobressaltá-la. Era a última coisa que eu queria fazer.

– Não faz mal, senhor Gadsborough, eu estou bem. Sêrio. Estou apenas um pouco nervosa.

– Trate-me por Kyle – disse ele.

– Está bem, Kyle.

– *Estava a dar o café da manhã às crianças – explicou, apontando para a cozinha, atrás dele – e vi-a. Queria apanhá-la antes de sair para lhe pedir desculpa. Não sabia a que horas voltaria e nós devemos ir dormir logo depois do café da manhã. Efeito da diferença horária. Quero, porém, pedir-lhe desculpa pelo que aconteceu há pouco. Sabe... Há pouco... – A voz dele perdeu-se e um suave tom carmim ruborizou-lhe o rosto quando a lembrança se reavivou nitidamente na memória dele.*

– Não faz mal. – Desvalorizei automaticamente, embora não fosse bem assim. O ato não tinha sido intencional, o que atenuava um pouco a sua gravidade.

– Claro que faz mal – interrompeu ele. – Acabei de passar quase meia hora explicando às crianças o porquê de isso não estar certo. Peço imensa desculpa. – A sua voz era suave e branda e um rastro de sotaque, talvez do Norte, carregava-lhe as palavras.

– Sêrio, está tudo bem.

– Não está, não. Quero apenas assegurar-lhe que não voltará a acontecer. São as crianças, sabe. Não sei se já teve filhos. – Os olhos desceram-me pelo corpo, como se pudesse determinar se eu já tinha tido filhos ao examinar as curvas da minha silhueta e, depois, o rosto corou-lhe de novo ao lembrar-se, nitidamente, de ter visto essas mesmas curvas sob uma toalha.

– Eu sei como as crianças são – afirmei com um toque de sarcasmo no tom de voz. – Se tivesse filhos, teria mudado para aquela casa sem eles?

– Pois os meus dois filhos quando metem uma ideia na cabeça não desistem. Quando lhes contei que lhe tinha arrendado a casa, quiseram saber logo tudo. Quiseram conhecê-la imediatamente.

Quiseram ver uma fotografia, descobrir onde a Kendra estava naquela altura, viajar até Sydney. Não compreendiam por que não podíamos passar por Sydney a caminho de Nova York, porque, sabe, ambos os destinos exigem uma viagem de avião. No entanto, quando chegamos a Nova York, nada. Nem sequer tocaram no assunto. Pensei que se tinham esquecido, mas, ainda há pouco, quando regressávamos do aeroporto, julgo que foi Jaxon que se lembrou de repente, recordou Summer e lá começaram eles. Não consegui fazê-los parar até os deixar entrar para provar que a Kendra não estava aqui, só que, evidentemente, estava.

Kyle não fazia o gênero forte e calado. Enquanto falava, os seus olhos, que tinham o tom castanho-escuro do mogno, agitavam-se. Ao perto, era um homem atraente. Se a fadiga fosse ignorada, o empalidecer da pele e os escuros semicírculos sob os olhos, descobria-se uma pessoa bonita. Físico irregular, contornos suaves no maxilar, feições fortes, mas cativantes, um ar de interrogação natural que a filha tinha herdado. Imbuída na altura, no corpo, na personalidade, tinha uma afabilidade que devia deixar a maioria das pessoas à vontade – quando não lhes aparecia de surpresa por trás.

– Nós batemos à porta – informou Kyle, para concluir a explicação.

– Eu devia estar no banho – retorqui, com o rosto inexpressivo só para o ver ruborizar novamente, o que aconteceu, logo após a deixa. Quando Kyle corava e baixava um pouco a cabeça, tornava-se um rapaz envergonhado que tinha sido apanhado a ver o catálogo de roupa íntimas da mãe; tornava-se a versão adulta de Jaxon.

– Não voltará a acontecer – garantiu. Ouça, se quiser reaver as chaves suplentes e dá-las a outra pessoa, esteja à vontade.

– Não, prefiro que fiquem com alguém próximo, sabe; só para a eventualidade de eu escorregar no banho e não conseguir me levantar.

Desta vez, ele não corou. Em vez disso, inclinou a cabeça para um dos lados e os lábios esboçaram um sorriso. Tinha um sorriso bonito, caloroso, doce, cativante.

– Vai continuar a dizer piadas sobre banhos enquanto eu for vivo, não vai? – perguntou.

– Sim, praticamente.

– Desde que não a tenhamos afugentado... espero que não vá procurar outro apartamento. É que não vai mesmo voltar a acontecer. Vou aprender a controlar melhor as crianças. É essa a minha missão.

– Oh, não é preciso. Elas só me assustaram um pouco, mais nada.

– Pois, a Kendra diz isso, mas não sabe com que frequência eles me levam a melhor. Tudo isto é novo para mim, sabe.

– Ah – exclamei. – Afinal, não eram filhos dele? Onde estava a mulher?

– Eu e a minha mulher nos separamos. – Esclareceu em resposta à minha implícita interrogação. – Muito recentemente. Enfim, há umas semanas. Foi por isso que arrendei esse espaço. Era o estúdio de trabalho dela – disse com um aceno de cabeça na direção do apartamento. – Acabámos de chegar de Nova York, para onde ela está pensando morar. Sem nós. Vamos nos divorciar. Pensei que a viagem fosse uma reconciliação, mas, na última noite que passamos lá, estávamos deitados na enorme cama do hotel, as crianças estavam dormindo no meio de nós e ela sussurrou: “Quero o divórcio, Kyle. Não conseguimos fazer com que isto resulte, portanto, quero o divórcio”. Agradável, hã? Dormimos na mesma cama durante aquelas duas semanas. Os quatro, como nos velhos tempos, e foi assim que ela pôs fim a tudo. Eu nem sequer sabia que tínhamos tentado fazer com que o casamento desse certo.

A cada palavra, os meus dedos dos pés se encolhiam, cerrando-se dentro das sapatilhas, enquanto cada músculo do meu corpo se esforçava por não dar meia-volta e fugir dele. Eu sabia bem o que era o divórcio. Tinha acabado de fugir de um. Não precisava já me meter em outro.

Kyle parou de falar e ficamos ali parados, imóveis e em silêncio. O ato dele de sangria emocional que me tinha arrastado para os mais profundos recantos do baú familiar dele interpunha-se entre nós, em um horror inesperado. Nenhum de nós sabia o que dizer e um silêncio incômodo e sufocante se abateu sobre nós.

– Vai se mudar no meio da noite, não vai? – disse ele com tristeza. Abanou a cabeça e passou a mão pelo cabelo curto. – Peço desculpa, esta deve ser a pior apresentação do mundo para si: primeiro, o que

aconteceu no apartamento e, agora, um breve resumo do meu casamento falho. Peço desculpa.

Ele não era assim ao telefone. Há que reconhecer que falávamos de negócios, mas ele parecia calado, como se muitos pensamentos lhe povoassem a mente, mas poucos conseguissem ser exprimidos. Talvez tivesse sido o efeito do fuso horário, aliado à súbita percepção de que ia ser pai solteiro, que o tinha feito falar. De uma maneira ou de outra, eu não sabia o que dizer.

Na casa dos Gadsborough, alto e estridente, o telefone começou a tocar. Os nós de tensão que me constringiam os ombros e o estômago relaxaram e os meus dedos dos pés descerraram-se. Eu não tinha de dizer nada; ele iria atender o telefone e eu podia me afastar dele o máximo possível. Ele fitou-me como se esperasse uma resposta a algo. Eu fitei-o, esperando que ele fosse atender o telefone. O toque continuou como ruído de fundo.

– Vai atender? – perguntei, apontando para a casa.

A surpresa aflorou-lhe ao rosto ao olhar de relance para trás de si.

– Ah, sim – disse, virando-se novamente para mim. Continuou sem fazer qualquer movimento em direção à casa. Dirigiu-me um pequeno sorriso envergonhado e, depois, olhou para os pés antes de levantar um pouco a cabeça na minha direção.

– Deseja... por acaso, não quer entrar? Tome o café da manhã com a gente e conheça melhor as crianças? – Encolheu os ombros. – Eles só continuarão a importunar-me até a conhecerem. Enfim, será a Summer que continuará a fazê-lo; o Jaxon dará apoio. Um apoio tácito, mas igualmente eficaz... Ouça, eu prometo me calar se vier tomar o café da manhã. Se assim desejar...

Para ser sincera, realmente sincera, não desejava tomar o café da manhã. Não era nada pessoal. Os Gadsborough pareciam ser muito simpáticos, mas eu só convivia com eles há cerca de uma hora e a vida parecia ter se tornado um emaranhado de constrangimento, ansiedade e complicações. A senhora Gadsborough tinha ido embora e era por esse motivo que eu tinha uma casa onde viver. Eu tinha literalmente atravessado meio mundo só para voltar ao ponto de partida – a linha da frente de um divórcio; agora, testemunharia tudo aquilo de que

tinha tentado fugir. Veria, em primeira mão, quão brutal, feia e feroz se tornava uma separação definitiva. E, depois, havia as crianças. Conviver com crianças era uma forma de tortura para mim. Deixava-me destroçada, lembrava-me oportunidades perdidas, fazia-me sentir uma dor profunda e atroz. Viver perto delas não levantaria problemas, mas o mesmo já não acontecia quanto a me envolver com elas.

Não devia ter me mudado para cá, percebi ao fitar o meu senhorio, ainda com o toque do telefone como ruído de fundo.

– Por favor? – pediu Kyle.

– Está bem – respondi. Não tinha saída.

Terceiro capítulo

Na cozinha, Jaxon e Summer estavam sentados à mesa de jantar de madeira, em silêncio.

Summer estava à cabeceira da mesa e fazia o seu coelho azul e mole saltar em torno de seu guardanapo de mesa – de vez em quando, o coelho saltava bem alto e, depois, dava um mergulho suicida na taça de cereais branca e vazia diante dela, só para saltar novamente, incólume. Jaxon, que estava sentado à direita de Summer, tinha o cotovelo em cima da mesa, apoiando a cara com a mão, e olhava fixamente para a sua tigela como se adivinhasse os segredos do universo.

A mesa estava preparada para o café da manhã: sobre ela, encontrava-se uma caixa de flocos de milho, colheres, uma tigela branca de cerâmica cheia de açúcar, copos, um pacote de leite e um pacote de sumo de laranja natural por abrir. Kyle colocou a caixa de Weetabix em cima da mesa ao passar rapidamente por esta para ir atender o telefone.

Hesitei antes de entrar à porta. Ambas as crianças, que viram o pai sair da cozinha a correr sem lhes dirigir uma única palavra, se viraram na minha direção.

O rosto de Summer alegrou-se quando me viu; sorriu e, depois, ergueu a mão para me acenar. Jaxon olhou para mim e depois para Summer; em seguida, cerrou os lábios, franziu o cenho e lançou um olhar feroz à irmã, como se ela o tivesse traído.

– Olá – cumprimentei com cautela, receando passar da porta. Receando entrar na cozinha e ficar com eles sem a presença do pai.

Nenhum deles falou, apesar de o sorriso de Summer lhe ter rasgado no rosto.

– O pai de vocês convidou-me a ficar para tomar o café da manhã – expliquei. – Não se importam? – Summer olhou de relance para Jaxon, como se lhe pedisse permissão. Jaxon fitou-a e um rasgo de uma expressão manifestou-se nos seus olhos antes de os baixar novamente na direção da mesa. Não era preciso adivinhar-lhe os pensamentos para saber que ele não estava contente com a situação. Não me queria mesmo ali. Summer sorriu-lhe e, depois, virou-se para mim.

– Tem de buscar uma tigela – afirmou e apontou para um dos armários brancos na parede.

– Está bem – disse e larguei a mala junto à cadeira à esquerda de Summer, em frente a Jaxon. Despi o sobretudo, mas deixei o casaco de malha. Segui a direção na qual apontava o dedo de Summer, fui até ao armário e encontrei uma tigela igual às que estavam em cima da mesa. Levei-a para a mesa e fui sentar-me.

– Tem também de ir buscar um copo para o suco – declarou Summer mal o meu traseiro tocara no assento de madeira.

Segui a direção na qual apontava o dedo dela até ao armário ao lado do das tigelas e dos pratos e, das suas profundezas, retirei um copo.

– Mais alguma coisa? – interroguei. Summer abanou a cabeça e me presenteou com um dos seus sorrisos. Jaxon, que me examinava, levantou a mão e apontou para a gaveta ao lado do armário ao qual eu estava encostada. – Ah, sim, uma colher – disse.

Jaxon acenou com a cabeça e um sinal de um sorriso manifestou-se-lhe no rosto antes de baixar novamente os olhos na direção de seus cereais.

Em segundo plano, para lá da porta, Kyle percorria o corredor, com o telefone branco sem fio encostado ao ouvido e uma expressão de intenso desagrado impregnada no rosto.

Estava falando com sua mulher. Aquela que, em breve, seria a sua ex-mulher. Só alguém que amamos podia provocar tal expressão. Alguém que nos amou em tempos sabia chegar à parte de nós onde a

dor habitava. Sabia onde guardávamos a parte mais sensível e delicada do nosso coração; sabia que palavras, olhares e ações nos atingiriam profundamente nesse ponto; sabia que golpes levariam uma eternidade a sarar.

Observei Kyle enquanto andava de um lado para o outro. Não tinha imaginado que ele e a mulher estavam separados nos telefonemas e mensagens de e-mails que trocamos. Nem uma única vez. Não notei, ao assinar o contrato de arrendamento, de que apenas ele e as crianças estariam a viver ali. Mas, também, como é que percebemos semelhante coisa? Como é que explicamos a uma perfeita desconhecida que a nossa vida tem o carimbo “casamento desabando”? Agora, eu compreendia por que motivo tinham de ir a Nova York. Agora, eu compreendia o ar tão cansado de Kyle. Não era apenas o efeito da diferença horária, mas também o da vida. Kyle estava a tentar assimilar os acontecimentos das últimas semanas.

O fracasso do seu casamento tinha deixado rastros. Eu tinha a impressão de que ele não estava à espera de nada daquilo. Nem sequer o encarara como uma possibilidade até acontecer. Contudo, alguém vê o divórcio como uma possibilidade? Alguém subia ao altar e pensava, mesmo que por um breve instante, que tudo terminaria com o cônjuge a viver a uma distância de sete horas de viagem, enquanto se via a braços com um esgotamento irreversível?

O rosto de Kyle fechou-se num ar carregado depois de a pessoa do outro lado da linha ter dito algo. Afastou o telefone do ouvido, olhou para o teto, ergueu as mãos como se pedisse a Deus que lhe desse forças e, depois, voltou a colocar o telefone junto ao ouvido. Se alguém encarava o divórcio como uma possibilidade ao dizer o “sim”, Kyle não era uma dessas pessoas e, tendo sido derrubado pela falência do seu casamento, era evidente que ainda estava cambaleante, que ainda não sabia como se equilibrar. Na verdade, devia estar ainda tentando pôr-se de pé.

Sabendo que a conversa devia ter começado com a Sra. Gadsborough telefonando para saber se eles tinham chegado bem, apesar de, lá, ser tarde da noite, deixei de observar Kyle enquanto este

andava de um lado para o outro e carregava a sobrancelha, voltei para a mesa e sentei-me.

– Como se chama? – perguntou Summer quando eu coloquei a colher dentro da minha taça.

– Aah, chamo-me Kendra – respondi –, mas a maioria das pessoas trata-me por Kennie.

– Kendie – disse Summer. – Kendie. – Acenou com a cabeça. – Gosto de Kendie. É um bonito nome.

Kendie. Ri-me daquilo, que só para mim tinha graça. Não me incomodei em corrigi-la, pois nada adiantaria – mesmo que o fizesse, ela ia tratar-me por Kendie. Era assim que as crianças procediam no que se referia a nomes. Se decidissem mudar-nos o nome, o assunto estava praticamente encerrado.

– Eu chamo-me Summer – afirmou. – É o nome de uma estação do ano. Sabias?

Acenei com a cabeça.

– Sabia. Gosto do seu nome, Summer.

– Ele chama-se Jaxon – disse ela, apontando para o irmão. – Não é uma estação. É apenas um nome de rapaz. Foi a minha mamã que o escolheu. – Summer arrastou a sílaba «ma» antes de acrescentar «mã». Nunca tinha ouvido ninguém pronunciar aquela palavra como ela.

– Também gosto do nome do Jaxon – retorqui e sorri-lhe.

Ele levantou os olhos por um momento e, em seguida, baixou-os novamente, com o espectro de um sorriso no rosto.

O silêncio abateu-se sobre nós. Eu não sabia bem quanto tempo devíamos esperar por Kyle. Se é que devíamos esperar por ele ou simplesmente começar a tomar o pequeno-almoço para que eu pudesse ir-me embora e aquilo acabasse.

– Como se chama o seu coelho? – perguntei, só para dizer algo.

Summer olhou para o brinquedo azul que segurava e sacudi-o um pouco.

– Saltitão – respondeu. – Ele saltita. – Mostrou-me como o seu coelhinho saltitava pela mesa e como o brinquedo conseguia sobreviver a alguns mergulhos mortais nas aveludadas profundezas brancas da sua taça.

Sorri-lhe.

– Que giro – disse. – É o seu melhor amigo?

Summer parou o Saltitão em pleno salto e levantou os olhos verdes marinhos na minha direção enquanto usava a mão livre para afastar da cara a parte do cabelo que não estava presa. Pareceu ficar admirada com a pergunta e franziu-me um pouco a sobrancelha. Em seguida, apontou para o irmão.

– O meu melhor amigo é o Jaxon. É meu irmão. E é o meu melhor amigo.

– Ah, compreendo – retorqui, sentindo-me adequadamente estúpida. – Então, o Saltitão gosta de comer cenouras? – interroguei para me redimir.

Os olhos da menina semicerraram-se ligeiramente ao fitar-me e, depois, uniu os lábios rosados com uma sincera preocupação. Pousou o coelhinho, estendeu a mão e afagou as costas da minha num gesto consolador.

– O Saltitão não é um coelhinho de verdade – declarou calma e delicada, como se estivesse preocupada com o efeito que aquela notícia poderia exercer sobre mim. – Só finge. Não come nada. – E lá continuava a mão de Summer a afagar a minha. Mordi o lábio por dentro para não rir do seu tom sério. Ela estava sinceramente preocupada comigo; o seu rosto estava carregado de preocupação com a possibilidade de eu ser uma idiota. Fixei-lhe a pequena mão branca enquanto afagava a minha e a tristeza despontou no meu peito. A esta, seguiu-se a conhecida guinada de dor, o tormento da ligação a outra criança.

– Não! Escuta você! – gritou Kyle subitamente, levando-nos a todos a saltar da cadeira e a olhar de repente para a porta. Tinha o corpo rígido de fúria, o rosto repleto de raiva cega, os olhos em chamas. – Você é que me deixou, Ashlyn! Não o contrário! Você me deixou! Portanto, não tem o direito de dizer....

Empurrei a cadeira para trás, levantei-me do meu lugar e dirigi-me porta da cozinha a passos largos. Quando os meus dedos agarraram a maçaneta da porta, Kyle viu-me e, de repente, lembrou-se de onde estava, de quem estava a ouvi-lo. A sua voz parou de gritar e os nossos olhares cruzaram-se. Levantou a mão em sinal de desculpa,

fazendo uma careta de pesar, mas eu quebrei a troca de olhares e fechei-lhe a porta na cara. Não queria que ele me pedisse desculpa. Ele não devia, desde logo, ter feito aquilo. Não com os filhos ouvindo.

O silêncio de Kyle prolongou-se do outro lado da porta e, quase imediatamente, ouviu-se os seus passos nas escadas. Depois, uma porta em algum lugar no piso superior fechou-se, isolando-o de nós.

Virei-me para trás para enfrentar Jaxon e Summer. Estavam ainda fixados na porta, com a boca fechada de preocupação e os olhos a transbordarem de temor.

Uma pontada de dor revolveu-se dentro de mim ao lembrar-me de estar em Sydney: Um telefone a tocar. O horrível silêncio que se seguiu. Aquela voz... Voltei ao presente. Deixara tudo isso para trás e tinha de viver no presente. O presente em que duas crianças estavam aterradas com a raiva do pai. Perguntando-se se ele estaria bem. Se aquela raiva lhes seria dirigida.

– Pois, bem, quanto ao café da manhã... – disse eu, tentando infundir alguma alegria na voz.

Os dois observaram-me com ansiedade. A tristeza de Summer, a sua infelicidade perante a situação da família, estavam-lhe estampadas com largos traços na carinha pálida; o medo de Jaxon, a preocupação com o que seria dos pais, estavam imprimidos em cada centímetro do seu rosto. Nenhum dos pais parecia ter lembrado deles em toda aquela situação. A mãe tinha partido para Nova York; o pai gritava com a mãe. Summer e Jaxon estavam sentados à mesa, à espera do café da manhã.

Eu tinha de fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Eles precisavam esquecer os pais. Os meus olhos perscrutaram a cozinha, examinando as linhas elegantes das peças, dos aparelhos caros, à procura de algo que os divertisse e distraísse.

– Sabem o que adoro tomar ao café da manhã, ao sábado? – perguntei. Pousei os olhos no meu casaco, em cujo bolso espreitava uma ponta de papel celofane amarrotado. Tinha usado aquele casaco durante a viagem para casa e consumido açúcar durante a maior parte da viagem. O saco que tinha no bolso era o último pacote de doces que tinha aberto enquanto aterrisávamos.

Não deram qualquer resposta à minha pergunta.

– Bem, parece que vou ter de dizer, visto que estão ambos tão interessados – declarei com um sorriso. – Não, não – levantei as mãos para impedir os seus protestos inexistentes –, não finjam que não querem saber. Eu percebo que ambos estão desesperados para saber, mas são demasiado tímidos para perguntarem. – O meu sorriso rasgou-se ao olhar para um irmão gêmeo e para o outro. Eram muito parecidos: tinham a mesma boca, os mesmos olhos, o mesmo nariz pequeno.

– *Adoro comer marshmallows – expliquei ao sentar-me à mesa. – Sabem o que são marshmallows? – Eu sabia que não obteria resposta; ambos se tinham recolhido nas suas conchas e seria preciso mais do que um pouco de jovialidade para os convencer a voltar a sair. – São aquelas coisinhas moles e açucaradas. Costumam ser brancas e cor-de-rosa e, às vezes, como ao café da manhã. Mas só aos sábados e em ocasiões muitíssimo especiais. Apesar de esse ser o meu pequeno segredo. – Acenei-lhes com a cabeça. – Só o contei a vocês dois. – Podia ter tirado o saco amarrotado de marshmallows do bolso para lhes mostrar, mas não queria dar-lhes doces no café da manhã.*

Os dois continuaram a olhar fixamente para a tola tagarela que estava sentada à sua mesa.

– Seja como for, na maior parte das vezes, aos sábados, o que eu tomo ao café da manhã são cereais. Iguaizinhos a estes. – Apontei para a caixa de Weetabix. – Mas gosto de o tornar especial, porque o café de sábado tem de ser algo especial, não acham? De segunda a sexta-feira, pode ser especial, se assim desejarmos, mas, ao sábado, tem sempre de o ser. Senão, para que é que existe o fim de semana? Para o tornarmos especial, e temos fazer o seguinte: ter tigelas apropriadas, tal como nós temos; depois, temos de pegar no nosso saco de desejos, que está sempre ao nosso lado. Pegamos no nosso saco de desejos e mergulhamos os dedos no seu interior, assim. – Alcancei o meu saco invisível e tirei uma pitada do seu conteúdo. Polvilhei a tigela de cereais vazia que tinha diante de mim. – A primeira dose de desejos é sempre o amor – informei-os. Levei novamente a mão ao saco e tirei outra pitada. – Ora, esta segunda dose é sempre a felicidade. Porque nos faz sorrir na barriga. – Não diziam nada, mas estavam a prestar atenção. Tirei outra pitada. – E esta dose é a luz do Sol, para nos

aquecer por dentro. – Tirei outra dose. – Sabem que dose é esta? – perguntei e, depois, aguardei. Tive de aguardar. Já captara a sua atenção, mas tinha de fazê-los envolver-se, para assegurar que esqueciam a discussão do pai, mesmo que fosse por pouco tempo. Continuei a aguardar. O tempo foi passando. Eu começava a sentir-me uma idiota, segurando a próxima dose de desejos invisíveis, mas tinha de lhes dar tempo.

– Magia – exclamou uma vizinha. Relutante, mas participativa.

Sorri a Jaxon, satisfeita por ele ter falado, por estar a prestar atenção e a envolver-se. – Tem toda a razão, Jaxon – disse eu. Polvilhei a tigela com ela e, depois, tirei outra dose. – E qual é esta, Summer?

– Diversão – respondeu ela e sorriu.

– É isso mesmo! – exclamei e juntei-a na tigela. – Muito bem, agora que colocamos os desejos, podemos adicionar os cereais. – Deitei duas barras de Weetabix na vasilha. – Podem ser uns cereais quaisquer, mas estes são os meus preferidos. E, uma vez aqui, podemos acrescentar mais um desejo. Este é muito, muito especial, pois aquele com que polvilhamos o topo é um desejo secreto que não contamos a ninguém. Podemos pedir qualquer coisa. Seja o que for. Então, querem tentar?

Summer foi a primeira a mexer-se. Pousou o Saltitão e olhou para o seu saco de desejos. Levou a mão ao saco e começou a polvilhar a tigela com os seus desejos.

– Amor – exclamou, depois do primeiro. – Felicidade. – Jaxon pegou no seu saco de desejos. Não proferiu os seus, formulando-os em silêncio, e, pouco depois, todos nós tínhamos uma vasilha de cereais à nossa frente; as deles com flocos de milho e a minha com Weetabix.

– Agora, chegou o momento de formular o desejo secreto e muito, muito especial – afirmei. Tirei uma mão-cheia e esperei que eles fizessem o mesmo.

Summer fechou os olhos, disse algo que a fez mexer ligeiramente os lábios rosados e, depois, abriu os olhos para polvilhar o seu desejo. Seguiu-se Jaxon. O seu rosto tornou-se uma imagem de concentração ao encerrar o seu desejo secreto na mão; olhou, por breves instantes,

mas ansiosamente, para a porta e, logo em seguida, polvilhou os cereais com o seu desejo.

Tomei a minha porção na mão, fechei os olhos, permiti que o desejo se formulasse no meu espírito e, depois, se solidificasse. De repente, percebi que acreditava mesmo naquilo. Tinha-o começado como uma forma de levar duas crianças a deixarem de pensar no pai, mas, agora, acreditava um pouco. Acreditava que, se pedisse com força suficiente o que desejava, esse desejo podia realizar-se.

Desejei reparar o malfeito. Que tudo o que tinha deixado para trás se recompusesse e mais ninguém se magoasse. E que aqueles que tinham sido magoados sobrevivessem. Sobrevivessem. Queria apenas reparar o malfeito. Abri os olhos e sorri às crianças ao cobrir os meus cereais com o desejo. Mesmo que não resultasse, pelo menos, estava pensando. Desejando. Tentando.

Joguei leite sobre os cereais nas nossas tigelas, enchi copos com suco de laranja e, sem qualquer intenção, todos começamos a comer os cereais ao mesmo tempo.

– É bom – comentou Summer enquanto mastigava, mostrando-nos a papa alaranjada de flocos de milho.

Jaxon acenou com a cabeça enquanto mastigava.

– *É bom os marshmallows – disse Summer, revelando que nunca tinha provado tal coisa.*

Jaxon acenou com a cabeça.

– *Um pouco – retorqui, não querendo contradizê-la. Tanto quanto eu sabia, na opinião de Summer, os flocos de milho eram marshmallows.*

– Gosto deste café da manhã de sábado especial – informou-me Summer, novamente com a boca cheia de cereais mastigados.

Calado, Jaxon voltou a acenar com a cabeça.

– Eu também gosto – disse eu.

– É simpática – declarou Summer.

Jaxon não acenou com a cabeça. Limitou-se a olhar para a comida, como se não tivesse ouvido.

– Obrigada – agradei a Summer.

Ela fitou Jaxon até este a fixar e entreolharam-se durante alguns instantes, comunicando através de uma espécie de código silencioso e

secreto entre irmãos. Summer virou-se para mim.

– O Jaxon também acha que é simpática. Ele não fala – explicou ela.

– Eu ouvi-o falar há pouco – repliquei.

– Não fala muito – corrigiu ela.

– Ah, compreendo.

A porta abriu-se e Kyle entrou na cozinha. A sua pele estava pálida, os seus olhos estavam perturbados e sem brilho e cada músculo e tendão tenso com a raiva. Parou e, por momentos, pareceu ficar admirado por me ver.

– Ainda está aqui – disse.

– Sim, claro – retorqui com uma ligeira graça, tentando tornar o momento menos pesado. – Estamos a tomar o café.

– O café da manhã especial de sábado – acrescentou Summer.

– Claro, claro – replicou distraidamente. Não tinha ouvido o que nenhuma de nós dissera. Dirigiu-se à chaleira e ligou-a. Começou a passar a mão pelos fios dos seus cabelos enquanto olhava para a chaleira. Abriu a porta de um armário e dali retirou uma caneca. Abriu outro armário, tirou um frasco de café, colocou duas colheres de chá bem cheias de grãos castanhos na caneca e mergulhou-os em água a ferver. Sem se virar, começou a beber o seu café simples e forte. Coçando a cabeça, Kyle saiu da cozinha. Devia ter sido uma violenta discussão para o ter deixado tão enredado na sua infelicidade que só reparara em nós como ornamentos na sua cozinha e não como seres humanos, vivos e a respirar, que queriam comunicar.

Jaxon começou a levar rapidamente cereais à boca. Comia como que com intencionalidade, como se, se comesse todos os cereais, o seu desejo se realizasse.

– A minha mamã não é muito simpática com o pai – informou-me Summer.

– Ah, compreendo – retorqui.

Já tinha tido a impressão de que a mamã dela não era muito simpática com o pai e de que o pai não devia ser muito simpático com a mamã dela.

Também desconfiava de que, se não tivesse muito cuidado, me envolveria naquela confusão de alguma falta de simpatia.

Quarto capítulo

A vizinhança multiplicava-se de crianças.

Os sons que elas produziam invadiram o meu apartamento, vindos de toda a parte. Brincavam, gritavam, riam, brigavam, reconciliavam-se, chapinhavam em piscinas, corriam na direção da alegre campainha dos carrinhos de sorvetes. Todas desfrutavam da dádiva de um domingo inesperadamente quente e ensolarado no final de fevereiro. Todas, menos as da família Gadsborough. O pátio que separava as nossas duas casas estava notoriamente sossegado. Tranquilo. Sem vida. Era o tipo de silêncio que não transmitia qualquer paz; era a perturbadora quietude de um cemitério à noite. A calma após uma perda. Um silêncio profundo e penetrante que fazia com que tudo o que era passível de acarretar felicidade – mesmo o ar – murchasse ao passar pelo jardim.

Isso incomodou-me durante todo o dia.

Enquanto limpava e aspirava com um CD tocando bem alto, ouvia o silêncio. Quando estava vendo televisão, sentia-o. Enquanto folheava os jornais, ele perseguia-me.

Olhei pela janela junto ao sofá, que dava para os andares superiores e para o telhado de lousa escura da casa principal. Enquanto olhava, procurando, de forma subconsciente, algum sinal de vida nas janelas de cima, passou-me pela cabeça uma infinidade de pequenas hipóteses relativas ao possível significado daquele silêncio.

Eu não queria envolver-me com eles, com ninguém, mas haviam crianças no meio. Seria a minha determinação extensível a isso? A ignorá-las, bem como ao que podia estar acontecendo a eles? No dia

anterior, Kyle tinha se esquecido delas no café da manhã. Tinha verdadeira e efetivamente esquecido delas.

Depois de termos acabado de tomar o café da manhã, tanto Summer como Jaxon quiseram ir se deitar. Nada disseram – nem a mim, nem um ao outro –; simplesmente pareceram decidir ao mesmo tempo que era isso que iam fazer a seguir. Summer deu o primeiro passo, descendo da cadeira. Jaxon fez o mesmo. Ambos estavam mais pálidos do que quando tinham ido ao meu apartamento e as olheiras carregadas tinham se tornado hematomas vermelhos arroxeados. Sabe Deus há quanto tempo estavam acordados. Tinham acabado de regressar de outro país; era um milagre que ainda estivessem em pé. Jaxon contornou a mesa ao ir para o lado de Summer e esta virou-se para mim. De perto, vi que um círculo cor de mogno delineava os seus olhos verdes marinhos.

– Boa noite, Kendie – disse ela. Ia deitar-se, logo, apesar de ser dia lá fora; era de noite em sua cabeça. Jaxon nada disse; fitou-me, examinou-me como tinha feito no meu apartamento durante alguns instantes e, depois, desviou o olhar. Apesar do que Summer tinha dito, ele não sabia bem se gostava de mim ou não, pelo que, por enquanto, deixava para mais tarde a formação de uma opinião.

– Boa noite, meninos – retorqui. – Obrigada pelo café da manhã.

– Um beijinho? – perguntou Summer e ofereceu-me a suave curva branca da sua face direita.

Eu hesitei. Não conhecia muito bem aquela menina, mas ela estava decidida a levar a nossa relação para a intimidade. Tratava-se, porém, apenas de um beijo e não faria mal a ninguém. Baixei-me e dei-lhe um beijo de boa-noite na face. Jaxon ainda tinha os olhos baixos, mas, surpreendentemente, também me ofereceu a cara. Dei-lhe um beijo no rosto. Vi-os sair da cozinha e desaparecer no interior da casa. Como poderia alguém não dar atenção a estes dois?, interroguei-me quando eles contornaram o corrimão das escadas, seguindo Summer à frente. Como poderia alguém não pensar que eles são a coisa mais importante na face da Terra e passar cada segundo do seu tempo livre a olhar para eles?

Antes de ir embora, limpei a mesa, lavei a louça do café da manhã, limpei as superfícies com a esponja cor-de-rosa. Também abri o trinco

da porta da cozinha e dei uma última vista de olhos pela cozinha elegante e sofisticada antes de os deixar sozinhos.

Não tinha voltado a ver Kyle. Ele tinha nitidamente abandonado as crianças no café da manhã. Teria os abandonado hoje também? Eu não tinha tido notícias deles ou da casa depois de ter ido embora... Mais hipóteses me assaltaram o pensamento.

Levantei-me, atravesssei o meu apartamento até o topo das escadas, preparada para descer a correr, abrir a porta e atravessar o pátio até à casa para confirmar que tudo estava como devia estar, que as crianças tinham se alimentado, tomado banho, ouvido uma palavra. Era meu dever como vizinha, como ser humano. Após uma tragédia, ouvia-se constantemente as pessoas dizerem que tinham a impressão de que algo parecia não estar bem, mas que tinham ignorado essa sensação e tudo terminara com uma estada no hospital ou pior.

Detive-me no alto das escadas. Eles não são seus filhos, recordei a mim mesma. Você não tem nada a ver com isso. Você... é... a inquilina.

Além disso, Kyle não parecia ser o gênero de homem capaz de fazer mal aos filhos. Qualquer que fosse esse “gênero de homem”. Parecia gostar deles. Tinha sido simpático comigo. Lembrei-me da sua expressão de horror por ter me assustado. Não parece ser esse gênero de homem. E havia uma grande diferença entre maus-tratos por abandono e negligenciar uma criança por dificuldade de lidar com a realidade. Estes podiam muito bem ser dois lados de uma mesma moeda, mas tratava-se de uma moeda com que eu nunca tinha deparado, logo, como poderia saber com que facilidade alguém ignora os filhos quando já não aguenta mais? Talvez sábado tivesse sido apenas um mau dia. Talvez, hoje, eles estivessem dormindo. Talvez devesse me meter na minha vida.

Com esse derradeiro pensamento, obriguei o meu corpo a voltar para o sofá, pegar no controle remoto e aumentar o som da televisão para abafar o silêncio entorpecedor.

Para ser sincera, a minha preocupação com os Gadsborough era, provavelmente, alimentada pela protelação. Tinha algo a fazer e não queria fazê-lo. Tinha uma carta para escrever. Devia tê-la escrito há cerca de um mês, mas, com o pânico de deixar Sydney, fazer tudo o

que faltava fazer no trabalho e ensinar a pessoa que me substituiu, não tive tempo.

Agora, dispunha de tempo e tinha de o fazer. Mas não conseguia. O papel, que estava pousado na mesa de centro à minha frente, parecia vasto e enorme, o que era adequado, pois eu tinha muito a dizer. Contudo, até ao momento, só tinha conseguido fazer um pontinho azul no canto superior direito da página. Era onde eu tinha carregado com o bico da caneta quando comecei a escrever a data e, depois, decidi o contrário, na eventualidade de não terminar a carta tão cedo. Afastei a caneta e olhei para folha, sabendo que não podia escrever o meu endereço, pois ele poderia me procurar. Era o tipo de atitude que ele seria capaz de tomar. Descobrir onde eu estava, tentar me dizer que não me censurava ou – pior ainda – que me amava. Que, acontecesse o que acontecesse, amava-me. Eu não conseguiria enfrentar isso. Já me sentia suficientemente culpada sem saber que ele não me considerava responsável por lhe ter destruído a vida.

Assim, depois de não ter escrito data nem endereço, deparei-me com outro entrave. Não sabia se haveria de optar por “caro”, o que me parecia muito formal, ou por “olá”, o que me parecia demasiado informal. Então, pensei em escrever apenas o nome dele e fiquei paralisada. Não consegui fazê-lo. Fiquei aterrada só de pensar em transpor para o papel o fato de ter tido uma relação tão íntima com ele que podia tratá-lo pelo nome próprio em qualquer contexto. Isto era algo que a maioria de nós encarava com um dado adquirido: tratar alguém pelo nome próprio. Constituía, porém, uma intimidade implícita, uma proximidade que, em momentos como este, era profundamente reveladora. Nessa altura, coloquei de lado o papel de carta e a caneta e voltei a preocupar-me com a família do outro lado do pátio.

Agora, não sabia o que haveria de fazer.

Com um sentimento de frustração, levantei-me. Estiquei o meu corpo com 1,62 metro de altura, deleitando-me com o alongamento dos músculos das costas, barriga, braços e pernas. Os meus cabelos pelos ombros voaram, soltos, ao atirar a cabeça para trás. Por momentos, fui livre. Como se me tivesse esticado além dos limites do

meu corpo. Da minha pessoa, só existiam moléculas capazes de chegar bem alto e tocar o céu, de se infiltrar no centro da Terra.

Peguei no comando e percorri os canais. Não tendo encontrado nada que me despertasse a atenção, dirigi-me à televisão e desliguei-a.

Cama. Vou me deitar. Dormir para esquecer isto.

Devia ainda estar um pouco sob o efeito da diferença horária. Tinha voltado há apenas uma semana, continuado a trabalhar até dois dias antes de deixar Sydney e, desde o meu regresso, andado a explorar Brockingham, a conhecer o seu sistema de transportes, tortuosas ruas laterais e pequenas lojas. Tinha me deslocado até onde costumava viver, na zona oeste de Londres, para tirar as tranças e alisar o cabelo. Também tinha ido trabalhar algumas horas, na quinta-feira e na sexta-feira. Tudo isto – o fato de não estar avançando com calma – estava, provavelmente, aumentando o meu aborrecimento, tensão e frustração. Não dormia uma noite inteira há semanas e o dia seguinte seria o primeiro da minha primeira semana completa a desempenhar novamente as funções de consultora de recrutamento e seleção. Umas boas horas na cama, ouvindo música, seriam calmantes.

Deitei-me na cama, de costas, abrindo os braços e as pernas, transformando-me em uma estrela-do-mar humana debaixo do edredom branco, tentando ocupar a cama ao máximo. A voz baixa e rouca de Peter Gabriel envolveu o quarto quando o tema “In Your Eyes” começou a tocar. Eram cinco e meia e a escuridão já se tinha propagado pelo céu, apagando o mundo para lá das minhas cortinas.

Fechando os olhos, comecei a flutuar sobre as palavras da canção: vazio. Fugir. Voltar ao ponto de partida.

As lembranças começaram por ser imagens paradas, que se imprimiam no meu pensamento como disparos de uma máquina fotográfica.

Disparo. O toque da pele suave da sua nuca.

Disparo. O calor do seu corpo sob os meus dedos.

Disparo. A intensidade do seu olhar.

Abri os olhos de repente, pensando que isso as faria parar, que seria assim que repudiaria as lembranças, que as devolveria às trevas a que pertenciam. Elas continuaram a aparecer, passando, lentamente, de imagens paradas a imagens em movimento.

Disparo. O roçar dos seus lábios na cova ao fundo do meu pescoço.

Disparo. A curva da sua boca ao dizer: “Era capaz de ficar contigo para sempre”.

Disparo. As suas mãos puxando a camisola pela cabeça.

Disparo. O seu ligeiro arquejo enquanto os seus olhos percorriam o meu corpo seminu.

Deixei de lutar contra isso, permiti que os disparos das lembranças continuassem a passar diante dos olhos. Lembranças dele. Lembranças nossas. Lembranças de quem eu era quando estava com ele.

Rendi-me à recordação. Era mais fácil do que resistir e já me restava pouca capacidade de resistência.

Acordei sobressaltada, com um grito preso na garganta e o pavor gravado no coração.

Estava alguém no meu quarto. Eu sentia-o.

Ou talvez alguém tivesse me tocado. De uma maneira ou de outra, estava, decididamente, alguém ali. Abri os olhos de repente quando já me colocava meio de pé. Ainda estava escuro no meu quarto, pelo que não fazia ideia de que horas eram. O meu coração começou a bater depressa quando alcancei o candeeiro no criado-mudo para lançar luz sobre o quarto, para afugentar a escuridão e ter a certeza de que não estava ninguém ali.

A luz acendeu-se e eu sobressaltei-me novamente, escapando-me da boca um estrangulado grito de susto. Estava alguém no meu quarto. Mais do que uma pessoa.

Summer. Jaxon.

Percebi, ao olhar para eles, que se encontravam a cerca de sessenta centímetros da cama: Summer usava uma camisa de noite fora de moda – de flanela branca acinzentada com a gola e os punhos franzidos e repleta de plantas trepadeiras com minúsculas flores cor-de-rosa – e o seu cabelo era um amontoado negro e desalinhado sobre a cabeça por ter dormido; Jaxon tinha um pijama azul e vermelho do Homem-Aranha vestido que lhe ficava alguns centímetros curto demais nos pulsos e nos tornozelos, tinha os cabelos em pé e o seu rosto estava ainda inchado do sono.

Eles tinham invadido meu apartamento duas vezes em três dias. Por duas vezes, tinham me pregado um susto de morte. Eu tinha, decididamente, trancado a porta da rua – confirmei-o três vezes, como sempre fazia, rodando novamente a chave na fechadura e dando a volta à maçaneta da fechadura de segurança para garantir que estavam devidamente acionadas. Que eu estava em segurança. Que qualquer perigo ficava do lado de fora. Por vezes, como na noite passada, eu acordava, preocupada com a possibilidade de ter esquecido de verificar e ia confirmar pela quarta vez que a porta tinha sido trancada e que as janelas estavam bem fechadas. Tudo para que isto não acontecesse. Eu não acordaria, apavorada, por alguém que não tinha sido convidado ter decidido aparecer. O meu coração demorou a abrandar para um galope regular; encostei os joelhos ao peito e pisquei os olhos para tornar a visão mais nítida, entrelaçando firmemente os dedos sobre os joelhos enquanto aguardava de modo paciente o desenlace daquele enredo. Se tudo obedecesse a norma, Kyle apareceria a qualquer momento, subindo as escadas correndo e entrando no quarto para arrebanhar os filhos como um pastor a recapturar duas ovelhas perdidas. Depois, me apresentaria às suas sinceras e sentidas desculpas, que, no fundo, não tinham qualquer significado. Sim, ele lamentava, mas tinha voltado a acontecer: os seus filhos estavam dentro de minha casa. Na minha opinião, implícito na palavra “lamento”, estava o significado “não voltará a acontecer”. Se voltasse a acontecer, era porque a pessoa não lamentava assim tanto.

Talvez lhe peça que me devolva as chaves reservas do meu apartamento, pensei, porque, se tiver mais visitas destas, a minha esperança de vida será

reduzida para metade.

Passou um minuto. E outro. Nada de Kyle.

Olhei para além das crianças, para o que conseguia ver da sala de estar, não fosse ele estar ali à espreita, demasiado envergonhado para passar da porta no meu quarto. Nada. A sala estava vazia.

Voltei a concentrar-me nas crianças. Jaxon tinha posto o dedo na boca. Eu nunca tinha visto um menino de seis anos fazer isso. A sua outra mão mexia na borda do pijama do Homem-Aranha, torcendo-a vezes sem conta à volta do dedo indicador, com se tentasse infiltrar-se no tecido de malha extensível. Os seus olhos verdes marinhos, orlados de tons castanhos, estavam vidrados e olhavam fixamente para um ponto próximo dos meus pés. Summer segurava o Saltitão, o seu coelhinho azul, e torcia-lhe a orelha esquerda. Torcia-a para um lado, torcia-a para o outro, para um lado, para o outro, para um lado, para o outro, como se tentasse arrancar-lhe algo. Estava de frente para mim, mas os seus olhos não me viam. Olhavam através de mim, concentrados na cabeceira da cama, atrás de mim. As suas faces estavam marcadas com tênues e cintilantes sinais de lágrimas.

Ah.

Nesse instante, soube que devia afastar os cobertores, girar as pernas para a ponta da cama, descer para o tapete à beira desta, levantar-me, vestir-me e ir até à casa principal.

Sabia o que devia fazer, mas não era capaz. Era assim que os pesadelos começavam, que eu mergulhava em um horror que não conseguia travar. Um momento em que a sensação de desgraça começava a sussurrar-me ao ouvido, a ficar gravada no peito. Se me mexesse, podia tornar-se realidade. Se não me mexesse, podia agir incorretamente. As crianças acordavam constantemente com pesadelos que as faziam chorar. Pesadelos que as levavam a levantarem-se da cama e a entrarem no quarto dos pais. Eu podia estar enganada quanto a isto.

– O que aconteceu? – perguntei.

Summer esfregou o olho com a palma da mão. Estava tão pálida que as veias verdes e azuis-escuras que se lhe ramificavam a partir do pescoço e lhe percorriam o contorno curvilíneo do maxilar

sobressaíam como tatuagens irregulares e mal elaboradas. Jaxon continuava a chupar no dedo, sem nunca afastar a sua linha de visão dos meus pés.

Mesmo enquanto desejava que ela dissesse “tive um pesadelo”, o meu ritmo cardíaco começou a acelerar, disparando no peito, mais depressa do que quando acendi a luz alguns minutos antes. Batia-me aos ouvidos, martelava-me na cabeça, tamborilava-me na garganta. Por favor, diga que foi um pesadelo. Por favor, diga que foi um pesadelo.

– Você tem que vir à nossa casa – declarou Summer, com uma voz tão cansada que parecia estar a sucumbir ao peso das suas inquietações.

– Por quê? – interroguei.

Os seus olhos continuaram a olhar através de mim, enquanto os seus pequenos lábios de botão de rosa se abriam.

– Você tem que vir à nossa casa – repetiu Summer. – O meu papai não acorda.

Quinto capítulo

Estará roxo?

Estendido no sofá? No chão? Terá sido o coração? Alguém teria entrado em casa e feito alguma coisa? Terá chegado à conclusão de que não aguentava mais e posto termo a tudo? Estará frio? Há quanto tempo terá morrido? Todos estes pensamentos me rondaram a cabeça como um bando de abutres sedentos de sangue enquanto eu atravessava o pátio. Nunca tinha visto um cadáver. Por que tinha esta de ser a primeira vez?

Com cuidadoso incentivo e persuasão verbais, tinha conseguido obter de Summer uma explicação relativamente ao que acontecera. Jaxon manteve-se envolto no seu silêncio, ainda com o dedo na boca, apesar de observar com atenção a minha reação à história deles. Summer tinha ouvido um barulho no andar de baixo quando acordou. Foi ao quarto do pai para lhe perguntar que barulho era aquele, mas encontrou a cama vazia. Assim, foi chamar Jaxon e, juntos, foram indagar. O barulho provinha da televisão. O pai deles estava deitado no sofá e a televisão estava ligada. Summer tinha-o abanado, tentado acordá-lo para lhe dizer que tinha deixado a televisão ligada, mas nada. Jaxon também tentou. Sacudiram-no. Chamaram-no pelo nome, mas nada. Tinham se sentado no chão, esperando que ele acordasse, voltado a adormecer junto a ele, mas ele não acordou. Por fim, decidiram ir me chamar. Para ver se eu conseguia acordá-lo. Tinham subido a uma cadeira para abrirem e destrancarem a porta de trás e, depois, tinham se dirigido ao meu apartamento. Utilizaram as chaves adicionais – sabiam onde estas estavam guardadas – para entrar.

Quando ouvi a história, sentindo sempre um medo gelado a percorrer-me a coluna em um fluxo tênue e regular, pedi às crianças que esperassem por mim na sala de estar, liguei a televisão, achei uns desenhos animados da madrugada para eles verem e fui trocar de roupa. Podia ter saído com o moletom, a camiseta e o agasalho preto com que dormia, mas decidi vestir-me para dispor de tempo para me preparar. Para me acalmar. Com as mãos trêmulas, vesti minha lingerie, calça jeans, camiseta e uma blusa preta com decote em “V”. Durante todo esse tempo, Você devia ter feito alguma coisa, devia ter feito alguma, devia ter feito alguma coisa era o pensamento que me gritava diversas vezes aos ouvidos.

Se eu tivesse apenas ido lá, à casa, conversado com ele, conversado com eles, talvez aquilo não tivesse acontecido.

Vestida, mas não menos apavorada, voltei para a sala de estar. A primeira coisa que notei foi o cheiro de álcool. Não era forte nem avassalador, mas simplesmente uma leve baforada de um cheiro ligeiramente mofento e ácido que me chegou ao nariz. Eu não tinha tomado uma única bebida desde que me mudara para ali, não havia álcool no apartamento, logo, por que é que a sala de estar cheirava à bebida? Cerveja. Sim, cerveja. Olhei de relance para as crianças, mas elas não se tinham mexido; estavam sentadas na mesma posição, fixadas na televisão com um olhar vazio.

Cheirei novamente e o odor tinha desaparecido.

Depois de ter dito, olhando nos rostos inexpressivos que esperassem por mim no apartamento e que não me demorava, iniciei o meu trajeto pelo pátio. Eram apenas alguns metros, mas, na realidade, era a viagem de uma vida. Uma viagem que mudaria a minha vida para sempre. Quando visse o corpo de Kyle – um corpo sem vida –, nada mais haveria a fazer. Não seria possível voltar a ser a pessoa que era antes. Esse momento seria uma daquelas marcas indeléveis na minha alma. Mais uma cicatriz que nunca sararia completamente. Sabe Deus o que já tinha feito às duas crianças de seis anos que esperavam no apartamento.

Ao aproximar-me, vi que a porta de madeira da parte de trás da casa deles estava ainda entreaberta por eles por ali terem saído e abria devagar, respirando fundo. A casa estava tranquila quando transpus

a soleira da porta, com o coração martelando aos ouvidos, um ruidoso rufo de tambor que abafava tudo o resto. Percebi que estava suspendendo a respiração enquanto atravessava a cozinha com chão de madeira, dirigindo-me para a porta ao fundo, a porta que dava para o corredor. Parei, expirei e obriguei a mim mesma a começar a respirar. Não consegui mais do que um inspirar e expirar irregular e superficial que residia na zona superior do meu peito, mas, pelo menos, estava a respirar. O assoalho de madeira descascada prolongava-se da cozinha até ao corredor, guiando-me na direção de Kyle. Ao fundo do corredor, ficava a porta da rua, com a corrente colocada por segurança. Não parecia que alguém tivesse forçado a entrada. Alguns passos à frente, estavam as escadas e, no espaço entre estas duas, encontrava-se outra porta, que estava fechada. Mais perto de onde eu estava, à minha esquerda, existia outra porta, esta, aberta. Supus que fosse ali que ele estivesse. Não imaginava as crianças a fecharem a porta depois de saírem para me chamarem.

Ao aproximar-me da porta aberta, lembrei-me de que devia chamar a polícia, mas a necessidade de saber era mais forte do que o cumprimento das formalidades. Quando soubesse, quando tivesse confirmado aquilo de que nós três suspeitávamos, saberia como tratar as crianças. Pensaria no que haveria de dizer, numa forma de as protegê-las até aquela etapa ser encerrada. Não queria que um agente da polícia, um absoluto desconhecido, lhes contasse. Eu era praticamente uma desconhecida, mas não uma desconhecida por completo.

porta, hesitei, perguntando-me se deveria pensar melhor, ir chamar a polícia. Eles eram treinados para desempenhar este tipo de função, mas eu não era. Eu estava treinada para recrutar pessoas e não para lidar com...

Vieram-me à cabeça os semblantes inexpressivos de Summer e Jaxon. O vazio dos seus olhares, o desespero estampado nas suas expressões. Eles já tinham feito aquilo. Não tiveram alternativa. Se eles são capazes, você também é, repreendi-me.

A sala de estar era incrivelmente grande. Costumavam ser duas divisões – com um arco abobadado a assinalar a parede que tinha sido

demolida para dar origem a um espaço arejado e bem iluminado. Havia uma sala de jantar ao fundo e, na sala de estar havia dois sofás e duas poltronas, todos em couro cor de manteiga queimada e com aspecto macio, dispostos de modo a formarem um quadrado de frente para a televisão, que grasnava ruidosamente junto à janela.

Comecei por ver as plantas dos pés. No sofá mais próximo da porta, os seus pés estavam virados para esta, ligeiramente cruzados, com o esquerdo por cima. O meu coração quase gelou enquanto olhava para a rede de pequenas linhas nos seus pés. Abri a boca, comecei a respirar de modo pesado, tentando acalmar-me e, ao mesmo tempo, não desatar a arquejar. Encontrava-me no fio da navalha, entre a pura calma e a histeria total. Então, aconteceu. O processo desencadeou-se. Perdi toda a sensibilidade no corpo ao decidir ir embora. Fui para aquele lugar, para aquele cantinho onde estava sempre a salvo. Sempre calma. Sempre protegida. Protegida de tudo o que havia de mau no mundo.

Já nada daquilo era difícil, pois eu não tinha medo. Era capaz de o fazer. Tinha de o fazer, portanto, assim seria. Avancei, pondo um pé à frente do outro, ciente, a cada passo, a cada movimento em frente, do intenso cheiro de álcool que saturava o ar.

Continuei a dar passos mesmo em direção ao centro da sala, até estar mais próxima do sofá e... Oh, meu Deus. Oh, meu Deus!

A área ao redor do sofá estava repleta de garrafas e mais garrafas de bebidas alcoólicas. Garrafas e latas de bebidas alcoólicas. Pequenas garrafas verdes de gin, grandes garrafas transparentes de vodka, garrafas cor de âmbar de uísque, garrafas castanhas de cerveja, algumas garrafas verdes de vinho branco, um par de garrafas escuras de vinho tinto. Algumas latas dispersas. Tratava-se, porém, na sua maioria, de bebidas espirituosas. Assemelhavam-se a um fosso em torno do sofá. Era por isso que o meu apartamento tinha aquele cheiro; o odor tinha se entranhado em Summer e Jaxon, tinha sido levado pelas suas roupas, tinha impregnado nos fios dos cabelos e nos poros da pele. No meio do mar de garrafas e latas de bebida, consegui divisar os dois espaços em forma de crescente que as crianças tinham criado para poderem deitar junto do pai. Deitar-se e esperar que o pai, que, de forma bastante evidente e intencional, tinha se matado a beber, acordasse.

Se eu não estivesse por perto, eles podiam ter ficado assim, enroscados junto ao pai morto, durante horas, se não mesmo dias.

Desviei a minha atenção para Kyle.

Estava imóvel, paralisado na última posição em que se encontrava antes de o derradeiro gole que lhe pôs termo à vida fazer efeito.

O seu corpo estava estirado no sofá, com as costas estendidas sobre o assento e a cabeça apoiada no descanso para os braços, quase em posição vertical e inclinada para um dos lados. Tinha um dos braços junto ao corpo e o outro a cair do sofá, suspenso entre os despojos da noite anterior.

As suas roupas estavam amarrotadas, a camisa azul-clara por fora das calças cor de areia, onde presumi que Summer e Jaxon tinham tentado sacudi-lo para que acordasse. A sua pele tinha o tom cinzento pálido das nuvens antes de uma tempestade, mas não estava roxa. Eu contava que ele estivesse roxo se tivesse partido fazia já algum tempo, mas não tinha a certeza. Olhei para o peito com atenção, vendo se inchava ou não. Olhei e continuei a olhar, mas nada. Não parecia estar respirando. E havia nele uma perturbadora quietude. Uma quietude que parecia um manto de morte suave e sedoso que o cobria, assim como a sala.

A única maneira de ter a certeza de que ele tinha... partido seria tocar-lhe. Ver a pulsação. Avancei e, espontaneamente, a minha boca encheu-se de água. Apesar de ter a cabeça noutro lado, o meu corpo ainda reagia como seria de esperar nesta situação, se eu estivesse a me comportar de forma consciente. O cheiro a álcool com o medo, estava a desencadear uma fermentação na boca do meu estômago que me causava náuseas. Tinha de me esforçar a evitar as ânsias de vômito. Assim que fizesse isto, assim que tivesse verificado, podia seguir em frente. Dar andamento ao processo. Pensar no que dizer às crianças, chamar a polícia.

Abrindo caminho por entre as garrafas, dirigi-me a ele e parei quando ficou ao alcance do meu toque.

Respirei fundo.

Faça. Faça já. Faça e acabe com isto.

A minha mão tremia incontrolavelmente ao estendê-la na direção dele, visando a zona cinzenta de pele desnuda logo acima do colarinho da sua camisa azul. Obriguei-me a mim mesma a olhar, para

me certificar de que estava a tocar da maneira correta, e sustive a respiração, apesar de esta ser a única coisa que impedia a bÍlis de jorrar da minha boca. Os meus dedos entraram em contato com a pele dele. Surpreendentemente, estava quente. Tentei, porém, não pensar muito nisso. Um corpo não ficava frio de repente; devia arrefecer de maneira lenta, à medida que o sangue que o aquecia, que as reações químicas que mantinham o seu calor constante, parassem. Levei os dedos acima, visando o ponto sob o seu maxilar.

– Chhh! – murmurou Kyle de repente, afastando a minha mão, como se enxotasse uma mosca.

Valha-me Deus!, gritei comigo mesma e cambaleei para trás, esbarrando em algumas garrafas, derrubando um par de latas pela metade e derramando o seu pálido líquido no tapete. Continuei a cambalear até que, tendo-me livrado dos detritos, perdi a luta pelo equilíbrio e caí, aterrando violentamente com o traseiro.

Fiquei sentada, com o peito a palpitar, a olhar para ele, à espera de que reagisse ao som das garrafas a colidirem, abrisse os olhos, se sentasse, reconhecesse que tinha acabado de me tirar mais dez anos de vida. Nada. Tendo-me quase pregado um susto de morte, tendo quase pregado um susto de morte aos filhos, o sacana continuou a flutuar no seu país dos sonhos, podre de bêbado e desmaiado.

Fiquei sentada a ver Kyle dormir. O seu corpo parecia um longo fio musculado, esticado no sofá de couro cor de manteiga queimada.

Durante todo o tempo que tinha decorrido desde que descobri que ele estava vivo – podre de bêbado, mas vivo –, não tinha se mexido. Voltei ao apartamento para dizer às crianças que ele estava bem. Expliquei-lhes aturadamente que o pai estava apenas dormindo. Estava muitíssimo cansado, sofrendo de um tipo de cansaço que só afetava os adultos e que significava que era preciso muito para acordar. Também expliquei que não tardaria a acordar sozinho, mas, até lá, voltaríamos para casa deles e continuaríamos a nossa segunda-feira. Eles observaram-me com olhos impassíveis, não fizeram perguntas e – verdade seja dita – pareciam não precisar da minha elaborada explicação. Pareciam apenas precisar saber que ele estava

bem e que podiam ir para casa. Enquanto se dirigiam às escadas, eu fiquei para trás para desligar a televisão e um cintilar de vidro verde a espreitar por trás de uma almofada do sofá chamou-me a atenção. Curiosa, avancei na sua direção, levantei a almofada e encontrei uma garrafa de cerveja vazia, deitada de lado, aninhada no vinco entre as costas e o assento do sofá. Arrebatei a almofada ao lado e encontrei outra. E mais uma debaixo da terceira almofada.

Pelo canto do olho, observei Summer e Jaxon, vi que tinham os olhos arregalados de inquietação e as faces encovadas com o medo. Não admirava que o meu apartamento cheirasse a álcool. Não admirava que eles não tivessem ficado surpreendidos quando lhes disse que o pai sofria de um cansaço singular. Já tinham assistido a tudo aquilo. Já tinham passado por tudo aquilo.

Estavam habituados àquele comportamento do pai e, provavelmente, a ocultar as provas. Na casa deles, apenas um par de latas de cerveja tinham sido abertas. Além dessas, não havia outras vazias à vista. Eles tinham escondido cuidadosamente as provas de que o pai tinha bebido e deixado apenas as latas cheias. Aquelas pobres crianças. Aquilo porque deviam ter passado... Fiquei sensibilizada ao pensar nisso. A minha mamãe não é muito simpática com o pai, repetiu a voz de Summer na minha cabeça. Agora, eu já imaginava o motivo.

Enquanto continuava a observá-los pelo canto do olho, os traços de horror em seus rostos jovens intensificaram-se. Agora, eu sabia o seu segredo e eles estavam apavorados. O que eu iria fazer? Iria causar problemas ao pai? Iria culpá-los?

Ainda indecisa quanto à reação que deveria ter, voltei a colocar as almofadas em cima das garrafas, fingi não ter visto o que tinha visto, não saber o que sabia. Não devia ser saudável fingir que aquilo não tinha acontecido, que não tinha ficado perturbada com o que eles fizeram, mas já tinham passado por muita coisa. Não precisavam do meu interrogatório. Se alguém devia ser envergonhado e desmascarado, era o pai deles.

Em silêncio, voltamos para a casa e eles subiram para mudarem de roupa. Telefonei para o emprego e disse à minha chefe que tinha tido uma emergência, pelo que, provavelmente, não iria trabalhar nesse

dia. Em seguida, preparei torradas com manteiga e compota para o café da manhã de todos. Foi só o que encontrei. Era evidente que ele não fora às compras desde o seu regresso das férias, nem, aparentemente, antes das férias, pelo que os armários estavam vazios, não havendo nem sequer cereais. No sábado, havia metade de uma caixa de flocos de milho e, pelo menos, oito barras de Weetabix, logo, obviamente, só tinham comido isso durante todo o fim de semana. A geladeira estava ainda mais vazia – continha a manteiga, a compota de morango, uma cebola no compartimento dos legumes, um frasco de molho de tomate, um frasco de molho de soja, os restos de um pacote de suco de laranja, uma lata de café autêntico e caro e meio pacote de leite coalhado. No congelador, obtive um pão integral, fiz o máximo de torradas possível e bebemos água. Depois, eles saíram de bom grado para brincar, enquanto eu arrumei a louça do café da manhã.

Durante todo o café da manhã, esperei que Kyle caísse em si, visse o que tinha feito e se sentisse mal ao ponto de entrar de rompante para pedir desculpa aos filhos. A minha esperança foi vã. Ele não se mexeu.

Agora, eu estava sentada no braço da poltrona em frente ao sofá no qual ele estava deitado, a observá-lo.

Mordendo o nó do polegar, ouvia o murmúrio ocasional de um rressonar embriagado escapar-lhe dos lábios carnudos. Os minutos continuaram a passar e Kyle não se mexeu. Encontrava-se no seu lugar de ébrio esquecimento, protegido da realidade da vida, e isso era-lhe muito agradável. Todos precisávamos de um pouco de esquecimento de vez em quando, mas o seu estava prestes a chegar ao fim.

Levantei-me da poltrona, aproximei-me dele, estendi a mão na direção da área onde a sua barriga, coberta de pelos escuros, estava descoberta, apertei-lhe um pedaço de pele com o polegar e o dedo indicador e, depois, torci. Com toda a minha força. Em seguida, agarrei alguns pelos escuros e puxei-os, arrancando três ou quatro.

– AU! – queixou-se Kyle, saindo imediatamente do seu esquecimento e entrando num mundo de dor ao sentar-se.

– Mas que...? – Levou a mão à barriga, friccionando a zona dorida.
Lançou-me um olhar feroz. Que...?

Cumprimentei-o com uma expressão de desdém e uma
sobrancelha parcialmente levantada.

– Julgo que precisamos de ter uma conversa, não concorda? – disse
eu.

Sexto Capítulo

– Sinto a cabeça... – Principiou Kyle ao entrar na cozinha a cambalear, cerca de meia hora depois.

Eu levantei a mão, fazendo-lhe sinal para que parasse de falar.

– Não quero saber. – Não estávamos na universidade nem nos nossos melhores anos de solteiros. Eu não tinha ido tomar uns copos com ele e não queria compartilhar da sua dor, nem rir, num tom cúmplice, de quanto tínhamos bebido. – Todos temos os nossos problemas. E eu não quero saber. – Apontei para o lugar em frente à zona da mesa onde lhe tinha preparado uma cafeteira de café bem forte e colocado dois comprimidos de analgésico e um copo de água. – Sente-se.

Um olhar carregado enrugou o rosto de trinta e tantos anos de Kyle, abrindo sulcos no espaço entre as sobrancelhas e o cabelo, caindo-lhe em cascata sobre as feições delicadas. O olhar carregado franziu-lhe os lábios e, por um momento, esteve prestes a redarguir, a protestar contra o meu tom de voz e a minha maneira de estar, recordando-me que estávamos em sua casa. No entanto, a ressaca levou a melhor e ele puxou a cadeira e sentou-se. Enquanto tomava os analgésicos, engolindo-os com alguns movimentos bruscos com a cabeça, eu enchi uma caneca de café e adicionei-lhe açúcar. Fiz deslizar pela mesa até ele.

– Obrigado – balbuciou. Baixou a cabeça e bebeu alguns goles de café. Tinha tomado uma ducha e ainda cheirava a água morna, gel de banho de sândalo e roupa lavada. Tinha-se barbeado, pelo que o queixo, as faces e a pele em torno da boca estavam suaves e rosados.

O cabelo era de um negro reluzente, com as pontas e encaracoladas pretas penteadas para trás e ainda molhadas.

Na rua, as crianças brincavam. Summer estava montada na sua bicicleta cor-de-rosa, andando à volta das calçadas, e Jaxon dedicava-se a construir um gigantesco forte com os grandes blocos multicoloridos no meio do relvado. Não faziam qualquer barulho e Kyle parecia não reparar. Eu não o tinha ouvido arrumar a sala e ele não estava minimamente envergonhado. Não tinha importância que eu tivesse visto o estado em que se encontrava a sua sala de estar, que o tivesse visto inanimado, nem que os filhos também o tivessem visto assim.

Observei-lhe a cabeça baixa. Kyle era um homem grande. Era magro, com longos membros e rijos músculos a comporem-lhe a estrutura, mas era corpulento no sentido em que acumulava muita coisa dentro de si. Na cabeça, no coração, na alma. O corpo não aguentava e extravasava-o. Como tinha feito no sábado, quando me esclareceu acerca da sua vida em três minutos. Devia ter sido por essa razão que tinha decidido beber tanto na noite anterior. Tentava controlar a grandiosidade daquilo que se agitava no seu íntimo.

– Acho que devia deixá-la ficar com eles – opinei. Tinha estado a refletir sobre o assunto, enquanto tomava o café da manhã, enquanto o via dormir, enquanto esperava que saísse do banho. Era a solução óbvia para o problema. Ele não estava a dar conta do recado; a enormidade do que lhe ia na alma fazia sofrer todos os que lhe eram mais próximos, estava tornando a vida dos filhos um inferno.

– Perdão? – disse Kyle, interrompendo o percurso da sua caneca até à boca.

– É evidente que não consegue cuidar deles, portanto, deixe a sua mulher ficar com eles.

– *Perdão? – Estava incrédulo, indignado, furioso como qualquer homem ficaria.*

– Presumo que fosse esse o motivo da discussão entre você e a sua mulher, no sábado, ao telefone. É evidente que ela quer ficar com eles. Seria mais fácil para todos que abdicasse deles, que parasse de os usar como moeda de troca e lhos entregasse.

Kyle bateu com a caneca na mesa com tanta força que eu fiquei admirada com o fato de ela não se ter rachado e, depois, desfeito em cacos. O espesso líquido negro saltou para cima do tampo da mesa de madeira. Ele sacudiu a mão para secá-la, analisando-me com o seu olhar furioso. Estava prestes a gritar-me, mas conteve-se.

– Quem diabo julga que é? – rosnou, parecendo o seu corpo ficar ameaçadoramente com o dobro do tamanho ao inclinar-se na minha direção.

– Não, quem diabo julga o Sr. Gadsborough que é? – repliquei.

Ele deteve-se, admirado com a forma rápida, decidida e colérica como eu tinha reagido. O seu ataque não tinha sido enfrentado com uma defesa, mas sim com uma estratégia ofensiva mais forte.

– Os seus filhos pensaram que estava morto – continuei com uma voz baixa e zangada. – Morto. Ficaram apavorados. Encontraram-no estendido no sofá, no meio de uma autêntica garrafeira, e, depois, tiveram de pedir ajuda a uma pessoa praticamente desconhecida. Tiveram de subir a uma cadeira para destrancarem a sua porta de trás, ir até minha casa, destrancar a minha porta e, depois, subir até ao meu quarto. Por fim, tiveram de me dizer que o senhor não acordava. O trauma no olhar deles, a expressão dos rostos... – A minha voz fraquejou ao lembrar-me das expressões deles. – Imagina o que é isso? E que eu, uma adulta, que já sabe um pouco da vida, estava apavorada ao dirigir-me até aqui. Não sabia como iria suportar olhar para um cadáver, mas eles? Eles deitaram-se no chão, ao seu lado, e esperaram que acordasse. E por quê? Porque estava bêbado. Não sei quanto tempo aqueles dois levarão a superar isso. Portanto, não me venha com essas palavras de indignação, porque está tão desprovido de razão que não há maneira possível de a recuperar, neste momento.

A raiva desapareceu do olhar de Kyle e, antes de baixar a cabeça para atentar na sujidade que tinha causado com o café em cima da mesa, eu vi a vergonha e o arrependimento aflorarem-lhe à expressão. Lentamente, ergueu o dedo indicador e fez um desenho no café.

Eu finquei os dedos na palma das mãos, cravando as unhas nas almofadas macias e carnudas para disfarçar os tremores. Ninguém diria, após ter ouvido o meu desabafo, que eu não perdia a calma com

muita frequência. Não me lembrava da última vez que isso tinha acontecido.

Como à maioria das meninas, ensinaram-me a ser educada, que as pessoas não gostavam de nós se causássemos alarido e chamássemos a atenção para nós. Defendermo-nos fazia com que as pessoas não gostassem de nós. Eu raramente o fazia, mas, quando se tratava de defender os outros, era capaz disso. Defendia-os (a minha chefe costumava chamar-me Kennie Porta-Voz.) Sobretudo, quando as pessoas em nome de quem eu falava eram duas crianças que pensavam que o pai tinha morrido durante a noite. No entanto, agora que tinha expressado a minha raiva e descontentamento, estava abalada e tremendo.

– Tive outra discussão com a Ashlyn. – Acabou Kyle por dizer, ainda com a cabeça baixa.

– Não me interessa – retorqui imediatamente.

Ele levantou a cabeça de repente, com uma expressão de admiração e os olhos a revelarem que julgava que eu tinha feições duras.

Inspirei profunda e silenciosamente, infundindo calma nas minhas furiosas sensibilidades. Conferi um rudimentar ar de compaixão ao meu rosto.

– Não era isso que eu queria dizer – declarei tranquilamente. – Interessa-me. Interessa-me muito. – Detive-me, acalmei-me mais um pouco, o suficiente para fazer incidir o meu olhar no dele. Kyle fixou-me. Deu-se um momento de intimidade entre nós; entendemo-nos mutuamente. Do ponto de vista comum, eram precisos anos para se alcançar esse tipo de entendimento, mas o meu pequeno excesso de linguagem tinha precipitado a nossa relação: ele tinha agido mal e eu era capaz de ser bastante incômoda a esse respeito. – Você tirou-me do sério.

– Estou vendo – replicou Kyle pesarosamente e, depois, tornou a beber o seu café.

– Conte-me o que aconteceu – falei suavemente, tentando compreender o seu passado. Não era justo tirar conclusões

precipitadas, fazer juízos de valor, quando não tinha a sua vida; eu não tinha sido aplacada por um divórcio.

– Os disparates do costume – respondeu, abanando a cabeça. – Ela quer que as crianças fiquem com ela, mas, no que me diz respeito, se os quiser de volta, terá de vir para casa.

– Por quê? – perguntei.

Os seus olhos precipitaram-se na minha direção, como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo.

– Porque esta é a casa deles.

– Mas, Kyle... – parei. De certo modo, não parecia estar certo ter esta conversa com ele. O meu senhorio. Suspirei, profundamente, mexi o meu café frio e por beber, perguntei-me como tinha chegado até ali, porque estava envolvida naquilo.

– “Mas, Kyle”, o quê? – interrogou.

– Não está dando conta do recado. Porque não entrega as crianças Ashlyn?

– Renunciar aos meus filhos, assim, sem mais nem menos? Eles não são objetos. Não posso simplesmente abdicar deles e arranjar outros para os substituir. – Abanou a cabeça e endureceu a voz. – Dá para ver que nunca teve filhos.

Aquilo ofendeu-me e, pela expressão no rosto dele, pelo brilho zangado que tinha nos olhos, era essa a intenção.

– Por acaso, está enganado – respondi bruscamente. – Eu tenho filhos. Tenho dois filhos chamados Summer e Jaxon. Tornaram-se meus filhos no dia em que tive de inventar um ritual ao café da manhã porque o pai deles estava tão ocupado em gritar com a mãe que nem se lembrou de que eles existiam. Nesse dia, eu soube que tinha uma responsabilidade para com eles. Quando nos ligamos a uma criança, não podemos simplesmente voltar as costas.

Kyle ficou a olhar para mim, mas não respondeu.

– Tenho filhos porque, quando eles esconderam três garrafas de cerveja vazias no meu apartamento, não os interroguei a esse respeito.

– Eles fizeram o quê? – perguntou Kyle, visivelmente abalado.

– Esconderam as garrafas que o Kyle bebeu por terem medo de que fosse descoberto. Remexeram aquela quantidade constrangedora de bebidas alcoólicas para esconderem o seu segredo.

Perturbado, Kyle passou a mão pelo cabelo e, depois, coçou distraidamente um ponto no alto da cabeça enquanto uma infinidade de pensamentos ínfimos e indescritíveis se lhe revelavam no rosto ao debater-se com a sua consciência. Os seus olhos precipitaram-se para a rua, na direção das crianças, observando-as enquanto mais emoções lhe afloravam ao rosto.

– O que estava a fazer com todo aquele álcool? – inquiri. Precisava saber. Era tanto; teria ele se predisposto a beber tudo, a matar-se, mas perdido os sentidos antes de o ter conseguido? – Ia mesmo beber tudo aquilo?

A sua expressão deixou de ser de perturbação para se revestir suavemente de desprezo.

– Isso não lhe diz respeito – afirmou e continuou a olhar ferozmente para as negras profundezas da sua xícara. Ficamos sentados em silêncio, tendo sido suprimidos todos os sentimentos positivos. Ele não gostava de mim e eu também não era propriamente louca por ele.

– Seja sincero, Kyle. – Acabei por dizer, para quebrar o silêncio. – Não quer as crianças, não é?

O seu rosto ia protestar, retorquir.

– Seja sincero, não irá além disso – incitei.

Ele nada disse, recostou-se na cadeira e olhou para a sua xícara de café com os lábios ligeiramente unidos.

– Não os quer, não é? Está apenas a deixá-los aqui porque julga que isso a fará voltar.

Kyle relanceou o olhar para longe, novamente através da janela, observando os filhos enquanto brincavam. Eu virei-me um pouco na cadeira para também os observar. Deviam estar na escola, mas eu tive de telefonar e dizer que estavam doentes. O forte de Jaxon era bastante alto, sendo os tijolos coloridos bastante vivos à luz do Sol de fevereiro. Summer tinha abandonado a bicicleta na parte do caminho mais próxima do meu apartamento e encontrava-se na grama, junto a

Jaxon, fazendo o seu coelho saltar em torno do forte dele. Ambos estavam ainda abatidos. Com que frequência aquilo que tinha acontecido pouco antes estava se repetindo no pensamento deles? Quão profundamente os teria marcado? Quantas vezes já teria acontecido? Até que ponto teriam medo de que voltasse a acontecer?

– Não estou dizendo que não os ama, mas está usando-os, não está?

Kyle desviou o olhar dos filhos, deslocando a sua linha de visão na direção do meu apartamento.

– Não é assim tão simples – respondeu.

– Eu sei que não é assim tão simples. E, para ser sincera, Kyle, não posso pôr a mão na consciência e dizer que, se estivesse na sua situação, não faria a mesma coisa. Mas não pode usá-los como armas sem os magoar.

– Você fala como se ela fosse a perfeita, como se ela amasse os filhos e eu não. Ela não se limitou a deixar-me, também os abandonou. Uma manhã, acordei e ela tinha desaparecido. É por causa dela que o Jaxon não fala, sabia? Viu-a ir embora, ela pediu-lhe que não dissesse nada e ele levou as palavras dela ao pé letra. Deixou de falar. Agora, só fala, praticamente, com a Summer. Dirige-me umas frases de vez em quando, mas, além disso, nada. A mãe fez-lhe isso. Acha que vou mandá-los de volta para isso? E aquelas ridículas férias em família que fizemos... “Oh, Kyle, não deixemos de sair de férias.” Foi ideia dela. E sabe por quê? Porque eu já tinha pago as passagens de avião e o hotel, pelo que ela pensou que podia aproveitar isso para ir a uma entrevista que tinha marcado lá e lá ficar. Eu, entretanto, penso... Logo, eles devem pensar... Mas não. Ela quer livrar-se de mim de uma vez por todas. “Ah, a propósito, podia levar as crianças para casa enquanto eu resolvo a minha nova vida aqui e, depois, quando estiver preparada, gostaria de também os levar para longe.”

Qualquer coisa que eu dissesse pareceria uma banalidade, como se estivesse a desvalorizar aquilo por que ele tinha passado. Verdade seja dita, eu não compreendia. Devia ser um inferno. Devia dilacerá-lo por dentro. E a mulher... Ela tinha, obviamente, os seus motivos para fazer o que tinha feito, mas o que ambos pareciam ter esquecido era

que Jaxon e Summer não tinham pedido aquilo. Não tinham pedido para nascer, muito menos para serem filhos de duas pessoas tão complicadas. Assim tinha acontecido. Nada podia mudar isso. Era, agora, dever de Kyle e da mulher poupar-lhes o máximo de sofrimento possível.

– Não estou dizendo de ser o mais perfeito possível. Os seus filhos não merecem isso? Se não for capaz, então, entregue-os a alguém que, pelo menos, tente ser. – Oh, como isto pareceu ridículo. Como se eu estivesse num programa de televisão em que tudo ficava resolvido ao fim de cinquenta minutos, em que, depois de ter ouvido as minhas belas palavras, Kyle pegaria no telefone, ligaria à mulher e, quando ela atendesse, a primeira coisa que diria seria: “Vamos conversar...”. Então, chegariam a um acordo que fosse benéfico para todos.

A verdade era que, independentemente do que eu dissesse, por mais que, agora, ele escutasse, a mágoa, a revolta e o orgulho voltariam apoderar-se dele ao longo das horas seguintes. Ele queria magoá-la tanto como ela o tinha magoado e isso implicaria recorrer às únicas armas de que dispunha: Jaxon e Summer. As duas únicas pessoas naquela situação que, provavelmente, não queriam mais do que ver os pais juntos e a sua família desfeita unida de novo.

– Para ser sincero, você não percebe nada disto – retorquiu Kyle. Talvez a revolta não demorasse tanto assim a apoderar-se novamente dele.

– Pois não, não percebo – admiti.

– Mas obrigado por ter vindo quando as crianças lhe pediram ajuda.

– De nada. Virei sempre. Não posso, porém, prometer-lhe que não chamarei a assistência social se voltar a acontecer.

O rosto de Kyle demorou a reagir, endureceu ao entrar em estado de choque, ficando com os olhos ligeiramente arregalados, os lábios firmemente unidos e o maxilar a agitar-se enquanto rangia os dentes. No meu íntimo, assustei-me um pouco; esta era a sua verdadeira revolta. Era agora que ele ia mesmo virar-se contra mim.

A porta de trás abriu-se subitamente e Summer entrou de rompante, seguida por Jaxon.

– Podemos ir comer um sorvete? – perguntou ela, correndo e parando de repente à frente do pai. Ele ignorou-a, pois estava a lançar-me um olhar feroz. – Pai – insistiu Summer, puxando-lhe a bainha da camiseta. – Podemos ir comer um gelado? – repetiu.

Os olhos de Kyle fulminaram-me.

– PAI! – gritou Summer a plenos pulmões, precisando de ser ouvida.

– Sim? – interrogou ele, virando-se finalmente para se concentrar na filha.

– Podemos ir comer um sorvete? – inquiriu ela. – Na sorveteria?

– Hum – principiou Kyle –, sim. Por que não? Deixa-me ir calçar os sapatos e buscar o casaco, a carteira e o celular.

Jaxon foi perto de mim e deu-me a mão. A sua mão estava quente e a pele era suave. Não segurava na mão de uma criança há quase três anos – desde a última vez que tinha estado com os meus sobrinhos, na Itália. Uma sensação de calma apoderou-se de mim, seguida pelo fincada da tristeza. Tive de me concentrar nas minúsculas ruguinhas da sua pele, nas suas unhas limpas e quadradas, para evitar ficar destroçada, para impedir a tristeza de assomar e transbordar. Summer olhou para ele e, depois, disse:

– O Jaxon quer saber se a Kendie também pode vir.

– Creio que ela não está disponível – replicou Kyle, de forma contundente. Não me queria mesmo por perto. Curiosamente, eu também não queria estar perto dele.

– Não estou disponível – confirmei. – Devia ir trabalhar.

Os dedos pequenos e gordos de Jaxon apertaram-me a palma da mão, como se me exortasse, me suplicasse que os acompanhasse.

– Tem de vir – exclamou Summer.

Os dedos de Jaxon continuaram a agarrar-me a mão.

– Não podem obrigá-la a ir – atalhou Kyle. Estava óbvio a presença de ameaça na sua voz, avisando-me para que me afastasse. Eu tinha passado das marcas ao colocar em perigo a união da sua família e ele não ia tolerá-lo. Por mim, estava tudo bem. Mais do que bem. Aquele homem precisava de um impulso, de um empurrão que o fizesse prestar atenção aos filhos, lutar por eles. Não contra a sua mulher,

mas sim contra si próprio. Tinha de perceber que o problema, ali, não era a mulher, era ele. A sua indiferença, revolta, mágoa por aquelas crianças estarem com ele – era essa a maior ameaça das suas vidas.

– Não, sério, tenho que fazer – disse eu.

O rosto de Jaxon começou a fechar-se, como peças de dominó a caírem, e a sua expressão deixou de revelar esperança em que eu fizesse algo tão normal como comer um sorvete com a sua família, para passar a manifestar ansiedade relativamente à possibilidade de eu os abandonar.

– Aliás – corriji –, acho que preciso de um sorvete. Acho que todos merecemos um.

Duas horas depois, Kyle e eu estávamos sentados vendo as crianças brincar num pequeno parque com balanços e carrosséis. Summer, segurando o Saltitão debaixo de um dos braços, estava subindo para o carrossel. Tinha vestido um macacão cor de laranja por cima de uma camiseta azul e por baixo de um casaco de malha cor-de-rosa e do seu blusão de penas azul, juntamente com um collant vermelho, meias cor de rosa e sapatos amarelos. Tinha o cabelo, que lhe brilhava como delicados fragmentos de azeviche na cabeça, preso atrás das orelhas.

Jaxon, que tinha se vestido com maior sobriedade, com calças cor de areia, uma camiseta branca, camisa de manga comprida preta e o seu casaco de lã azul, subia e descia o escorregador de forma reiterada.

Nós quatro tínhamos passado as duas últimas horas a perambular pelo centro de Brockingham, comido um sorvete num café e, depois, ido a algumas lojas antes de nos dirigirmos ao parque. Kyle tinha conseguido evitar falar diretamente comigo durante todo esse tempo. Enquanto comíamos sorvete, tinha me ignorado. Ao descermos a rua, entrando e saindo das lojas, com Summer a dar-lhe a mão e Jaxon a dar-me a sua, comportou-se como se eu não estivesse presente. Evitava olhar para mim, a não ser nos momentos tranquilos em que eu estava concentrada noutra coisa e sentia o peso do seu olhar pousado em mim, a examinar-me, perguntando-se se eu estaria a dizer a verdade. Se cumpriria a minha ameaça. Eu sentia o seu olhar,

mas recusava fitá-lo, pois também sentia medo. Sentia medo porque não tinha efetivamente refletido sobre a questão quando fiz tal afirmação. Saiu-me de repente e, agora, teria mesmo de fazê-lo. Não podia dizê-lo e não o sentir. Não é essa uma das regras de ouro do bom e consistente exercício paternal? Dizer o que se sente; fazer uma afirmação e, depois, levar adiante as consequências prometidas se o comportamento indesejável voltar a ocorrer.

Passaram dez minutos de silêncio enquanto estávamos sentados no banco. Um silêncio tenso que começava entranhar-se na minha pele, deixando-me nervosa. Eu queria dizer alguma coisa. Qualquer coisa que rompesse a divisória que nos apartava. Queria que ele dissesse alguma coisa, mesmo que fosse para me avisar que não me metesse na sua vida. Este silêncio estava me sufocando. No frio ar puro daquele dia soalheiro, eu estava a asfixiar lentamente.

– Estava falando sério quando disse que faria queixa de mim à assistência social? – perguntou Kyle. Fiquei tão grata por ouvir a sua voz que suspirei de alívio e não ouvi propriamente as suas palavras. Depois, reproduzi as suas palavras na minha cabeça: “Estava falando sério quando disse que faria queixa de mim à assistência social?”. Ele não estava olhando para mim e precisava de todas as suas forças para isso. A sua postura rígida revelava que tinha vontade de me lançar um olhar feroz, pelo que estava certificando de que mantinha a sua linha de visão fixa nas crianças.

Agora, eu encontrava-me numa posição difícil. Não podia dar uma resposta afirmativa nem negativa e o “talvez” não era uma opção.

– Tento não dizer nada que não seja sério. – Acabei por replicar sem olhar para ele. Era a melhor resposta que podia dar.

Sétimo capítulo

Na terça-feira de manhã, pouco antes das 6h30, cheguei ao trabalho.

Fui mais cedo para compensar o dia anterior. A segunda-feira era o nosso dia mais movimentado, sobretudo para mim – era o dia em que se estipulava a semana laboral da maioria dos trabalhadores temporários e outros, que tinham cessado as suas funções, eram chamados para trabalhar. Apesar de Gabrielle, a minha chefe, não ter se incomodado com a minha ausência, eu fiquei péssima. Ela tinha tido de me substituir e eu ainda mal regressara.

Gabrielle tinha fundado a sua pequena empresa de trabalho temporário, mas conseguido convencer a Office Wonders, uma empresa de trabalho temporário internacional, a financiá-la. Se desse certo, considerariam a hipótese de vender franquias para a criação de sucursais – pequenas e mais personalizadas. O empreendedorismo de Gabrielle tinha surgido no momento ideal para mim. O meu caso amoroso com Sydney tinha azedado um ou dois dias antes e estava desesperada para voltar para casa. Sem mais nem menos, Gabrielle tinha-me contactado por e-mail e perguntado se consideraria a hipótese de regressar ao meu país natal para assumir o segundo cargo mais importante na sua empresa. “Certa noite, apanhei a minha atual chefe de recrutamento e seleção cheirando cocaína e praticando sexo com um possível candidato na minha mesa. Preciso de alguém em quem possa confiar”, tinha ela escrito.

Dei graças a Deus e ao universo. Tinha um caminho de fuga para casa. Disse-lhe que estava mais do que interessada e que podia começar dentro de um mês. Não tendo ela poupado esforços, senti-me

extremamente culpada ao ter de telefonar para avisar que não ia trabalhar no dia anterior.

Também tinha dormido muito mal. Depois de me despedir dos Gadsborough, tinha decidido ir ao cinema. Tinha de me sentar no escuro, rodeada de estranhos, com algo mais em que me concentrar, para não me preocupar obsessivamente com as crianças e o que seria delas. Mãe ausente, pai potencialmente alcoólico. Eu nada podia fazer quanto a isso. A não ser sentar-me no escuro, sentindo-me revoltada. Tinha me sentido tentada a ter outra conversa com o senhor Gadsborough. Obter algumas garantias de que se recomporia e daria atenção aos filhos. Muitas pessoas dariam tudo para estarem naquela posição – para serem pais – e ele parecia estar desperdiçando isso. Não conseguia ver as bênçãos que existiam na sua vida.

Quando cheguei do cinema, o carro deles tinha desaparecido. Ouvi-os voltar algumas horas depois e, do meu apartamento, vi a luz acesa na cozinha. Com sorte, ele tinha ido comprar comida. Com sorte, as minhas palavras tinham sido o impulso de que ele precisava. Passei a maior parte da noite acordada, na cama, preocupada com eles.

Subi as escadas que conduziam à Office Wonders Lite, que se situava na rua principal de Buckingham, e, ao levantar a mão para abrir a porta de vidro fosco, tive uma súbita e inquietante sensação de déjà-vu. Podia ter sido há dez anos, quando comecei a trabalhar com a Gabrielle na área do recrutamento. As mesmas sensações que tinha tido nessa época apoderaram-se de mim quando a minha mão entrou em contato com a porta e me interoguei, por breves instantes, se deveria fazer algo diferente. Não algo melhor, apenas algo diferente.

Quando ingressei, pela primeira vez, na universidade e estudei Literatura Inglesa e Comunicação Social, a intenção era a de me tornar a nova Lois Lane. Metade da dupla Woodward e Bernstein, no feminino. A jornalista importante que encetaria uma perseguição à corrupção e escreveria sobre isso. Os políticos e magnatas das grandes empresas estremeceriam nos seus ternos caros ao pensar no que eu faria com um teclado.

Depois, tudo mudou. A certa altura, tudo se tornou demasiado difícil. Concentrar-me no estudo era um enorme esforço. Empenhava-me com afinco e, muitas vezes, permanecia acordada para conseguir concluir os trabalhos, mas as minhas notas não paravam de baixar, afastando-se da média habitual, na casa dos catorze valores. Baixavam cada vez e, por mais que me esforçasse, não conseguia fazê-las voltar a subir. Não tinha confiança para defender uma posição na aula. Sabia que não seria, com toda a certeza, capaz de atuar na área da comunicação, não competindo com um grupo de pessoas motivadas e ambiciosas que estavam determinadas a chegar ao topo. Já era suficientemente difícil levantar-me da cama de manhã, quanto mais pensar em passar alguns anos a tentar chegar ao topo da alcateia da imprensa. Os meus amigos e professores começaram a ficar preocupados comigo e fui obrigada a consultar um médico. Sentei-me

sua frente, no seu consultório pequeno e frugalmente decorado, enquanto me dizia que eu estava obviamente deprimida, que isso muito provavelmente se devia ao fato de estar sob demasiada pressão na faculdade e que tinha de tentar repousar. Devia beber menos álcool e comer mais fruta e legumes frescos. “Pratique também exercício, minha menina. Ter melhor aparência fará você se sentir melhor.”

Acenei-lhe com a cabeça e saí, percebendo que tinha de esconder melhor os meus sentimentos. Tinha de me recompor. Os meus planos de me tornar jornalista podiam ter se esfumado, mas eu tinha ainda de manter as aparências diante dos meus pais, amigos, professores. Tinha ainda de provar ao mundo exterior que não era um fracasso total, que era normal. Exigi muito de mim própria, até atingir o limite e, depois, mais além. Fingi estar bem para conseguir terminar a faculdade. Foi um enorme esforço; longas noites lendo e obrigando-me a não desistir. Acabei em primeiro lugar, com uma licenciatura a mais do que todos esperavam.

Os meus pais, professores e demais pessoas interessadas exultaram com os meus resultados, sem perceberem no que isso tinha implicado. Depois disso, fiquei esgotada. Não conseguia fazer mais do que já tinha feito. Dediquei-me ao trabalho temporário para pagar as contas e – assim expliquei aos meus pais –, desta forma, podia

enveredar por um curso de mestrado. Como era mais fácil que seguir a carreira que desejava, candidatei-me a cursos de comunicação social e acabei por ingressar em um, no sul de Londres. Aí, não firmei verdadeiras amizades – as pessoas tentavam, mas eu não estava interessada, pois só estava ali para os meus pais me deixarem em paz. Quando concluí o curso, acabei como consultora de recrutamento e seleção, pois tinha conhecido Gabrielle Traveno.

Tinha acabado de sair da faculdade pela segunda vez e queria um trabalho temporário para pôr a minha vida em ordem enquanto procurava emprego. Tinha decidido experimentar ir a um escritório na Oxford Street, no centro de Londres, pelo qual passara algumas vezes. Ficava por trás de uma porta de vidro e sob um letreiro roxo onde podia ler-se “Office Wonders”. Empurrei a porta, subi as escadas estreitas e abri a outra porta acima destas.

Era uma sala grande e ampla, com mesas, computadores e armários de arquivo ao fundo, onde a janela dava para a Oxford Street. Na outra ponta da sala, ficava a sala de espera, com confortáveis cadeiras roxas para os trabalhadores temporários e outros candidatos a emprego encostadas a três das paredes lilases. Quase todas as cadeiras eram ocupadas por mulheres jovens e elegantemente vestidas. Cada uma delas envergava um terno com saia e casaco escuro com uma blusa ou camisa branca por baixo. E cada uma delas tinha alguma variante em uma mala que parecia uma pasta preta e lustrosa. Eu era a única que usava uma roupa composta por calças e casaco grená e levava a minha gasta mala mole à tiracolo. Quando as vi, a minha confiança em encontrar um emprego titubeou. “É assim que os trabalhadores temporários se vestem hoje em dia?”, perguntei-me enquanto tirava a mala e me endireitava, desejando ter me lembrado de usar maquiagem.

Na sala de entrevistas do escritório, apenas uma mulher comandava as operações. Tinha uma jovem sentada à sua frente, que devia estar em vias de entrevistar, mas encontrava-se ao telefone com alguém, tentando ser profissional e educada, enquanto uma expressão de incômodo se insinuava nos seus olhos.

Tinha o cabelo negro com reflexos azulados cortado de modo a cair-lhe de lado com uma inclinação acentuada, terminando-lhe no queixo. Era escultural, com um corpo curvilíneo, vestindo um terninho azul-marinho.

*Assim que desligou o telefone, este voltou a tocar e o seu rosto manifestou irritação antes de atender. Começou a tocar outro telefone, numa outra escrivaninha. E, depois, um terceiro. Em vez de me juntar à fila de mulheres que, obviamente, tinham comparecido para uma entrevista, algo em mim sabia que, se não atendesse o telefone, perderia o controle. Tinha sido um longo dia, apesar de ainda não passar do meio-dia, e eu sabia que surgiriam manchetes como “trabalhadora temporária mata sete pessoas por ninguém atender o telefone” estampadas nos jornais do dia seguinte se não o fizesse. Sem realmente pensar, dirigi-me à mesa, peguei no telefone, atendi a chamada e anotei o recado. Já tinha operado um sistema telefônico semelhante, pelo que, depois de ter anotado o recado, digitei **8 e atendi outra chamada. E mais outra. E outra ainda, até ter atendido cerca de sete chamadas e a mulher irritada ter terminado a sua conversa telefônica.*

Ignorando a mulher que tinha à sua frente, dirigiu-se a mim a passos largos. Era alta, bastante majestosa.

– Deve ser a minha nova consultora de recrutamento e seleção estagiária – disse ela.

– Aah, não, vim apenas tentar encontrar um trabalho temporário – retorqui, subitamente ciente de que todas as restantes pessoas presentes no escritório me olhavam como se me cravassem punhais nas costas.

– Não está compreendendo-me. Você TEM de ser a minha nova consultora de recrutamento e seleção estagiária – declarou ela.

Reparei no quanto a sua pele era suave, luzidia e cremosamente branca, no rosto, no pescoço, no peito. Ao perto, ela era linda; o tipo de mulher para quem se olha sempre duas vezes. Dava nas vistas.

– Pretendo apenas um trabalho temporário – repeti. Não queria um emprego a tempo integral que implicasse dedicação, responsabilidade e ter de pensar nele após o final do expediente. Queria sair ao fim do dia e não me preocupar com ele até voltar a entrar no escritório na manhã seguinte.

– Tudo bem – afirmou a mulher. – Fique na experiência durante seis meses; se aparecer algo melhor, deixo-a ir embora com um pré-aviso de uma semana, sem fazer perguntas.

– Aah...

– A remuneração é melhor do que no trabalho temporário e, além disso, tem direito a regalias. E a um bônus se angariar mais clientes. – Ela falava

uma língua e utilizava palavras que não me interessavam. Eu queria menos compromissos e não mais. Queria ser livre e não prender-me.

O telefone preto na mesa ao nosso lado começou a tocar e, automaticamente, a minha mão alcançou-o.

– Não toque nesse telefone, a menos que pretenda ir adiante – avisou a mulher. – Não me diga que posso ter algo se for tirá-lo – dizia o seu olhar. – Não aguento.

Foi a expressão do seu rosto. O desespero. A desolação. Anos mais tarde, percebi que foi ainda algo mais. Foi o discreto tormento oculto nos seus cristalinos olhos azuis – já o tinha visto várias vezes, quando me olhava mais demoradamente ao espelho.

Ergueu as sobranceiras de forma interrogadora ao fitar-me e eu levantei o telefone, traçando, com efeito, o meu destino. Sem sequer dizer o meu nome àquela mulher nem saber qual era o seu, tinha arranjado um emprego. Enquanto estava ao telefone, ouvi-a informar as outras de que a vaga acabava de ser preenchida – a candidata em questão demonstrava um impressionante espírito de iniciativa.

Não surgiu nada melhor. Assim foi durante mais de seis anos. Até eu decidir que tinha de ir viver na Austrália.

Gabrielle era sempre a primeira a chegar.

Nos anos em que trabalhei com ela, por mais que me esforçasse ou por mais cedo que chegasse ao outro escritório em que trabalhávamos, todas as manhãs, lá estava ela, à escrivaninha, com uma caneca de café pela metade, migalhas de croissant num saco de papel embebido em gordura, digitando. Ainda não tinha conseguido refutar a teoria de que ela dormia, efetivamente, no escritório.

Certa vez, tinha-me dito que era uma madrugadora compulsiva. Da mesma forma que algumas pessoas chegam sempre atrasadas, ela não conseguia evitar chegar cedo. Devia tê-la apanhado a chegar, pois estava em vias de destapar a sua caneca de café.

– Céus – exclamou e as suas mãos detiveram-se em cima da tampa branca de plástico, enquanto os seus olhos se precipitaram para o relógio de parede, por cima da sala de espera dos candidatos. Pensei que só eu não conseguia ficar na cama de manhã.

– Estou tentando ser igual a você – agradeço. – E queria compensar o dia de ontem.

– A emergência está resolvida? – perguntou enquanto via despir-me do casaco e tirar o cachecol colorido.

– Tanto quanto poderia resolver – respondi. Não queria contar-lhe tudo, mas precisava conversar com alguém, partilhar as minhas preocupações.

– Os dois filhos do meu senhorio estavam preocupados por não conseguirem acordar o pai e estavam tão assustados que não pude deixá-los sozinhos. Nem quando soubemos que ele estava bem.

– Onde está a mãe?

– Na América, segundo parece. Embora talvez volte, não sei. Enfim, não está em casa e foi por isso que as crianças foram me chamar.

– Ele é bonito?

– Quem?

– O pai amalucado?

– Não sei, acho que sim. Não pensei muito nisso. Aconteceu muita coisa desde que o conheci e nós não temos propriamente a melhor das relações. Isso afeta a forma como vemos uma pessoa.

– Presumo que isso seja um “sim”.

– Presuma o que quiser, querida. Estou mais preocupada com os filhos dele.

– Por quê? Ele anda maltratando as crianças? – interrogou Gabrielle, preocupada.

– Não, não. – Lembrei-me dos dois espaços em forma de crescente criados no meio das garrafas de bebidas alcoólicas. – Nada disso. Como disse, está comportando-se de forma amalucada. Estão passando por um divórcio e ele está com dificuldade em adaptar-se. Estou sendo um pouco dramática. Está tudo bem.

As palavras pareceram-me vazias aos ouvidos. Não estava nada bem. Estava longe de estar tudo bem, mas, se o dissesse vezes suficientes, talvez começasse a acreditar nisso.

Sabendo quando não devia insistir, Gabrielle ouviu as minhas excessivas palavras tranquilizadoras e, depois, mudou rapidamente de assunto.

– Então, que tal ir buscar uma canequinha e adiantarmos o serviço?

Embrenhar-me no trabalho era a solução. Era a maneira de pôr temporariamente de lado os rostos pálidos e encovados de Summer e Jaxon, que estavam gravados no meu pensamento.

Estavam sentados à beira da soleira da minha porta quando voltei para casa, nessa noite.

Eu tinha ficado até tarde no escritório para pôr o trabalho em dia. Estava escuro e frio quando percorri vagarosamente o caminho desde a parte da frente da casa até ao meu apartamento. Na mancha de luz amarela alaranjada projetada da cozinha deles, estavam sentados. À volta dos ombros, tinham mantas axadrezadas e, sobre o colo, um edredom.

Credo, seria de pensar que ele esperaria alguns dias para voltar a deixá-los ao abandono, pensei ao aproximar-me deles.

Os rostos de ambos alegraram-se, embora Jaxon tenha rapidamente disfarçado a sua alegria, baixando os olhos.

– Esperávamos você – informou Summer, ainda com um sorriso rasgado. Ela exultava quando sorria; os seus sorrisos dimanavam do júbilo que sentia no fundo do coração e não tinha quaisquer problemas em demonstrá-lo.

– Estou vendo – retorqui, acocorando-me diante deles. – Aconteceu alguma coisa?

– Não – respondeu Summer. Jaxon abanou a cabeça.

– Ah, pronto. Então, estão aqui sentados por que...?

– Estávamos esperando você – repetiu Summer, como se, de alguma forma, eu tivesse dificuldades de compreensão.

Acenei com a cabeça e esfreguei o osso do nariz. Ardiam-me os olhos, tinha a cabeça latejando e o meu pescoço era um nó de tensão por ter passado demasiado tempo em frente ao computador e dormido muito pouco na noite anterior.

Jaxon acotovelou Summer como que para lhe recordar o motivo pelo qual ali se encontravam.

– Meu pai disse que tínhamos de vir agradecer – explicou ela.

– Disse?

– Disse que tínhamos de agradecer por teres cuidado de nós no sábado e ontem. Disse também que tínhamos de te fazer um desenho.

– Do espaço entre eles, sob o edredom, Jaxon tirou uma folha de papel A4 ligeiramente amarrotada. Estava rígida devido ao fato de a tinta que ele tinha utilizado ter secado. Tinha pintado uma máquina a vapor. Uma carroçaria e uma chaminé verde-limão com redemoinhos azuis-marinhos a representarem as rodas. No canto, tinha escrito “Ken”.

– Obrigada. – Sorri com admiração ao recebê-lo.

– E este é o meu desenho. – Summer brandiu o seu, mais uma vez retirado de debaixo do edredom. Tinha desenhado uma senhora com uma saia roxa e uma camisola cor de laranja. A mulher tinha um rabo de cavalo louro e grandes olhos castanhos com longas pestanas negras, lábios vermelhos e nariz delicado. Segurava uma mala cor-de-rosa no braço. Summer tinha utilizado lápis de cor carregado com muita força para pintar e cada cor jazia espessa e brilhante na superfície do papel. Na parte de cima da página, tinha escrito, com a sua caligrafia irregular, “Obrigada”.

– Também te agradeço.

– Gostou deles?

– Adorei-os – confessei. Adorei-os sobretudo porque queriam dizer que Kyle tinha passado tempo com os filhos fazendo aquilo. Tinha se recomposto e dado mais importância aos filhos do que a si próprio, o que tornava aqueles desenhos ainda mais bonitos. – Vou colocá-los na geladeira para vê-los todos os dias, está bem?

Ambos acenaram com a cabeça.

– Meu pai disse que tínhamos também de comprar um presente para você – declarou Summer. Jaxon pegou um pacote de marshmallows. – O Jaxon disse ao papai que tínhamos de comprar marshmallows, porque você os come no café da manhã – explicou ela.

– Não gostas de chocolate – balbuciou Jaxon com uma voz abafada.

Por acaso, até gostava, mas o meu discurso sobre os marshmallows tinha nitidamente anulado todos os doces restantes na sua cabeça.

– Meu pai disse que todas as mulheres do país, do reino e do universo inteiro gostam de chocolate, mas comprou marshmallows. Você gosta?

Recebendo-os de Jaxon, segurei-os. O pacote tinha sido aquecido pelo tempo que passara junto aos corpos deles, sob o edredom. A sua embalagem de celofane crepitou nas minhas mãos, com os cilindros de açúcar brancos e cor-de-rosa a darem facilmente de si sob os meus dedos.

– Gosto muito. Aliás, adoro. Obrigada por terem sido tão atenciosos.

– De nada. Você é nossa amiga – retorquiu Summer.

Jaxon acenou com a cabeça em sinal de acordo. Eu tinha feito grandes progressos com ele sem nem sequer me esforçar. Não era apenas alguém a quem ele queria dar a mão na rua; era sua amiga. Ele gostava de mim, apesar de tentar escondê-lo.

– Então, agora, vão deitar-se, não é? – disse eu, levantando-me ao som das articulações dos joelhos a estalarem.

Jaxon baixou os ombros; Summer revirou os olhos.

– Não podemos ver televisão na sua casa? – perguntou ela. – Só um bocadinho.

– Cinco minutos – apoiou Jaxon.

Eu sabia que estava sendo ludibriada. O pai devia ter-lhes dito que podiam ficar acordados até me agradecerem. Agora, estavam tentando adiar a hora de ir dormir.

– Por mais que isso me agradasse, tenho de recusar o pedido de vocês. Amanhã, têm aula.

– Cinco minutos – implorou Summer.

– Por que não perguntam ao pai de vocês se podem ver televisão na sala? – sugeri. – Vai lá. – Peguei-lhes o edredom e dobrei-o sobre os braços.

Com relutância, levantaram-se, agarrando-se às mantas que lhes envolviam os ombros. Ao virar-me, vi o pai deles em frente à janela. Tinha estado nitidamente atento a eles durante todo o tempo que tinham passado na rua. Ótimo. Era capaz de se comportar de modo responsável. O fim de semana tinha sido, provavelmente, apenas um revés. Claro que assim era. Eles não pareciam maltratados. Ele estava apenas passando por um mau bocado.

Dirigiu-se à porta e abriu-a completamente, pronto para receber os filhos de volta.

– Ela adorou, pai – exclamou Summer, passando por ele para entrar em casa. – A Kendie disse que podemos ver televisão durante cinco minutos. – Seguiu à frente, atravessando a cozinha, com Jaxon no seu encalço.

– Não foi bem isso que eu disse – expliquei a Kyle. Não queria que ele pensasse que eu estava fazendo-me passar por mãe dos seus filhos e a desrespeitar o seu papel.

– Também me pareceu que não – retorquiu.

– Disse que podiam pedir-lhe para ver televisão durante cinco minutos – acrescentei. O ruído de fundo da televisão intensificou-se um pouco.

– Eu sei que sim.

– Ah, aqui tem – declarei e entreguei-lhe o edredom.

Ele pegou e dobrou-o sobre os braços, quase servindo-se dele como escudo.

Ficamos em silêncio durante alguns momentos. Tinha acontecido muita coisa entre nós nos últimos quatro dias e ambos queríamos dizer algo para reconhecer e, depois, enterrar o assunto. Eu tinha a certeza de que, da próxima vez, ele se sairia melhor.

– Pronto, até à vista. – Despedi-me quando ficou claro que nenhum de nós encontrava as palavras certas.

Ele acenou com a cabeça.

Eu dei meia-volta para ir embora. Enquanto atravessava a grama, sentia os seus olhos pousados em mim. Senti-me como se ele estivesse a zelar por mim; tal como se tinha certificado de que os filhos se encontravam em segurança enquanto permaneciam sentados à minha

porta, estava assegurando que eu percorria a curta distância até ao meu apartamento. De fato, preocupava-se.

Quando abri a porta, chamou o meu nome. Virei-me para ele.

Ergueu o queixo num aceno de cabeça. Começamos do zero?, perguntava.

Acenei-lhe também com a cabeça. Começamos do zero.

Panquecas e
toucinho defumado
mergulhados em
xarope de ácer



Oitavo capítulo

– Ohhh, olha, Kendra, uma carta da Austrália – bradou Janene do outro lado do escritório enquanto brandia no ar um envelope branco retangular, como se fizesse sinal para parar um carro com um lenço.

Todos os que se encontravam no escritório – mesmo as duas jovens possíveis trabalhadoras temporárias que tinham chegado sem hora marcada e estavam preenchendo fichas, à espera de serem entrevistadas – pararam e ficaram olhando.

A Office Wonders Lite tinha quatro funcionárias: Gabrielle, eu, Teri, que era uma quarentona mãe de quatro filhos e trabalhava dois dias e meio por semana como consultora-chefe de recrutamento e seleção, e Janene, a nossa assistente administrativa.

Janene era uma moça maldosa de vinte e quatro anos e não fazia questão de esconder o fato de que não gostava de mim. Não intrinsicamente de mim, mas enquanto Kendra Tamale, chefe de recrutamento e seleção de trabalhadores temporários. Considerava que esta vaga devia ser sua, apesar de só trabalhar com Gabrielle há três meses e não possuir qualquer formação na área do recrutamento. Exasperava-a que o cargo tivesse sido praticamente entregue de bandeja a outra pessoa e tinha dito a Gabrielle que estava desiludida com ela por não lhe ter, pelo menos, concedido uma entrevista. Por consequência, nas três semanas que eu tinha estado ali, concentrava-se de forma obsessiva nas miudezas do seu trabalho para retirar algum prazer do fato de levar a melhor sobre mim.

Tratava-se de algo que eu já tinha vivido do outro lado do mundo: alguém que não tinha qualquer poder sobre a sua vida – quer fosse no trabalho ou em casa – assumia o controle sobre as maiores insignificâncias e ficava obcecado

com a tarefa de as executar com o máximo rigor. No caso de Janene, isso consistia em gerir com pulso de ferro as suas obrigações administrativas, entre as quais – aliás, principalmente – a distribuição da correspondência.

Vasculhava o correio, abria tudo o que considerava interessante, picante ou que a ajudaria a saber as novidades no ramo e, depois, alegava ter pensado que se tratava de faturas que tinham de ser regularizadas. Dava pena que sentisse tanto prazer em abrir a correspondência alheia, mas, mesmo assim, eu não iria tolerá-lo. Recordei-lhe que era ilegal abrir o correio de outra pessoa sem a sua autorização expressa e pedi-lhe que não voltasse a fazê-lo quando se tratasse do meu, independentemente do que pensasse ser. Em resposta, fazia isto, gritava de onde vinha o correio. Se tivesse o endereço do remetente, também o gritava.

– Reencaminhada pelo teu antigo escritório, de lá, creio eu – continuou, examinando a carta como se tentasse ler o seu conteúdo. Se estivesse sozinha no escritório, estaria, sem dúvida, na cozinha, debruçada sobre a chaleira, tentando abri-la com o vapor.

– Obrigada, Janene – disse brandamente enquanto o meu coração começava a inquietar-se com o pânico; apenas uma pessoa se daria ao trabalho de me escrever uma carta e pedir aos meus antigos patrões que a reencaminhassem.

Não era, nitidamente, esta a reação que Janene esperava. Atravessou o escritório, desde a sua mesa, pousou a carta de forma flagrante na minha mesa, entre o telefone e o teclado, e ficou parada, de braços cruzados, à minha frente, à espera de que eu a abrisse.

Não lhe dei a mínima atenção. Em vez disso, olhei para as duas trabalhadoras temporárias que tinham voltado a escrever nos seus blocos. A moça branca com o cabelo impecavelmente arrumado atrás em um coque ainda tinha a cabeça baixa, lendo atentamente o seu bloco de notas com mola. A outra moça, que tinha uma pele cor de mogno impecável, enormes olhos castanhos como chocolate e cabelos negros alisados à altura dos ombros, estava olhando para cima, sorrindo. Tinha, obviamente, terminado o teste de ortografia.

Fingindo não estar desesperada por saber se estava certa quanto à carta e, ao mesmo, com pavor de saber se estava certa quanto à carta,

levantei-me.

– Já acabou? – perguntei à trabalhadora temporária. Ela acenou com a cabeça.

Passando por Janene, que emanava frustração por eu não ter alinhado no seu jogo, dirigi-me à candidata. Ao pegar no bloco de notas com mola, percebi que as minhas mãos estavam a tremer. É dele, você sabe que é. Examinando o bloco, sorri.

– Kathleen, acertou em todas as questões do teste de ortografia. Acho que é a primeira vez que acontece. Se fizer o favor de me seguir, preparo-lhe um teste de informática. Não é difícil, precisamos apenas de ter uma ideia dos programas que conhece – indiquei-lhe o caminho através da arcada e pelo corredor, até à sala de informática, falando ao longo de todo o percurso.

Mantive-me ocupada com as duas candidatas durante a hora e meia que se seguiu. Falei com elas, submeti-as a testes, entrevistei-as e, depois, verifiquei se tinha algo adequado para elas. Durante todo esse tempo, ignorava ativamente a carta que me queimava, abrindo-lhe um buraco junto ao telefone.

Algumas horas depois, fiquei sozinha no escritório. As outras três tinham saído para almoçar e eu fiquei encarregada de atender os telefonemas. Finalmente, peguei na carta. Olhei para ela. O endereço inicial tinha sido apagado com corretor, mas o nome “Kendra Tamale” estava escrito com a caligrafia original. Era a caligrafia dele. Uma letra fina, mas cheia. Respire, disse a mim mesma. Inspire, expire. Respire.

A porta emitiu ruído ao ser aberta para dentro e o coração subiu-me à garganta. Gabrielle entrou quase saltando. Escondi a carta bruscamente, debaixo da mesa, na escuridão onde era o seu lugar.

– Se alguma vez vi alguém com ar de culpa, foi agora – afirmou Gabrielle, despindo o casaco verde e sentando-se à sua mesa.

– Provavelmente, tem razão – retorqui. – Fui criada como católica, pelo que a culpa está arreigada na própria essência do meu ser. – Curvei-me debaixo da mesa, coloquei a carta entre as páginas do meu diário e fechei-o com cuidado.

– De quem era a carta? – perguntou Gabrielle, retirando a tampa de plástico da sua sopa. Era de um vermelho vivo e o mais pungente dos aromas a tomate e cebola, que invadiu o escritório.

– Não a abri, portanto, não sei dizer ao certo – respondi.

Ela mexeu a sopa com a colher, agitando os odores.

– Por que você deixou a Austrália? – perguntou Gabrielle.

Olhei pela janela atrás da cabeça dela e contemplei o céu. Estava absolutamente lindo. Lindo e azul, delicadamente raiado de nuvens brancas. Apetecia-me pular de nuvem em nuvem, sentir-me afundar na suavidade, sentir o seu abraço tranquilizante. Era uma sonhadora.

– Por que perguntas? – repliquei.

– Quando contatei você por e-mail e pedi para que voltasse, pensei que me mandaria passear. Cinco semanas depois, você regressou. Estou contente por estar aqui, não me interprete mal, mas, sabe... Por que voltou da Austrália?

Uma corrente de tensão subiu-me pelo pescoço, instalou-se na base do meu crânio, desferiu-me golpes na suave e delicada zona à esquerda. Precipitou-se para a frente e acumulou-se densamente atrás do meu olho direito.

Virei a cabeça para a esquerda e para a direita, tentando alongar os tendões, tentando recompor-me.

– Para ser sincera, Gabrielle, não quero falar nisso – confessei. – Basta estar de volta, não é?

Levou sopa à boca com a funda colher de plástico e engoliu.

– Como se chama ele? – interrogou.

Exerci pressão sobre o olho com a palma da mão, tentando repelir o martelar que sentia na cabeça. Virei a cabeça de um lado para o outro. Queria alívio. Precisava de um alívio deste tormento.

– Que parte de “não quero falar nisso” você não compreendeu? – disse calmamente a Gabrielle.

– Suponho que praticamente tudo – respondeu Gabrielle, baixando a cabeça e concentrando-se na sua sopa.

Para Gabrielle, eu estava sendo obstrutiva. Reticente. Sem motivo nenhum. Nós éramos amigas, não éramos? Conhecíamos-nos há dez anos. Por que eu não haveria de lhe contar os meus segredos?

Partilhar as verdades da minha partida das costas antípodas. Ela não sabia que eu não podia contar-lhe porque isso a faria odiar-me. Passaria a me ter em muito menor consideração e eu não precisava disso numa pessoa que via todos os dias.

Não precisava ver a expressão de aversão, nem de ouvir o sermão sobre como tinha sido estúpida. Eu sabia, sabia tudo, mas os sentimentos não são como os pensamentos, não podem ser alterados a nosso bel-prazer. Eu tinha me esforçado. Tinha me esforçado muito, imensas vezes. E continuava a acontecer. Ainda o sentia. No mais fundo do meu coração, na minha alma, quando acordava de manhã, quando ia dormir à noite, continuava a fazê-lo. Continuava apaixonada por um homem casado.

– Toma, fica com isto – disse Gabrielle, rabiscando numa folha adesiva amarela. Estendeu-a por cima da sua escrivaninha e eu levantei-me, fui buscá-la e, em seguida, empoleirei-me à beira desta enquanto a lia. O nome “Mike Stein”, respectivo número de telefone e endereço, que ficava em Rochester, na outra ponta de Kent, estavam rabiscados no pequeno quadrado amarelo.

– Quem é Mike Stein e por que me deu o número de telefone dele?

Apontou-me para a cabeça.

– Pela forma como tem rodado os ombros, mexido a cabeça e piscado os olhos, deduzo que sintas uma dor no pescoço. – Deixou passar um instante e ambas evitamos olhar para a secretária de Janene. – Ele é quiropata. Conseguirá voltar a pôr o pescoço na posição correta. Acredito que você se sentirá muito melhor depois de o consultar. Curará o que quer que a aflija.

Não era um quiropata que curaria o que me afligia. Duvidava que alguém conseguisse fazê-lo.

Gabrielle observou-me daquela maneira muito própria. Tal como Jaxon, também ela tinha uma maneira de olhar os outros, de os levar a pensar que sabia tudo o que lhes ia na cabeça, que o seu coração e o seu pensamento eram transparentes e tudo o que tinham cuidadosamente enterrado estava escrito em letras garrafais. – Vai lá. Se não gostar dele, pode ir em outro.

- Há um quiropata ao fundo da rua. Por que haveria de ir à outra ponta de Kent para consultar este?
- Se falar em meu nome, ele faz um desconto.
- Sêrio?
- Não! Vá ao raio do quiropata, Kennie. Não quero que você sofra quando não há necessidade disso.
- Parece-me mais que você não quer que eu faça queixa por questões de saúde e segurança.
- Também. E, para mostrar que sou uma patroa excepcional, deixo-a tirar a tarde de folga para ir consultar o mais lindo quiropata do Reino Unido.

Evangeline, uma amiga minha, tinha acabado de ver o seu argumento ser aceito por uma empresa cinematográfica e ia pagar uns copos para comemorar, no centro de Sydney.

Tínhamo-nos conhecido há vários anos, na Inglaterra, antes de ela regressar a Sydney, a sua terra natal, e eu queria apoiá-la, e tinha me esforçado a ir – apesar de só conhecer Evangeline, o marido e outra pessoa.

Enchi-me de coragem ao subir as escadas do bar, endireitei os ombros, estampeei um sorriso no rosto e entrei na sala. Uma moderada ansiedade palpitava no espaço entre o meu coração e o estômago, as palmas das minhas mãos suavam ligeiramente enquanto perscrutava a sala escurecida, procurando Carrie, a única mulher que conhecia. Vi-a, sentada na fila de sofás, rodeada de gente. Passei por entre as pessoas que bebiam ao balcão e dirigi-me a ela. Cumprimentou-me com um sorriso, mas estava no meio de uma conversa, pelo que apenas se afastou para eu poder sentar-me. Esse ato de chegar o bumbum um pouco para a direita e não para a esquerda foi um momento que mudou a minha vida. Evidentemente, não tive essa percepção. Limitei-me a sentar-me e a esperar que ela terminasse a conversa.

minha direita, estava sentado um grupo de pessoas, embrenhadas numa conversa. O homem que se encontrava ao meu lado pairava mentalmente no limite da conversa, com o corpo ligeiramente voltado na direção delas, mas os olhos concentrados noutro ponto. Estava ausente.

- Não faz ideia do que estão falando, não é? – disse-lhe.
- Piscou os olhos e virou-se para mim.*

– É assim tão óbvio? – perguntou. Era britânico e tinha uma clara e acentuada pronúncia londrina. Por um momento, fui transportada para a minha terra, do outro lado do mundo.

– É e eu vou delatá-lo. – Isto não era habitual em mim. Costumava ser muito tímida, sobretudo com pessoas que não conhecia, mas tinha decidido que, para evitar sentir que a fuga do meu país natal tinha sido um fracasso, tinha de falar com alguém. Como Carrie já estava ocupada, aquele homem teria de servir.

– Chamo-me Will – informou e estendeu a mão. – Acho que é melhor saber o meu nome antes de destruir a minha reputação.

Segurei-lhe na mão, sorri e apertei.

– Kendra – retorqui. – A maioria das pessoas me trata por Kennie, mas, como estou prestes a desmascará-lo, deverá ocorrer nomes alternativos para me chamar.

– Não, não, não quero recorrer ao insulto. Aceitarei o meu castigo como um homem.

– Como? Confuso, recolhe-se na sua concha e, depois, vai meter-se com alguém menor do que você para se sentir melhor?

Ele riu bem alto e a sua gargalhada intensa, que lhe sacudiu o peito e lhe iluminou os olhos castanhos, também me fez rir. Passamos as horas que se seguiram a conversar, a rir, a gozar um com o outro de forma impiedosa e nada. Nem uma palpitação, nem um vazio no estômago, nem um único pensamento “naquele” sentido. Quando ele foi embora – vivia bastante longe, nos arredores de Sydney –, despediu-se das pessoas do grupo que tínhamos praticamente ignorado e, depois, virou-se para mim e disse:

– Agradeço imensamente por não ter me entregue, Kendie. Jamais esquecerei.

– Não de preocupe, Willie. Até à vista.

– Até à vista.

E pronto. Tinha ido embora. Não trocamos números de telefone, não pagamos nenhuma bebida um ao outro e muito menos namoramos. Já nem me lembrava da sua cara até voltar a vê-lo. Falei com mais três pessoas e fui para casa, sentindo-me extasiada por ter conseguido conversar. Na noite em que conheci Will, ele nem sequer permaneceu muito tempo no meu pensamento depois de se ter ido embora.

Não sabia que, por vezes, era assim que acontecia quando conhecíamos a pessoa por quem viríamos nos apaixonar.

Com Gabrielle ouvindo, telefonei e marquei uma consulta no quiropata que ela tinha me indicado para o fim da tarde. A recepcionista disse que alguém tinha desmarcado e que ele podia fazer um encaixe. Ainda sob o olhar atento de Gabrielle, levantei-me às quinze horas, vesti o casaco e saí.

– Mande a ele meus cumprimentos – exclamou enquanto eu descia as escadas com bastante mau humor.

Nono capítulo

Não fui ao quiropata. Claro que não fui. Esperei até chegar ao fundo da Rua Principal de Brockingham e telefonei para desmarcar a consulta.

Devia ter feito maravilhas à coluna de Gabrielle – ela tinha uma excelente postura – e ela devia estar certa quanto ao fato de ele ser lindo, mas nenhuma dessas coisas iria apagar os últimos dois anos da minha vida. Ele não iria fazer desaparecer a culpa e o arrependimento que eu sentia, quer estivesse acordada ou dormindo. Não iria corrigir a minha coluna e proporcionar-me alguma paz, desprender todas as lembranças de Will que estavam fundidas ao meu corpo.

Em vez disso, decidi empregar o tempo magistralmente. Efetuei o percurso de quarenta e cinco minutos a pé até em casa, esperando que o exercício me relaxasse os músculos das costas. Assim que chegasse em casa, ia tomar um banho quente cheio de espuma, encher o meu saco de água quente para fins terapêuticos, tomar uns comprimidos de paracetamol e, depois, deitar-me.

Ao aproximar-me do número trinta e quatro, vi-a.

Ela, a vizinha de olhos pouco amáveis, boquinha maldosa e sobrelanceiras maltratadas. Aquela que – no fim – tinha me dado as chaves do apartamento quando me mudei, estava em frente à sua lustrosa porta azul da rua, rodando as chaves das suas variadas fechaduras. Era possível que se encaminhasse à minha direção e, se assim fosse, não haveria maneira de a evitar. Teria de me dirigir a ela, de a cumprimentar. Estes tipos de situações punham-me nervosa. Mesmo que fosse apenas um aceno de cabeça, não me apetecia enveredar por esse caminho. Poderia levar a uma conversa. O horror

de tal hipótese, com alguém que, logo à partida, não tinha sido muito amável, provocou-me suores frios. Era de admirar a profissão que eu exercia. Tinha de sair e procurar oportunidades de negócio, localizar e entrevistar pessoas. Quanto a isso, tudo bem. Mais do que bem. Quando se tratava de trabalho, conseguia concentrar-me no alvo da conversa. Já quando se tratava de conversas de ocasião, de falar com pessoas que não conhecia e, sobretudo, com aquelas que deixavam bem claro que não simpatizavam muito comigo... Comecei a sentir formigueiros na parte debaixo dos braços e estava prestes a começar a suar copiosamente.

– Não! Não Faço Isso! – retumbou no ar quando passei pela janela da frente da casa dos Gadsborough, apagando todos os pensamentos e preocupações em interpelar a vizinha. Inquieta com a intensidade e a violência do grito, olhei para a janela.

A vizinha, que também tinha ouvido, passou por mim, bamboleando-se, olhou de relance para a casa, virou-se para mim, levantou a sobrancelha excessivamente arranjada e abanou a cabeça ao contorcer o semblante numa expressão que queria dizer: “Não era tão grave até você chegar”.

Apanhada de surpresa, não tive tempo para lhe responder com uma expressão que lhe transmitisse: “A culpa não é minha”. Tentei, virei a cabeça e estiquei o pescoço, mas ela estava longe demais e não se voltou para trás.

– Você Não Pode Me Obrigiar! – bradou Summer, pela janela. A vizinha levantou mais a mala no ombro e abanou a cabeça ainda com maior firmeza.

Não tenho nada a ver com isto!, quase gritei à vizinha.

Ótimo. Agora, ia dizer mal de mim. Já estava imaginando – o volumoso cabelo de merengue a oscilar, a boca enrugada a tremer e os cruéis olhinhos arregalados de indignação – na loja do bairro, regalando as pessoas ao contar-lhes que as crianças tinham ficado fora de controle desde que a mãe partira e aquela inquilina se mudara lá para casa. “Aquela moça de cor tinha passaporte britânico, mas, hoje em dia, nunca se sabe, não é?”, acrescentaria provavelmente, suscitando acenos de cabeça na sua assembleia de bruxas. “Dizia, no outro dia, no jornal, que essas moças vêm para cá, obtêm

passaportes e, depois, arranjam emprego como au pairs. Decerto, aquele pobre Kyle não teve juízo para mais. Ela mostrou-se extremamente cautelosa quando lhe perguntei de onde vinha e onde trabalhava. Nem deve saber falar inglês. Pobres crianças.”

Maldito sentido de oportunidade. Era o que eu ganhava em faltar ao trabalho e não ter ido ao quiropata. Nas duas últimas semanas, tinha conseguido evitar a família para lhes dar espaço para respirar, deixá-los readaptar-se à vida sem a mãe. Como as crianças não tinham ido ao meu apartamento nem telefonado, apesar de eu lhes ter dado o meu número para que o fizessem se alguma vez precisassem de mim – tinha apenas recebido um bilhete passado por baixo da porta informando-me que iam passar o fim de semana anterior fora – eu tinha partido do princípio de que tudo estava correndo bem. A adaptação estava dando certo, a vida deles estava regressando à normalidade. Agora, porém, a minha reputação estava debaixo de fogo. Pior ainda: eu sabia que a minha reputação estava debaixo de fogo. Se não soubesse que era mais do que provável que a vizinha andava espalhando boatos a meu respeito, continuaria à vontade, alheia a tudo. Mas agora... Percorri o caminho em frente à casa e toquei à campainha.

O toque ecoou pela casa.

– Não Atenda, Papai! – gritou Summer. – Eu Disse Para Não Atender! – continuou a bradar enquanto a figura alta e insinuante de Kyle vinha na minha direção, no vidro colorido e sarapintado da porta da rua. Abriu a porta e agarrou-a com uma das mãos para a impedir de se escancarar.

A sua linha de visão assentou em mim e, depois, suspirou um pouco ao dizer:

– Olá.

Não ficou satisfeito nem irritado. Quando muito, recebeu-me com indiferença. Era evidente que tinha coisas mais importantes em que pensar.

– Olá – retorqui. – Estava de passagem e... está tudo bem? – perguntei, percebendo-me, de repente, que esta minha atitude podia ser vista como uma nova crítica da minha parte às capacidades de Kyle como pai, como um gesto de reprovação.

– Oh, está tudo ótimo. Está apenas na hora do ataque do costume da Summer – explicou com naturalidade. A sua linguagem corporal era tudo, menos natural. Cada tendão dos seus braços musculosos, deixados descobertos pela camiseta azul, estava fletido quando abriu a porta, fazendo com que os códigos de barras que tinha tatuados na parte superior de cada um dos bíceps parecessem estar afastados da pele. Tinha também os músculos do pescoço tensos e um nervo na fonte a palpitar rapidamente. A sua pele estava pálida e pegajosa, com a sombra de um franzir de sobrancelhas a enrugar-lhe a testa e a zona em torno dos olhos. Estava com pior aspecto do que quando de ressaca. – Recusa-se a jantar, quer entreter-se com os brinquedos, não ouve uma única palavra do que eu digo, tem um acesso quando lhe peço para arrumar os brinquedos. Como já disse, o costume.

– Quer que eu tente? Talvez uma terceira pessoa retire o drama da situação – eu falava num tom de voz baixo e arrependido; não queria colocar mais lenha na fogueira.

Ele encostou a cabeça ao aro da porta, enquanto o corpo suspirou em sinal de resignação.

– Visto que falta pouco para eu me trancar no banheiro a dar murros nas paredes, neste momento, Kendra, estou disposto a experimentar qualquer coisa. Portanto... – Afastou-se e fez um gesto largo com a mão, apontando para a sala do outro lado das escadas, aquela em que eu ainda não tinha estado. – Esteja à vontade.

Entrei e dirigi-me à porta da outra sala de estar. O meu olhar incidiu primeiramente sobre Jaxon, que estava ao fundo, no canto à esquerda da sala, meio sentado, meio deitado no chão revestido de um tapete azul. À sua volta, estava a grande forma oval de uma linha de comboios e ele deslocava um com cinco carruagens atrás de uma máquina a vapor grená com rebordos dourados. Usava um pijama do Super-Homem que lhe assentava muito melhor do que o do Homem-Aranha. Rodeava-o uma redoma de calma que o protegia do resto da sala, a qual se encontrava num aterrador estado de caos. Um caos dominado por Summer Gadsborough.

Ela estava no meio da sala. As pernas, cobertas por umas calças de moletom azuis sob uns calções cor-de-rosa, estavam bem abertas. Os

braços, da cor da opala escura, eram deixados descobertos pela camiseta vermelha com um unicórnio amarelo à frente e os punhos estavam cerrados e pousados nos lábios. Na cabeça, uma tiara, tinha uma máscara almofadada e sedosa para os olhos, num turbilhão de cor vermelha, azul, amarela, verde e cor de laranja ao estilo de Pucci. Tinha o rosto cheio de raiva cega, os olhos arregalados e determinados, os dentes cerrados por trás da boca comprimida. Era uma expressão que devia ter herdado ou imitado de um adulto. Tinha-a decorado muito bem, adaptado e aperfeiçoado para os seus fins e o seu fim atual era aterrorizar a sala de brincar.

O seu reino tinha sido criado ao acaso, mas com determinação. Num dia normal, a parede do fundo tinha, cerca de trinta centímetros acima do chão, uma baixa fila de assentos fabricados a partir de uma madeira de cor clara com a parte de cima almofadada e revestida a pele azul-marinha. Embutido na estrutura, estava um conjunto de gavetas para guardar os brinquedos das crianças.

Este não era um dia normal. Todas as gavetas estavam abertas, algumas precariamente penduradas à beira das suas estruturas de madeira, outras completamente retiradas e pousadas no chão, viradas para cima. Todas tinham sido esvaziadas e os brinquedos – jogos eletrônicos portáteis, bonecos de pelúcia, jogos de tabuleiro, livros, canetas, papéis, desenhos, brinquedos de madeira de cores vivas, quebra-cabeças, roupas do baú de fantasias de Summer, maquiagem, pedaços brilhantes de tecido, comboios, blocos de construção, carros e bolas – estavam espalhados por toda a sala. Nenhum deles parecia ter sido colocado na posição em que se encontrava; muito provavelmente, cada um deles tinha sido atirado, largado ou chutado.

– Olá, meninos – exclamei com cautela.

Jaxon deixou de observar o andamento do seu comboio, fixou os grandes olhos verdes marinhos em mim, presenteou-me com um pequeno e tímido sorriso que o fez abrir a boca o suficiente para mostrar que lhe faltava um dente da frente, em baixo. Foi, decididamente, o maior sorriso que já me tinha dirigido desde que nos conhecíamos. Reconfortou-me desde a parte de cima da cabeça até às plantas dos pés, elevou-me o coração. Retribuí-lhe o largo sorriso,

satisfeita por ele estar a demonstrar, de uma maneira quase insignificante, que gostava de mim. Assustei-o; era demasiado e ele baixou a cabeça e continuou a deslocar o seu comboio pela respectiva linha.

A irmã, pelo contrário, nada disse, não reagiu. Quando deu por mim, a sua expressão vacilou por uma fração de segundo: queria sorrir, cumprimentar-me, render-se à nossa amizade, mas estava empenhada em ser um terror, estava acomodada no acesso de fúria e ninguém a faria abdicar disso. Ouvi Kyle fechar a porta da rua e, depois, entrou na sala, atrás de mim. Esta movimentação foi um sinal de perigo para a menina de seis anos e a névoa de raiva voltou a se instalar nos olhos, no rosto, em todo o corpo. Era evidente que o pai era a origem e o alvo primordial da sua raiva. Tinha-a tratado injustamente e ela estava a marcar uma posição.

– Summer – disse Kyle por entre os dentes cerrados, com a voz tão forçadamente calma que era evidente que estava muito perto de atingir o seu limite. Saltavam faíscas entre eles; era uma guerra total. – Por favor, arrume esta sala. Ou, então, vem acabar de jantar. Uma coisa ou outra. Por favor.

– Nããããão! – gritou ela, dobrando todo o corpo para a frente para conseguir proferir a palavra com uma intensidade que fez com que eu, Jaxon e Kyle recuássemos um pouco.

– Arrume... a sala.

Jaxon travou o andamento do seu comboio pela respectiva linha e fez menção de se levantar.

– Não, Jaxon, não é você que tem de o fazer – afirmou Kyle, detectando claramente a tentativa do filho de pôr fim ao conflito. – Foi Summer que causou esta desordem e é Summer que vai arrumar tudo. – Jaxon voltou a sentar-se e a entreter-se com o seu comboio. Ainda não tinha idade para fazer uso das suas capacidades diplomáticas.

Essa devia ser a minha função, já que tinha me oferecido para a desempenhar.

– Vá lá, Summer, ouve o que o seu pai te diz – persuadi-a.

Lenta e perigosa, virou a cabeça na minha direção; os seus olhos ardentes lançaram-me um olhar venenoso.

– Você não pode me dar ordens. Não é a minha mãe – declarou, revestindo-se as suas palavras de triunfo. Esta era a arma suprema de que uma criança dispunha contra uma intrusa: recordar-lhe que não era ali o seu lugar. Se fosse uma adolescente, teria me mandado fazer algo sexualmente desagradável comigo mesma ou com um objeto inanimado.

O ambiente se tornou denso; tanto Jaxon como Kyle ficaram a olhar para mim, perguntando-se quão profundamente as palavras dela teriam me magoado, qual seria a minha reação.

A minha reação consistiu em fixar o meu olhar no de Summer e, depois, esboçar um sorriso. Um pequeno sorriso de reconhecimento. Eu sabia. Ela tinha apenas seis anos, mas eu sabia o que estava passando e como lidar com isso. Summer necessitava de compreensão. Não precisava de alguém que lhe gritasse ou ralhasse, mas sim de alguém que comunicasse com ela a partir de uma base de compreensão. Eu compreendia-a.

– Você tem razão, não sou a sua mãe – retorqui calmamente – e, dentro de cerca de oito minutos, você vai desejar mais do que tudo que o fosse.

Por trás dos seus olhos verdes marinhos, vi as engrenagens a girarem, perguntando-se o que queria eu dizer.

– Volto já – disse e dei meia-volta. Largando a mala no primeiro degrau das escadas, percorri o corredor, entrei na cozinha, comecei a abrir armários e gavetas até encontrar aquilo que procurava. Depois, dirigi-me novamente à sala de brincar e tornei a entrar com as mãos atrás das costas, escondendo o que tinha ido buscar.

– Então, Summer, quer saber por que você vai desejar que eu fosse a sua mãe dentro de pouco menos de oito minutos?

Ela fitou-me, provocadora, mas curiosa: os seus olhos queriam saber o motivo, apesar de a sua boca recusar verbalizá-lo.

– Porque, dentro de cerca de três minutos, vou usar isto. – Brandi o que tinha achado na cozinha: um rolo de sacos grandes de lixo. – Sabe, conheço muitas crianças que adorariam ter estas coisas – afirmei, indicando o mar de brinquedos e objetos de diversão que ela tinha aos seus pés. – Não têm brinquedos e, mesmo que tenham, não se

comparam a estes. Ora, se eu fosse a sua mamãe, nem me passaria pela cabeça dar todas estas coisas, pois teria passado horas infindáveis a trabalhar, ganhando dinheiro para comprá-las. Ela lembraria de quanto tudo custou. Também se lembraria de quanto você gostava de brincar com esse conjunto de bonecas de madeira. – Apontei para o conjunto de bonecas russas pintadas com cores vivas que jaziam, separadas, no chão, junto ao seu pé. – E a sua mamãe lembraria de como você costumava dormir com aquela boneca de trapos e de como ficava com um ar amoroso, toda aconchegadinha junto a ela. – Apontei para a boneca verde e cor-de-rosa em mau estado, com cabelo de lã preta e à qual faltava um olho, que estava estendida debaixo da janela. – Lembraria ainda de quanto você gostava de ler aquele livro antes de subir para tomar banho, apesar de ambas fingirem que já não era para a sua idade e que era ela quem queria ouvir a história. – Apontei para o livro de poesias infantis que tinha sido nitidamente arremessado contra a parede, junto à porta, e caído, aberto, no chão. – Como não sou a sua mãe, não sei todas essas coisas. Estes brinquedos nada significam para mim e não sei o que significam para você. Não sei nem quero saber quanto custam. Sei apenas que se trata de um belo monte de objetos que muitas outras crianças dariam valor e que, provavelmente, manteriam bem arrumados. Portanto, Summer, demorei dois minutos a explicar tudo isto, logo, dentro de cerca de um minuto (o tempo necessário para contar até sessenta), vou pôr-me de cócoras e começar a ensacar todas estas coisas. Obviamente, se estiverem bem arrumadas e guardadas, não poderei fazê-lo, mas, como você disse que não sou a sua mamãe, não posso dar ordens, não vou pedir a você que as arrume. Vou apenas contar até sessenta e, depois, começar a encher os meus sacos. De uma maneira ou de outra, creio que, dentro de menos de seis minutos, este chão vai ficar livre de qualquer brinquedo.

Enquanto eu falava, os olhos de Summer ficavam cada vez mais arregalados. Não sabia se estava brincando com ela, tentando aborrecê-la de outra forma, ou falando sério.

– E não se preocupe, não vou contar em voz alta, nem olhar para o relógio. Não quero colocá-la sob pressão. Vou apenas contar

mentalmente e, depois, começar a ensacar, está bem?

Summer olhou para o pai. Estava junto à porta, encostado ao aro da mesma, e era evidente que não ia intervir. O olhar dela precipitou-se na direção do irmão, que estava também vendo o desenrolar da cena.

– Os brinquedos também são do Jaxon – informou-me.

– Eu sei. – Encolhi os ombros. – A sua mamãe se importaria com isso. A sua mamãe se preocuparia que Jaxon se zangasse com você por ter feito com que lhe levassem todos os brinquedos, mas eu não. Não sou como a sua mamãe. – Desenrolei os sacos pretos de lixo que segurava e destaquei um, com o som a repercutir-se no silêncio tenso da sala.

Em resposta, Summer pôs-se de joelhos, começou a recolher os seus brinquedos, agarrando tudo o que podia com um braço, enquanto tentava endireitar a gaveta mais próxima de si. Depois de estar em pé, atirou-lhe objetos para dentro. Movia-se à velocidade de um relâmpago, com a sua máscara para os olhos a oscilar-lhe na cabeça enquanto trabalhava, sendo o seu rosto o espelho da ansiedade. Apanhava, atirava e arrumava com uma energia fervorosa que era cansativa de ver. Dentro dos oito minutos previstos, o chão ficou desimpedido e Summer sem fôlego. Pôs-se em pé com esforço, com a máscara para os olhos de lado, na cabeça, e o rosto dominado por um sorriso.

Eu sorri-lhe também.

– Muito bem, Summer. Estou muito orgulhosa de você – disse eu. – Arrumou tudo perfeitamente, você é uma linda menina. – Abri os braços. – Tenho direito a um abraço para mostrar que ainda somos amigas? – Dirigiu-se a mim, envolveu-me com os braços e apertou-me. Com força e firmeza. Toda a gratidão que sentia foi expressa naquele abraço. Estava a agradecer-me por tê-la feito calar sem um concurso de gritos. Ela e o pai tinham chegado a um impasse: nenhum deles podia abandonar aquele jogo de poder sem perder a face. Ela era o gênero de menina que queria vencer, que faria quase tudo para vencer, mas que queria também que as pessoas gostassem dela.

Queria tomar a atitude acertada, mas era difícil. Endireitei-lhe a máscara para os olhos e, depois, curvei-me e beijei-lhe a cabeça.

– Você vai jantar? – perguntei-lhe. Sem hesitação, acenou com a cabeça junto ao meu plexo solar. – Então, vai lá.

Afastou-se de mim e, depois, dirigiu-se à cozinha. Jaxon levantou-se e seguiu-a. Eu agarrei-o quando saía pela porta, abracei-o e dei-lhe também um beijo. Depois de saírem, expirei. A tensão esvaiu-se dos meus músculos como areia a escorrer numa ampulheta. Em escassos segundos, quase me senti fraca de tanto alívio. A todo o momento, tinha estado à espera de que rebentasse a Quarta Guerra Mundial, de que ela me atirasse um brinquedo à cabeça e tivesse um acesso de fúria no chão; estava preparada para o derramamento de sangue.

Virei-me para Kyle, que estava a me olhar com um misto de admiração e surpresa.

– Enfrentou a Summer – afirmou ele e assobiou. – É mais corajosa do que eu.

– Ela é aterradora – retorqui. Coloquei a mão sobre o meu coração acelerado para abrandá-lo. – Estive sempre à espera de que ela perdesse o controle por completo. Nesse caso, não sei o que teria feito. Imagino que a sua mulher era quem lidava com isto?

Kyle piscou os olhos com uma súbita fúria e, por alguma razão, vergonha, encolheu parcialmente os ombros de uma forma cautelosa e, em seguida, respondeu enigmaticamente:

– Algo do gênero.

Que coisa tão estúpida para se dizer, não foi, Kendra?, pensei. Sempre que fala com a mulher, acaba em discussão. Embriagou-se até entrar em coma por causa ela. Então, o que você faz? Fala dela.

– A Summer nem sempre foi assim – explicou ele, ainda atolado no inferno em que se tinha instalado na vida deles desde que a senhora Gadsborough partira. – Bem, pelo menos, não comigo. Nem todos os dias. Era vivaz, mas não... – Terminou assim a frase. Não tinha palavras para descrever aquilo em que Summer tinha se transformado. – E o Jaxon não era tão calado, tão brando. Era como qualquer outro menino da sua idade. Sempre correndo de um lado para o outro, jogando, falando. Agora, só faz... pouca coisa.

– Ah – exclamei. Ou a separação da mãe os tinha deixado assim ou, como era bastante possível, Kyle não era um pai suficientemente presente para saber como os seus filhos eram sempre. Era bem provável que só estava com eles antes de irem dormir, antes das aulas ou aos fins de semana. Provavelmente, não estava presente para assistir àquela hora de descontrole ou para ver o filho recolher-se num mundo só seu. Era possível, ou melhor, provável que Kyle não soubesse, de todo, como eram os seus filhos.

– Quer ficar para jantar? – interrogou. – Sobrou muita comida. É apenas massa e salada, mas, apesar do comportamento da Summer, é comestível.

Sorri a Kyle.

– Adoraria. Obrigada – respondi. Sim, eu tencionava manter a distância, mas eles precisavam de ajuda. Isso tinha se tornado evidente na forma desesperada e desamparada como Summer me tinha abraçado, na expressão acolhedora dos olhos de Jaxon enquanto conseguia dirigir-me um sorriso ligeiramente mais largo, no tom de desorientação que tinha dominado a voz de Kyle. Eu não sabia se era a pessoa indicada para lhes prestar essa ajuda, mas, pelo menos, tinha de tentar.

Décimo capítulo

Existem muitas coisas que me causam inquietação: pessoas que são sempre simpáticas (um sinal de raiva reprimida); aquelas que acreditam que o pepino não tem gosto de nada (por acaso, até tem e é obra do diabo); pessoas que utilizam a expressão “politicamente correto” como se tivesse algum significado; o meu telefone tocando depois da meia-noite e antes das sete da manhã.

Quando o telefone do meu apartamento começou a tocar mesmo quando eu estava de saída para o trabalho, os meus olhos dirigiram-se ao relógio de parede da cozinha: 6h30.

Soube imediatamente que eram as crianças. Oh, meu Deus, o que aconteceu agora? Tinha-lhes dado o meu número de telefone para que me ligassem se tivessem algum problema ou se o pai tivesse... Caí sobre o telefone, quase o arranquei do gancho e, de modo assustado e desesperado, disse:

- Alô?
- É o Jaxon – informou, com uma voz fraca e hesitante.
- O que aconteceu? – interoguei, em vez de o cumprimentar de uma forma tranquilizadora.
- Nada.
- Ah – exclamei. – Bem, é muita gentileza da sua parte me telefonar. Como você está?
- Estou bem – respondeu e, depois, deteve-se, esperando que eu dissesse alguma coisa.
- Ótimo. E como está a sua irmã?
- Está bem – replicou.
- Ó, ótimo. E como está o seu pai?

– Está bem.

– Ótimo.

– *Você não perguntou pelo Garvo – disse Jaxon, com um tom de acusação e desilusão na voz. Garvo? Nunca tinha ouvido falar em Garvo. Eles não tinham animais de estimação. Não tinham amigos que eu tivesse conhecido ou aos quais tivessem feito referência.*

– Ah, desculpa, como está o Garvo?

– *Está bem. Não gostou do café da manhã. Papai fez torradas. – Garvo tinha ido tomar o café da manhã? A curiosidade era cada vez maior. – Ele não gosta das torradas do papai. Ficam sempre queimadas nas bordas. As torradas da mamãe são boas. O Garvo gosta mais delas. – Quatro frases inteiras e espontaneamente proferidas por Jaxon. Quatro. Fiquei tão espantada que não sabia o que dizer. – A Summer quer falar com você – comunicou. Voltei a olhar para o relógio. Se não saísse dentro de cinco minutos, perderia o ônibus e, depois, ficaria retida no trânsito da hora do rush. Não chegaria atrasada ao trabalho, mas, de acordo com os meus critérios, também não seria pontual. O dia começaria a um ritmo apressado, tentando cumprir as minhas pequenas rotinas, tais como consultar o e-mail e ver os pequenos anúncios nos jornais e na Internet, antes de os telefonemas começarem. Antes de os trabalhadores temporários chegarem para saber se havia alguma marcação de última hora. Comecei a apoiar-me ora num pé, ora no outro. Tinha mesmo de ir andando.*

Ele passou o telefone.

– Olá, Kendie – disse ela, fresca como uma alface que tinha aproveitado tudo o que tinha podido dormir.

– Olá, Summer – retorquiu.

– Estou telefonando para pedir um favor – declarou. – Não é um enorme favor, mas é bastante grande.

– Então, qual é?

– Você pode me buscar na escola amanhã?

Todos os pensamentos relativos ao meu atraso se esvaíram da minha mente.

– Desculpa? – inquiri.

– Papai tem de ir trabalhar amanhã à tarde e disse que podíamos ir para casa da Vó Naomi ou esperar no carro, mas eu disse que você ia nos buscar. Na casa da Vó Naomi não podemos fazer nada. Está

sempre repetindo: “Sente-se, querida”, “Não brinque com isso, querida. É caro”. Assim, você tem que ir nos buscar.

Tenho?

– A questão é que também tenho de trabalhar. Só saio depois das dezoito horas, logo, não será possível.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Um silêncio sepulcral e pouco impressionado, no qual ressoava a minha desculpa esfarrapada.

– *Amanhã, depois das aulas, tenho ginástica e o Jaxon tem o futebol. Assim, saímos às... pai, a que horas saímos...? Está na geladeira! Está, sim...! Ao lado do desenho do trem... pai! Ah, está bem, nós saímos às 16h30. Portanto, pode ir nos buscar a essa hora – atalhou Summer, como eu não tivesse acabado de lhe explicar o motivo de não ser possível, porque o fato de o pai ter de trabalhar não devia me afetar.*

Se precisarem de qualquer coisa, seja em que altura for, telefonem-me. Lá estarei. Não tinha prometido isso? Não tinham tais nobres palavras saído da minha boca quando coloquei a minha capa de salvadora, cruzei os braços sobre o peito justo e olhei com desagrado para o pai inadequado deles? Queria tornar-me uma adulta que mentia a duas crianças com uma mãe ausente e um pai que mal conseguia dar conta do recado?

– Verei se a minha chefe me deixa sair mais cedo para poder ir buscar vocês, mas, se ela recusar, terão, então, de ir para casa da Avó Naomi.

– Ela não vai recusar. – Tranquilizou-me Summer. – Papai disse que você tem de nos trazer um retrato.

– Um retrato?

– Fala com o papai. Ele explica. Adeus.

Vinte minutos depois, eu ia a caminho do trabalho, tendo dado aos Gadsborough uma fotografia minha para os arquivos da escola, de modo a que Kyle pudesse assinar um papel a acrescentar-me à lista de pessoas que podiam ir buscar Jaxon e Summer. Após uma acesa discussão em que eu me recusava a aceitar a proposta de Kyle e ele insistia em que eu o fizesse, acabou por me entregar as chaves do carro da mulher, de modo que eu pudesse levar as crianças para casa. Um Mercedes prateado que tinha, no mínimo, dez anos, com duas

cadeiras de segurança para as crianças no banco de trás. Encontrava-se sob uma cobertura de plástico verde à entrada da casa de Kyle, sem ser usado, sem ser estimado e passando despercebido desde que ela os tinha abandonado. Era arrepiante segurar nas chaves do carro de uma mulher que já não estava ali. Era quase como se me pedissem para substituir uma morta, para ocupar o seu lugar na família.

Sobretudo quando não compreendia por qual motivo ela a tinha abandonado. Se tivesse ido embora a meio da noite, como Kyle disse que tinha feito, não teria precisado de levar o carro? Para lhe facilitar a fuga e ter algo para vender, se viesse a necessitar de dinheiro? Se eu não soubesse que tinham viajado juntos e não tivesse estado presente enquanto Kyle falava com ela ao telefone naquele primeiro dia, perguntaria se ele não teria se livrado dela, se não teria enterrado em algum lugar. Em vez disso, perguntava-me o que teria acontecido para a fazer ficar tão desesperada e decidida a fugir e refazer a vida sozinha. Que acontecimento tão terrível teria se dado para fazer com que ficasse desesperada e decidida a escapar ao ponto de deixar os filhos para trás?

Eu assegurei que iríamos bem de carro, mas Kyle foi firme: se eu ia buscá-los, tinha de os levar de carro ou pegar um táxi. Então, levaria de carro. No carro de uma desaparecida.

Gabrielle recostou-se na cadeira, alongando o seu corpo curvilíneo. Eu tinha acabado de lhe perguntar se seria possível sair mais cedo no dia seguinte e de lhe explicar o motivo. Agora, ela estava recostada, observando-me de um modo calado e vagamente perturbado. Por fim, disse:

– Deixa-me ver se eu entendi: você não tem filhos próprios, mas tem de sair mais cedo para ir buscá-los?

– *Sim, é mais ou menos isso – respondi, sabendo o que parecia. Se eu estivesse no lugar dela, a minha reação teria sido idêntica. Algo parecido com: está brincando?*

– Amanhã, venho mais cedo e volto a trabalhar na quarta-feira.

– Só me pergunto, como é perfeitamente natural, o que faria ele antes de você se mudar tão convenientemente para o seu quintal.

– Gabs, não estou vivendo no depósito do jardim dele. E não sei o que ele faria – retorqui –, mas disse que perguntava e é o que estou fazendo. Se não for possível, compreendo perfeitamente.

A minha chefe encolheu os ombros.

– Kennie, desde que você trabalha comigo, faz horas extras para sair mais cedo, se assim deseja, mas... Oh, não tem importância.

– O que foi? – perguntei.

– Não tem importância.

– Não, diz-me.

– Não deixe que ele faça você de boba.

– Ele não está fazendo isso. A ideia foi da Summer, foi ela que me pediu para ir buscá-los.

– Tenho a certeza que foi, mas ele é um homem sozinho com dois filhos, provavelmente pela primeira vez. Optará sempre pela saída mais fácil e, tenho a certeza de que a sua mãe disse isto, você não quer ganhar a fama de fácil.

Pelas palavras de Gabrielle, corria o fio da verdade. Kyle estava passando por um mau bocado e, mais do que recompor-se e encontrar uma forma de enfrentar este desafio, no momento, estava ainda sofrendo com a perda da mulher. Andava embriagando-se, discutindo com ela, caindo, em seguida, numa depressão que implicava ignorar os filhos, a ter discussões acesas com a filha. Não me admirava que Jaxon racionasse a fala, que fosse silenciosamente insolente; não me espantava que Summer tivesse chegado à conclusão de que a forma mais rápida e eficaz de chamar toda a atenção do pai era ter um acesso de fúria. Eram comportamentos idênticos, dois lados do mesmo grito silencioso e desesperado: Repare em mim!

Seria fácil e, possivelmente, até mesmo sensato da minha parte deixá-los em paz. Deixar o próprio Kyle encontrar uma solução e voltar a colocar em ordem a vida da sua família. A vida não é fácil e, tal como eu lhe tinha dito no dia que o encontrei bêbado e praticamente sem vida no seu sofá, “Quando nos ligamos a uma criança, não podemos simplesmente voltar as costas”.

Eu tinha me ligado a eles e não podia voltar as costas. Não podia deixar Kyle encontrar uma solução sozinho, com os filhos a seguirem-no aos tropeções, mendigando o máximo de atenção e de amor manifesto que conseguiam obter dele. Se eu pudesse fazer algo, tinha de o fazer.

Estava prestes a explicar isso a Gabrielle quando a porta se abriu e Janene, esplendorosa no seu casaco de camurça cor de caramelo pelo tornozelo, segurando uma mala Louis Vuitton e usando óculos de sol Gucci, entrou. Apesar do cargo que ocupava e do pacote de baixa remuneração, a maior parte das suas roupas custava mais do que seis meses de renda para mim.

– Olá – cumprimentou num tom arrastado e dirigiu-se rapidamente à sua mesa.

A sua chegada pôs termo à nossa conversa. Gabrielle olhou para o relógio e, depois, para Janene.

– Obrigada por ter aparecido, Janene. É sempre bom vê-la. – Gabrielle tinha-lhe explicado minuciosamente que, se ela quisesse receber formação de consultora, tinha de provar que estava apta para o lugar e começar a fazer horas extras. Para ela, isto significava aparecer às nove horas. Para mim, enquanto estava recebendo a minha formação, significava chegar às 7h30.

Uma onda de constrangimento assolou o rosto de Janene, mas ela decidiu comportar-se de forma descarada.

– Alguém quer café? – interrogou e sorriu animadamente.

– Está bem – disse ela. Despiu o casaco como uma serpente a largar a pele velha e, em seguida, dirigiu-se à cozinha, ao fundo do corredor, pela porta ao lado da minha mesa.

– Aquilo – afirmou Gabrielle, apontando com um dedo cuidado, cuja unha estava pintada de castanho avermelhado, na direção em que Janene tinha seguido – é o que acontece quando as pessoas julgam que a nossa função é facilitar-lhes a vida.

Baixei a cabeça. Gabrielle tinha razão, mas, se visse as expressões estampadas nos rostos de Summer e Jaxon no dia em que pensaram que o pai tinha morrido, sentido o abraço de Summer quando esta

teve o seu acesso de fúria, visto o modo ansioso como Jaxon olhava para o pai... Quer Kyle estivesse a aproveitar-se quer não, eu não podia virar as costas.

Morangos, mirtilos,
fatias de maçã,
fatias de pera e
um pouco de iogurte



Décimo primeiro capítulo

As compras no supermercado tornaram-se uma nova experiência nas semanas que se seguiram ao dia em que fui buscar Jaxon e Summer na escola.

Agora, tinha os meus dois próprios especialistas em compras (três, se contássemos com Garvo, o golden retriever imaginário de Jaxon com uma pata castanha, que não podíamos deixar à entrada da loja com todos os outros cães).

Eu era alguém novo que lhes dava atenção; passavam comigo todo o tempo que podiam. Chegava em casa do trabalho e eles estavam sentados nos degraus, à entrada, à minha espera. Era frequente telefonarem perguntando se podia ir buscá-los à escola, porque o pai estava trabalhando. Remexiam nos meus pertences e ficavam com o que lhes apetecia. Se não conseguisse encontrar alguma coisa, podia apostar que estava na posse de um deles. Do ponto de vista deles, não se tratava de furto, mas apenas de um prolongamento da nossa amizade. O meu anel de prata e turquesa antigo, que tinha comprado em Sydney e que usava constantemente, por exemplo, tinha sido visto em cima da minha mesa de jantar e levado por Summer, pois fazia-a lembrar-me de mim. Usava-o no polegar, em casa, e tinha muito cuidado para não perdê-lo de vista. Nunca o levava, por exemplo, para a escola. Jaxon tinha se apropriado do celular que eu utilizava na Austrália, pois Garvo (que se exprimia em latidos que apenas ele compreendia) tinha dito a ele que podia usá-lo para telefonar para a Austrália.

Se as crianças me vissem sair do apartamento depois de termos tomado o café da manhã de sábado, saíam correndo, cercavam-me e

pediam-me para levá-las comigo. Eu, invariavelmente, concordava, sobretudo porque ainda não tinha descoberto como lhes recusar alguma coisa.

– Os seus pais vivem na mesma casa? – perguntou-me Summer certo dia, enquanto fazíamos as minhas compras semanais.

– Sim, vivem – respondi, enquanto colocava uma lata de grão de bico no meu carrinho. – O que é um milagre para mim e para todos os filhos. Para os meus irmãos, quero eu dizer.

– Por quê? – interrogou Jaxon.

– Porque discutem. Oh, se discutem!

– Como a mamãe e o papai – afirmou Summer. Era uma afirmação que carregava o peso do mundo.

– Suponho que sim – disse eu.

– Por que é que a sua mamãe não foi embora? – inquiriu ela. *Porque gostam demasiado de se torturar mutuamente. Era esta a resposta leviana que eu, normalmente, daria. Porque se uniram quando o casamento era para toda a vida e tiveram de encontrar uma solução. Esta era a resposta mais ponderada. Fosse porque fosse, depois de ter presenciado e vivido com todas as discussões deles e silêncios martirizantes, era pertinente colocar-me a mesma questão que Summer tinha formulado.*

– Não sei – respondi, sendo esta a resposta mais sincera que podia dar sem que eles me interpretassem mal. Um adulto seria capaz de detectar as sutilezas da história da minha família e compreender que cada caso tem a sua particularidade; uma criança se limitaria a pegar nele e a encaixá-lo nas suas experiências como colocaria um vestido produzido em série que foi comprado em uma loja na sua boneca produzida em série.

Tanto Summer como Jaxon ficaram olhando para mim, não tendo sido a minha resposta de duas palavras suficientemente satisfatória ou esclarecedora.

– *Durante todas as discussões, todos nós sabíamos que os nossos pais nos amavam. Mesmo que nem sempre gostassem um do outro, nunca deixavam de nos amar. – Como adulta, podia distanciar-me e perceber isso. Naquela altura, não sabia nada disso. Sabia apenas, tal como os meus irmãos sabiam, que os meus pais se odiavam, que queriam esforçar-se ao máximo para*

tornarem a vida um do outro um inferno e que pareciam não reparar no quanto isso nos afetava. Sabíamos apenas que nunca conseguíamos prever em que dia se daria o início de outra maratona de discussões. Anos mais tarde, tendo passado por muitas experiências, percebi que, mesmo embrenhados nas discussões com a pessoa que, outrora, supostamente amávamos, continuamos a ter espaço no coração para os filhos. Continuamos a amar os filhos, mesmo que nos esqueçamos de demonstrá-lo. Gostaria que os meus pais tivessem nos dito isso, mostrado isso, mas não tinha sido assim e era isso que eu estava, agora, tentando fazer por Summer e Jaxon.

Summer inclinou a cabeça para um dos lados e fitou-me com o seu lânguido ar inquiridor.

– Você quer dizer que mamãe e o papai nos amam, mesmo que estejam sempre brigando um com o outro? – perguntou.

Eu queria parecer profunda, queria que a mensagem que estava transmitindo se instalasse delicadamente no espírito como a suave queda da neve, imbuísse lentamente no pensamento deles para que soubessem, sem saberem, que, acontecesse o que acontecesse, estariam sempre em primeiro lugar no pensamento dos pais. Em vez disso, Summer tinha deixado de rodeios e afirmado abertamente o que eu estava tentando transmitir. Eu devia mesmo deixar de assistir àqueles programas gastos em que tudo ficava perfeitamente solucionado em cinquenta minutos. A forma como resolviam tudo ao dizerem “vocês se amam” não resultava no mundo real, nem mesmo com uma criança de seis anos. Acenei a Summer com a cabeça.

– Basicamente.

– Quando mamãe adoecia, papai brigava com ela – disse Summer.

Eu estava prestes a colocar um pacote de feijão no meu carrinho, mas tal afirmação fez-me parar e voltei a minha atenção para eles.

– A sua mãe adoecia?

Em uníssono, Summer e Jaxon acenaram com a cabeça.

– Constantemente. Se não tomasse o medicamento, ficava ainda mais doente – explicou Summer. – Isso fazia papai ficar ainda mais zangado.

– Quando mamãe estava doente ele gritava e, depois, subia para o quarto para ter um momento de descanso e trabalhar – declarou Jaxon

calmamente, com os olhos concentrados não na movimentada tarde de sábado num supermercado da atualidade, mas sim no passado. Era evidente que aquilo ainda lhe estava bem presente no espírito. O pai gritando com a mãe, os passos zangados nas escadas.

– Por vezes, quando mamãe ficava mesmo muito doente, ele levava-nos para longe, no seu carro, durante muito tempo – acrescentou Summer.

– E mamãe chorava. Dizia que não a amávamos, porque a abandonávamos. Nós não queríamos abandoná-la.

– Papai dizia que tínhamos de fazer isso – concluiu Summer.

Os meus olhos oscilavam entre um e outro, com uma sensação de perturbação a avolumar-se no meu íntimo. Quando os meus pais discutiam, escondíamo-nos em nos nossos quartos, esperando que eles recuperassem a calma ou que chegasse a hora do jantar, o que viesse primeiro. No entanto, apesar de tudo, nunca os meus pais fizeram aquilo. O meu pai não nos tirava apressadamente de casa para castigar a minha mãe; a minha mãe não chorava, não se lamentava, nem afirmava que não a amávamos. Criavam um inferno em que tínhamos de viver, mas não me lembrava de nos usarem como armas

– achavam demasiados defeitos um no outro para terem esse incômodo.

– Estão, então, dizendo que a mãe de vocês está doente? – inquiri.

Acenaram com a cabeça em unísono.

– O que tem ela?

Entreolharam-se precipitadamente, juntos, comunicando da sua forma secreta, da forma como miticamente se imaginava que os gêmeos idênticos comunicavam, da forma como Summer e Jaxon o faziam, apesar de serem gêmeos falsos. Viraram-se novamente para mim, encolheram os ombros em unísono e balbuciaram:

– Não sabemos.

“Não sabemos”, disseram eles, mas parecia mais que não podiam revelar. Evitando mais perguntas, Summer afastou-se alguns metros no corredor e pegou um pacote de litro de caldo.

– Você quer isto? – gritou, levantando-o com ambas as mãos. Tinha comprado um na semana anterior e, obviamente, ela se

lembrava.

– Sim, por favor – respondi-lhe. Em vez de levar para mim, Summer permaneceu no mesmo lugar, lendo a lista de ingredientes. Com a cabeça baixa e ligeiramente inclinada para um dos lados, a testa enrugada em sinal de concentração e os lábios franzidos. Aquela sou eu, percebi com um sobressalto. Em apenas algumas semanas, ela tinha transformado uma imitação minha comprando comida em uma arte. Jaxon, entretanto, estava em cima da barra metálica das rodas do carrinho, em bicos de pés, com a minha lista de compras numa mão enquanto se inclinava para dentro do carrinho, remexendo a fruta e os legumes que eu ali tinha colocado, olhando para a lista e, depois, para os produtos, como eu, geralmente, fazia antes de irmos para a caixa. Tinham me impedido de continuar ao fingirem, sem intenção, ser eu.

O fato de ter sido tão habilmente interrompida por eles isolou-me e desconcertou-me. O que quer que os tivesse levado a fazê-lo devia ser um enorme segredo. Algo tão importante e assustador que os tinha feito fechar-se e distanciar-se.

Desde que eu tinha assumido um papel mais importante na vida deles, tinha ficado sabendo bastante sobre a senhora Gadsborough por meio das crianças.

Fiquei sabendo que ela telefonava dia sim, dia não para falar com os filhos e que, após cada telefonema, os dois ficavam calados e taciturnos, indo, muitas vezes, um pouco para os respectivos quartos para lidarem com a perda à sua maneira.

Tinha tomado conhecimento de que ela não conseguia falar com o marido sem discutir com ele.

Tinha descoberto que ela era extremamente fotogênica. Longas ondas de cabelo cor de caramelo tombavam-lhe em torno do rosto, caindo-lhe em cascata sobre os ombros; os olhos tinham o mesmo tom verde marinho, profundo e hipnotizante, que os dos filhos, mas um formato completamente diferente; o feitio da boca era semelhante ao dos filhos, ao contrário do pequeno nariz. Os seus retratos com os gêmeos eram sempre vibrantes e repletos de uma energia que lhe pertencia. Tinha sempre a cabeça levantada, os olhos a transbordarem de alegria, a faces coradas, os braços a envolverem Jaxon e Summer, segurando-os como se fossem os bens mais preciosos da sua vida.

Com Kyle ao seu lado nas fotografias, ficava mais comedida, mas não menos arrebatada. Nas fotografias que ainda estavam expostas nos quartos das crianças, ela aparecia frequentemente a olhar para ele, com um misto de temor e ternura a suavizarem-lhe as feições, a moldarem-lhe o sorriso estampado no rosto e a suscitarem-lhe o brilho nos olhos. Kyle aparecia, geralmente, olhando para a máquina fotográfica, com a cabeça inclinada para o lado, na direção da sua esposa adorada, e o sorriso envergonhado de um homem apaixonado no rosto.

Todos os retratos dos dois tinham sido removidos da sala de estar, do corredor, da cozinha. Vagos contornos de onde as grandes molduras de vidro se encontravam eram ainda visíveis nas paredes e ele tinha deixado as fotografias de 50 cm x 40 cm com ela e as crianças por causa destes, mas as restantes, as que lhe lembravam os tempos em que estavam juntos, tinha realojado no armário debaixo das escadas. Certa vez, Summer tinha ido buscá-las para me mostrar, quase como se tentasse mostrar-me a vida que costumavam ter. Enquanto víamos as fotografias, Jaxon permanecia junto a nós, com os olhos arregalados de ansiedade, apoiando-se ora num pé, ora no outro, e a contorcer as mãos como uma velha a mandar o único filho para a guerra, de tanto pavor que tinha de que o pai entrasse e nos apanhasse.

Soube que ela era designer gráfica e trabalhava como profissional independente em vários projetos publicitários. Soube também que ela e Summer dançavam na sala de estar, que ela e Jaxon escavavam o jardim. Por vezes, os três andavam de bicicleta no parque, quando o tempo estava agradável. Ela lia histórias para os filhos na cama e inventava jogos para o banho.

Descobri ainda que ela não tinha levado muita coisa consigo. Uma vez, quando Kyle estava nas obras e eu fui buscar as crianças na escola, eles levaram-me ao andar de cima para me mostrarem o resto da casa. Fui ao sótão, ao escritório arrumado e organizado de Kyle – que ocupava todo o último andar da casa. Em todas as suas superfícies – que eram numerosas –, estavam expostas as suas maquetas, desenhos e impressões de cores vivas, geradas por

computador, de edifícios virtuais, mas a cadeira de pele ao canto, ao lado do seu rádio, era rodeada pelo caos. Havia jornais e revistas de arquitetura empilhados ao acaso junto à cadeira e fotografias das crianças pregadas com tachas às paredes. A sala tinha o seu cheiro, a sua presença. Por um lado, um homem calado e reservado; por outro, uma confusão quase incontida.

Fomos também aos quartos das crianças e, em seguida, ao quarto principal. Senti-me pouco à vontade ao passar por aquela porta – não queria olhar para aqueles elementos da vida em conjunto de Kyle e da mulher – e hesitei, mas Summer não teve tais problemas e arrastou-me para dentro, até ao quarto de vestir. Um dos lados do roupeiro quase tinha sido esvaziado, continuando os cabides pendurados no varão como os ramos despidos de uma árvore no inverno, mas o chão estava repleto de caixas. As etiquetas, escritas pela mão de Kyle, revelavam que as caixas estavam cheias de roupas, sapatos, malas, maquiagem, livros, revistas, fotografias. Summer remexia frequentemente nas caixas; foi aí que encontrou a máscara para os olhos que usava como uma tiara – tinha me dito que a fazia lembrar a mãe. Tinha também dado a Jaxon os óculos de sol dela, que ele guardava na estante junto à cama. Não compreendi por qual motivo Kyle se incomodaria em encaixotar cuidadosamente e, depois, etiquetar os pertences dela, nem porque tinha ela deixado tanta coisa para trás. Talvez o fato de ter partido de noite e não poder levar muita coisa consigo fosse uma explicação possível, mas parecia muito mais que estava decidida a abandonar tudo o que podia daquela vida. A deixar aquela vida sem nunca olhar para trás.

Agora, a doença. Mais uma peça do quebra-cabeças que era o seu desaparecimento da vida deles.

O que se passa com a senhora Gadsborough?, interroguei-me quando começamos novamente a percorrer o corredor. E como posso descobrir sem que pareça que estou me intrometendo?

Décimo segundo capítulo

– Kendie não nos deixou ir comer um hambúrguer – comunicou Summer ao pai ao entrar na cozinha.

Foi deixando vestígios, largando a mala, o suéter, a bolsa de educação física e a bolsa dos trabalhos de casa atrás de si, dirigindo-se ao pote das bolachas em cima do balcão. Eu segui-a, apanhando os elementos do dia da escola que ela pôs à parte. Colocou-se na ponta dos pés, agarrou no pote de terracota, segurou-o no braço e tirou a tampa com um débil estalo. Introduziu a mão nele e retirou duas bolachas.

Kyle desviou o olhar do seu brilhante computador portátil prateado na minha direção e, depois, na da filha.

– Queríamos uma refeição sorridente com um brinquedo. É um relógio cor-de-rosa. O Jaxon queria o carro de corrida. A Kendie disse que não era possível.

– Por quê? – perguntou ele.

– É idiotamente contra isso – declarou Summer. Pôs uma das bolachas na boca, trincou-a e choveram-lhe migalhas douradas pela parte da frente da camisa azul da escola.

Kyle contraiu os lábios para poder rir discretamente.

– Ideologicamente contra isso – corrigi, sentindo-me bastante pateta.

Ela virou a cabeça na minha direção, com uma expressão irritada no rosto – esta tinha estado presente ao longo da maior parte do trajeto para casa, juntamente com os braços cruzados. Se pudesse fitar-me de modo condescendente, com a sobrancelha levantada, teria feito.

– Foi o que eu disse – replicou ela com uma voz que nos dizia: sei o que disse e era isso que eu queria dizer.

– Vou dar ao Jaxon a bolacha dele – informou, no auge da sua cólera.

– Tampa. – Lembrou-lhe Kyle, antes que ela se tivesse afastado demasiado.

Soltou um suspiro para que todos soubessem quão injusta era a sua vida, voltou-se, colocou novamente a tampa no seu lugar e, em seguida, saiu rapidamente da cozinha.

– É mesmo contra *fast-food*? – interrogou Kyle.

Pousei os pertences de Summer na sua cadeira, à cabeceira da mesa.

– Não sou contra *fast-food* em si, embora talvez devesse ser. Não, eu adoro comida congelada. Simplesmente não entro em determinados estabelecimentos – expliquei.

– Por quê? – inquiriu, tirando os óculos que usava ao computador e pondo-os de lado. – A vida já é suficientemente difícil sem a piorarmos com esse tipo de atitudes.

– Kyle, a questão é que eu tenho um problema: tenho demasiadas convicções. Existem imensas coisas que não faço por princípio e é difícil renunciar a isso, ainda que seja para ter uma vida fácil. Mesmo antes de ingressar na universidade, participava em marchas de protesto e integrava piquetes de greve. Faz parte da minha maneira de ser. Deem-me uma boa causa e eu a apoiarei. E não me digam que uma determinada empresa anda prejudicando as pessoas, porque deixo logo de comprar os seus produtos e passo a odiar-me por tê-los comprado no passado.

Nas profundezas da casa, a televisão ligou-se, retumbando com o som de uns desenhos animados. Logo em seguida, ficou silenciosa, até os guinchos, campainhas e ruídos de um jogo de computador explodirem no ar.

– Acho que tudo começou ao fazerem uma lavagem no meu cérebro a respeito da carne de vitela, quando estava no ensino primário. O meu professor explicou-nos em pormenores como era produzida a carne de vitela e, enfim, acabou-se. Simplesmente não era

capaz. Tanto eu quanto a minha irmã. Desde então, nem sequer a provei. Julgo que as minhas convicções se desenvolveram a partir daí. – Eu estava ciente de que estava fornecendo demasiada informação a meu respeito a Kyle. Geralmente, quando ia levar as crianças era literalmente para ver se ficavam bem resguardados, em casa e, depois, voltava para o trabalho.

Kyle inclinou a cabeça para o lado, olhando-me de cima a baixo, como se me visse pela primeira vez como uma pessoa que não a inquietava chata e intrometida. A pessoa com quem jogava pega-pega com seus filhos. A pessoa com quem tinha de jantar uma ou duas vezes por semana e que dava o café da manhã aos filhos ao sábado de manhã, enquanto ele dormia até tarde.

– Eu tinha imensas convicções antes de ter filhos – declarou. – Foi então que aprendi que a vida pode ser bem difícil e que tudo se torna muito mais fácil se deixarmos de estar sempre lutando.

– Ah, não, sabe – disse eu, passando a mão pelas costas da cadeira de Summer –, uma das coisas que eu queria seria que os meus filhos tivessem convicções sólidas. Mesmo que não fossem iguais às minhas. Iria querer que conhecessem algo além do mundo que os rodeava, que não tivessem de ficar de braços cruzados e conformar-se por ser fácil, que tivessem a capacidade e o direito de promover a mudança. Se tivesse uma menina, queria que ela soubesse que pode ser o que entender e que não tem de depender da aparência, das roupas, do cabelo ou da maquiagem para se definir como pessoa ou para conquistar o respeito dos outros. Iria querer que ela soubesse que tem o direito de ser respeitada ou notada por ter nascido. Não estou referindo-me a todos esses disparates feministas, mas sim ao fato de a minha filha crescer, sabendo que tem o direito de ser bem tratada apenas por ter nascido. – Agora, tinha ganhado ímpeto. – Se tivesse um menino, educaria-o de modo a saber que ser homem é sentir-se bem consigo mesmo. Nada dessas coisas machistas, mas sentir-se tão à vontade que não precisa desrespeitar a outras pessoas ou de as rebaixar para se sentir bem. Não é preciso fazer o que os outros fazem para ser homem. Ele pode acreditar no que quiser, pensar o que quiser, ser o que quiser sem se preocupar com a sua masculinidade. E

asseguraria que o meu filho, quer fosse menino ou menina, soubesse que não precisa tolerar ser maltratado. Nunca. Nem de fazer algo só porque todos os amigos o fazem. Se queremos mudar o mundo para melhor, as crianças têm de saber que podem fazê-lo sentindo-se bem consigo mesmas e ajudando os outros.

Um sorriso indulgente e vagamente paternalista insinuou-se no rosto de Kyle. “Não é mãe, não sabe.” Era isto que tal sorriso me dizia. Ele mal conseguia criar os filhos sem tentar, ainda por cima, incutir-lhes carradas de amor próprio e de espírito de salvação do mundo.

Fitou-me com a sobrancelha levantada e perguntou:

– Então, por querer salvar o mundo, não vai mesmo dar *fast-food* de determinados restaurantes aos seus filhos?

Tal pergunta assemelhou-se a um soco na zona mais sensível e delicada do meu estômago e destituiu todo o meu corpo de ar. Relanceei o olhar na direção da cadeira atrás da qual me encontrava e passei o dedo indicador pelos lisos nós e ondas da madeira de carvalho.

– De modo nenhum – asseverei com uma calma e firme certeza.

– Está bem – zombou. Era evidente que pensava que eu mudaria de ideia assim que fosse de viagem para algum lugar, com duas crianças aos gritos no banco de trás e sem nenhum outro restaurante num raio de quilômetros.

Olhei novamente para ele.

– *Não vou ter filhos – disse eu. – Adoraria tê-los, mas não posso. Fisicamente, quero eu dizer. Fisicamente, não posso ter filhos. – Eu nunca o tinha dito, tais palavras nunca tinham saído da minha boca e carregaram o ar. O fato de o dizer tornava aquele fato um pouco mais concreto. Definitivo. Real. Nunca quisera que fosse real, pelo que nunca o tinha dito em voz alta.*

O espanto percorreu o rosto de Kyle de um lado ao outro, apagando toda a presunção no seu caminho. De repente, pareceu ficar incomodado. Agora, já sabia o que era ser receptor de excessiva informação íntima de uma pessoa praticamente desconhecida.

– Ah – exclamou. A pálida pele cor de azeitona da sua testa enrugou-se quando franziu a sobrancelha e eu vi os seus olhos a

tentarem não descer até ao meu “ventre materno”. – Por que não pode ter filhos? – Acabou por ter coragem para perguntar.

– Porque, uma vez, cometi uma grande asneira. Confiei em alguém que não devia. Acabei por sofrer de doença inflamatória pélvica e, depois, disseram-me que, por não ter sido tratada antecipadamente... Enfim, no fundo, não posso ter filhos.

“Necrose”, “Lesão irreversível”, “Não há nada a fazer neste momento”. As palavras começaram a redemoinhar-me na cabeça. Eram as únicas palavras de que me lembrava da conversa com o cirurgião, após a reveladora cirurgia que confirmou o meu destino. Recordo os seus olhos, escuros e carregados sob a touca de cirurgião, verde e de papel, e aquelas palavras. Nada mais.

A compaixão estava impregnada no rosto de Kyle, entranhada nos pés-de-galinha, nas rugas em torno da boca, nas pupilas negras dos olhos cor de mogno. Argh. Eu não precisava de ver a sua compaixão, nem de a sentir.

– Pronto, aí tem. Está arrendando um apartamento a uma aberração da natureza – afirmei, tentando fazer pouco caso da questão. – Não se preocupe. Não é contagioso, nem nada que se pareça. – Enquanto falava, avançava em direção à porta. Tentava distanciar-me da compaixão de Kyle e daquela conversa. – Está tudo resolvido – continuei quando cheguei à porta. – É melhor voltar ao trabalho – acrescentei e, depois, fugi. – Adeus, meninos, até breve – exclamei ao precipitar-me pelo corredor, abrir a porta com brusquidão e escapar pelo caminho.

Kyle alcançou-me quando abri a porta do carro.

– Kendra – disse ele, segurando a parte de cima da porta, impedindo-me de entrar e, no fundo, obstando à minha fuga. – Quer vir jantar em casa, logo à noite?

Olhei-lhe para as mãos, que agarravam a porta do carro. Tinha umas mãos grandes, com dedos longos; faziam me lembrar as mãos das crianças mas, em vez de estarem manchadas de tinta e de caneta, as suas tinham as unhas acentuadamente roídas e cutículas soltas.

– Dou o jantar para as crianças e esperarei que eles vão dormir. Depois, podemos jantar, podemos ver televisão, conversar ou ouvir música. Gosta de Sarah McLachlan?

Acenei cautelosamente com a cabeça, ainda sem olhar para ele – não queria ver aquela compaixão.

– Tenho todos os álbuns dela, mas raramente os ponho para tocar. A Ashlyn não apreciava e as crianças me olhavam como se estivesse torturando-os ou algo parecido. Além disso, um homem não anda por aí espalhando aos outros que gosta de música de mulheres. Então, o que me diz? Até ofereço um café ou dois.

Era tentador, mas estaria ele a fazer-me tal convite por sentir pena de mim, a do ventre estéril? Elevei a minha linha de visão, mas não olhei para ele. Em vez disso, fixei a ordenada correnteza de casas que serpenteava a perder de vista, ao longo de Tennant Road.

– *Estará fazendo-me um favor. – Tranquilizou-me. Será ótimo ter uma conversa adulta que em que não entre a frase: “Sim, é possível encaixar essa extensão de sessenta metros no seu quintal de três, por duas libras e cinquenta pence”.*

Por cima do ombro de Kyle, avistei a vizinha. As escassas sobrancelhas quase se projetaram do rosto em sinal de espanto perante a proximidade entre mim e Kyle, junto ao carro, e, em seguida, a boca esboçou um esgar, como se dissesse “eu sabia!”, antes de levantar a mala até à beira do ombro e começar a descer a rua apressadamente. Iria, sem dúvida, passar pela loja do bairro para dar a notícia de que eu estava virando a cabeça do simpático Kyle. E ele era também um homem recentemente separado. E ela não tinha dito que sabia que eu iria causar problemas desde o momento em que tinha posto os olhos em cima de mim?

– Está bem – disse eu a Kyle, indo, finalmente, o meu olhar ao encontro com o seu –, eu apareço.

O seu rosto contorceu-se num sorriso simpático e amável e quase não me importei que ele, provavelmente, me tivesse feito tal convite por compaixão.

– Agora, é melhor voltar, antes que a Gabrielle tenha um ataque.

– Excelente – retorquiu Kyle e recuou para me libertar.

Ao afastar-me, olhei pelo espelho retrovisor e vi Kyle de pé, na calçada, observando o carro até eu dobrar a esquina ao fundo da rua.

O jantar foi divertido.

Ambiente animado, boa comida, vinho caro, conversa interessante.

Eu tinha acabado de voltar de uma incursão no irreal. Nesse mesmo dia, tinha ido ao hospital para receber os resultados de uma laparoscopia. As minhas menstruações eram difíceis, debilitantemente dolorosas e, como já tinham descoberto que eu tinha clamídia e que esta estava tratando há vários anos, a laparoscopia era o mais recente exame para aferir se a clamídia tinha provocado doença inflamatória pélvica. Uma semana antes, tinham me submetido a uma incisão no umbigo e introduzido uma câmara minúscula para verem o estado do meu aparelho reprodutor. Nesse mesmo dia, tinha me sentado no consultório do cirurgião, tendo-o apanhado no intervalo entre as operações, pelo que ele ainda estava usando a touca verde na cabeça, e tomado conhecimento das conclusões. Eram as seguintes: obstrução de ambas as trompas de Falópio, necrose generalizada em ambos os ovários e no útero, não havia nada a fazer naquele momento. Infertilidade permanente. “Mas dão-se avanços médicos continuamente e a situação poderá alterar-se no futuro.” Recordo-me de tudo isso por tê-lo lido novamente, na confirmação por escrito. Depois de ele ter me dado a notícia, fui ficando, lenta e silenciosamente, em estado de choque. Depois, recolhi-lhe num lugar dentro de mim, onde nada disto estava acontecendo e nada disto tinha importância. Devo ter falado com o cirurgião, pego a minha mala, regressado ao meu apartamento, entabulado conversas com as pessoas, prosseguido dentro da normalidade, mas tudo se desvaneceu.

A seguir, aquilo de que me lembrei foi de estar sentada no banco de trás de um táxi com Gabrielle, de ser a sua acompanhante num jantar. Tinha referido que ela e o marido, Ted, estavam passando por momentos difíceis, pelo que conviviam socialmente em separado, mas não percebi quão eufemística tinha sido a sua afirmação – na verdade, estavam percorrendo os derradeiros quilômetros do caminho para o divórcio. No banco de trás do táxi escurecido, ambas nos afogávamos na realidade das nossas vidas, mas não fazíamos ideia de que cada uma de nós estava sofrendo tanto como a outra.

Agora, eu estava num jantar, fingindo ser normal. Fingindo não saber a data exata em que aquilo tinha começado. Tinha encarado sempre com tanta seriedade – paranoia, até – o sexo seguro, a possibilidade de uma gravidez indesejada, que me certificava sempre de que era seguro. Logo, sabia a data

exata em que tinha contraído clamídia. Tinha apenas cometido uma asneira dessa vez; tinha apenas confiado na pessoa errada uma vez e...

Afastei a cadeira. Fugi para o banheiro. Abri a torneira da água fria sobre as mãos e passei, de leve, água fria pelo pescoço. Acalmando-me. Obriguei-me a mim mesma a olhar ao espelho, a ver-me, a examinar as profundezas dos meus próprios olhos durante mais do que alguns segundos.

Você é solteira, lembrei a mim mesma ao espelho. Não está tentando ter um bebê. Nem conheceu o homem dos seus sonhos e deseja ter um bebê. Esqueça isso esta noite. Viva um dia de cada vez. Pense nisso um dia de cada vez. É só por alguém ter dito que não podia ter filhos que passei a desejá-los. Fechei a torneira e sequei as mãos a uma toalha. Pense nisso. Afinal, o que você faria, neste momento, com uma criança?

De regresso à mesa, bebi um copo de vinho. Desceu-me pela garganta, aquecendo-me por dentro, e o domínio do tormento começou a ceder, abrandou o seu controle sobre mim. Eu podia lidar com aquilo um dia de cada vez.

– Tenho um comunicado a fazer – afirmou a nossa anfitriã, por cima do burburinho das conversas, para nos chamar a atenção. O meu olhar incidiu sobre o seu copo: água. Reparei no seu rosto: pele corada, à qual os olhos verdes e brilhantes conferiam uma ligeiríssima coloração, cabelo denso e reluzente. Está grávida, passou-me de repente pela cabeça. A alegria brotou no meu íntimo e perpassou-me até eu ficar esmagada pela felicidade que sentia por ela. Depois, percebi: ela estava vivendo algo que eu jamais viveria. Ia dar um beijo na cabeça suave do seu recém-nascido; ia pegar-lhe na mão e contemplar cada ruga e cada dobra, tentando decorá-las; ia deliciar-se com o suave odor a leite, a pele e a bebê; ia fitar o filho e pensar: “Vejam só o que eu criei”. Foi como se estivessem pressionando uma almofada contra o meu rosto, asfixiando-me. Não conseguia aspirar oxigênio; a dor estava comprimindo todos os meus órgãos internos, qual prensa de perda, apertando cada vez mais. Eu mal conhecia aquela amiga de Gabrielle, mas fiquei cheia de felicidade e de inveja. Ela ia ter um bebê.

– Estou esperando um bebê – informou ela e a mesa transformou-se numa concentração de gritos e de mulheres levantando-se de um salto e correndo na direção dela, abraçando-a, perguntando pelas datas previstas, nomes, creches, escolas. Eu fui uma delas. Estava radiante por ela, não consegui evitar senti-

lo. Tal como não consegui evitar sentir-me, ao mesmo tempo, defraudada. Duas emoções fortes e antagônicas revolviam-se dentro de mim. Ao longo do tempo, tornaram-se mais fortes, mais polarizadas.

Vi-as por toda a parte. As mães. Talvez estivesse apenas mais atenta a elas, devido à notícia que tinha recebido, mas, onde quer que fosse, via mulheres com o abdome dilatado pela gravidez, mulheres a empurrarem bebês em carrinhos, a brincarem com os filhos, a fazerem compras com criancinhas, levando a prole à escola, vendo os seus pequenitos brincando, gritando com os seus rebentos, tentando suportar o constrangimento de uma birra em grande escala. Nas lojas, no trânsito, nos ônibus, na rua, via mulheres que, se não fosse aquele pormenor, eram como eu. Isso causava-me sofrimento. Não invejava a ninguém o direito de ter filhos, mas isso magoava-me. Magoava-me de forma indescritível. E lembrava-me o erro crasso que, outrora, tinha cometido.

Decidi mudar a minha vida. Decidi começar de novo, noutro lugar. A Austrália pareceu-me uma opção tão boa como qualquer outra. Podia obter um visto de turista com relativa facilidade, a língua falada era o inglês (mais ou menos) e não precisaria tomar inúmeras vacinas.

Sim, também lá havia crianças, mas eu não as conhecia. Não teria de ver as minhas amigas engravidar e constituir família. Não teria de brincar com os meus sobrinhos, sabendo que nunca lhes daria um primo em primeiro grau. Não teria de ficar contente por eles e infeliz por mim. Afastando-me um passo, atravessando meio mundo, poderia começar a refazer-me à luz de tal noção.

Durante meses, fiquei tão embrenhada no turbilhão de procurar um local onde viver, de encontrar trabalho, de conhecer o modo de vida australiano, de decidir se devia ser patrocinada, de modo a permanecer no mesmo emprego durante mais de três meses, dando início, a seu tempo, às minhas novas funções, que esqueci tudo o resto. Ficou enterrado. Podia ignorá-lo e seguir em frente.

Então, apaixonei-me.

Parei o carro no espaço por trás da Rua Principal de Brockingham, onde, quase sempre que precisava, conseguia encontrar uma vaga de

estacionamento, e desliguei o motor. Estava ainda um pouco perturbada por ter revelado a Kyle algo tão íntimo a meu respeito.

Não tinha contado a mais ninguém. Não era algo que eu alguma vez divulgasse e as pessoas também nunca faziam esse tipo de perguntas. Enfim, concluí ao trancar o carro e ligar o alarme, talvez não seja mau. Agora que ele sabe algo pessoal a meu respeito, posso tentar fazê-lo desabafar acerca da mulher sem ter a sensação de que estou invadindo demasiadamente a sua privacidade.

Décimo terceiro capítulo

Eu tinha ficado um pouco obcecada com a doença da senhora Gadsborough.

A princípio, tinha chegado à conclusão de que era terminal e, sendo ela uma mãe nobre e carinhosa, tinha ido embora para poupar os filhos a dor de a verem partir. Depois, pensei melhor. Ninguém, a não ser os exploradores do século XVIII e os inuits de certa idade, fazia isso. Havia também o pormenor de querer os filhos com ela, o que era o motivo das constantes discussões entre ela e Kyle.

O meu porto de escala seguinte foi Gabrielle, uma terapeuta experiente que estudava a tempo parcial para concluir o mestrado em Psicologia do trauma. Conversamos sobre o assunto e, a partir da escassa informação que lhe forneci, ela aventou a possibilidade de se tratar de uma forma de depressão. Distúrbio bipolar, que explicava os altos e baixos. Ou, então, segundo disse ela, podia tratar-se de uma depressão pós-parto que não tinha sido curada, cuja gravidade, muitas vezes, aumentava, se não fosse convenientemente tratada. Isso explicaria também a necessidade de partir, de se afastar por uns tempos. Ou, então, ser uma mera depressão, que podia provocar alterações no comportamento, sobretudo se não lhe tivesse tido receitada a medicação adequada, se não estivesse a ser devidamente acompanhada ou se fizesse algo como beber sob o efeito de determinada medicação.

Todas estas teorias pareciam plausíveis e eu tinha passado a maior parte do jantar a tentar descobrir como abordar o assunto com Kyle.

Ele tinha preparado um guisado de carneiro picante, que comemos na mesa da cozinha. Eu lavei a louça, ele fez café e depois nos

instalamos na sala de estar. Eu estendi-me em cima da poltrona, com as pernas apoiadas no braço de um lado e a cabeça apoiada no outro, o que Kyle achou graça.

– Senta-se como as crianças – comentou.

– Pois sento – retorqui inocentemente. Concluí que era boa ideia não referir que não só nos sentávamos assim muitas vezes, como também nos perseguíamos uns aos outros por cima dos assentos das poltronas e dos sofás, saltando e rindo enquanto corríamos.

Apesar de existirem dois sofás, duas poltronas e cadeiras na sala de jantar atrás de nós, Kyle optou por se sentar no chão. Sentou-se com as longas pernas dobradas na direção do peito, os pés descalços no chão, à frente do sofá onde eu o tinha encontrado desmaiado. Abriu os braços sobre o assento e recostou a cabeça.

Perguntei-me, por breves instantes e sem ser pela primeira vez, o que teria acontecido a todas as garrafas de bebidas alcoólicas. Tinha chegado à conclusão de que ou ele era um alcoólico inveterado que tinha sofrido uma recaída, mas recuperara, ou a ameaça da assistência social o tinha assustado ao ponto de se manter sóbrio. De qualquer forma, tanto quanto eu sabia, ele não tinha voltado a se embriagar. Contudo, o que tinha feito com as bebidas alcoólicas era um mistério.

Até o momento, tínhamos conversado longamente sobre arquitetura, desenho e preços de casas. Ele fez-me perguntas sobre o meu trabalho e contou-me como Summer e Jaxon se comportaram na escola. Durante todo esse tempo, enquanto falávamos, estabelecíamos uma ligação, eu tentava encontrar uma forma de lhe perguntar pela mulher.

Mantendo-se fiel à sua palavra, tinha posto a tocar Sarah McLachlan. O álbum que agora se ouvia era Fumbling Towards Ecstasy, o meu preferido entre os dela, por ter sido o primeiro que comprei. Fechei os olhos. Fiquei admirada por Kyle gostar deste tipo de música; ela cantava muitas vezes sobre o decepção amorosa, a perda e a perda de identidade. No entanto, era a música ideal; contribuía para a atmosfera descontraída, amigável e agradável. Criava um ambiente tão propício que, se eu lhe perguntasse agora, ele, provavelmente, contaria. Fechou os olhos e eu percebi que era o momento certo.

– Aah... – principiei.

– Então... – disse ele ao mesmo tempo.

– Oh, desculpe, diga – exclamamos os dois.

– Não, diga você – incitou Kyle, levantando a cabeça.

– Não, diga o Kyle – repliquei. *Talvez pergunte mais tarde, disse a mim mesma. Talvez não passe de uma grandessíssima covarde, retorquiu outra parte de mim.*

– Ia perguntar se ia muito à praia na Austrália – declarou Kyle.

– Não muito – respondi, recuando mentalmente até à época em que lá tinha estado. – Fui à praia um punhado de vezes. Fui a Bondi apenas uma vez; não sou muito dada à praia e coisas assim.

– Contudo, foi viver na Austrália, a terra da praia.

– O que quero dizer é que não sou grande nadadora, nem tenho muito jeito para esportes aquáticos, e, se não se é muito dado a esse tipo de coisas, a estada na praia resume-se, essencialmente, a ficar deitada ou a jogar voleibol e eu não tenho jeito nem para uma coisa nem para outra. Além disso, para ser sincera, não sou grande apreciadora de roupas de banho.

– Permita-me que a interrompa imediatamente – atalhou Kyle. – Não quero ouvir nenhum desses disparates femininos, a respeito de ser gorda. Você não é gorda. Não admito que me diga o contrário.

– Não acho que seja gorda. Também não acho que seja magra. Para ser sincera, não me vejo, de todo, nesses termos. Mesmo quando pesava menos e vestia 38, não usava roupa de banho. Não gosto muito de exhibir o meu corpo. Não vou além de uma saia ligeiramente acima do joelho e, mesmo assim, é muito raro. – O meu peso era instável e, para mim, tinha apenas uma importância parcial. Era uma mulher de curvas, o que era fruto da hereditariedade, e tinha seios maiores do que o normal, uma cintura um tanto delgada e ancas estreitas. Já alguém me tinha dito, certa vez, que eu tinha o traseiro mais perfeito que jamais tinha visto. O meu corpo, porém, não era, para mim, motivo de angústia existencial. Não era obesa, pelo que, ao longo dos anos, passei a considerar que havia outras coisas mais sérias com que me preocupar.

– É uma mulher rara, não se preocupando com o peso. Até a Ashlyn, que é delgadinha, se afligia com isso. Quando teve os gêmeos ficou obcecada com a ideia de perder a gordura ganha na gravidez. Ouvi-a dizer à mãe, ao telefone, que, se não recuperasse a forma rapidamente, eu era capaz de a deixar. A mulher acabava de ter os meus filhos, tinha feito a coisa extraordinária de me tornar pai, como poderia eu deixá-la? – Kyle abanou a cabeça. – Eu nunca seria capaz de “deixá-la”, não da forma como ela se referia a isso.

Era a oportunidade ideal. Afinal, estávamos abordando o assunto. Abri a boca para lhe perguntar e, de repente, Kyle pôs-se de pé, com uma expressão perturbada no rosto. Quase como se o fato de ter falado na mulher o tivesse levado a um lugar aonde ele não queria ir.

– Outro café? – interrogou.

– Aah, sim, obrigada. – Estendi-lhe a caneca branca e ele foi buscá-la. – Aliás, eu ajudo-o – falei. Se fosse para a cozinha com ele, podíamos continuar a conversa e talvez eu tivesse coragem para voltar a falar nela.

Tirei a perna esquerda de cima do braço do sofá sem complicações. A perna direita foi um pouco mais difícil: manifestou estar imobilizada naquela posição, gostar bastante de estar ali e mais valia eu ter ficado quieta. Kyle viu que eu estava com dificuldades, pousou as canecas que segurava na mesinha lateral e alcançou-me. As suas mãos grandes e quentes tomaram as minhas e levantou-me, fazendo-me parar à sua frente.

A sala sossegou por um momento, enquanto ele me fitava, me olhava mesmo nos olhos. Da última vez que tínhamos trocado um olhar assim, estávamos sentados na mesa da sua cozinha: eu dava um puxão de orelhas por ter assustado os filhos e ele tentava perceber se a desconhecida de olhos negros que tinha à sua frente faria realmente queixa dele por abandono. Este olhar era mais suave. Mais amável. Tínhamos evoluído muito em pouco tempo.

Largou-me as mãos e eu sorri enquanto virava-me na direção da porta. De repente, levou a mão ao meu rosto, baixou a cabeça e beijou-me. O seu cheiro invadiu-me as narinas, o outro braço envolveu-me o

corpo, aproximou-me dele e, em seguida, passou a mão pelo meu corpo. Fechou os olhos e introduziu a língua na minha boca. Aconteceu tão depressa, tão inesperadamente, que levei alguns segundos para reagir.

Levei-lhe as mãos ao peito e empurrei-o com o máximo de força possível para o afastar de mim.

– Que raio você está fazendo?! – gritei-lhe quando ele recuou aos tropeções e, depois, parou. De modo frenético, usei a palma da mão para apagar a impressão que os seus lábios tinham deixado nos meus.

Ele permaneceu a uma curta distância de mim, olhando-me com sincera confusão.

– Eu... Eu pensei... – gaguejou. Fiquei subitamente ciente da sua presença física. De como ele era maior do que eu, de como o seu físico podia ser ameaçador numa situação destas. Dei um passo atrás para criar espaço, uma zona de segurança, entre nós, para evitar estar facilmente ao seu alcance. Olhei de relance para a porta; seriam necessários alguns passos para chegar até ela, para escapar. Era, porém, possível; se tentasse, poderia conseguir. – Eu... Eu pensei... – continuou a tartamudear, com uma cara de desorientação.

– *Pensou o quê?! – bradei, irritada com a sua incapacidade de exprimir o que o tinha levado a cometer tal estupidez. Então, lembrei-me das crianças, dormindo lá em cima. Não queria assustá-los, pelo que baixeí o tom de voz. – O que é que você pensou? Hã? O quê?*

– Pensei... Estávamos nos divertindo, conversando...

– Então, conversando! Não... – Esfreguei novamente a boca; o sabor a café que ele me tinha transmitido com os lábios estava a infiltrar-se na minha boca. Esfreguei com força, tentando eliminá-lo. Eu não gostava de café. Não bebia café. Sim, aceitava-o se me fosse oferecido, mas nunca o bebia.

– Não compreendo... Pensei que quisesse que eu a beijasse.

– *O quê?! Por quê?*

Ele nada disse. Limitou-se a franzir a sobrancelha para me mostrar a sua desorientação.

Respirei fundo e acalmei a voz.

– Sério, Kyle, o que te deu essa impressão?

– Estávamos conversando...

– Mais uma vez, como já disse, conversar não é beijar. Você beija todas as mulheres com quem conversa? É que, se beija, deve ter dificuldade em ir ao banco ou ao supermercado.

Kyle avançou e o pavor constringiu-me o coração.

– Não se aproxime de mim – ordenei e ergui as mãos de forma protetora, o que teve o efeito desejado, pois ele parou. Fitou-me, perplexo.

– Não compreendo – disse Kyle. – Pensei que estávamos em um bom momento. Sabe... que talvez... Não compreendo. Pensei que você gostava de mim.

Dei um passo na direção da porta.

– E gosto, Kyle, mas não beijo todos os tipos de quem gosto. Sobretudo quando se trata do meu senhorio e nós não fizemos nada senão conversar. Além disso, não lhe dei minimamente a entender que estou interessada nele dessa forma.

Ao fundo, a voz de Sarah McLachlan baixou um pouco e ela começou a preparar-se para iniciar a canção seguinte, dizendo-nos que já todo o medo a tinha abandonado, que já não estava assustada. Eu ainda respirava com dificuldade, o meu medo ainda não tinha ido embora. Ainda estava assustada por não ter previsto aquilo.

Agitado, Kyle esfregou a cabeça com a mão.

– Desculpe. Pensei que estava acontecendo alguma coisa entre nós.

– Que acontecia alguma coisa entre nós? O que o levou a pensar isso?

– É preciso ser mais explícito?

– É, parece que é, Kyle, porque eu estou confusa.

A voz de Sarah preencheu o silêncio que existia entre nós enquanto ele olhava com desolação para o tapete.

– Você tem me dado tanto apoio. Está sempre aqui: prepara refeições, vai buscar as crianças, faz limpeza... – A sua voz perdeu-se e ele, lentamente, levantou a cabeça. – Pensei... – Suas palavras desvaneceram-se novamente, como se não conseguisse explicar-se.

– Kyle, eu percebi que você estava passando por dificuldades e tentei ajudar, mais nada. Lamento não ter dito isto antes, mas estou apaixonada

por outra pessoa. – Levei a mão ao coração e, depois, apontei para ele. – Não vai acontecer nada entre nós. Não vai acontecer nada. – Ele não reagiu. Estava paralisado pela confusão, não fazia ideia do motivo pelo qual eu o tinha rejeitado.

– É melhor eu ir andando – declarei, pegando nas minhas coisas: o casaco de malha e o cachecol que tinha tirado e lançado para cima de uma das poltronas, as sandálias pretas e vermelhas que tinha deixado junto ao sofá e a pequena, que continha a carteira e o celular. Será que Kyle tinha me visto tirar tudo aquilo, ficar à vontade, pensando que o fazia por ele? Que estava preparando-me para uma noite de paixão?

– Até à vista – disse ao ir embora, segurando os meus pertences nos braços. Nem sequer calcei os sapatos; limitei-me a sair da sala de estar, atravessar a cozinha e chegar ao jardim. Dei passos gigantes, nas pontas dos pés, atravessando o terreno coberto de grama e, depois, entrei no meu apartamento. Tranquei a porta da rua e, em seguida, tremendo ligeiramente, subi as escadas, deixei cair as minhas coisas no chão e afundei-me no sofá.

Não conseguia ficar sentada, nem descansar e pus-me logo de pé novamente.

Ainda tremendo, comecei a andar de um lado para o outro.

Ele pensou mesmo... Sempre que me lembrava da firme pressão dos seus lábios na minha boca e da sua mão passando levemente pelo corpo, o meu estômago revolvía-se com as náuseas. Como foi capaz? Como foi capaz?

Percorri o meu apartamento, esfregando a boca com a palma da mão. Você nunca se sente frustrada?, sussurrou a voz na minha memória. Nunca quisesse tanto uma coisa que estivesse disposta a fazer tudo para alcançá-la?

Tinha de me livrar daquele sabor de café. Fui ao banheiro, peguei a escova de dentes e apliquei-lhe creme dental. As cerdas moveram-se facilmente sobre os meus dentes, sobre os meus lábios, e, depois, eis a hortelã. A hortelã fresca preenchia-me a boca. Joguei a espuma.

Ele está apoiado em um braço, fixando-me enquanto espera por uma resposta. Ouço a minha respiração. É por isso que sei que estou viva. Não me mexo. Olho para as fissuras no teto, mas não consigo me mexer. Não sinto

nada, mas ouço a minha respiração. Sopros curtos e superficiais aos meus ouvidos. Ainda respiro, logo, sei que estou viva.

Apliquei mais pasta na escova de dentes. Lavei a boca de novo. Escovei as gengivas, os dentes, a língua, o céu da boca, os lábios. Não foi suficiente. Ainda sentia aquele sabor. Ainda sentia o sabor do beijo com aroma a café. Larguei a escova de dentes. Tinha de me livrar daquilo.

Despi o casaco de malha, tirei o cachecol e atirei-os para o chão revestido a mosaicos, junto ao caixote do lixo cromado. Era algo de que me encarregaria mais tarde, depois.

– Você não vai dizer nada? – pergunta ele. – Fala comigo, Kendra. – Os seus dedos longos estendem-se na direção da minha frente, talvez para afastarem alguns fios do meu cabelo, talvez para me acariciarem a frente, talvez para apenas me tocarem. Estremeço. Assustada. Com pavor de que ele me magoe. Outra vez.

A água jorrou do chuveiro, com o calor a atingir-me a pele, fazendo a calma alastrar-se imediatamente pelo meu corpo. Eu não desejava calma. Desejava esquecimento. Algo que apagasse a lembrança do seu corpo junto ao meu. Os meus dedos molhados escorregaram sobre a torneira da água quente ao abri-la mais. O vapor elevou-se, erguendo-se em vagas a partir do chuveiro enquanto a água a esquentar jorrava sobre mim. Fustigava-me a pele, queimando-me quase ao ponto de deixar de ser tolerável. Assim estava melhor. Purificava-me. Acalmava-me. As palmas das minhas mãos enrubesceram. A minha pele começou a protestar; era doloroso. A água quente infligia dor no meu corpo. Isto, eu compreendia. Compreendia a dor física. Esta fazia desaparecer o tormento de tudo o resto. Podia concentrar-me e focalizar-me na dor.

Com as mãos trêmulas, peguei no sabonete branco, comecei a passá-lo pelo meu corpo, cobrindo-o de espuma, fazendo desaparecer o pânico que Kyle tinha provocado. Isto tinha de resultar. Eu tinha de o eliminar por completo.

Na minha memória, a voz continuou a sussurrar. Pensei que era isso que você queria. Pensei que era isso que você queria.

Décimo quarto capítulo

– O Kyle beijou-me, ontem à noite – confessei a Gabrielle.

Tinha levado quase toda a manhã a encher-me de coragem para pronunciar tais palavras e, agora que estávamos sozinhas – Janene tinha tirado o dia de folga e Teri tinha saído para se encontrar com clientes –, tinha conseguido dizê-lo.

Os acontecimentos da noite anterior exerciam um grande peso sobre mim. Carregavam-me nos ombros, comprimiam-me o pensamento. Dava voltas e mais voltas à cabeça, a tentar, a tentar, a tentar... Não compreendia como podia ele ter-se enganado tanto. Por um lado, sabia que aquilo não devia ter tido grande importância, que tinha exagerado, mas seria mesmo esse o caso? Não seria melhor cortar já o mal pela raiz? Precisava de falar com alguém.

Gabrielle ficou paralisada diante do computador e, depois, rodou lentamente a cadeira na minha direcção.

– Era mesmo difícil de prever – comentou ela.

– O quê?

– Homem divorciado, mulher atraente e solteira: o sexo, geralmente, vem logo atrás.

Cruzei os braços à volta do meu corpo, tentando aguentar-me.

– Por quê? Porque é só nisso que as mulheres pensam? Em encontrar um homem?

– Não, de maneira nenhuma.

– Então, por que disseste isso?

– Suponho que reparei no tempo que tem passado com o Kyle e a família. Vocês dois são, de certo modo, chegados, pelo que presumi...

– O que aconteceu podia comparar-se a receber um beijo meu.

– Isso seria completamente diferente – refutou Gabrielle.

– O que quer dizer?

– Eu gosto mesmo de você.

Ela não estava me levando a sério. Pensei que talvez me compreendesse. Não sei o porquê. Gabrielle raramente falava sério. Ao longo de todo o período que culminou na saída de casa do marido e, depois, no divórcio, ela dizia piadas, fazia graça de si própria, ria. Em raros momentos de sinceridade, eu reparava na quantidade de maquiagem que ela tinha começado a usar para dar cor à pele, percebia que tinha de se esforçar por virar a boca para cima num sorriso, via a tristeza gravada bem no fundo dos seus olhos. No entanto, na maior parte das vezes, ela soltava risinhos. Gracejava. Achava tudo divertidíssimo. “Se não sabemos rir de nós próprios,” dizia ela frequentemente, “para que havemos de nos incomodar?”. No entanto, eu não suportava que ela risse desta situação. O meu corpo ainda estava sensível devido ao calor do banho da noite anterior; ainda tinha a cabeça a rodar como se tivesse sofrido um golpe inesperado.

Voltei a concentrar-me no monitor do meu computador.

– Esquece – afirmei. – Estou sendo tola. Não devia ter dito nada.

– Desculpa, querida – retorquiu Gabrielle. – Não percebi que estava tão abalada. Conta-me o que aconteceu.

– Não foi nada – assegurei. Encolhi os ombros. – Estou só sendo tola.

– Foi apenas um beijo, não foi? – perguntou, subitamente preocupada. – Nada mais?

– Sim, foi apenas um beijo. Ouve, vamos esquecer isso, estou sendo tola.

– Foi por isso que se vestiu assim? – interrogou.

Que me vesti como? Olhei para mim própria. Tinha um colete preto, uma camisa de algodão branca, uma blusa leve com decote em V e um casaco de malha preto por cima do colete com umas calças pretas. Era sempre assim que me vestia para trabalhar: elegante, mas não de fato. Tapei o peito com o casaco de malha e cruzei os braços por cima do colete.

– O que quer dizer?

– Hoje é um dos dias mais quentes do ano e você está com roupa de inverno.

Forcei uma gargalhada, encolhi os ombros e concentrei-me no monitor do meu computador.

– Sabe como eu sou, tenho sempre frio. Quantas vezes já te pedi para aumentar o aquecimento? Já tinha me esquecido de que fazia tanto frio aqui, sobretudo depois de ter estado na Austrália.

– Austrália – repetiu Gabrielle. – Sabe, foi a primeira vez que falou nisso de forma espontânea. Adoraria saber como é.

– A Austrália? Não quero falar na Austrália – repliquei. Abri o meu livro de endereços e folhee-o, procurando um cliente que pudesse receber uma visita de cortesia, para ver se conseguia angariar alguns trabalhos ou combinar um almoço. Peguei no telefone e comecei a digitar os números. Gabrielle precipitou-se da sua mesa e, em dois passos, pôs-se junto à minha. Apertou o botão para interromper a linha, tirou-me o telefone da mão e voltou a colocá-lo cuidadosamente no gancho.

– Lamento ter sido volúvel – declarou, tendo a sua personalidade alterado por completo. Agora, estava séria e interessada. Devia ser esta pessoa que aqueles que a ela recorriam para terapia encontravam.

– Está preocupada em voltar para casa, hoje à noite, e vê-lo?

– Já te disse que estou sendo tola.

– Não está. Se isso te transtornou, não é uma tolice – disse delicadamente. – Conte o que aconteceu e por que a transtornou tanto.

Hesitei. Tinha me custado muito dizer alguma coisa, logo à partida, e, agora, não sabia se devia continuar. No entanto, eu tinha de viver com Kyle. Tinha de encarar a situação com alguma objetividade e a única forma de o fazer seria falar sobre ela.

De modo lento e hesitante, fiz-lhe um breve resumo.

– Surgiu do nada, sinceramente – concluí. – Nunca lhe dei minimamente a entender que estava interessada. Por que ele fez aquilo?

– Talvez porque gosta de você?

– Como é isso possível? Nem sequer me conhece e nós não saímos juntos algumas vezes, nem paqueramos. Não me interessa o que vem

nos livros ou nos filmes. Só porque ambos estamos disponíveis e passamos tempo juntos, isso não significa que vamos juntar os trapinhos.

– Tenho a certeza de que ele não fez por mal.

– Eu sei, mas como poderei relacionar-me normalmente com ele depois disto? Estarei sempre me perguntando se irá tentar de novo.

– Ah, querida, todos cometemos asneiras. Tenho a certeza de que ele está envergonhadíssimo por causa disso. E perceberá se ele vai repetir a façanha se tiver confiança em você mesma. Se ele pretender alguma coisa, você saberá. Uma vozinha dentro da sua cabeça, a sua intuição, dirá para não confiar nele. Nós somos ensinadas a ser educadas, simpáticas, e todas queremos que gostem de nós, mas, se vir que tem de eliminar mesmo a menor sensação de mal-estar em relação a ele, saberá que tem de evitá-lo. Esquece a educação, esquece tudo o que a ensinaram a respeito de gostarem de você, ouve a você mesma. Que informações obteve junto do Kyle?

– Não fiquei por lá muito mais tempo para descobrir grande coisa.

– Bem, se vai continuar a viver tão perto dele, tem de falar com ele para descobrir.

Ouvimos o caos deslocar-se pelas escadas do escritório acima, desde a rua principal.

Passos, conversas barulhentas, objetos a caírem ruidosamente nas escadas largas. A cada passo, o barulho intensificava-se e, de certo modo, esperávamos que a porta se abrisse de repente e uma trupe de artistas de circo entrasse aos trambolhões. Quando a porta efectivamente se abriu, entrou o meu grupo de artistas de circo: Jaxon foi o primeiro a chegar. Vestia umas calças cinzentas escuras, nas quais estava meio entalada a camisa azul, a gravata às riscas azui-escuras, amarelas e brancas estava torta, à volta do botão de cima desapertado da camisa, e, como de costume, uma das meias estava puxada até ao joelho e tinha a barra da perna da calça meio entalada nela, enquanto a outra lhe envolvia o tornozelo em anéis. Tinha um risco de caneta de feltro verde na face e tinta verde a manchar-lhe os dedos. Espantava-me sempre que um menino tão sossegado conseguisse ficar tão sujo em tão poucas horas.

Atrás dele, vinha Summer. Envergava a saia pregueada cinzenta escura da escola, a camisa azul e a mesma gravata com riscas azuis, amarelas e brancas que Jaxon, mas a sua ainda estava alinhada. De um modo geral, ela estava mais apresentável, mas o cabelo, com risco ao meio e apanhado em totós (eu tinha ensinado Kyle a fazê-lo bem), tinha fios a escaparem-lhe, em pontos aleatórios, por toda a cabeça. As meias estavam também a meia haste e a haste completa. Era evidente que ambos tinham tido um dia difícil nas salinas.

Atrás deles, com uma mochila ao ombro e outra, colorida, nos braços, juntamente com dois blazers e duas blusas azul-marinho, encontrava-se Kyle. Empoleirada no topo ele trazia ao ombro, já que a outra estava completamente aberta e o par da sapatilha estava pendurado para fora, preso por um atacador.

Ele estava pálido, hesitante, com feições abatidas e os olhos a precipitarem-se ansiosamente pela sala. Demorou muito mais do que devia a transpor a soleira da porta. Era evidente que considerava uma má ideia ter ido ali.

Levantei-me assim que Jaxon abriu a porta e contornei a minha mesa para os ver.

– KENDIE! – gritou Summer, passou por Jaxon, correu até mim, colocou-me os braços à volta da cintura e bateu-me com a cabeça no plexo solar, fazendo-me andar ligeiramente à roda antes de me apertar. Parecia que não me via há um ano ou dois e não que tinha me visto no dia anterior, mesmo antes de ir dormir. Felizmente, o escritório estava vazio, sendo uma tarde de terça-feira com pouco movimento. Não havia trabalhadores temporários nem clientes presentes, e Teri tinha ido para casa depois dos seus compromissos.

– Tive saudades suas – informou-me quando a fiz me soltar, me baixei até ao seu nível e lhe permiti colocar os braços à volta do pescoço e apertar com a mesma força. Jaxon permaneceu junto ao pai até eu olhar para ele, dirigindo-lhe um tácito convite a aproximar-se de mim e dar-me também um abraço. Arrastando os pés, como fazia quando caminhava, aproximou-se, enlaçou-me o pescoço com o braço e apertou. Summer já se tinha libertado de mim quando Jaxon chegou. Respirei fundo e aspirei o cheiro dos dois. Cheiravam à escola, a um

dia a pintar, a correr, a ler e a andar ao ar livre. Cheiravam à vida de Summer e Jaxon.

O abraço de Jaxon foi breve, tal como a sua fala – racionada, pois não eram necessários excessivos entusiasmos. Eu já sabia que ele gostava de mim e ele não precisava de fazer disso um espectáculo. Quando afastou o braço, eu pus-me de pé e ambos nos viramos para ver o que estava Summer fazendo.

Estava do outro lado da sala, sentada na cadeira de Gabrielle, com as pernas a balançarem e as mãos nos braços da cadeira, sendo o centro das atenções enquanto falava sobre as particularidades dos grampeadores e se os pretos eram melhores do que os azuis. Summer explicava a Gabrielle que um grampeador preto funcionaria sempre melhor do que um azul, porque tudo o que era preto era sempre melhor. Falava como se não conseguisse acreditar que uma pessoa da idade de Gabrielle ainda não tivesse percebido isso. Jaxon, atraído, como sempre, pelo que a formidável irmã fazia, foi ter com elas. Pelo caminho, pegou no grampeador grená que estava empoleirado à beira da minha mesa. Assim, fiquei, com efeito, na companhia de Kyle.

O meu coração começou a bater a compasso ternário, com o sangue a correr nos ouvidos como os rápidos num passeio por águas pouco profundas, quando me virei para ele. Quando fiquei de frente para ele, mergulhei na lembrança da noite anterior: a língua a introduzir-se na minha boca, a mão no meu rosto, o corpo demasiado próximo do meu, o sabor de café. Estremeci.

Kyle viu o meu estremecimento. Sabia por que eu estava tremendo. A sua ansiedade, que já estava patente nos olhos, na soturna colocação da linha contínua da boca, no corpo rígido, aumentou, começou a irradiar-se na minha direção.

Desviei o olhar, sendo incapaz de o fitar diretamente.

– Hum... A Summer fez questão de que passássemos aqui. Encontrou o seu relógio... – Proferiu as palavras gaguejando, como um menino de escola dando uma palestra improvisada sobre um assunto que não tinha estudado. – Acho que esqueceu dele ontem à noite.

Mais do que ver, senti Gabrielle a olhar para nós. Os três adultos sabiam o que aquilo parecia – que eu tinha tirado o relógio no quarto dele e não lavado a louça depois do jantar. Céus, o que está este homem a me fazer?

Os olhos de Kyle precipitaram-se na direção de Gabrielle, o seu olhar cruzou-se com o dela e, depois, empalideceu, horrorizado com o que parecia ter dito. À palidez, seguiu-se rapidamente uma explosão de rubor no seu rosto.

Sério, o que está este homem a me fazer?

Gabrielle voltou novamente a sua atenção para Summer e Jaxon.

– Quem quer umas guloseimas? – perguntou ela, para quebrar a tensão.

– Sorvetes? – interrogou Summer.

– Não, referia-me a doces – respondeu Gabrielle.

– Então, por que não disse doces? – retorquiu Summer, indignada. Não apreciava ambiguidades.

– Nós, os australianos, chamamos doces de guloseimas.

Em uníssono, os olhos de Summer e de Jaxon arregalaram-se e fixaram-se em Gabrielle.

– Você é da Austrália? – inquiriu Summer, com a voz carregada de entusiasmo, mas também de receio de que Gabrielle estivesse a enganá-la. – Como a Kendie?

– Não, como a Kendie, não. A Kendie é apenas uma australiana a fingir. Eu sou autêntica. Nasci mesmo lá e lá cresci. O que acham de eu levar vocês à rua para comerem umas guloseimas... uns doces... e explicar tudo?

– Está bem – disse Jaxon. – O Garvo também está curioso. – Nós três (eu, Summer e Kyle) viramo-nos e olhamos fixamente para ele. Jaxon nunca falava com desconhecidos. Ele retribuiu-nos o olhar como se tivéssemos sido nós a fazer algo fora do normal.

– Não faz mal, não? – perguntou Gabrielle a Kyle. – É logo a segunda loja aqui ao lado. Nós vamos e voltamos logo a seguir.

Kyle examinou Gabrielle, avaliando se seria seguro deixar os filhos sair com ela. Deve tê-la considerado apta, pois respondeu:

– Sim, com certeza. – Fez um movimento, afastando os objetos que tinha nos braços como se fosse buscar dinheiro.

– Não é preciso – afirmou Gabrielle. – Desta vez, fica por minha conta. – Pegou na carteira Louis Vuitton falsificada e apressou as crianças a sair pela porta.

– Não comam muitos doces – gritei-lhes. Gabrielle ergueu a mão em sinal de assentimento. – Sério, Gabrielle, só um pacote para cada um. Um pacote de tamanho normal.

– Sim, sim.

Mesmo que eu não lhe tivesse contado, ela teria imaginado que algo tinha acontecido entre mim e Kyle. A tensão derivada desse facto pairava densamente ao nosso redor. Em manchas compactas e pegajosas que gotejavam à nossa volta e sobre nós.

Assim que Gabrielle fechou a porta ao saírem, eu recuei, colocando-me atrás da mesa. Proteção. Eu precisava de uma barreira física entre nós, algo que garantisse que não havia mal-entendidos. No mesmo instante, Kyle deu um passo atrás, realçando que sentia o mesmo.

– Kend... Menina Tam... – Principiou. – Ouve, sinto muito. Eu fiquei... Eu... Imagino que estava... Não é desculpa, obviamente... Só... E foi... Não pretendo dizer...

Fitei Kyle, perguntando-me se teria noção de que ainda não tinha conseguido formular uma frase completa. Além disso, as palavras que tinha proferido, as frases que tinha começado, não tinham sentido para ninguém.

– Compreende, não compreende? – interrogou, quase sem fôlego, para terminar o seu monólogo de frases inacabadas. Os seus olhos brilhavam com a ansiedade de querer que eu o compreendesse, que acreditasse nele, que o perdoasse.

– Para ser sincera, não, já que não disse nada – declarei, sendo a minha voz tão incisiva que poderia infligir um golpe profundo num diamante.

Kyle mudou, de modo subtil, mas flagrante. Endireitou-se um pouco mais, os olhos tornaram-se um tanto mais duros, a sua voz era serena e distante ao dizer:

– Interpretei mal a situação. Podia ter acontecido a qualquer um. Pensei que, como ambos estávamos disponíveis, talvez pudéssemos...

Sabes, nós damo-nos... Temos as crianças em comum. Já se construíram relacionamentos com base em muito menos do que isso.

– *Relacionamento?* – retorqui, *incrédula*. – *Não queria apenas... Queria um relacionamento?*

Ele encolheu os ombros, chegando subitamente à conclusão de que tudo o que dissesse podia ser usado contra si, pelo que mais valia manter o silêncio.

– Kyle, não acha que já tem problemas suficientes com a sua mulher para querer, obviamente, agravá-los com um novo relacionamento com alguém de quem não sabes absolutamente nada?

– Abanei a cabeça em sinal de incredulidade.

– Ouve, Kendra. – A sua voz passou, sem esforço, de serena a dura. – Só porque cometi uma enorme estupidez e, a cada segundo que passa, percebo exactamente até que ponto foi uma estupidez, isso não significa que tenha o direito de me tratar como se eu fosse um idiota.

Ele tinha uma certa razão. Um comportamento estúpido, atos estúpidos não faziam de alguém um idiota. Até indivíduos perfeitamente sensatos e racionais eram capazes de grandes atos de estupidez inegável. Eu, por exemplo. Porque tinha eu travado amizade com os Gadsborough? Summer. Jaxon. A minha convicção de que eles necessitavam de ajuda. A minha convicção de que, de certo modo, cuidar deles compensaria o que eu tinha feito. Olhar por eles seria a minha redenção, o meu primeiro passo no caminho para o perdão. Estaria a compensar o fato de ter ajudado a destruir uma família. Summer, Jaxon e o bem-estar de ambos seriam a minha salvação. Como já disse: uma estupidez.

– Sinto muito – disse Kyle suavemente, quase exalando as palavras num suspiro pesaroso. Levantou e baixou os ombros, encolhendo-os de modo impotente. – Sinto muito. Não voltará mesmo a acontecer. Gosto de tê-la por perto, sabe? Não só pelas crianças. Como amiga. Não tenho uma amiga há... Já nem me recordo desde quando, de certeza que desde antes de ter casado. Colegas, sim. Amigas, nem por isso. Foi por isso que me enganei tanto. Gostaria, porém, que fôssemos amigos. Nada mais. Quer tentar?

Veio-me à memória o que Gabrielle tinha dito. Será que ele me causava mal-estar? Nem que fosse apenas um pouco? Eu sabia, em primeira mão, que as aparências iludiam, que o que estava à vista não correspondia necessariamente à realidade, mas, tirando o fato de ter me feito demasiadas confidências quando nos conhecemos, ele não me assustava. Não me exasperava minimamente, nem me causava o mais ínfimo mal-estar. Eu não queria que ele me beijasse, mas não ouvi nenhuma vozinha, nem tive a estranha sensação de que não devia confiar nele.

– Sem confusões? – interoguei, já sabendo que não ia permitir-me ficar numa situação em que as confusões fossem sequer uma possibilidade. Seríamos apenas amigos, mas eu teria de evitar ficar a sós com ele durante muito tempo.

– Nem nada que se pareça – retorquiu e sorriu. Era aquele sorriso que ele me tinha mostrado no dia do seu regresso das férias, o que me tinha levado a ir tomar o café da manhã em sua casa. O sorriso que tinha, com efeito, desencadeado tudo aquilo.

– Está bem – disse eu. – Está bem, podemos ser amigos.

O sorriso de Kyle intensificou-se e vi Summer no enrugamento dos seus olhos, Jaxon na curva da sua boca. Deviam ter herdado o formato do rosto da mãe, mas, em momentos como este, a marca do pai era óbvia de uma linda maneira.

– Vem com a gente para casa? – perguntou Summer ao entrar no escritório, instantes depois. Agarrou-se ao puxador da porta, movendo esta para trás e para a frente. Segurava um pacote de gomas em forma de bebês na outra mão. Jaxon e Gabrielle entraram lado a lado, passando por ela. Todos estavam com um ar culpado; Gabrielle não me olhava nos olhos. Não tinha sido apenas um pacote de doces. Havia refrigerante no meio, assim como algo que tinha manchado de azul a língua de Jaxon.

– Não, ainda não acabei o trabalho. – Não ia aproximar-me minimamente deles nas horas que se seguissem.

Os olhos de Kyle precipitaram-se de Summer para Jaxon e, em seguida, para Gabrielle, que tinha voltado para a sua mesa e estava a concentrar-se profundamente na tarefa de tornar a guardar a carteira

na mala. Kyle começa a perceber que tinha sido vítima de uma malvadeza naqueles dez minutos em que eles se ausentaram. Que teria de lidar com a maior das euforias causadas pelo consumo excessivo de açúcar nessa tarde.

– Tem a certeza de que ainda não pode vir para casa? – inquiriu Kyle, desesperadamente.

– *Tenho – respondi e avancei, apanhei um dos blazers, que lhe tinha escapado dos braços, e coloquei-o novamente em cima do monte. Dirigi-me a Summer. – Até logo – disse. Afastei-lhe os fios de cabelo negros e sedosos do rosto e dei-lhe um beijo na testa pegajosa. Fui ter com Jaxon. – Até logo. – Pressionei os lábios contra a sua testa. Voltei-me para Kyle e afirmei: – Até logo.*

– Não vais dar um beijo de despedida no papai? – perguntou Summer, fazendo o rosto de Kyle revestir-se de um suave e carregado tom rosado.

– Não, não dou beijos nos papais – comuniquei-lhe, ignorando o silêncio por parte dos adultos.

Gabrielle começou a tossir, iniciando teatrais e ruidosos espirros com a palavra “tretas” quase inaudivelmente imbricada nas pausas na tosse.

– Venham os dois, estamos de saída – declarou Kyle. – O circo do caos começou a bater em retirada, com Kyle a gritar a Gabrielle: – Prazer em conhecê-la. – E, depois, a mim: – Até breve. – A porta fechou-se depois de terem saído, com o tumulto que os tinha trazido ali a levá-los novamente.

Dez minutos depois, lembrei-me de que não tinha reavido o meu relógio, o que significava que, em algum momento, no futuro próximo, este estaria no pulso de Summer.

Ovo frito
e tiras de
pão torrado
com manteiga



Décimo quinto capítulo

– Não vamos de carro para o centro de Londres em um sábado – afirmei. – Não quando há um ótimo sistema ferroviário em funcionamento. – Apontei para a janela da frente da casa dos Gadsborough, vagamente na direção de onde imaginava situar-se a estação de trem.

O meu senhorio fitou-me com a sobrancelha levantada.

– Está bem, não quando há um sistema ferroviário em funcionamento – corrigi. Se formos de carro para Londres, hoje, mais vale apanharmos um avião para Hamburgo, porque demorará menos tempo.

– Hamburgo? – retorquiu.

– Você sabe o que eu quero dizer. Não sei qual é o seu problema com os transportes públicos, mas é uma tolice. Sobretudo quando temos de ir à cidade com as crianças. Já ouviu falar em trânsito? E já tentou estacionar lá? Você terá de hipotecar a casa uma segunda vez só para poder pagar duas horas de estacionamento. Vamos lá pegar o trem.

Summer e Jaxon estavam sentados no sofá, preparados para a nossa excursão ao Museu Britânico. Ambos tinham as suas mochilas coloridas, dentro das quais cada um levava uma garrafa de água, uma fruta, um pacote de batatas fritas, um cachecol, um chapéu, luvas, um casaco impermeável, livros para colorir, canetas e um livro para ler. Jaxon tinha guardado o bebedouro de Garvo e Summer, por sua vez, o Saltitão. Tinham os blusões de algodão abotoados. Eu também estava pronta, com a minha mochila cheia de bens essenciais. A única pessoa que estava atrasando o processo era o pai deles. O homem com fobia

de transportes públicos. Pois bem, como eu disse, ir de carro até ao centro da cidade era algo que, sob a minha vigilância, não ia acontecer.

Kyle olhou pensativamente para os filhos, com uma expressão ansiosa, com dedos a mexerem insistentemente numa linha solta. Tratava-se de uma sincera preocupação em usar os transportes públicos e não de mera presunção ou de uma característica da sua personalidade.

– Está bem, eu cedo – declarou. E se eu nos levasse de carro até uma estação mais próxima do centro de Londres e apanhássemos aí o trem?

Não era o ideal, mas tive a sensação de que se tratava de uma enorme concessão da sua parte; era o proverbial cavalo dado e eu não devia sequer olhar-lhe de relance para o dente.

– Combinado.

– Sempre vamos? – perguntou Summer, com o seu rosto animando-se como se já tivesse estado pronta para uma aventura, como se já tivesse estado pronta, disposta e mais do que apta e esta nunca se tivesse concretizado.

– Sim, até certo ponto, vamos – respondi.

– *Sério?* – *interrogou Jaxon, com cautela e incredulidade.*

– A menos que não queiram... – disse-lhes.

Em uníssono, pois era assim que Jaxon e Summer pareciam fazer quase tudo, saltaram do sofá.

– Queremos! – exclamaram. – Queremos!

– Vou buscar o casaco – comunicou Kyle.

A viagem até Londres decorreu, evidentemente, sem percalços. Jaxon, que era obcecado por trens a vapor, ficou igualmente entusiasmado com a ideia de ir num trem moderno. Nunca tinha andado de trem. Pensei que ele ia desmaiar de emoção, pela forma como o seu corpinho tremia e ele se dobrava constantemente para sussurrar as suas observações ao ouvido de Garvo. Summer ficou indiferente à viagem de trem; sorria porque ia sair de Brockingham.

Sentaram-se de frente um para o outro e olharam pela janela, com silencioso assombro. Kyle enfiou a cabeça numa revista de arquitetura

durante a maior parte do percurso.

Quando saímos de casa, as crianças dividiram-nos – Jaxon ficou comigo e Summer ficou com Kyle. O primeiro sentou-se ao meu lado, deu-me a mão quando entramos na estação subterrânea de Charing Cross para irmos para Russell Square e nunca mais me largou. A segunda fez o mesmo com o pai. Passamos os quatro pela entrada do Museu Britânico e o meu coração começou a agitar-se ligeiramente com o entusiasmo. Eu adorava o museu, adorava ver a nossa história e pré-história desvendadas, expostas para conhecermos. Tinha sido ideia minha irmos ali em vez de irmos às compras no sábado à tarde, pois queria tirar novamente partido da vida na Inglaterra. Eu me arrependeria para sempre de não ter chegado a visitar Uluru antes de ter deixado a Austrália, a ver o monólito que encerrava a história antiga dos primeiros australianos de perto, e não ia voltar a cometer o mesmo erro.

Uma ou duas horas depois, a emoção ainda não se tinha desvanecido em nenhum de nós. Vagueamos de sala cavernosa em sala cavernosa, de exposição em exposição, sustendo a respiração na expectativa do que veríamos a seguir. Os imponentes sarcófagos com os seus rostos e corpos pintados, as moedas elaboradas e os materiais da África antiga, os potes e cântaros da Grécia antiga.

Fizemos uma pausa para almoçar e sentamos no exterior, na manta para piqueniques que eu tinha levado na minha mochila, comendo os lanches de frango e salada que eu tinha embalado. (Sabia que as crianças esperavam tomar uma refeição em uma lanchonete, pois íamos fazer algo diferente, mas, tal como ir de carro até à cidade a um sábado, isso não ia acontecer sob a minha vigilância).

Enquanto remexia na minha bolsa, à procura de guardanapos úmidos para lhes limpar a cara, Kyle retirou uma máquina fotográfica da sua.

– Está na hora das fotografias – disse e sorriu-lhes. Summer passou imediatamente as mãos pelo cabelo para alisá-lo. Jaxon uniu os lábios numa careta e baixou a cabeça, mostrando ao pai o alto da cabeça como sendo aquilo a fotografar.

– Vá lá, Jax, cabeça para cima – incentivou Kyle.

Lentamente, ele levantou a cabeça e permitiu ao pai ver-lhe os olhos. Kyle usou a mão para tentar apressar-me a inserir-me no enquadramento.

– Kendra – exclamou ele, exasperado. – Aproxime-se mais das crianças; você está fora do plano.

– Não – retorqui –, vocês não querem uma fotografia minha.

– Aah, queremos, sim.

– Sério, não querem. Detesto me ver nas fotografias.

Ele baixou a máquina fotográfica, tendo a testa enrugada com a sobancelha franzida. Estava tentando perceber se havia alguma história por trás da minha aversão a estar diante da máquina, mas não havia. Eu simplesmente não gostava de ver o meu aspecto exterior, nem nos espelhos, nem nas fotografias. Na minha cabeça, na minha imaginação, eu sabia qual era a minha aparência. Quando via um reflexo ou uma fotografia minha, essa imagem era, invariavelmente, desfeita em pedaços e eu gostava, tanto quanto possível, de a manter intacta. A ideia de outras pessoas verem a minha imagem era ainda pior de que a de eu me ver a mim própria. Detestava a ideia de eles olharem para mim quando não estivesse presente. Só de pensar que me tiravam uma fotografia e examinavam as curvas e os contornos, os defeitos e imperfeições que compunham o meu ser sem eu saber, ficava perturbada. Detestava a ideia de alguém fazer isso. Detestava-a.

– Que tal eu tirar uma fotografia aos três? – disse eu, para desviar as atenções de mim para eles. – Máquina fotográfica? – Estendi a mão para que me fosse entregue o pequeno aparelho prateado.

Ele deu-me e deslocou-se para ficar ao lado dos filhos. Summer inclinou-se na direção do pai; Jaxon, que, de repente, já não estava inibido, ajoelhou-se e, em seguida, apoiou o cotovelo no joelho do pai. Através do pequeno visor quadrado, observei-os. Parecia que sempre tinham existido apenas os três.

Tirei três fotografias assim e outra com Summer subindo para as costas do pai, enquanto Jaxon estava deitado no colo dele. Tirei mais uma com Jaxon aos ombros do pai e outra ainda com Summer na mesma posição. Enquanto os captava em inúmeros momentos de imagem estagnada, perguntei-me se ser apagados era o que nos acontecia quando desaparecíamos sob uma nuvem ou por vontade

própria; se as águas se cerravam tranquilamente atrás de nós, como se nem as tivéssemos agitado, como se nem sequer ali tivéssemos estado. Isto porque, ao tirar, agora, fotografias dos Gadsborough, era difícil imaginar que Ashlyn, a mãe e esposa, alguma vez tivesse existido.

Em Regent's Park, Summer e Jaxon perderam as inibições e andaram à solta.

Correram por cima da grama como dois animais enjaulados que tinham sido libertados no seu meio natural pela primeira vez. Os cabelos de Summer voavam atrás dela enquanto corria e uma brisa soprava as madeixas de Jaxon enquanto perseguia a irmã. As pernas movimentavam-se, os rostos resplandeciam, estavam irreconhecíveis. Não eram as mesmas pessoas com quem eu passava o tempo. Aquelas eram livres. Livres para serem crianças. Livres para correrem, saltarem e rirem.

O pai, sentado em baixo, no seu lugar, ao meu lado, no banco, observava-os com um largo sorriso no rosto. Tinha ocorrido nele uma transformação. Os seus problemas tinham desvanecido e, ao observar as crianças, as preocupações tinham dado lugar à alegria.

Summer e Jaxon tinham começado a disputar corridas de árvore em árvore, ainda que, na idade deles, com as semelhanças em termos de peso, altura e tipo físico, este fosse um exercício inútil. Ficavam sempre equiparados. Kyle ria-se ruidosamente quando ambos tocavam na áspera casca castanha da mais recente árvore ao mesmo tempo. Era uma gargalhada espontânea que sensibilizaria e amoleceria mesmo o coração mais endurecido. Continuava rindo quando eles davam meia-volta para correrem na direção oposta. "Devia rir mais vezes", pensei. A forma como as rugas do seu rosto se atenuavam e os olhos se iluminavam tirava-lhe anos do rosto e da postura. Estava leve, feliz e jovem. Também ele estava livre.

– Lembra daquela vez em que fomos a Brighton... – disse ele, virando-se na minha direção. Deteve-se de repente, assim que pousou os olhos em mim. Nós não tínhamos ido a Brighton. Tratava-se claramente de uma recordação de uma caixa que ele queria limpar, abrir e explorar com a mulher. Com Ashlyn. Ficou um pouco desiludido por ser eu a estar ali e não ela. O olhar de Kyle percorreu-

me o rosto, os olhos negros, o nariz pequeno e largo, os lábios e, depois, voltou aos olhos.

Os seus olhos dirigiram-se ao meu cabelo e aí se detiveram.

– Tem... – Estendeu a mão e tirou-me um pedaço de grama do cabelo, com os seus dedos a roçarem-me, por breves instantes, a têmpora esquerda enquanto o fazia. Mostrou-me antes de o deixar voar ao sabor da brisa.

– Obrigada – disse eu.

Em silêncio, Kyle examinou-me o rosto novamente. Durante alguns momentos, pareceu não saber o que dizer, agora que se tinha lembrado da pessoa com quem estava.

– Quem é esse homem por quem você estava apaixonada? – perguntou inesperadamente. – Estou apenas interessado, como amigo. – Desde o infeliz incidente com o beijo, tínhamos evitado todo esse tipo de conversa.

– Está na Austrália. Não era a situação ideal. A parte da paixão não era problema, mas todo o resto era. Foi por isso que regressei. Um pouco de distância necessária, sabe.

Acenou com cabeça. Sabia.

Era a minha oportunidade para perguntar por Ashlyn – uma revelação íntima em troca de outra.

– Você deve sentir muito a falta da sua mulher – disse-lhe, antes que perdesse a coragem.

Acenou um pouco com a cabeça e deslocou novamente a sua linha de visão para as crianças.

– Suponho que sim – retorquiu, com um tom carregado na voz. Era evidente que não queria falar na mulher.

– Na outra semana, quando fui às compras com as crianças, eles... – Obriguei-me a mim mesma a continuar a falar. Ele podia não querer referir-se a ela, mas, se eu não perguntasse agora, talvez nunca mais o fizesse. – Eles mencionaram que Ashlyn estava doente?

Todos os músculos do seu corpo se contraíram ao pôr-se de pé bruscamente, com as feições a aguçarem-se de modo súbito e a respiração pouco profunda, mas silenciosamente pesada na zona superior do peito.

– Disseram que ela estava doente e que isso transtornava ambos – insisti. – Enfim, é grave?

– Depende do que entendes por grave – declarou calmamente, ainda com o corpo rígido e as feições firmes.

Eu nada disse; aguardei pacientemente um esclarecimento.

– Ashlyn não está doente. – Acabou Kyle por continuar. – Ainda que imagine que isso dependa do ponto de vista de cada um. Mas não está doente no sentido a que se refere. – Uma névoa instalou-se-lhe nos olhos. – A questão é que... – A voz de Kyle era suave como seda, tão delicada como o toque das asas de uma borboleta. Pareceu descomprimir-se um pouco, como se, finalmente, se rendesse ao que quer que o sobrecarregasse. – A Ashlyn não está doente – afirmou de maneira tranquila. – A minha mulher é alcoólatra.

Cereais integrais
e leite de
soja orgânico



Décimo sexto capítulo

– Esta deve ser a pior ideia que alguma vez você já teve – disse eu a Gabrielle.

– Vai ser divertido. Li um artigo que dizia que acampar é a atividade entre amigos que está mais na moda – retorquiu ela ao virar, ao fundo de Tennant Road.

– *E exatamente onde você leu esse artigo? Na publicação mensal Convença os Bobos dos Seus Amigos a Acampar?* – retorquiu.

– Escuta, eu preciso de um exercício de camaradagem com as minhas funcionárias e as colegas de outras sucursais de Londres e você precisa conquistar mais amizades aqui. Com pessoas que não tenham seis anos, nem sejam um homem em pleno processo de divórcio. Esta é a solução.

Eu manifestei o meu desacordo ao lançar um olhar carregado vagamente na direção a ela. Ela estava, de fato, tendo um gesto muito atencioso, ao tomar-me sob a sua proteção, mas acampar? Um fim de semana num hotel de luxo, sendo mimada, teria o mesmo resultado.

– Mal posso esperar por ser mulher com “M” maiúsculo, lutar contra os elementos, a caçar o próprio alimento, em harmonia com a natureza – afirmou. – Adoro enfrentar a adversidade. – No porta-malas do carro, tinha um cesto de luxo com quatro garrafas de Bollinger, dois sacos de dormir acolchoados e uma tenda grande. Lá enfrentar a adversidade não íamos nós.

– Vamos para Wildberry Woods, no Sussex, não para o deserto do Outback. E a caça, mesmo que seja para sobrevivência, é proibida.

– Não consegue estragar a minha fantasia, Tamale. Este fim de semana, vou viver um sonho. Viver um sonho.

Pegamos trânsito ao sairmos de Croydon e o fluxo multicolor de automóveis que serpenteava em direção ao horizonte, a perder de vista, obrigou o sonho de Gabrielle a esperar.

– Escuta, Kennie. – Principiou ela, com um tom jovial. Ia tentar convencer-me a fazer alguma coisa. Fisicamente, eu não podia trabalhar mais horas e não tinha dinheiro para lhe emprestar, pelo que não sabia bem o que poderia ela querer de mim. – Temos uma viagem de, pelo menos, duas horas pela frente e concluí que podemos aproveitar esse tempo de duas maneiras. Ou me fala da Austrália ou conversamos sobre trabalho. – Desviou o olhar do inseto que estava à nossa frente para me fitar. – Nenhuma de nós quer conversar sobre trabalho, não propriamente, o que nos deixa a Austrália. E não me refiro ao país. Quero saber por que regressou tão repentinamente. Quero saber quem é ele.

Eu e Gabrielle trabalhávamos muito bem em conjunto. Sempre assim tinha sido e eu não queria estragar tudo ao admitir algo que a faria ter menor consideração por mim, que me fizesse parecer má pessoa aos seus olhos. Por outro lado, talvez devesse contar-lhe. A ânsia de confessar e de ter alguém que me recordasse que eu tinha sido horrível inundava-me o peito havia semanas. Já merecia uma repreensão. Levava uma vida bastante tranquila desde que tinha regressado. Tão tranquila que quase me tinha esquecido do que fizera.

– Era casado – declarei e preparei-me para o arquejo, para a expressão de aversão, para a rigidez do maxilar.

– Vou precisar de mais informação do que essa – replicou quando eu nada mais disse.

Fitei-a de lado, com olhos semicerrados e desconfiados. Esperava uma reação mais áspera. Muito bem, ela precisava, então, saber a história na íntegra antes de me repreender, fazer as malas e enviar para a Sibéria da amizade.

– Eu sabia que ele era casado e nada aconteceu quando o conheci. Nem sequer me lembrava muito dele. Quando voltei a vê-lo foi numa festa. Entrei no jardim e lá estava ele. Foi como se um relâmpago vindo dos céus ou a seta do cupido tivesse me atingido quando o vi. *Tau!* Mesmo no meio do peito. Sério, ponho as mãos no ar.

Normalmente, não acredito nesse tipo de coisa, mas não consigo descrever o que sucedeu de outra forma. Não foi a sua aparência, foi apenas ele. Fiz a única coisa que podia fazer: dei meia-volta e corri.

Dei meia-volta e corri. Abri caminho por entre os corpos ébrios que se encontravam no jardim e corri para ir para outro lugar. Um lugar seguro e escondido. Acabei na cozinha. Tinha passado quase todo o dia em casa de Evangeline, ajudando-a a preparar-se para a sua festa, e, agora, andava ruidosamente por ali, tentando arrumar, tentando acalmar os nervos que se agitavam dentro de mim.

Ele entrou na cozinha e o meu coração socou-me naquele espaço em que as costelas deviam encontrar-se, à frente. O meu coração estava a entrar em pânico e a tentar fugir do meu corpo. Ele, tal como eu, estava apavorado. Eu nunca tinha sentido nada como aquele relâmpago vindo dos céus quando o vi no jardim e foi por isso que tive de dar meia-volta e fugir. Nem sabia quem ele era. Ele nada significava para mim, sinceramente. Era alguém ao lado de quem, certa vez, tinha passado algumas horas, sentada num bar, conversando sobre algo de que já nem me recordava. Apesar disso, a sua presença perto de mim estava enlouquecendo-me. Agora, também já não havia fuga possível.

O seu rosto animou-se beatificamente ao sorrir-me.

Eu afastei o meu medo e pus-me em bicos de pés para lhe colocar os braços volta do pescoço.

– Olá – sussurrei-lhe ao ouvido enquanto os seus braços me envolviam. Ele agarrou-se a mim, com os nossos corpos a tornarem-se quase um só enquanto recebia e transmitia o seu cumprimento. Passaram-se alguns instantes e eu estava prestes a largá-lo quando percebi que ele não ia libertar-me. Ia manter-me nos seus braços só mais um pouco. Agarrando-se a mim como se eu fosse a sua salvação. O seu cheiro – a CK One, à sua pele, a feromônios – invadiu-me os sentidos. Estava prestes a entregar-me, a descontrair-me e a desfrutar da proximidade quando ele me soltou e deu um passo atrás.

– Como você está? – perguntou.

– Estou ótima. E você?

– Estou bem.

– A sua mulher e os seus filhos estão aqui? – inquiri, consolidando no pensamento de ambos a ideia de que nada iria acontecer. Ele podia ter feito com que toda a espécie de emoções novas e nada desagradáveis me assaltassem, eu podia, sem intenção, ter feito algo que o levou a agarrar-se a mim, mas nada poderia acontecer.

– Não – respondeu, parecendo incomodado.

– Também estão em Manly?

Ele deteve-se, desviou o olhar por um momento e, depois, voltou a fitar-me.

– Não.

– Então, vai pernoitar em Manly ou regressar para o seio familiar? – Eu estava decidida a abordar a sua outra vida, a manter esta barreira entre nós, mas ele também estava decidido. Decidido a não falar nisso.

– Um amigo meu mora a poucos quilômetros daqui e deixou-me passar a noite lá.

– Ah, sim – retorqui. – Então, por que não...?

– O que é isto? – interrompeu Will para evitar a minha pergunta. Virei-me para onde ele olhava. Deu um passo na minha direção, para olhar a panela que estava no fogão.

– É o meu molho de churrasco – disse eu. – Fiz a partir de raiz.

– Posso prová-lo? – interrogou.

– Com certeza – respondi. Fui buscar uma colher de pau ao recipiente com utensílios que se encontrava ao lado, tirei um pouco de molho espesso, vermelho e salpicado de cebola da panela e levei-lho à boca, mantendo a outra mão por baixo da colher para não pingar. Ele inclinou-se na minha direção, segurou-me na mão para mantê-la firme e provou o molho. Os seus olhos fixaram-se nos meus e o meu coração retomou aquele agradável pânico.

– Está bom, não está? – perguntei bruscamente, afastando a colher.

– Está o máximo – replicou com um lento sorriso.

– Não vai dizer que está uma porcaria, não?

Ele riu e tal som difundiu fragmentos de prazer pelo meu ser, os quais se acumularam no meu estômago. Levei a colher para a pia.

Ao virar-me para trás, um homem dirigiu-se a mim. Vi os seus olhos percorrerem-me de maneira rápida, pelas pernas excepcionalmente expostas numa saia de camurça castanha acima, sobre as elevações do meu peito por

baixo da blusa cor de laranja que não parava de me descair no ombro esquerdo.

– É Kendra? – perguntou.

– Sim, de fato, sou.

– Disseram-me que me proporcionaria uma visita guiada pela casa.

O meu truque na festa na casa de Evangeline consistia em proporcionar uma visita guiada pela residência. Tinham acabado de redecorá-la e ela estava farta de exibi-la, pelo que eu, de bom grado, assumi tal papel. Fingia muitas vezes que tinha feito Evangeline o favor de projetar a casa.

– Quem lhe disse isso? – indaguei.

– Um dos seus numerosos admiradores – respondeu com um sorriso atrevido.

– Oh, pare com isso – retorqui.

Ele sorriu e fitou-me com a sobrancelha levantada.

– Então, quanto à...

De repente, Will pôs-se ao meu lado.

– Por acaso, amigo, ela ia mesmo agora proporcionar-me uma. – Decorreu um momento de constrangimento. – Uma visita guiada, quero eu dizer. Você prometeu uma visita privada há séculos.

– Prometi? – Não tinha feito tal coisa.

– Não, não prometeu, mas, visto que somos velhos amigos, considero que devia ter o direito de ser o primeiro a receber uma visita guiada.

– Velhos amigos? Nós ficamos sentados um ao lado do outro uma vez, num bar.

– Mas passou toda a noite a insultar-me e isso aproxima uma pessoa de outra.

– Não, isso significa que uma pessoa descobriu muitos defeitos noutra.

– Isso também.

Voltei-me para o outro homem e verifiquei que se tinha ido embora. Era evidente que sabia quando tinha sido derrotado.

Guiei Will pelas várias divisões da casa, sempre ciente da sua presença junto a mim. O corpo quente. Os passos. A respiração cadenciada. Cada passo fazia-me ficar com a boca seca, com o coração a bater com compasso ternário. A última parada do percurso foi a estufa. Evangeline mantinha-a fechada durante as festas, mas eu pude ficar com a chave e levar as pessoas lá dentro

se, depois, a trancasse. Permiti que entrássemos no orgulho e alegria de Evangeline, um prolongamento da casa que tirava partido do fato de residirem na colina. Três das paredes eram de vidro, tal como o telhado, e, daquela sala, conseguíamos avistar o Mar da Tasmânia; para lá deste, ficava a Nova Zelândia.

Deixei a porta entreaberta, de modo a não ter de acender a luz principal, nem as laterais, o que estragaria o efeito de estarmos ali à noite.

– E eis a “pièce de résistance” – afirmei. Da sua localização na montanha, era possível ver o negrume constantemente encapelado do mar, mas aquilo que eu mais gostava era de olhar para o carregado céu negro azulado, salpicado de minúsculos pontos de estrelas. De olhar para cima e contemplar o infinito.

– Esta sala é como a arquitetura de Londres – disse a Will, que se encontrava um pouco atrás de mim, à minha esquerda, a fixar, com assombro, o horizonte.

– Sob que aspecto? – interrogou.

Virei-me para ele ao dizer:

– Vemos o melhor se olharmos para cima.

Ele inclinou a cabeça para trás, mostrando o pescoço, e eu tive vontade de lhe acariciar a macia pele branca com as pontas dos dedos. Tive vontade de me pôr em bicos de pés e tocar com os lábios naquele ponto exato, de sentir o sabor da suavidade em que as suas palavras eram produzidas. Em vez disso, sorri quando o deleite se lhe alastrou pelo semblante ao perceber que estava no exterior, dentro de casa, que conseguia avistar o fim do universo.

– É lindo – sussurrou. Baixou a cabeça e fixou-me. – É realmente lindo. Alto, avisei-me a mim mesma. Alto.

– Então, por que a sua mulher não veio com você esta noite? – interoguei, voltando a colocá-la de uma vez entre nós. Recuei alguns passos e empoleirei-me nas costas do sofá que se encontrava no meio da sala, com o feixe de luz do corredor a incidir-me nas pernas, na barriga, no peito e no pescoço.

Ele baixou os olhos e pisou insistentemente um ponto no chão com a biqueira do sapato.

– Quer a resposta oficial ou a resposta completa?

– Aquela que você sentir mais à vontade em divulgar a uma pessoa praticamente desconhecida.

– Está bem, pessoa praticamente desconhecida, a minha mulher teve um caso de uma noite há quatro anos. Temos um filho de três anos e, quando ele ficou gravemente doente no ano passado, pensamos que não sobreviveria, pelo que ela me confessou tudo, por pensar ser o seu castigo pelo que tinha feito. Ele é, sem dúvida, meu filho. Mesmo que não o fosse biologicamente, seria sempre meu. No entanto, desde então, não conseguimos relacionar-nos normalmente. É, portanto, por esse motivo que ela não está aqui. Estamos a passando por dificuldades.

– Certo – declarei. – Certo.

– É o que eu também diria se estivesse no seu lugar.

Fiquei em silêncio, ele começou a pisar mais devagar naquele ponto no chão e, lentamente, percebi que estava olhando para mim. Despindo-me das minhas defesas, tentando infiltrar-se na minha pele. Estava dando certo. E isso não estava certo.

– Porque você não se limitou a dizer que a sua mulher não compreende e que decidiu ficar por aí? – perguntei.

– Por que não é verdade. A minha mulher compreende-me e eu compreendo-a. Simplesmente não conseguimos relacionar-nos normalmente.

– É disso que se trata? – interroguei, apontando para os nossos dois corpos através da distância que nos separava. – De vingança?

– Quem me dera que fosse – respondeu. – Se assim fosse, eu saberia o que sentia. Isso significaria que tinha ultrapassado o choque. Permaneço em estado de choque há cerca de um ano. Seria bom sentir outra coisa. Criar outra emoção suficiente para elaborar um plano com o intuito de ir em busca de vingança.

Deu pequenos passos na minha direção e eu vi-lhe os sapatos de camurça castanhos e gastos a aproximarem-se cada vez mais, até as respectivas biqueiras ficarem mesmo à frente das minhas botas pretas, compridas e bicudas. Tive medo de levantar a cabeça. Medo do quanto o meu rosto me atraindo. Segurei-me às costas do sofá, agarrando-me à vida que tanto prezava. Não sabia por que o desejava agora, já que não o tinha desejado quando o conheci. O porquê não conseguia travar aqueles sentimentos que me corriam nas veias. Nunca ficava assim tão louca com os homens. Detinha

sempre o controle. Retraía-me sempre – com e sem intenção. Aquele tal Will fazia-me sentir como se estivesse ao volante de um veículo para o qual não tinha carta; que, a qualquer momento, ia capotar à beira de um penhasco e cair num abismo de pura felicidade.

– Depois de ter saído, naquela noite em que nos conhecemos, cheguei ao carro – dizia ele –, que estava estacionado na outra ponta da cidade, e decidi que tinha de voltar para pedir o seu número de telefone. Fiquei eufórico depois de ter falado com você. Já não ria tanto há muito tempo e queria ver você novamente. Cheguei ao topo das escadas e, então, percebi o que estava fazendo. Percebi que não podia fazer o que estava pensando fazer, pois não estava disponível, você também não devia estar e eu não podia ser seu amigo. Não podia ser apenas seu amigo. Assim, fui embora de novo.

Aos ouvidos, eu escutava a minha respiração, suave, mas irregular. Agarrei-me com mais força ao sofá e fechei os olhos, esperando esconder-me aí. Tentando esconder-me no escuro, pois aquele veículo tinha caído do penhasco e estava suspenso pela ponta da placa, que ficou presa. Qualquer movimento brusco e eu estaria perdida.

– Quando vi o seu rosto há pouco, quando entrou no jardim, deu meia-volta e foi embora, percebi que você sentia o mesmo. Era recíproco.

Apoiou lentamente a testa na minha. Eu tinha ainda os olhos fechados, mas o ar abandonou o meu corpo.

– E, para que conste – sussurrou –, trata-se de atração. – Baixou ainda mais a cabeça e roçou tranquilamente o nariz no meu. – De pura atração. – Levantei a cabeça e, devagar, lentamente, os seus lábios tocaram os meus ao de leve. Arquejei silenciosamente. Pouco a pouco, os seus lábios comprimiram os meus e ele levou a mão ao meu rosto. Deixei-me levar. Larguei a derradeira borda que me mantinha no penhasco, larguei o sofá e uni os braços à volta dele, percorri-lhe o pescoço e os suaves fios de cabelo da nuca com os dedos enquanto o deixava beijar-me. Correspondi-lhe ao beijo. Permanecemos sob as estrelas, a beijar-nos como se só nós dois existíssemos.

O carro de Gabrielle deslocava-se devagar em direção à A 23; estávamos presas no trânsito havia uma eternidade. Ela não tinha feito muitas perguntas enquanto eu lhe falava de Will. Fiquei um pouco desorientada – falar e pensar em Sydney fazia-me esquecer onde

estava. Em Sydney, isso, por vezes, acontecia – estava assistindo a uma novela ou a um filme britânico, lendo uma revista ou um livro, e, depois, erguia os olhos e, por um momento, pensava estar na Inglaterra. Em Londres. Pensava que Sydney era apenas uma miragem. Por vezes, no meio daquela questão com Will, desejava que Sydney fosse uma miragem.

Fomos para casa do seu amigo, que ficava perto da de Evangeline.

Ele deu umas voltas, acendendo as luzes, e eu sentei-me no sofá, pensando no que tinha acontecido. Eu nunca agia assim. Nunca ia para casa de alguém praticamente desconhecido. Sentia-me, porém, muito segura com ele, como se ele tivesse conhecido toda a minha vida. Levou-me uma cerveja e perguntou-me se queria um copo.

– Caso não tenha reparado, não sou das que bebem pelo copo – declarei. Ele riu-se.

Abriu a lata fria e coberta de condensação e ofereceu-me.

Foi um pequeno e simples gesto que mudou tudo para mim. Foi um dos gestos mais amáveis que alguém jamais tinha tido comigo. O simples ato de abrir a lata revelou que, naquele momento, ao fazer algo tão insignificante, ele estava a pensando em mim.

Nós nos encaixávamos. O seu corpo, firme e quente, moveu-se o suficiente para me ajustar a ele; a parte superior do meu corpo cabia-lhe perfeitamente na curva do braço; a sua cabeça encaixava-se no espaço entre o meu ombro e o maxilar, outrora vazio.

Não tivemos relações sexuais, não fizemos amor. Não despimos nenhuma peça de roupa. Deitamos em cima dos cobertores, conversando. Trocando, por vezes, beijos profundos e demorados, mas, essencialmente, apenas conversando.

– Nunca mais dormimos juntos quando voltamos a nos ver e não nos vimos assim tantas vezes: seis, no total – contei a Gabrielle. Esforcei-me muito, mas não consegui simplesmente afastar-me. Deixávamos de nos contatar durante meses a fio e eu deixava de pensar nele todos os dias. Depois, algo acontecia ou eu via um livro, assistia a algum programa na televisão ou ouvia uma música e queria partilhar isso com ele. Escrevia-lhe uma mensagem de e-mail, mas

nunca a enviava. – Tinha centenas de mensagens que escrevera a Will e nunca enviara. Eram uma espécie de diário do que eu fazia.

Olhei para a estrada aberta, para os carros a circularem à nossa frente.

– Passados alguns meses sem contato, um de nós sucumbia. Geralmente, era eu. Enviava algumas frases e tudo recomeçava. As mensagens de e-mail diárias, uma ou outra mensagem escrita no celular. A imaginação. A culpa. A profunda e implacável culpa. Então, cerca de dezoito meses depois, a mulher dele descobriu.

Descobriu por meio de uma mensagem de e-mail.

Não por meio de uma daquelas mensagens. Não enviávamos mensagens dessas – das que estavam carregadas de sexo, desejo e fantasias. Agora, já não. E ele tinha apagado todos os indícios de que alguma vez o tínhamos feito. Tinha havido apenas um punhado de mensagens assim. Apenas algumas davam a entender que o que existia entre nós era físico. A maioria era banal e vulgar. Partilhávamos aspectos da nossa vida, do dia a dia. No nosso caso, não havia passado em comum, nem futuro em comum, pelo que falávamos sobre o presente, que vivíamos separados. Partilhávamos o que acontecia, vivendo o momento. Além disso, raramente permanecíamos em contato constante. Nenhum de nós aguentava. Não durante mais de uns dias. De que adiantava, se não íamos ficar juntos?

A mensagem que ela leu dizia:

Entããã, conte-me o que houve de melhor no seu dia.

Foi tudo. Foram essas dez palavras que lhe revelaram que eu andava partilhando os afetos do marido. Leu essa mensagem e percebeu. Não imagino como se sentiu. O que terá feito a seguir. Se desligou o computador, se começou a gritar por dentro, se berrou ao monitor do computador e se desfez em lágrimas ou se começou a planejar a vingança que surgiria depois. Sei que não lhe telefonou e exigiu que fosse para casa. Não lhe gritou assim que ele entrou à porta. Esperou até terem jantado, até as crianças terem tomado banho, ouvido uma história e ido dormir. Esperou até ambos terem um copo de vinho na mão e caído no sofá para o interrogar a esse respeito.

Talvez tivesse ficado tão entorpecida que nem sequer tinha pensado nisso até se sentarem, juntos, com um copo de vinho caro na mão, os pés apoiados na mesa e a televisão a trabalhar em segundo plano. Foi nesse momento que ela pôde virar-se para ele e revelar que aquelas dez palavras que eu tinha digitado sem pensar, semanas antes, lhe tinham dito tudo.

Will e a mulher (não pronuncio o nome dela, nem o penso; não sou digna de o empregar, de ter esse tipo de intimidade com ela) não tinham uma boa conversa há semanas, talvez meses, possivelmente anos. Tinham-se passado meses desde que ela se incomodara em perguntar-lhe como tinha sido o seu dia, semanas e semanas desde que ele perguntara a ela, mas outra pessoa, uma mulher de quem ele nunca tinha falado, uma mulher que ela nunca tinha visto, interessava-se por ele o suficiente para fazer. Outra mulher tinha o luxo, a liberdade em relação ao dia a dia de gerir uma casa, de criar uma família, de passar, ao lado dele, por toda a espécie de dramas cotidianos, de lhe perguntar como tinha sido o dia dele. Era por isso que ela sabia. Não havia outras mensagens de e-mail nem de celular, nada, a não ser aquelas dez palavras que lhe revelavam que uma parte dele estava noutro lado, com outra pessoa.

– Você tem dormido com outra pessoa? – perguntou-lhe quando se virou para ele enquanto tomavam vinho.

Ele respondeu sem hesitação:

– Não. – Era a verdade, ele não andava dormindo com outra pessoa, não tinha dormido com outra pessoa. – De maneira nenhuma.

Então, ela deve ter ficado assustada. O pavor deve ter-se abatido sobre ela – possivelmente, como uma pedra pesada, como o opressivo esvoaçar de uma tonelada de penas –, pois colocou a seguinte questão:

– Está apaixonado por outra pessoa? – Deve ter sussurrado tais palavras, sustido a respiração enquanto esperava pela resposta, para saber se a vida tal como a conhecia tinha acabado. Esperou por uma reação que jamais chegaria.

Will não queria mentir à mulher ao negar, nem queria magoá-la ao confirmar. Sendo especialista em ignorar aquilo com que não queria lidar, Will ainda não tinha aceitado que cometera a maior das traições ao abrir o coração a outra pessoa. Que permitira a outra mulher ocupar os lugares que costumavam ser habitados pela esposa. Tinha feito algo que só podia ter feito se estivesse apaixonado. Não tinha reconhecido isso perante si mesmo e não ia

ferir a mulher ao torná-la a primeira pessoa a quem o confessava. Assim, nada disse. Desviou o olhar e nada disse.

Ela exclamou:

– Você não consegue fazer nada bem? Se queria se vingar, devia ir para a cama com outra pessoa e não cair de amores por ela. – Depois, perguntou: – Há quanto tempo?

Ele respondeu:

– Demasiado. Até um dia é demais. Sinto muito.

– Você fez isso para me dar o troco? – interrogou.

– Não me parece – replicou ele. – Não fui à procura de outra pessoa ou de outra coisa. Depois de ter descoberto o que tinha acontecido, não conseguia falar contigo sem ter vontade de te gritar. Não queria gritar com você, pelo que se tornou mais fácil guardar tudo aqui dentro. E isto aconteceu porque eu não estava prestando atenção. Não estava concentrado em fazer a nossa relação dar certo.

– Quer fazer isto dar certo? – inquiriu ela.

– Mais do que tudo – redarguiu. Tentou pegar-lhe na mão, mas ela retraiu-se, não queria que lhe tocasse. Ele estava transtornado ao contar-me isto. O que você estava esperando?, apeteceu-me perguntar. Julgava que ela abraçaria você e diria que estava tudo bem? Você fez a pior coisa que se pode imaginar, a seguir a magoar um filho. Pensava mesmo que ela deixaria tocar-lhe?

– Não pode voltar a vê-la – disse-lhe ela.

– Eu não a vejo. Não falo com ela. Só trocamos mensagens de e-mail, de vez em quando.

Will pensou que não fazia mal dizer aquilo. Que tinha deixado a mulher sossegada a respeito de tudo. Fez exatamente o contrário. O que realmente disse foi o seguinte: “Apesar de não ter qualquer contato com ela, está sempre no meu pensamento. Acompanha-me sempre, deita-se conosco na cama, à noite. Está presente quando fazemos amor. Está comigo nas minhas fantasias”. O que devia ter dito era o seguinte: “Está completamente acabado. Terminei tudo porque não era você. Nunca dormi com ela e acabou. Não sei por que está mandando-me mensagens”. Como mulher, a sua esposa devia ter reparado na ausência de tais palavras, devia ter reparado que ele não disse que

tinha acabado. Devia ter reparado e guardado no pensamento, no coração.

Devia ter sido um dos motivos que a levou a fazer o que fez.

– Vamos recorrer à terapia – afirmou. – A uma terapia de emergência. Sei que, anteriormente não quis, mas, agora, tem de ser. Se quiser que isto dê certo, tem de estar disposto a fazer tudo para proporcionar isso.

– Tudo – retorquiu ele.

Uma semana depois, Will compareceu na primeira sessão de terapia. Tinham dormido na mesma cama, retomado a vida normal, descoberto um terapeuta e marcado essa consulta de emergência. Ele ficou lá sentado durante vinte minutos até perceber que ela não ia aparecer. Pagou ao terapeuta, telefonou para a mulher e não foi atendido. Nem em casa, nem no trabalho dela, nem no celular. Teve medo, ao apressar-se a ir para casa, de que ela se tivesse magoado.

Tinha razão em ter medo. Ela estava magoada. Agora, ia magoá-lo também.

Ela tinha decidido aproveitar o tempo que sabia que ele passaria no consultório do terapeuta para pôr todos os pertences na rua. Para mudar as fechaduras. Para lhe deixar a carta do advogado a informá-lo da intenção dela de pedir o divórcio no prazo de exatamente um ano a partir da data da carta, quando estaria legalmente apta a fazê-lo.

A mulher de Will não conseguiu perdoá-lo. Ele não tinha dormido com outra pessoa – tinha sido ela a fazer isso e, provavelmente, teria sido capaz de perdoar um ato físico. No entanto, o que ele tinha feito violava-lhes a santidade do matrimônio; era como uma faca profundamente cravada no coração daquilo que tinham construído em conjunto. O que Will não percebeu foi que ninguém confessa – ainda que por omissão – ter-se apaixonado por outra pessoa e continua casado. O amor não é assim.

– Então, tem aí a Austrália. Você queria saber e, agora, pode censurar-me. Tal como fizeram os poucos amigos que eu tinha antes de tudo isto. Sou estúpida. Sou egoísta. Vai em frente, diz-me lá as boas. – Estava a ser frívola porque estava preparando-me para o sermão. Para ouvir que tinha sido estúpida ao envolver-me, que ele era um patife, que eu estava a desperdiçar os melhores anos da minha vida à espera de um homem que me tinha usado. Já tinha ouvido tudo isso, assim como uma infinidade de outras versões. De todas as vezes,

isso prejudicou uma amizade e feriu-me profundamente, pois ninguém sabia. Ninguém compreendia o que ele significava para mim, porque era tão especial. Eu também nunca poderia explicar-lhes.

Os olhos de Gabrielle verificaram o espelho retrovisor, o espelho lateral e, depois, os seus dedos longos e magros ligaram a seta direita mesmo antes de infringir várias regras para atravessar duas faixas de rodagem, fazendo disparar um coro de buzinas atrás de nós. Virou na saída para a estação de serviço por que estávamos prestes a passar.

Oh, céus, ela vai mesmo me dizer poucas e boas, pensei enquanto lhe fitava o suave contorno do maxilar, que era firme e angular, agora que estava rígido enquanto ela fixava o olhar em frente. Ela tinha sido casada. Nunca me tinha contado por que ela e Ted se separaram e, depois, divorciado. Provavelmente, por causa de alguém como eu. Outra mulher que tinha interferido na relação de ambos. Talvez ela fosse mandar-me sair e ir a pé para o Sussex ou para casa. De qualquer forma, eu já não era bem-vinda no seu carro. Oh, céus. Oh, céus. Não posso perder o meu emprego, pensei enquanto ela percorria o estacionamento à procura de um lugar. Terei dificuldade em conseguir outro com um cargo tão privilegiado, tão perto de onde moro e com o salário que desejo. É karma: uma vida destruída em troca de outra vida destruída.

Silenciosa e cuidadosamente, Gabrielle ocupou uma vaga de estacionamento e desligou o motor. O som do cinto de segurança dela a ser desapertado preencheu o carro por um momento e, depois, deu lugar ao da mola elástica do cinto a ser puxada para trás. Fechei os olhos e contei até dez enquanto a ouvia mudar de posição no seu lugar. Preparei-me para a dor aguda de uma bofetada na face.

– Magoa-me muito que penses que alguma vez condenaria você – disse Gabrielle calmamente.

Espantada com as suas palavras e a sincera tristeza patente na sua voz, abri os olhos e olhei mesmo pelo para-brisas.

– Kennie, nós somos amigas, o que quer dizer que te conheço. Sei a moral que você tem, que, se houver uma causa, perdida ou não, você defende-a. Logo, sei o quanto já deve ter se martirizado a respeito disto. Ele deve ter sido muito especial, para fazer você ir contra tudo aquilo em que acredita. Desde que te conheço, não me recordo de uma

única vez em que tenha falado de um homem como falou dele. Por que eu haveria de menosprezar isso? Por ele ser casado? O que você sente é muito mais importante do que isso. E não, não estou dizendo que seja a situação ideal, que seja uma excelente ideia, ou que não existam algumas pessoas que pretendem expressamente relacionar-se com pessoas casadas; você não é uma delas. Pelo que disse, ele não parece ser inveteradamente infiel, mas, mesmo que o fosse, de que adiantaria repreender você? Isso apenas a aproximaria mais dele, obrigaria a guardar segredos. E, quando não se pode falar com as pessoas, começa-se a cometer loucuras. Querida, eu já fui casada, sei como as coisas são complicadas, sobretudo quando passamos por um mau bocado. Ele devia ter conversado com a mulher? Devia. Teria o fato de se manter afastada dele facilitado o entendimento entre eles e, talvez, a resolução dos seus problemas? Teria. Não foi, porém, isso que sucedeu. E, pela forma como você tem se comportado desde que regressou, tenho quase a certeza de que está passando maus bocados. Não precisa que eu faça você se sentir mal; decerto você consegue fazer isso sozinha.

Fechei os olhos novamente e preparei-me. Uma onda gigante de tudo o que não conseguia exteriorizar há quase dois anos estava a avolumar-se dentro de mim. Não consegui evitar. Tentei, tentei mesmo, mas não consegui evitar. Tudo jorrou numa torrente pouco digna e incontrolável. Saiu tudo e, de repente, estava a desfazer-me em lágrimas.

Nunca devemos subestimar a capacidade que a compreensão tem de nos fazer sentir verdadeiramente horríveis.

Torrada,
manteiga e
marmelada de
gingibre



Décimo sétimo capítulo

Existem muitos tons de escuridão.

Era nisso que Kyle pensava enquanto estava deitado, completamente vestido, na cama, no meio dos filhos. Tinha os braços cruzados sobre o peito, as palmas das mãos pousadas nos ombros. Costumava ficar assim deitado quando pequeno. Não gostava muito da noite. Pensava, quando criança, que, à noite, aconteciam coisas más. No negrume do seu quarto, conseguia divisar as formas da porta do armário à direita, da porta do banheiro à frente, das mesas de cabeceira de cada lado da cama, das pregas – largas e estreitas – das cortinas das janelas, que chegavam ao chão, dos suaves contornos do toucador. Os filhos se enroscavam como aparadores de livros quentes e com vida, de ambos os lados.

Não estava minimamente cansado, pois eram apenas nove horas, mas tinha de ficar na cama. Eles tinham se recusado a dormir sem ele, porque Kendra tinha ido embora. Só por aquela noite, mas tinham ficado com um olhar desvairado e paranoicos com a ideia de ela não voltar. Quando estava de partida com a Senhora das Guloseimas, Summer permaneceu à porta, fazendo Kendra prometer repetidas vezes que voltaria. Jaxon limitou-se a ficar sentado ao fundo do corredor, fingindo que aquilo não estava acontecendo. Quando Kendra tentou falar com ele, fingiu não ouvir. Ela conseguiu fazê-lo comunicar consigo ao falar com Garvo. Em seguida, saiu novamente para mais uma salva de pedidos de promessa de regresso por parte de Summer. Tudo isso tinha atrasado a partida de ambas quinze minutos.

Quando Summer estava na cama, pouco antes, tinha lhe pedido para chamar Kendra. Ele lembrou-lhe que esta tinha ido acampar, que, nessa noite, ia dormir sob as estrelas e voltaria no dia seguinte, a certa hora. Summer olhou para ele como se fosse um idiota. Como se não tivesse aprovado aquele plano e não a admirasse que Kyle tivesse permitido que aquilo acontecesse.

A única forma de os acalmar foi sugerir que acampassem no quarto dele, de modo a que pudessem dizer a Kendra que também tinham acampado. Criaram um dossel com os lençóis e leram as suas histórias à luz da lanterna. Foi uma tentativa, mas deu certo e ambos acabaram por adormecer, com Kyle no meio deles. Das duas últimas vezes que ele tinha tentado levantar-se da cama, olhou para baixo e viu um ou outro a olhar para ele, perguntando-lhe tacitamente onde julgava que ia. Estavam vigiando-o de acordo com um sistema de equipe de apanhada. Ele compreendia o que eles sentiam. Ele próprio o sentia: um sinal de preocupação em que Kendra desaparecesse das suas vidas. Era irracional, mas real.

Sobretudo, não tendo ele sido muito amável com ela nos dias que se seguiram àquele em que lhe tinha feito perguntas a respeito de Ashlyn. Ela não tinha culpa. Depois de ter contado a Kendra, Kyle tinha percebido como as palavras podiam ser poderosas. De como podiam libertar uma pessoa, acorrentá-la, levá-la para o meio do lugar a que se chamava inferno. Era difícil olhar Kendra nos olhos depois de ter confessado o seu segredo. Era praticamente impossível falar com ela.

Não tinha visto a reação dela ao punhado de palavras que explicavam tudo. Tinha-as balbuciado enquanto olhava para o vazio. Ela não tinha arquejado acentuadamente, nem tentado alcançá-lo para o consolar. Tinha permanecido calada por um momento e, depois, dito:

– Se quiser falar sobre isso, estou ouvindo. Se não, não há problema.

Estaria ele a imaginar ou a voz dela tinha uma ligeira entoação australiana ao pronunciar as palavras “não há problema”? A sua boca tinha feito um movimento para cima com a sombra de um sorriso.

Tinha se posto de pé num salto e informado que ia brincar com as crianças.

– Está bem – retorquiu ela. Não voltou a olhar para ela durante o resto do dia.

Agora, uma semana depois, estava deitado no escuro, feito refém pelo medo de abandono dos filhos, perguntando-se se ela voltaria. Kendra. Ou Ashlyn. Qualquer uma. Ambas. Queria ele, porém, Ashlyn de volta? Deveria?

Quase violentamente, afastou o pensamento dessa linha de raciocínio, voltou ao relatório que tinha de redigir e à apresentação que precisava rever. Não era a coisa mais interessante do mundo, a maior parte do seu trabalho já não era, mas aquele emprego pagava as contas – à justa – e permitia-lhe trabalhar de casa.

Ela estava deitada no sofá quando ele chegou à casa.

Com a figura esguia estendida, os olhos semicerrados, a olhar na direção da televisão, mas, provavelmente, a prestar-lhe muito pouca atenção. Baixou-se para beijá-la e, como de costume, deteve-se quando sentiu o bafo de álcool.

“Deve ter tomado apenas uns copos ao jantar”, disse a si mesmo, ignorando cuidadosamente o fato de que, como de costume, o prato do jantar dela estava no chão, junto ao sofá, ainda cheio de comida intacta e por ingerir.

Kyle deu-lhe um beijo na testa e ela esboçou um sorriso lânguido e devaneador.

– Olá, amor – disse ela. Ele tranquilizou-se a si mesmo, crendo que a voz dela estava indolente por ter sono. Tinha dormido por estar à espera dele, que, como de costume, estava fazendo serão no escritório. – Pensei que você nunca mais viria para casa.

– Para onde haveria de ir? – retorquiu. Costumava afirmar: “Não existe lugar onde preferiria estar”. Contudo, agora, já não. Agora, dizia: “Para onde haveria de ir?”.

Na cozinha, odiou-se por fazê-lo, mas foi até ao enorme lixo cromado e viu quantas garrafas continha. Duas. Duas garrafas de vinho tinto reles. Uma em cima da mesa, duas no lixo. Olhou fixamente para as garrafas, com o pé a carregar no pedal preto e a tampa cromada completamente aberta para lhe mostrar o que a mulher tinha andado a fazer nas suas costas. Tinha arranjado

um novo amante e este jazia entre o restante lixo, com o rótulo branco e os contornos lisos e insinuantes escarnecendo dele. Há de passar, disse a si mesmo. Há de ficar tudo bem. Estava ignorando a pequena garrafa de água tônica vazia que também se encontrava no caixote do lixo. Estava também a ignorar o semicírculo de batom no copo que ela tinha em cima da mesa. Estava fingindo não saber que ela nunca saía de casa sem batom, o que significava que tinha levado as crianças deslocando-se oitocentos metros, naquela mesma rua, para ir comprar o vinho e o gim para beber com a água tônica ou que as tinha deixado sozinhas. E ela nunca faria isso. Nunca.

Na cama, o cheiro característico do amante emanava dela e afagava-o em ondas azedas e persistentes. Encontravam-se em lados opostos da cama. Ele não sabia bem quando tinha isso começado a acontecer, mas tinham deixado de dormir encaixados um no outro, de receber consolo do calor do corpo um do outro. Agora, era como se fossem estranhos, estranhos amigos, pessoas que se conheciam bem o suficiente para partilharem uma cama, mas não para se deitarem bem próximos um do outro. Não para se tocarem.

Ficou deitado no escuro, sem encarar o problema. Sem se perguntar quando ela teria começado a beber tanto outra vez. Permitiu-se pensar que sempre tinha se preocupado com o que Ashlyn bebia, pois ela sempre tivera mais tolerância ao álcool do que a maioria das mulheres e mesmo que os homens – entre os quais ele próprio –, mas parou antes de se perguntar por que ela teria recomeçado.

Em vez de fazer isso, decidiu concentrar-se na grande apresentação da manhã seguinte. Nessa noite, tinha chegado em casa a uma hora vagamente aceitável, porque a apresentação, a grande revelação, aquela a que tinha se dedicado inteiramente nos últimos seis meses, teria lugar no dia seguinte. Assim, nessa noite, ele e todos os que com ele trabalhavam chegaram em casa relativamente cedo, de modo a poderem dormir, barbear-se, ficar apresentáveis para o cliente.

Kyle fechou os olhos. Tudo aquilo para que tinha trabalhado culminaria no dia seguinte. Tudo aquilo a que tinha dedicado a sua vida, por que tinha sacrificado o tempo que devia passar em família, valeria a pena. Quando chegasse ao fim, quando o cliente tivesse examinado as maquetes, os projetos, os planos, a apresentação gráfica, quando eles tivessem ouvido o discurso, ele poderia descansar. Tirar umas férias. Conversar com Ashlyn.

Conversar... com... Ashlyn.

Devidamente.

Tomar alguma atitude quanto ao problema dela. Quanto ao problema deles. Pois ele também fazia parte deste. Era um problema deles. Para o bem ou para o mal, tinha prometido. E, embora as coisas não tivessem propriamente pendendo “para o mal”, permaneciam, há muito tempo, no campo do “menos bom”. Isso haveria, porém, de mudar. Agora que ele dispunha de tempo, isso haveria de mudar. “O problema iria se resolver por si”, disse a si mesmo. Ficaré tudo bem.

Essa negação, o fato de ter ignorado a dimensão global do que estava acontecendo, era o que mais o exasperava.

Consumia-o como as bactérias devoram carne podre; a culpa que se retorcia no mais fundo do seu ser, apertando-lhe cada vez mais o coração com uma pítón a sugar a vida da sua presa. Podia ter feito algo. Se tivesse tomado uma posição mais cedo, enfrentado a mulher, talvez, só talvez, ela não tivesse feito o que fez a Summer.

– Não chore, pai, está tudo bem. – Kyle sobressaltou-se ao ouvir a voz de Summer. Os seus olhos eram tão grandes e sábios como os de uma coruja no escuro. Ele não tinha percebido que ela estava acordada e a observá-lo, nem que estava chorando. Ela afagou-lhe o braço. – Já está tudo melhor.

– Eu estou bem – sussurrou ele. Descruzou os braços e esfregou rapidamente os olhos. – Tenho apenas algo no olho.

– Está tudo melhor, pai – balbuciou ela, com os olhos querendo fechar e abrir de repente. – Nós cuidamos de você. – Depois, apagou-se como uma luz e, provavelmente, não se recordaria daquela conversa no dia seguinte. Ele voltou a esfregar os olhos para se assegurar de que estavam secos e, em seguida, cruzou os braços sobre o peito. Protegendo o coração dos monstros que viviam nos diferentes tons da noite. Era isso que o assustava quando era mais novo. Que algo lhe abrisse o peito e lhe arrancasse o coração. Não que isso o matasse, mas ficaria com um enorme buraco mesmo no meio do peito.

Décimo oitavo capítulo

Eu e Gabrielle fomos as últimas a chegar ao parque de campismo, devido à nossa improvisada parada para descansar.

Era demasiado humilhante pensar em tudo aquilo. Chorar no carro, ela passado a mão pelas costas enquanto eu soluçava. Algumas pessoas tinham passado pelo nosso carro, visto as minhas lágrimas e o consolo de Gabrielle e, provavelmente, pensado que ela estava acabando tudo comigo. Eu nem sequer tinha contado tudo a ela, o motivo de partir e de cortar relações com Will antes de o fazer – não lhe atendia as chamadas, bloqueei o e-mail, hospedei-me em um hotel durante alguns dias para evitá-lo. Também não tinha contado por que não abri a carta dele, nem por que tinha pavor de pensar nele. Não, ainda não tinha chegado à parte verdadeiramente horrível e, mesmo assim, tinha chorado daquela forma.

Entramos no estacionamento de Wildberry Woods, o parque de campismo na floresta. Tinham circunscrito parcelas de terreno individuais em determinadas zonas do bosque, cada uma com uma lareira de pedra e terra limpa onde montar tendas. Tínhamos mapas para caminhadas pelos percursos pedestres. O nosso *camping* situava-se no extremo esquerdo do bosque. As folhas assemelhavam-se a um dossel sobre a floresta e, ao partirmos, começamos a sentir um pouco de entusiasmo. Tratava-se, para mim, de algo fora do normal. Nunca tinha saído de casa desde o meu regresso, e Gabrielle tinha razão: tirando o trabalho, ter conversas de adultos era algo que faltava na minha vida.

Além disso, desde que Kyle tinha me contado a verdade sobre Ashlyn, não andava propriamente se esforçando a ser amável. Eu

compreendia perfeitamente. Quando as pessoas descobriam coisas a meu respeito, eu, geralmente, era bastante célere em dispensar a companhia da pessoa. Ele não queria me contar, mas o fez. Provavelmente, detestava a ideia de eu saber.

Encontramos as outras nas profundezas do bosque. Já tinham montado as tendas. Tal como eu e Gabrielle, as outras três estavam de calças de agasalho ou de estilo militar, camiseta e casaco de lã com fecho de correr. As duas mulheres que eu não conhecia chefiavam as sucursais da Office Wonders no Middlesex e no Sudoeste de Londres. Ambas estavam na casa dos trinta, uma delas era ruiva e a outra era loura. Gabrielle apresentou-as como sendo Moira e Lindsay. Moira tinha um sorriso deslumbrante e os cabelos ruivos apanhados ao acaso num rabo de cavalo. Lindsay era pequenina, muito bonita, com olhos risonhos e os cabelos louros penteados numa banana direita. A outra campista era Janene. Teri também era para ir, mas um dos filhos tinha contraído uma gastroenterite e ela não conseguiu encontrar alguém que tomasse conta deles de um dia para o outro tão em cima da hora, assim não pôde ir. (“Bastante conveniente”, pensei eu, já que ela me tinha confessado, ao almoço, na semana anterior, que preferia mudar fraldas sujas durante vinte e quatro horas seguidas a ir acampar.)

Lindsay, uma campista experiente, ajudou-nos a montar a tenda. Em teoria, era algo fácil de fazer. Em teoria, Gabrielle já o tinha feito várias vezes. Na realidade, demorou uma eternidade. Durante todo esse tempo, Janene e Moira expressavam admiração perante o conteúdo do cesto de Gabrielle, porque, evidentemente, íamos enfrentar a adversidade.

– Muito bem – exclamou Gabrielle, depois de termos estendido os sacos de dormir de luxo no fundo da nossa tenda –, preciso de duas voluntárias para irem à secretaria do parque de campismo, do outro lado do bosque, registrar a nossa presença e buscar a lenha que nos cabe. – Deixou decorrer um instante antes de dizer: – Kendra e Janene, que amabilidade vocês se oferecerem. Aqui tem a confirmação da minha reserva e o mapa. Uma de vocês pode fingir ser eu. Então, vão lá.

Não tive sequer oportunidade para dizer “desculpa?” antes de as suas mãos fortes terem pousado nas nossas costas e passarem a nos

empurrar firmemente na direção da secretaria do parque de campismo. Janene pareceu ficar tão satisfeita com o acordo como eu.

– Vaca – balbuciei a Gabrielle por cima do ombro. Ela atirou-me um beijo.

Caminhamos pelos bosques, seguindo o mapa no que parecia ser uma linha reta. Aquele lugar era lindo. Nos espaços entre as árvores, era possível ver o tom cerúleo do céu, beijado em pontos dispersos pelos aglomerados de nuvens de algodão-doce.

– Então, és de Brockingham? – perguntei a Janene. Gabrielle queria que estabelecêssemos uma ligação, pelo que eu daria o meu melhor.

– Aah, não me parece – escarneceu. – Sou do Oeste de Londres.

– Oh, sério? Eu também – exclamei. – Cresci em Ealing e frequentei a universidade de Leeds. De onde você é?

– Refiro-me ao Oeste de Londres propriamente dito – afirmou, com outro sorriso escárnio. – West Ken.

Muito bem, primeira tentativa, pensei.

O silêncio no bosque era calmante e, ao mesmo tempo, perturbador. Os únicos sons que se ouviam eram os dos ramos e folhas caídas que pisávamos e o de um ou outro chamamento de uma ave.

– Está saindo com alguém neste momento? – interroguei.

– Saio com o meu namorado da faculdade. Ele leva a relação mais a sério do que eu. Quer que nos casemos e eu, provavelmente, casarei com ele, mas tenho a certeza de que arranjo melhor. É um tipo bastante simpático e está completamente apaixonado por mim, mas veremos.

Muito bem, segunda tentativa.

– Você vai a algum lugar agradável, nas férias, este ano? – inquiri, desesperada.

– Só porque você viveu na Austrália, não julgue que pode esfregar na nossa cara. Não iria lá nem que me pagassem.

Terceira tentativa e está fora.

Chegamos à secretaria do parque de campismo, registramo-nos, fomos buscar a nossa lenha e, depois, regressamos sem trocarmos nem

mais uma palavra.

– Como foi, minhas lindas? – perguntou Gabrielle, com uma taça de champanhe de plástico na mão, do local onde se encontrava a descansar sobre a manta xadrez, junto à cavidade de pedra vazia onde se faria a fogueira.

Janene dirigiu-lhe um sorriso amarelo.

– Achei que foi uma verdadeira experiência de fomentação do espírito de equipe – disse eu a Gabrielle. Janene revirou os olhos e foi para a sua tenda, provavelmente, para retocar a maquiagem.

– Eu e Janene – ergui os dedos médios de ambas as mãos e afastei-os tanto quanto os meus braços permitiam – somos assim.

Décimo nono capítulo

Com pensamentos a respeito da grande apresentação do dia seguinte e de como, posteriormente, teria oportunidade para refazer a sua família a revoltearem-lhe na cabeça, Kyle começou a abandonar a consciência. Começava a esquecer tudo quando ouviu o silêncio da porta do quarto a ser aberta e passos pequeninos a entrarem no quarto.

Abriu os olhos e viu o contorno de Summer à porta. Segurava a boneca de trapos a que tinha dado o nome de Winter nos braços, agarrando-se a ela como a uma bóia salva-vidas. Fixou os pais, esperando, evidentemente, que um deles acordasse.

Kyle levantou-se, apoiando-se nos cotovelos. Ashlyn, enroscada em posição fetal, estava virada de costas para ele, de frente para a janela, alheia a tudo e ao que quer que fosse.

– Sum? – sussurrou Kyle. – O que se foi?

– Tem um monstro na minha cama, papai – informou Summer com serena certeza.

Tem um outro na minha, pensou Kyle, antes de conseguir evitá-lo.

– Tenho a certeza de que não há – retorquiou Kyle. Nunca tinha feito isto. Era Ashlyn que se levantava durante a noite. Era Ashlyn que convencia os gêmeos de três anos a voltar para a cama. Kyle, geralmente, continuava sempre a dormir.

Os olhos de Summer ficaram fixos no rosto dele – quem era aquele homem para lhe dizer o que estava ou não estava na sua cama? Claro que tinha um monstro no seu quarto, tinha-o ouvido. Tinha-o sentido. Teria o visto, se tivesse ousado virar-se e olhar para ele. E, se não tivesse fechado os olhos antes de saltar da cama e correr em busca da segurança do quarto dos pais, ele podia tê-la apanhado.

– Papai – disse Summer, fazendo uso de toda a paciência que tinha para os adultos –, tem sim. – Fixou o pai com os seus olhos verdes marinhos e o traço da sua boca determinada. Acenou com a cabeça e afiançou: – Tem sim. Juro.

Kyle percebeu que estava olhando no rosto da mulher. Aquela inabalável certeza que se lhe instalava no rosto e a postura que ela assumia na época em que costumavam conversar e ele ousava discordar. O rosto dela tornava-se uma máscara de pedra, assemelhando-se os olhos verdes marinhos a duas esmeraldas idênticas que apenas toleravam, mas não desculpavam o seu desacordo. Summer estava fazendo o mesmo. Kyle percebeu que seria idiota em discutir. O que sabia ele?

Suspirou e afastou os cobertores.

– Está bem – fez menção de se levantar –, eu faço-o desaparecer.

– Não é preciso – replicou Summer, deslocando-se na direção do pai. – Eu durmo na sua cama, papai. O monstro maroto vai embora amanhã.

Kyle ia protestar, mas, depois, deteve-se. Olhou para ela, para a menina com uma camiseta cor-de-rosa dos Ursinhos Carinhosos que lhe chegava aos joelhos. A menina com quem não tinha passado muito tempo nas últimas semanas, ou melhor, meses. Trabalhar no projeto tinha também o desagradável efeito secundário de raramente estar disponível para as crianças. Quase tinha esquecido de como eram as suas vozes, de que se formavam covinhas no rosto de Summer quando ela sorria, de que os olhos de Jaxon pareciam mudar de cor quando ele ficava a olhar com atenção, à espera da resposta a uma pergunta.

Além disso, a filha de três anos tinha decidido que ia dormir na cama dele, logo, a decisão estava tomada. Não havia nada a discutir. Mesmo que ele se levantasse da cama, fosse defrontar o monstro e ver se estava tudo em segurança no quarto dela, ela continuaria a querer dormir na cama deles. Ela era assim. Quando punha na cabeça a ideia de que queria dormir ali, seria ali que dormiria. Jaxon, embora fosse mais sossegado do que Summer, raramente ia para a cama deles. Era independente. Mesmo quando bebês, existia essa diferença entre eles. Era assim que todos conseguiam distinguir os recém-nascidos carecas e enrugados – Jaxon dormia em qualquer lado, nos braços de qualquer pessoa, no berço ou no banco do carro; Summer protestava ruidosamente se a mãe e, passado algum tempo, o pai não estivessem

aconchegando-a. Recusava-se a sossegar até saber que um dos pais estava próximo.

Tirou as pernas para fora da cama e levantou-se com pouca firmeza – estava mais dormindo do que pensava, tendo os membros entorpecidos pelo sono. Pegou em Summer por baixo dos braços, admirando-o que alguém que tinha chegado tão facilmente até à sua cama fosse tão fácil de levantar, tão leve ao ser levada ao colo. Colocou-a no meio da cama, ao lado de Ashlyn, que só se mexeu algumas vezes para tossir.

Deitou-se ao lado dela, puxando novamente os cobertores e certificando-se de que ela tinha metade da sua almofada.

– Agora – disse Kyle suavemente à filha –, papai tem de se levantar muito cedo amanhã, por isso, temos de ir já dormir, está bem?

Summer sorriu e acenou com a cabeça.

– Tá bem – retorquiu ela. – Vi uma fada, papai.

– Sério? – balbuciou Kyle, com o sono afetando-lhe os sentidos. Precisava mesmo de dormir. E depressa. Tinha a cabeça a zunir com o que tinha de falar na apresentação do dia seguinte. E tinha de ser o primeiro da fila na casa da xerox para mandar fazer plantas adicionais com dimensões de cartazes.

– É cor de laranja – explicou Summer. – Tem cabelo azul e cor de laranja. O vestido é cor de laranja. Os sapatos são cor de laranja. E as asas são cor de laranja.

– É muito cor de laranja. – A voz de Kyle era um murmúrio marcado pelo sono.

– Papai não pode vê-la – esclareceu Summer, com um misto de pesar e orgulho na voz. – Só eu. E o Jaxon. Papai, não.

– É pena – replicou Kyle.

– Agora, vou dormir, papai – disse Summer, como se Kyle tivesse tentando mantê-la acordada.

– Está bem, querida – retorquiu Kyle, sentindo-se castigado.

Summer fechou os olhos e, aparentemente de modo instintivo, afastou-se de Kyle, virando-se para a mãe. Quando estava dormindo, queria estar o mais próxima possível de Ashlyn. Kyle viu-a aninhar-se à beira da almofada da mãe, a escassos centímetros do onde ele, em tempos, dormia. Ashlyn, como se sentisse que alguma coisa no mundo se tinha alterado, soluçou, aclarou a garganta e, depois, virou-se na cama, voltando-se para a filha e o marido.

Estava ainda imersa no sono induzido pelo álcool, mas mostrou-lhes a flacidez das suas feições enquanto dormia.

O ciúme aguilhoou Kyle. Se ele não estivesse ali, Summer ainda estaria à porta, à espera de receber atenção.

Kyle fechou os olhos. Disse a si mesmo que não tinha tempo para sentir ciúmes, que precisava de dormir. Precisava ficar o mais repousado e desperto possível para a apresentação.

OuvIU-o quando, finalmente, abrandou o seu domínio sobre a consciência. O som rápido e repetitivo de uma pessoa a engasgar-se. De alguém com dificuldade em respirar, em inspirar e expirar. O som era demasiado alto, demasiado grave para ser produzido por uma criança. Kyle abriu os olhos de repente e esforçou-se por se levantar parcialmente, mesmo a tempo de ver aquilo a acontecer. Ashlyn a engasgar-se, com o seu corpo, que sofria uma convulsão de cada vez que se engasgava, a obrigá-la a levantar-se, a tentar respirar, a tentar fazer chegar ar aos pulmões, a tentar expelir o que quer que ela tinha na garganta. Tossiu e engasgou-se até, por fim, conseguir. Até vomitar tudo o que tinha bebido e comido. Um pesadelo líquido, vermelho e viscoso que rebentou sobre Summer.

Kyle não pôde evitá-lo. Tinha acordado demasiado tarde, os seus reflexos estavam muito lentos, não sabia o que ia acontecer. Fosse pelo que fosse, não protegeu a filha do dilúvio que se abateu sobre ela.

Summer acordou aos gritos. Não sabia o que se tinha derramado sobre a sua pele e fustigado o seu cabelo, mas ficou apavorada. Arrancada ao sono, ao sonho com a fada cor de laranja montando um unicórnio.

– MAMÃE! – gritou. O seu brado acordou Jaxon, que estava do outro lado da parede, e este começou também a gritar. Enquanto os gritos de Summer continham palavras, os de Jaxon eram um alto e prolongado berro de medo, de quem sabia que algo de mal tinha acontecido e estava tremendamente assustado.

Não parou. O pesadelo vermelho arroxado continuou a ser expelido do orifício escancarado que era a boca de Ashlyn até ela o tapar com a mão, com o vomitado a encher-lhe as bochechas e a sair-lhe por entre os dedos. Summer fixou a mãe, com os olhos arregalados em sinal de horror e a boca ainda a produzir um som horrível.

Entorpecido e impotente, Kyle foi incapaz de se mexer, de fazer o necessário, até Ashlyn levar a mão livre abaixo, afastar os cobertores e fugir. Correu para o banheiro, com uma mão tapando a boca e a magra parte superior do corpo sofrendo convulsões sob a camiseta demasiada grande. Bateu com a porta depois de entrar, não acionou nenhuma fechadura, a tampa do sanitário foi levantada e ela continuou a vomitar na privada, produzindo um som alto e lancinante, um som que evocava um verdadeiro tormento. Misturava-se com os sons produzidos por Summer e Jaxon. Os gritos de horror de Summer, o sonoro choro de Jaxon, a preocupação e confusão deste perante a gritaria, perante o fato de ninguém ter ido ter com ele.

Então, Kyle mexeu-se. Como um homem possuído, mexeu-se, estendeu as mãos, puxou Summer para os seus braços, abraçou-a, apesar do cheiro pútrido a vinho tinto fermentado, ácido gástrico e choque que manchava a pele e o cabelo da filha e invadiu o quarto.

– Está tudo bem, Summer. – Aquietou-a Kyle ao ouvido, passando-lhe a mão pelo cabelo pegajoso e sujo de vômito, que lhe estava quase todo colado à cara. – Está tudo bem. – Balançou-a nos braços, abraçando-a com força, tentando acalmá-la antes de a levar para o banheiro. Antes de ir sossegar Jaxon. – Está tudo bem – disse, balançando-a. – Está tudo bem, papai já está aqui. Eu já estou aqui.

Os gritos dela abrandaram lentamente, transformando-se num contínuo queixume.

No banheiro, fez-se silêncio. Ashlyn tinha acabado de vomitar, mas não tinha voltado ao local do seu crime. Estava escondida. Estava desmaiada. Estava sufocando no próprio vômito. Kyle não sabia, nem lhe interessava. Nesse momento, se nunca mais tivesse de a ver, seria cedo demais.

O cheiro, que se tornava mais pútrido a cada segundo que passava, que parecia entranhar-se dele através da pele, era insuportável. Tinha de levar Summer para o banho, de lavá-la até aquilo desaparecer. Purificá-la daquele ato. Os seus olhos vaguearam até aos lençóis da cama, manchados de vermelho, qual lembrança quase sangrenta do que Ashlyn tinha feito. Do que andava fazendo há tempo demais.

Movimentando-se devagar, para não traumatizar ainda mais a criança trêmula e chorosa que tinha nos braços, levantou-se da cama. Segurando Summer ao colo, saiu do quarto, sussurrando-lhe que estava a salvo, que não

precisava de ter medo. No corredor, parou. Não sabia o que fazer: se deveria ir até Jaxon ou se o estado em que Summer se encontrava, manchada de vermelho e sem energia, nos seus braços, o apavoraria ainda mais. Provinha um choro sonoro do quarto dele e, provavelmente, ele estava pregado à cama pelo medo. Precisava que alguém fosse até ele e também o consolasse.

“Merda!” Foi este o único pensamento de Kyle.

Deslocou-se para o quarto de Jaxon, usou a ponta do pé descalço para abrir cuidadosamente a porta branca e transpôs a soleira. O corpinho de Jaxon encolhido ao canto da cama, com os olhos arregalados em sinal de horror e o rosto lavado em lágrimas.

– Eh, amiguinho, está tudo bem, é o papai – disse Kyle suavemente, usando o volume e o tom de voz para tentar acalmar o filho assustado. – Está tudo bem, eu estou aqui. Está bem? Estou aqui. – Deu alguns passos em frente e Jaxon continuava a chorar. – Temos de ir já para o banheiro. Assim, venha conosco? – Jaxon respirou de uma forma acentuada e irregular, com o seu choro a abrandar.

Acenou com a cabeça.

– Pronto, ótimo. Então, anda lá. – Kyle mudou Summer de posição nos seus braços e passou-a para cima do ombro para poder estender a outra mão. Antes de ao filho, limpou a substância vermelha e viscosa que tinha na perna do pijama. O cheiro ainda estava impregnado neles, ainda lhe dava volta ao estômago, mas ele disfarçava. Se demonstrasse a sua repugnância, transtornaria ainda mais o filho. – Vamos lá, parceiro, vamos tomar um banho. – Com cuidado, com cautela, Jaxon saiu da cama e deu a mão ao pai. No banheiro, logo do outro lado do corredor, Kyle teve de largar a mão de Jaxon para acender a luz. Este esfregou os olhos perante a súbita claridade. Com um braço ainda segurando Summer, Kyle usou a mão livre para colocar a tampa na banheira e abriu as torneiras. O som da água a correr invadiu a divisão.

Jaxon atravessou o banheiro e moldou-se à perna do pai. Não queria ficar longe dele. Não compreendia o que estava acontecendo. Porque Summer estava vermelha. Porque iam tomar banho no meio da noite. Porque tinha sido acordado por aquele barulho horrível. Compreendia, porém, o pai. O pai era firme, calmo, estava presente. Tinha de ficar mesmo junto dele.

Quando a banheira estava cheia, Kyle fechou as torneiras e, cuidadosamente, despiu a camiseta de Summer e deixou-a caída no chão, num amontoado fétido. Tirou-lhe a fralda da noite e, em seguida, verificou a temperatura da água antes de nela a mergulhar. Ela ofereceu alguma resistência quando ele tentou fazê-la soltar-lhe o pescoço, pelo que teve de ficar assim, debruçado sobre a banheira, com os braços de Summer agarrando-lhe o pescoço, sem que o seu pavor lhe permitisse largá-lo, e com Jaxon sentado no chão, bem junto dele, com o dedo na boca e a outra mão a esfregar os olhos.

Kyle não sabia quanto tempo tinham ficado assim, mas a água já tinha arrefecido quando o cansaço fez Summer perder as forças, libertando-o. Jaxon estava dormindo, encostado a ele. Rapidamente, de modo a poder tirá-la da água fria, Kyle lavou a filha para livrá-la daquela substância viscosa, purificou-lhe a pele da rubra vileza, fez com que desaparecesse do cabelo. Puxou a toalha do cabide por cima da banheira, convenceu Summer a pôr-se de pé e embrulhou-a nas suas macias dobras brancas. Pegou nela com um braço, equilibrou-a para que ficasse numa posição segura, e, em seguida, acordou Jaxon delicadamente e pegou nele com o outro braço.

Andando devagar, saiu do banheiro, deixando a água vermelha na banheira, as roupas manchadas e a fralda suja de Summer no chão, e voltou para o quarto de Jaxon. Pousou, em primeiro lugar, o filho na cama e, em seguida, a filha. Ficaram deitados como duas pequenas conchas em cima dos cobertores. Agindo quase maquinalmente, Kyle remexeu nas gavetas até encontrar outro pijama de Jaxon – o do Homem-Aranha. Ele não se importaria, concluiu Kyle ao pegar outra fralda e colocá-la em Summer antes de lhe vestir a blusa e as calças azuis e vermelhas.

Olhou para Summer, que estava praticamente dormindo. Tinha de secar o cabelo dela. Ela não podia ir dormir com o cabelo molhado. Todavia, ele não queria entrar no quarto. Sabia que o secador de cabelo de Ashlyn estava no quarto de ambos. Talvez... Precipitou-se para o quarto de Summer e vasculhou-lhe todas as gavetas até encontrar o pequeno secador cor-de-rosa de bebê que a mãe de Ashlyn tinha oferecido a eles. O cabelo dela levou quase dez minutos a secar. Ele não utilizou escova nem nada; limitou-se a agitar o secador à volta da cabeça dela até o cabelo deixar de lhe estar colado a ficar em

reluzentes amontoados negros para passar a ficar-lhe em secos amontoados negros, em torno do rosto.

Jaxon, que estava dormindo profundamente, não protestou quando Kyle abriu a cama e o deitou, nem quando colocou Summer ao seu lado. Agora, Kyle sentia cansaço. Este inundava-lhe todos os sentidos, todas as sinapses, todos os nervos do corpo. Descansar. Precisava descansar. Verificando que ainda estavam os dois dormindo, precipitou-se pelas escadas abaixo, pegou nas almofadas avulsas e nas dos assentos dos sofás e das poltronas e, em seguida, foi buscar a manta xadrez no baú dos cobertores da sala de brincar antes de voltar correndo para cima.

Dispôs as almofadas no chão, junto à cama; algo macio, não fosse Summer virar-se e, acidentalmente, cair da cama. Depois, sentou-se na poltrona por baixo da janela de Jaxon, cobriu-se com a manta e tentou dormir.

Quando Ashlyn finalmente apareceu, na manhã seguinte, Kyle já estava na quinta caneca de café simples e bem forte. Apesar de estar exausto, não tinha conseguido dormir. Tinha dormido uns minutos, mas todos os ruídos, mesmo o vento a soprar suavemente na janela e o chiar do soalho a assentar, o acordavam. De tanto pavor que sentia de que aquilo se repetisse. De que algo acontecesse à filha ou ao filho, mesmo à sua frente, e ele não fosse capaz de o impedir.

– Que horas são? – resmungou ela, esfregando os olhos. Não tinha se lavado bem. Tinha trocado de roupa, mas o cheiro do vômito ainda pairava à sua volta, o cabelo era ainda um confuso emaranhado e tinha a marca do motivo floral dos mosaicos do banheiro na face esquerda. Devia ter desmaiado lá dentro, aí passado o resto da noite, dormindo. Estava desorientada, com os olhos congestionados, ainda bêbada, tanto quanto ele sabia. Kyle observou-a com repugnância. Não pela aparência dela, mas por isto: por ter aparecido assim, sem vergonha, sem arrependimento, sem um pedido de desculpas nos lábios.

Virou-lhe as costas e dirigiu-se a pia. Quando chegou junto deste, não sabia o que tencionava fazer, pelo que ficou a olhar com um ar feroz para a porcelana branca. Tinham escolhido a pia em conjunto, quando estavam reformando aquela casa. Antes de as crianças terem nascido, tinham andado de depósito em depósito de velharias até a encontrarem. “A nosso pia”, tinha

Ashlyn declarado quando o viu. “Sim, é a nossa pia.” Ele riu e beijou o pescoço dela, pois, embora fosse ele quem construía edifícios, aqueles aspectos eram muito mais importantes para ela. Agora, olhava para a pia com um ar feroz. Tinha-se lavado. Ali em baixo e lá em cima, no banheiro. Tinha ainda as calças do pijama vestidas, com o risco vermelho de vômito na perna direita, pois não conseguira entrar no quarto.

– Oh, meu Deus, são nove horas. Você não devia estar no trabalho? – disse Ashlyn.

Kyle ergueu os olhos, fixou o revestimento de metal ondulado da parede e perguntou-se, com bastante naturalidade, se a caneca faria muito barulho se a atirasse contra aquela. A frustração, a fúria e a raiva cega borbulhavam dentro de si, iam ferver para fora a qualquer momento. Ele estava bastante seguro quanto a isso. Se não atirasse a caneca, atravessaria a parede com o punho ou diria algo verdadeiramente desagradável à mulher. Algo que sentia e que, provavelmente, não retiraria, mesmo que pudesse.

– Onde estão as crianças? – Por fim, em terceiro lugar. A sua terceira pergunta tinha sido a respeito das crianças.

Ele inspirou profundamente e expirou para se acalmar.

– Ainda estão dormindo. Ficaram acordados até tarde.

Silêncio. Um demorado e prolongado silêncio atrás dele e, depois, uma pronunciada inspiração quando ela, de repente, se recordou.

– Oh, meu Deus – exalou Ashlyn. – Não estava me sentindo bem.

– Estava embriagada – retorquiu Kyle.

– Bebi uns copos e, provavelmente, não devia tê-lo feito, pois não estava a me sentindo bem. Summer me viu vomitar?

A fúria perpassou-o. Virou-se para ficar de frente para ela.

– Você estava fora de si de tão bêbada. E Summer não viu você, sentiu-a. Você vomitou em cima dela. Como você bem sabe.

– Lamento – disse Ashlyn. Ela tinha mesmo se sentido indisposta. O estômago tinha incomodado durante todo o dia, o que queria dizer que não devia ter tomado aquelas três ou quatro bebidas. Contudo, por vezes, umas bebidas faziam-na melhorar. Muitas vezes, não se sentia doente se tomasse algumas bebidas.

Kyle abanou a cabeça.

– Não é a mim que você devia pedir desculpa.

– Ela já nem deve se lembrar – argumentou Ashlyn. – Tem apenas três anos.

– Está falando sério? Ela não deve se lembrar e, por isso, não precisa de pedir desculpa? Ela ficou apavorada, Ashlyn. E os gritos dela acordaram o Jaxon, que também ficou apavorado. Acordaram os dois algumas vezes durante a noite, com suores frios, chorando. Nem sabiam o porquê. Portanto, talvez não se lembrem ao certo do que aconteceu, mas nunca esquecerão o pavor que sentiram. – Kyle passou por ela, decidindo sair da cozinha; não suportava partilhar o mesmo espaço com ela nem mais um instante. – Ah, e sabe por que não estou no trabalho? Porque não podia correr risco de deixar as crianças aqui, contigo; não sabia em que estado você se encontraria. É o dia mais importante da minha carreira, a apresentação do centro comercial em que trabalhamos há seis meses é hoje e eu não vou estar presente. Apesar de o projeto ser meu, vai ser outra pessoa a apresentá-lo. Provavelmente, vai ser também ela a acompanhar as obras.

– Já disse que lamento – repetiu Ashlyn, à beira das lágrimas.

– Pois já, já disse, mas, desta vez, não vou aceitar as suas desculpas. – Saiu da sala, deixando Ashlyn sozinha na sua cozinha.

A partir desse dia, a vida de Kyle alterou-se irrevogavelmente de duas formas: foi oficialmente tirado do cargo e nunca mais lhe foi dada uma oportunidade para trabalhar em um projeto importante, apesar de terem conseguido o cliente; as discussões começaram.

Vigésimo capítulo

A fogueira estava linda.

Foi Lindsay quem a fez, sendo a especialista em campismo, e todas nos deitamos em mantas, ao redor dela, aquecidas enquanto projetava uma luz quente, tremeluzente e alaranjada. Tínhamos colocado lanternas repelentes de insetos ao longo do limite das nossas tendas para evitarmos ser devoradas vivas pelos bichos. Tínhamos rido, conversado e praticado jogos à beira da fogueira. Sentia-me à vontade com aquelas mulheres. Descontraída. Pela primeira vez em vários meses, não estava preocupada com nada. Com coisa nenhuma. As crianças vinham à memória, mas sabia que estavam bem. Nem deviam ter reparado que eu me tinha ausentado. Naquele refúgio na floresta, sentia-me como se nada de mau existisse. Nem antes, nem depois. No momento presente, tudo era perfeito.

Janene estragou tudo, como é evidente. Deitei-me de costas, contemplando as estrelas. Adoro as estrelas, estava pensando. Se alguém quisesse oferecer-me o presente ideal, seria uma estrela numa caixa. Não queria que batizassem uma com o meu nome, o que seria uma enorme vaidade, mas uma linda estrela, numa caixa, faria-me feliz.

– Nós somos mulheres, já temos escolhas. – As palavras de Janene interromperam-me os pensamentos. Não falávamos desde a nossa pequena excursão, pouco antes, apesar de eu ter tentado. Tinha feito esse esforço, não só porque trabalhávamos juntas, mas também porque Janene não era má pessoa, era apenas estúpida. Acreditava que o fato de possuir imensos bens materiais tornava uma pessoa melhor. Não sabia e talvez nem quisesse saber que a felicidade vem de dentro. Tal como a beleza e a riqueza, a felicidade nasce na essência

do nosso ser. Eu tinha aprendido isso depois de ter lido uma infinidade de livros de autoajuda e estava a caminho de o viver, um erro crasso de cada vez. – E, como temos escolhas, não podemos lamuriar-nos a respeito de cada coisinha que nos acontece.

Virei-me para a frente e olhei para Janene, iluminada pelo luar e pela luz da fogueira. Ela tinha mudado de roupa desde a nossa chegada. Anteriormente, vestia umas calças jeans de cintura baixa, uma camiseta justa e uma blusa de lã curta. Agora, tinha mudado para umas calça de estilo militar de seda e um casaco de lã. Nós, as restantes, tínhamos chegado de calças jeans e casaco de lã e assim permanecido. Muito provavelmente, dormiríamos com eles vestidos. Janene sentia-se bem com o seu corpo, gostava de exibir as curvas nas roupas de marca e isso seria louvável, se eu não desconfiasse de que ela não gastava tanto dinheiro em roupas e no cabeleireiro para aumentar a sua autoestima, mas sim para tentar diminuir a dos outros.

A verdadeira estupidez de Janene advinha-lhe da capacidade de ditar sentenças durante horas sobre um assunto do qual nada sabia. Comigo, não gostava de falar, mas, junto dos outros, gostava de ser o centro das atenções.

Percebi que nos esperava um desses discursos. Sendo nós mulheres de escolhas e tudo isso. Quem fala assim numa sessão de estreitamento de laços num acampamento? Quem não preferiria deter-se sobre a má televisão, o último livro lido e a habitual fiabilidade ou não das previsões astrológicas? Janene era essa pessoa.

Encontrava-se no meio de um grupo de adultas – a maioria de nós tinha mais experiência naquilo a que se chama vida do que ela –, mas não sentia o menor acanhamento em ser o centro das atenções. Em dominar a conversa.

– Como a minha amiga, que ficou, tipo, toda chorosa e isso depois de ter saído com um cara.

– Ah, gostava dele e ele não lhe telefonou – disse Moira, aborrecida. Era casada, tinha dois filhos e era nítido que não estava interessada em ouvir mais uma história sobre os sacanas que todos os homens eram. Nenhuma de nós estava.

– Oh, não, não, não foi nada disso – retorquiu Janene. – Isso é o que ela costuma dizer. Não, depois de ter saído com aquele cara, de quem andava há séculos dizendo que gostava e que era lindo, começou a acusá-lo de toda a espécie de coisas.

Água gelada revolveu no meu estômago. Você é especial, murmurou a voz do passado. Para de resistir, você é especial.

Pus-me direita como um fuso, encostei os joelhos ao peito e uni os braços à volta deles. Estava subitamente com frio. Parecia não emanar calor suficiente da fogueira e eu não tinha camadas de roupa que chegassem. Estava subitamente gelada por dentro. Tinha tanto frio que nada me aquecia.

– O que é que você quer dizer? – perguntou Lindsay.

– Bem – Janene parou para beber, de modo teatral, um gole do seu champanhe no copo de plástico –, ela disse que foram para casa dele para tomarem um café, uma coisa levou à outra... Mas ela disse que não queria, mudou de ideia, sei lá. Eu perguntei-lhe, tipo, o que ela esperava. É que, tipo, estava mesmo a ver, para que tinha ela ido lá, logo à partida, se não fosse para isso?

– Talvez para tomar um café? – alvitrou Gabrielle.

– Mas toda a gente sabe que, quando se vai para casa de alguém, é para fazer sexo – explicou Janene.

– Alto lá! Essa é novidade para mim – afirmou. – Em todos os meus anos de namoro, nunca soube isso. Tanto quanto sei, se for a casa de alguém para tomar um café, é um café que quero. Se ele experimentar e acabarmos na cama, então, acabamos na cama. Se eu recusar, estou falando sério.

– Não podemos induzir um homem ao erro... – declarou Janene, um pouco aborrecida por aquela conversa não estar correndo como ela desejava.

– Espera aí, menina, “induzir um homem ao erro”? – interrompeu Gabrielle. – Que diabo isso quer dizer? Vivemos na Idade Média? Ele tem de assumir a responsabilidade pelos seus atos. Ninguém é induzido ao erro. E digamos apenas que, mesmo que essa ideia ridícula seja verdade e ele seja “induzido ao erro”, isso continua a significar que deve parar quando tal lhe é pedido.

Janene revirou os olhos, sendo o seu rosto demoniacamente iluminado pelas chamas amarelas e cor de laranja.

– São todas tão politicamente corretas – comentou com um suspiro.

Por um momento, apeteceu-me pegar num dos toros que ardiam na fogueira e bater-lhe na cabeça com a extremidade em chamas. Ela era uma daquelas pessoas que se socorriam daquelas duas palavras quando queriam dizer algo ofensivo ou indefensável, tentando levar-nos a pensar que éramos nós que não tínhamos razão.

– Mas, politicamente correto ou não, da próxima vez que ela sair com alguém, saberá com o que esperar – acrescentou Janene.

– Esperará nunca mais se sentir segura. – Eu. Era eu a falar. A minha voz era baixa, mas determinada. Tinha decidido não lhe bater com um toro em chamas, mas explicar-lhe aquela realidade. – Esperará descer sempre a rua, a olhar para trás, preocupada com quem a segue. Esperará nunca mais conseguir confiar nas motivações de outra pessoa, mesmo que seja a melhor pessoa do mundo. E, evidentemente, esperará nunca mais ser capaz de confiar em alguém sem obter a reação que obtive de você.

O silêncio abateu-se sobre o grupo; o único ruído provinha do estalar e crepitar da lenha à medida que o fogo a reduzia a cinzas e a carvão. Todas tinham os olhos fixos em mim, perguntando-se de onde tinha vindo a minha reação, a minha voz. Todas, menos Janene, que não suportava não ter a última palavra.

– O que parece não compreender, Kendra, é que pode destruir-se a vida de um homem ao fazer uma acusação dessas.

A minha voz permaneceu dura como betão.

– *O que você parece não compreender, Janene, é que a vida de uma mulher fica sempre destruída quando uma coisa dessas lhe acontece – retorqui. Parei, ciente de que estava prestes a iniciar um discurso e de que aquele não era o local indicado para pôr em prática os meus dotes oratórios.*

Levantei-me do chão com dificuldade, cruzei os braços à minha volta, de modo a que o meu casaco de lã com fecho de correr me abraçasse o corpo. Andando por cima dos recipientes com comida, dos copos e dos talheres de plástico, passei junto à fogueira.

- Vou fumar um cigarro – comuniquei.
- Mas você não fuma – refutou Gabrielle.

Na orla do nosso toldo e das nossas tendas, onde se encontrava o nosso círculo de lanternas de erva-limão e terminava o nosso foco de luz, parei e voltei-me quando me lembrei de uma última coisa. Algo que tencionava dizer.

– Espero que nunca te aconteça nada, Janene. Que nunca conheça tal medo. Que nunca sinta, depois, tal desprezo. – Peguei numa lanterna e passei por um intervalo entre as árvores para me embrenhar na floresta.

A raiva corria-me violentamente pelas veias, à velocidade da luz. Inflamava-me todo o corpo.

Sempre que pensava no que Janene tinha dito, apetecia-me bater em alguma coisa. Sempre que ouvia disparates daqueles, exasperava-me. Eles espicaçavam a parte de mim que acreditava em causas. Tinha sido sincera no que lhe tinha dito, esperava que nunca lhe acontecesse nada. Não desejaria tal coisa a ninguém. Talvez fosse melhor que ela pensasse como pensava, pois não sabia que não era assim. Era uma inocente. É melhor ser uma inocente do que uma vítima esclarecida.

Quando a raiva abrandou o seu avanço pelo meu corpo, a realidade do meu ambiente circundante voltou-me à memória. Estava numa floresta, à noite, com insetos a lamberem as mandíbulas e a sonharem em banquetear-se no meu corpo e animais selvagens cujas orelhas se afilavam com o som de um bife com sessenta e poucos quilos a ir mesmo em direção aos seus pratos. Isto não era nada bom.

Um pouco mais adiante, avistei uma árvore caída, despida de folhas e com os ramos partidos. A casca tinha sido desgastada pelos elementos com o passar do tempo e as partes mais deterioradas brilhavam, brancas, sob a lua cheia. Lua cheia. Lobisomens. Estupendo. Sobrevivi a uma estada de quase três anos no país dos tubarões, dos crocodilos e das aranhas venenosas, logo ia, obviamente, ser desmembrada por um monstro sobrenatural, meio humano, meio animal, no Sussex.

Sentei-me pesadamente na árvore caída, pousei a lanterna no chão, junto aos meus pés, apoiei a cabeça nas mãos e, depois, lentamente,

passei os dedos pelo cabelo. Céus, era cansativo ter sólidas convicções. Reagir à imoralidade que pessoas como Janene tentavam difundir. Por vezes, apetecia-me cruzar os braços e aceitá-lo. Nada assimilar quando os discursos começavam. Ser moralmente entorpecida – ou mesmo moralmente corrupta – para poder comer chocolate de determinadas marcas, entrar em determinadas lojas, vestir determinadas marcas, ouvir determinadas teorias.

Em momentos como este, gostaria também de fumar.

Tac! O som de um ramo a partir-se sobressaltou-me e fiquei paralisada, pensando se deveria ter prestado mais atenção àqueles filmes a preto e branco da série “Hammer – A Casa dos Horrores”. Como se matava um lobisomem? Com balas de prata? Com uma estaca de prata cravada no coração?

Os passos continuaram a percorrer a floresta, mas não pareciam pertencer a um animal; eram leves e delicados.

– Oh, bolas – praguejou a pessoa suavemente.

Não era um lobisomem, mas, muito provavelmente, a única pessoa que se incomodaria em ir atrás de mim.

– Apesar de todos os insetos e coisas assustadoras que aqui existem, tinha de vir ver se você começou mesmo a fumar – declarou Gabrielle, avançando para ficar à minha frente.

Dirigi-lhe um pequeno sorriso. Sentou-se na árvore caída, do outro lado da minha lanterna. Levou a mão ao bolso esquerdo do seu casaco de lã azul-marinho e dali tirou um maltratado maço de cigarros com baixo teor de nicotina. Do bolso direito, retirou um fino isqueiro prateado. Colocou um cigarro entre os lábios rosados e segurou o isqueiro junto à extremidade daquele.

– Ora – falou com o cigarro preso entre os dentes –, eu não fumo há cerca de oito anos, mas estou disposta a recomeçar só para fazer companhia a você.

– Não faça isso – disse eu, tirando-lhe o cigarro da boca e ficando-lhe com o isqueiro.

Um demorado silêncio prolongou-se entre nós.

– Nunca vi você assim – comentou ela. – Nunca vi você atacar alguém assim. Quer falar sobre isso?

– Ela estava só dizendo asneiras – repliquei, encarnando imediatamente a Kennie Porta-Voz. – Está sempre dizendo asneiras, mas nunca ninguém diz nada, porque “a Janene é jovem”. “Janene não sabe o que diz.” Conversa. Estou fartíssima dessa desculpa. Eu também já fui jovem e nunca disse tantos disparates como ela. Nós somos ainda piores, porque nada fazemos. Somos coniventes com a imoralidade dela. Desculpamos-a ao deixá-la apregoar esses vis disparates.

Gabrielle sacou outro cigarro, segurou-o entre os dedos indicador e médio e, em seguida, começou a passá-lo pelos dedos, torcendo-o lentamente entre cada um deles.

– Quer falar sobre isso? – repetiu Gabrielle.

– Isto... Aquilo aconteceu a uma pessoa que conheço. Há muito tempo, quando todas estávamos na faculdade. E ela não estava pedindo, como Janene estava insinuando, nem a induzi-lo ao erro. Aquele homem magoou-a muito; ela confiava nele e ele aproveitou-se disso. Sabe o que me revolta? É que existem muitas pessoas, muitas mulheres, que pensam como a Janene. É assustador. É por isso que as mulheres mantêm essas coisas em segredo.

Gabrielle observou o seu cigarro enquanto lhe avançava pelos dedos e voltava para trás. Nada disse por um momento e, depois, sem olhar para mim, interrogou:

– O que aconteceu à sua amiga?

– Retomou a vida dela. Assegurou-se de que nunca mais cometeria o mesmo erro – expliquei.

– Sério? – perguntou Gabrielle. Vi, pelo canto do olho, que ela estava a fitar-me.

Acenei com a cabeça.

– Tanto quanto eu sei. Não nos mantemos em contato, mas, da última vez que tive notícias dela, estava bem. Muito bem.

– Sério? – Gabrielle continuou a olhar para mim até eu me virar para ela.

– Sim – respondi.

– Ótimo. Fico contente. – Os lábios nus esboçaram um sorriso e os meigos olhos azuis, que me faziam lembrar a cor do céu pouco antes, pareciam alcançar-me a alma. Compreender tudo a meu respeito. Retraí-me um pouco. Ela estava nitidamente tecendo conjecturas que

eram completamente infundadas. – Todos merecem ficar bem. Ser felizes. Você não concorda?

Acenei com a cabeça e desviei o olhar.

– Pronto, estou oficialmente cheia de medo de estar aqui. Vamos voltar para a segurança da fogueira?

– Refere-se a voltar para aquele foco de luz que pode muito bem ser também um farol para os animais selvagens nos encontrarem?

– Aah, sim. Isso mesmo.

– Não.

Gabrielle olhou-me fixamente, tentando perceber se eu estava ou não gracejando.

– Não posso, Gabs. Não posso ficar perto da Janene. Não me responsabilizarei pelo que ainda possa dizer. Vou esperar até todas terem adormecido e, depois, volto e vou dormir no seu carro.

– Se fugir, irá parecer que você não foi sincera no que disse e que a Janene tinha razão.

– Hummmm...

– Não sei se consegue viver com isso, mas eu não consigo. Você recorda do dia em que foi, pela primeira vez, ao nosso escritório? Lembra-se do que eu disse a você?

– “Não toque nesse telefone, a menos que pretenda ir adiante”?

– Oh, talvez não o tenha dito. O que eu queria dizer era o seguinte: “Se alguém permitir que uma senhorita pense que tem razão enquanto eu for viva, mandarei matar essa pessoa”. Portanto, como vê, você tem de voltar. É que, por mais que te adore, Kendra, não hesitarei em livrar-me de você se permitir que a Janene faça uma cara de quem diz: “Eu bem que avisei”.

– Mas receio voltar a insultar ela – afirmei com seriedade.

– Querida, não se preocupe. – Gabrielle levantou-se. – Acredite em mim, eu protejo você.

– Sente-se melhor? – inquiriu Janene quando reocupe o meu lugar junto à fogueira. Parecia preocupada, mas havia também uma ponta de sarcasmo na sua voz.

– *Estou bem, obrigada – respondi, sem olhar para ela. Em vez disso, abri o pacote de marshmallows que Jaxon e Summer me tinham oferecido, tirei um*

branco, trespassei-o com a extremidade bifurcada de um espeto de churrasco com cabo de madeira e coloquei-o ao fogo.

– Ah, Janene, esqueci-me de dizer – declarou Gabrielle, ao alcançar um espeto de churrasco e um marshmallow –, você vai entrar mais cedo e fazer serões no próximo mês. E, se você atrasar, nem que seja uma vez, receberá uma advertência verbal.

– Mas...? – principiou ela, em sinal de protesto.

– Sim, querida? – interrogou Gabrielle, sendo o seu sorriso tão glacial como um lago no Ártico.

– Nada – respondeu Janene e, depois, amuou.

Depois, muito depois, apanhei-a a olhar-me ameaçadoramente por cima do copo de plástico, prometendo vingar-se de mim.

Eu retribuí o olhar, com um ar feroz, pensando: Saia para lá..

Vigésimo primeiro capítulo

Os olhos de Janene quase lhe saltaram das órbitas quando a porta do nosso escritório se abriu e um homem atraente, já bem adiantado na casa dos trinta, com cabelo escuro e curto, espantosos olhos castanhos e um rosto nervoso, entrou no escritório. Era isto que ela esperava, a parte do “arranjo melhor” na sua relação com o namorado. Um trabalhador temporário que lhe ficaria tão grato por lhe ter arranjado trabalho que a convidaria para sair. Ou casaria com ela. Ou outra coisa igualmente improvável.

Saiu detrás da mesa como uma bala, ajeitando o justo blazer inteiriço castanho-chocolate sobre as curvas e atingindo toda a altura que lhe era conferida pelos sapatos de salto agulha que tinha calçados. Não era tão alta como o homem misterioso, mesmo de saltos.

– Olá, chamo-me Janene. Em que posso ajudá-lo? – disse ela.

Era uma recepção invulgar a uma visita. A maioria das possíveis candidatas ouvia, geralmente, quando entrava, uma variante da seguinte formulação: “Deseja inscrever-se aqui? E em que medida é isso um problema meu?”. Quanto mais bonita fosse a candidata, mais indelicada era a saudação.

O homem pareceu ficar em pânico e deu meio passo atrás. Não estava à espera deste tipo de recepção e, muito sinceramente, tinha ficado assustado. A forma como ela esticava o peito e umedecia os lábios apavorou-o. Era visível no seu rosto. Não estava, de modo nenhum, à espera disto. O homem olhou para a direita, para Gabrielle, que o reconheceu e lhe sorriu. Depois, olhou em frente, para mim. Levantou a mão e apontou ao afastar-se mais um passo da assustadora assistente administrativa.

– Vim falar com a Kendra – informou.

– *Ai veio? – retorquiu Janene. – Por quê? – Depois, acrescentou: – Quero dizer, ah.. Posso ficar com o seu nome?*

– Por quê? Não tem o seu? – perguntou Kyle ao passar por ela e dirigir-se à minha mesa. – Queria saber se está disponível para almoçar – declarou.

Já passava do meio-dia e eu não tinha nada programado, a não ser vaguear pela rua principal abaixo e ir a algumas lojas. Nada que não pudesse esperar.

– Sim, com certeza. – Reuni os meus pertences e caminhei à frente ao sairmos do escritório, ignorando os olhares furiosos de Janene e a sobrelha mentalmente levantada e inquiridora de Gabrielle.

Lá fora, chovia. Uma chuva leve absorvia a cor de Brockingham e fazia aquele lugar parecer mais cinzento do que já era. Kyle levantou a gola da sua capa bege e eu remexi na minha bolsa, à procura do meu guarda-chuva, antes de irmos andando.

– Quer ir a algum lugar em especial? – perguntei.

– Não, nada em mente. Importa que caminhemos um pouco?

– Claro que não.

Vagueamos sobre as escorregadias pedras da rua principal, que era reservada à circulação de pedestres, no sentido contrário ao de casa, em direcção ao parque. Lado a lado, com o meu guarda-chuva a alcançar a cabeça de Kyle. As pessoas passavam por nós correndo ou andando depressa, decididas a não se molharem, a não se submeterem ao clima. Eu sabia que a parte de baixo das minhas calças devia estar absorvendo a água da chuva, pois estas eram demasiado compridas para mim. Estava calor na rua, apesar da chuva, mas, mesmo assim, apetecia-me aconchegar-me debaixo do meu impermeável vermelho. Parecia adequado.

– Imagino que te deva uma explicação – afirmou Kyle ao dobrarmos a esquina e virarmos para a rua onde se situavam a estação dos trens e a parada dos trólebus. Subindo a ligeira colina e, depois, descendo pelo outro lado, chegaríamos ao parque. – Tenho te evitado nas últimas semanas.

– Ah tem? – retorqui. – Não tinha reparado.

Senti os seus olhos precipitarem-se na minha direcção para ver se eu estava brincando com ele e estava mesmo, pelo que sorri.

– Não sei como falar sobre o assunto. Nunca o fiz. Disse apenas uma vez que a Ashlyn era alcoólica e foi à própria Ashlyn. Algumas coisas são mais fáceis se não lhes dermos nome.

Era verdade. Era bem verdade.

– Não sei quando começou. Provavelmente, de nada adiantaria se soubesse. No dia em que me encontraste bêbado, no sofá, foi a primeira vez que bebi um copo em mais de três anos. Deve ter sido por isso que me afetou tanto. E aquelas garrafas eram da Ashlyn. Ela reabilitou-se há uns tempos, mas eu sabia que não se tinha livrado de todas as suas garrafas. – Kyle começou a mexer nas unhas da mão esquerda com a direita. – Quando tive aquela discussão com ela ao telefone, fiquei tão zangado... enfurecido. Não queria esquecer por que não devia entregar-lhe as crianças e que não tinha imaginado todos aqueles acontecimentos. Agora, ela é tão sensata que é difícil lembrar-me de como conseguia ser. Do absoluto inferno que era. Assim, fui à procura das garrafas que ela tinha escondido pela casa. Parece que consegui a lembrança de que precisava. Estavam escondidas por toda a parte. Não só cheias, mas também vazias.

Kyle parou no meio da rua e virou-se para mim. Estava se molhando, pelo que levantei o meu guarda-chuva e segurei-o por cima dele.

– Fiquei destroçado quando disse que as crianças tinham escondido as garrafas no teu apartamento. Devem ter visto a mãe fazê-lo. Ela costumava esconder as garrafas vazias em vez de as jogar no lixo, pois eu zangava-me com ela se as visse. Devem ter pensado que te zangarias comigo se visses o que tinha bebido.

Começamos novamente a andar, com Kyle a tirar-me o guarda-chuva da mão, de modo a poder levantá-lo mais por cima de nós dois. Uma suave brisa soprava gotas de chuva contra nós, mas isso era, essencialmente, agradável.

– O alcoolismo dela saiu-nos muito caro. Não tivemos de arrendar o apartamento por ela se ter ido embora, mas por ter deixado de trabalhar. Foi um pouco antes de eu ter percebido... Ela estava sempre

no estúdio e pensei que tivesse alguns projetos em curso. Pensei que pagava as contas com o dinheiro que ganhava. Depois, descobri que não era assim. Ela tinha perdido a maioria dos clientes, devido à mediocridade ou à demora do seu trabalho. Tinha gasto a maior parte das suas poupanças e já não conseguia esconder a dimensão da nossa dívida. Eu tinha sido despromovido e, quando me deram a oportunidade de trabalhar de casa, aproveitei-a, mas passei a ganhar menos. Assim, disse-lhe que teríamos de arrendar o apartamento. Era isso ou pedir um empréstimo à mãe, o que ela jamais faria. Não quero que as crianças andem de transportes públicos porque houve uma altura em que eram verbalmente agredidos no trajeto para casa. A Ashlyn dava muita atenção aos pormenores e tinha-lhes dito para não me contarem, pois ficaria aborrecido. Afinal, parece que, depois de ela ter subido ao palco numa peça de Natal (estava bêbada e eu, a trabalhar, pelo que não pude impedi-la), as crianças andavam a ser um pouco intimidados. A Ashlyn disse à menina que interpretava o papel de Maria que era um monstro, comparada com a Summer. A intimidação cessou depressa, pois a Summer e o Jaxon estão sempre juntos e defendem-se um ao outro; no fundo, é melhor ninguém se meter com eles quando estão juntos. Contudo, a mãe da menina começou a segui-los no carro para casa, gritando-lhes. Não tentou enfrentar a Ashlyn, só as crianças. Eles tinham de apanhar o carro, porque eu tinha tirado as chaves do carro de Ashlyn um tempo antes por conduzir constantemente sob o efeito do álcool. Só descobri que andavam a ser molestados porque a nossa vizinha presenciou um dos incidentes e mencionou esse fato durante uma conversa.

Chegamos ao limite do parque e começamos a descer o caminho que serpenteava através do manto verde-esmeralda. Caminhamos lentamente, com os passos coordenados. Tentei não respirar muito de maneira ruidosa; por vezes, o nível de voz de Kyle baixava tanto que eu tinha de me esforçar por ouvir o que ele estava a dizer.

– Queria explicar a você o máximo possível para que compreendesses porque faço muitas das coisas que faço. E o motivo de as crianças estarem tão apegados a você; não têm muitos amigos ou

peessoas em quem possam confiar, além de nós três, por isso se prenderam a você.

– Quer dizer que não se deve à minha brilhante inteligência e incrível personalidade?

O sorriso de Kyle iluminou-me por dentro. Ainda éramos capazes de ter boa disposição. Isso era importante.

– Não. Infelizmente, não – respondeu.

– Está bem, terei de tratar disso.

– As crianças adoram-na e eu estou extremamente grato por tudo o que tem feito.

– Não é difícil, sabe. Elas são crianças fantásticas. E você é um ótimo pai.

Kyle nada disse, mas, em vez disso, olhou-me como tinha feito em Regent's Park, quando finalmente me falou no problema de Ashlyn. Examinou-me o rosto como se tentasse desenterrar os meus segredos. Desviei o olhar, com medo de que ele pudesse perceber alguma coisa.

– Ele te merece? – perguntou.

– A quem refere? – interroguei, um pouco confusa.

– Ao tal homem da Austrália.

– Julgo que sim, mas sou suspeita, não acha? – O pulso de Kyle estava exposto enquanto segurava no guarda-chuva e olhei-lhe de relance para o relógio. – Oh, raios, Kyle, tenho de voltar. Importa-se?

– De maneira nenhuma – respondeu Kyle e deu meia-volta. Parecia muito mais leve, agora que me tinha contado aquilo, como se o fato de ter partilhado o seu segredo tivesse reduzido o seu fardo para metade.

– Kyle, quero que saibas que o que acabou de me contar ficará só entre nós.

– Agradeço – retorquiu com um largo sorriso. – Agradeço muito.

Ouvi mais histórias sobre Ashlyn, a linda mulher com cabelos cor de caramelo, olhos cintilantes, talento para as artes e um problema de alcoolismo.

Kyle contou-me que ela tinha vomitado em cima de Summer. Que se tinha esquecido de uma consulta no médico para Jaxon, lembrado à última hora, decidido conduzir, apesar de ter estado bebendo, perdido o controle do carro, subido para a calçada e batido numa árvore. Mentiu e disse que alguém tinha colidido com ela e fugido. – Foi Jaxon quem contou a Kyle o que realmente aconteceu. Soube que desmaiou certa noite, quando as crianças estavam deitadas e Kyle fazia serão, e deixou uma panela ao fogo. Felizmente, Kyle tinha chegado em casa antes que pegasse fogo. Tomei conhecimento das muitas promessas que ela fazia às crianças quando estava embriagada, no sentido de as levar a determinados lugares, mas que esquecia completamente quando ficava sóbria. Soube a quantidade de vezes que as crianças a encontraram desmaiada e não conseguiram acordá-la.

Quando ele abriu as portas do passado, daí irrompeu um dilúvio das pequenas faltas de respeito que tinham ocorrido na casa deles. Naquilo tudo, uma coisa era evidente: ela não estava sempre caindo de bêbada, nem era sempre barulhenta e má, mas estava constante e persistentemente fazendo asneira.

Kyle contou-me também como e por que ela decidiu deixar de beber.

– Quer saber qual foi a última gota? O que me fez enfrentar a minha mulher e dizer-lhe que bastava? Não foi o acidente com o Jaxon no carro, o fato de ter vomitado em cima da Summer, nem a dança em cima da mesa na minha festa de trabalho. Não foi o fato de ter adormecido e deixado uma panela ao fogo. Não foi o telefonema que recebi no trabalho, porque a Ashlyn tinha desmaiado em casa e tinha se esquecido de ir buscar as crianças, e tive de ir. Foi o dia em que entrei na cozinha e a ouvi mandar Summer calar-se.

Kyle não desviou o olhar da folha de relva que estava desfazendo entre os dedos indicadores e os polegares, manuseando estes facilmente a densa vegetação verde-escura. Manteve os olhos baixos por estar envergonhado. Na sua opinião, tinha de ser um acontecimento dramático a fazê-lo tomar uma posição. Não tinha noção de que, muitas vezes, era o mais pequeno gesto, o mais sutil

olhar, as palavras mais simples que podiam mudar tudo. No meu caso e no de Will, foi o ato de abrir uma cerveja antes de me dar que me fez apaixonar por ele.

– Ela estava de ressaca. Tinha passado todo o dia bebendo e, depois, quando voltei inesperadamente cedo de visitas a umas obras, fez o habitual e passou a beber Coca-Cola. Apesar de não ter tido oportunidade para beber a quantidade habitual, no sábado de manhã, estava, na mesma, com uma enorme ressaca. Às oito e meia, estava desintoxicando-se e isso era doloroso.

Vigésimo segundo capítulo

Ashlyn estava desintoxicando-se e isso era doloroso.

Ninguém fazia ideia de como era doloroso. Estava virando-a do avesso, arrancando-lhe todos os nervos do corpo, molécula a molécula. Kyle via o tormento dela. Tinha o rosto inchado, a pele num anômalo tom de verde, os olhos verdes marinhos petrificados pela invasora sobriedade, o cabelo, que não se incomodava em lavar havia alguns dias, pendia-lhe em oleosos molhos em torno do rosto. O café da manhã tinha sido tranquilo, com a dor de Ashlyn subjugando a todos. As crianças, embora tivessem apenas cinco anos, sabiam que era importante não fazer barulho de manhã. A mamãe gostava de silêncio de manhã e, se não o tivesse, ficaria infeliz.

Kyle nada tinha a dizer ao farrapo de mulher que tinha diante de si. Ashlyn não podia ter falado, mesmo que quisesse. Comeram os cereais e as torradas e beberam o suco de laranja e o chá praticamente em silêncio, sendo os únicos sons audíveis o tinir dos talheres na louça, o sorver das bebidas, o pousar de objetos em cima da mesa. Depois de todos terem comido, Kyle pegou na sua caneca, que estava meia de café, e escapuliu-se para cima, para o seu escritório.

Não tinha um projeto em que trabalhar – desde o incidente com aquele grande projeto, não lhe tinha sido atribuído nada de importante, mas precisava fugir. Sentou-se na sua cadeira de pele, folheou algumas revistas do ramo, leu o jornal, ouviu rádio. Cerca de uma hora depois, aventurou-se a descer, sabendo, pelo silêncio que imperava na casa, que o sofrimento de Ashlyn não tinha terminado e que as crianças deviam estar tentando não a incomodar. Ao aproximar-se da cozinha, ouviu a voz alegre e animada de Summer falando, conversando, fazendo perguntas. Era uma criança cansativa

e, quanto a isso, não havia dúvida. Gostava de falar. Gostava que lhe respondessem. Para Summer, a maior tortura era ser ignorada.

Ashlyn estava junto a pia, de costas voltadas para Summer, com as mãos submersas em água com espuma. Estava mergulhando pratos, dando-lhes uma primeira e superficial passagem com a almofada macia e amarela da esponja e, depois, depositando-os no escorredor metálico, de má vontade. Kyle não sabia por que ela estava incomodada. “Deve estar à procura de outra coisa de que se queixar”, pensou ele. Afinal, a vida dela era tão desgraçada. Era por isso que bebia. Tudo, incluindo ele – sobretudo ele –, era tão horrível que ela bebia. Nessa altura, evidentemente, ele não sabia. Limitava-se a culpá-la, a culpar-se a si e, depois, a culpá-la novamente por fazê-lo culpar-se.

– Mas, mamãe, por que é que a grama é verde? – perguntou Summer.

– Devido à clorofila – resmungou Ashlyn, incomodada com as constantes perguntas da filha. – É isso que torna a grama verde.

– Mas por que verde, mamãe? Por que não azul como o céu? Ou amarela como o sol? Ou cor-de-rosa como o meu vestido das festas?

Ashlyn inspirou profundamente, irritada.

– Não sei – respondeu, com o seu tom a acrescentar: “Nem me interessa”.

– Mas, mamãe...

– Cale-se, Summer – exclamou bruscamente. Largou o prato que estava lavando sem empenho, fazendo saltar água suja da pia, a qual se derramou no chão da cozinha, na sua saia de camurça e na blusa de algodão à cigana, assim como nas biqueiras das sandálias. – Vê o que você me obrigou a fazer! – Apontou para a blusa ensopada e para a saia estragada. – Cale-se com a grama. Com o mar. Com tudo. Cale-se.

Virou a cabeça na direção da filha, fitou ferozmente, com os olhos congestionados, a menina que estava sentada à mesa, ergueu a mão molhada e fez um movimento cortante para reforçar a ideia de que estava falando a sério.

– Cale-se.

Summer ficou paralisada. Conhecia a voz da mãe quando estava assim. Sabia que, agora, tudo podia acontecer. Em momentos como este, a mamãe, por vezes, gritava. Por vezes, agarrava-lhe no braço e abanava-a. Arrastava-a e fechava-a no quarto até ela aprender a ser obediente. Summer sabia que,

quando a mamãe ficava com aquela expressão no rosto e aquele tom de voz, tinha de ficar bem calada. Tinha de ter muito cuidado. Tinha de se afastar.

Ashlyn olhou para a filha com um ar feroz, desafiando-a a desobedecer-lhe.

O lábio inferior de Summer encolheu-se para dentro da boca e ela mordeu-o. Não era sua intenção portar-se mal. Não era sua intenção fazer a mamãe se irritar. Tinha apenas curiosidade a respeito das cores. O pai nunca estava presente para que pudesse perguntar-lhe e mamãe sabia tudo. Jaxon. Chegou conclusão de que tinha de falar com Jaxon. Para descobrir o que ele estava fazendo e lhe perguntar por que fazia sempre a mamãe zangar-se. Ele parecia não o fazer tantas vezes. Pegou no Saltitão, o coelho que tinha substituído Winter, a boneca de trapos estragada pelo vomitado vermelho, e levantou-se do seu lugar. Abandonando os seus papéis de desenho, canetas e livros, saiu para o jardim, o último lugar para onde tinha visto Jaxon dirigir-se. Este brincaria com ela. Explicaria por que se portava ela tão mal.

Ashlyn viu Summer sair da cozinha, e Kyle, que estava a espreitar à porta, sem ser visto, observou-a. Uma infinidade de emoções alastrava-se pelo corpo. Tinha passado a infância a ser mandado se calar pelo pai. Tinha passado toda a juventude com medo de se manifestar, de incorrer na ira dos outros com a palavra errada. Isso não ia acontecer a Summer. Por mais incômoda que fosse, tinha o direito de falar. Sempre.

Entrou na cozinha e o ambiente tornou-se carregado assim que ela o viu. Um rastro de ansiedade passou-lhe pelo rosto, perguntando-se se ele teria ouvido, e, depois, deu lugar à indignação: e se tivesse ouvido? Ela não tinha feito nada de mal.

– Isto tem de acabar – afirmou Kyle, sendo as suas palavras um baixo resmungo. Não sabia onde as crianças estavam e não queria assustá-las ao gritar a Ashlyn.

– O quê? – escarneceu ela, assumindo imediatamente uma postura defensiva.

– Não se faça de boba – disse Kyle, ainda em voz baixa. – Tudo isto tem de acabar. Você tem que parar de fazer isto.

– De fazer o quê?

– Você acabou de pregar um enorme susto à Summer.

Ashlyn revirou os olhos.

– Você sabe o que pensa uma criança de cinco anos, não sabe?

– Não preciso saber o que pensa uma criança de cinco anos para saber que está aterrorizando a todos por causa do seu alcoolismo e que já estou farto. Isto tem de acabar.

– Eu estou aterrorizando esta família? – Ashlyn bateu com a mão encharcada no peito, incrédula perante o que estava ouvindo. – Pelo menos, estou presente – proferiu colericamente. – Pelo menos, não passo o tempo todo no trabalho ou escondida lá em cima.

– Pois, pelo menos, está presente. Está presente para conduzir o carro bêbada, com o nosso filho no banco de trás, e bater numa árvore e fingir que não aconteceu. Está presente para vomitar em cima da nossa filha no meio da noite de tão bêbada que estás, mas não se incomoda de pedir desculpa. Estava presente para dançar em cima da mesa na minha última festa de trabalho e, depois, cair e torcer o tornozelo. Está presente para fazer telefonemas à sua mãe no meio da noite, mas deixar a meu cargo as explicações sobre o seu propósito. Sim, está presente, Ashlyn, e como damos graças por isso!

A indignação que Ashlyn sentia dissipou-se e transformou-se numa firme incredulidade, enfureceu-a.

– Eu... já disse... que lamentava – silvou. O seu corpo ficou rígido e o lábio superior retraiu-se num sorriso escarninho. – É assim que você consegue se sentir homem, Kyle? Lembrando tudo o que fiz de mal?

É bebendo que você se sente mulher?, quase lhe respondeu Kyle, mas deteve-se bruscamente, conseguiu evitá-lo.

– Se realmente lamenta, Ashlyn, deixaria de beber.

Ela revirou novamente os olhos para cima e Kyle sentiu-se impelido a gritar-lhe. A dizer-lhe que parasse de se comportar como uma adolescente inconsciente, que levasse aquilo a sério.

– Não bebo assim tanto – declarou ela. – Não bebo mais do que qualquer pessoa normal.

– Normal? – A voz de Kyle elevou-se um pouco. Avançou e agarrou no braço de Ashlyn. Foi a primeira vez que a agarrou assim. Puxou-a em direção porta da cozinha, sem lhe olhar para o rosto escandalizado, sem se importar que o corpo dela tivesse ficado rígido sob o seu domínio. Debateu-se com a porta das traseiras para abri-la, arrastou-a para a luz do dia, sem se importar que ela arquejasse e se encolhesse perante a claridade do exterior. Fez com que

ela atravessasse o caminho à entrada da casa deles, até à relva, e, depois, puxou-a para a esquerda, em direção à casinha de brincar de Summer, a grande cabana de contraplacado que ele tinha projetado e construído. O telhado vermelho era removível; a respectiva parte de trás possuía dobradiças que permitiam encolhê-lo como uma concertina. Por trás da casinha de brincar, havia um canteiro de flores, no qual estavam plantados densos arbustos e violetas.

– Você acha isso normal? – proferiu Kyle colericamente, largando Ashlyn.

Entre a folhagem dos arbustos, estavam cinco garrafas verdes. Cinco garrafas verdes cuidadosamente colocadas para se confundirem com as folhas. O bater do coração de Ashlyn acelerou. Como ele tinha encontrado? Só as tinha posto ali provisoriamente. Não podia, de modo nenhum, colocá-las na caixa para reciclagem, porque Kyle as veria. Não podia pô-las no lixo, pela mesma razão. Ele não haveria de compreender. Não compreendia. Não sabia o que era aquilo e a única coisa que fazia era olhá-la com desagrado, por isso ela tinha de ocultar as provas. Nem podia fazê-lo no estúdio, pois desconfiava de que ele também aí procurava. Aquele era o seu esconderijo provisório; só era possível vê-las se andasse à procura delas. E por que andava ele à procura delas? Por que andava sempre a controlá-la? A fazê-la sentir-se mal? Ela não estava a fazer nada de errado.

– Você acha que esconder garrafas é normal? – repetiu Kyle.

– Não teria de escondê-las se você não se comportasse como um nazi em relação à bebida – acusou Ashlyn. – Nunca me deixas em paz, nem que só olhe para uma bebida, pelo que tenho de as esconder. Se não agisse assim, eu não teria de fazer isso.

Por um momento, Kyle vacilou, pensou se ela teria razão. Se não reparasse sempre que ela bebia, andaria ela escondendo as garrafas e a esgueirar-se para o estúdio para beber? Seria o caso dela tão grave se ele não fosse tão severo? Para, disse ele a si mesmo. Para. Ela bebia demais. As pessoas normais conseguiam parar depois de uns copos. Consequiam passar alguns dias sem sentir necessidade de uma bebida. Não sentiam sequer necessidade de uma bebida. Não cometiam tantos crimes contra os entes queridos e os próprios valores quando estavam sob o efeito do álcool ou recuperando desse mesmo efeito e continuavam a querer mais.

A mulher de Kyle era alcoólatra.

Sempre que ele pensava nessa palavra, o que lhe vinha à cabeça era um velho com o rosto manchado de fuligem, roupas com sujeira entranhada, sentado na sarjeta, bebendo de uma lata de força adicional. A realidade era que uma alcoólatra era a sua esposa inteligente e vivaz – a mulher que conseguia fazer parar uma sala apenas ao entrar nela, que podia andar pelo supermercado de calças de treino e camiseta larga e passar despercebida, que tinha dado à luz os seus dois filhos.

A mulher que Kyle amava era alcoólatra. Ele tinha de o aceitar. Depois de tanto tempo, tinha de o aceitar. Também ela tinha de o fazer. Ele tinha de a obrigar a fazê-lo. Este era o momento em que ele tinha de avançar. De parar de fingir que estava tudo bem com a vida que levavam nos últimos anos. Devia-o a Jaxon. A Summer. A si mesmo. A Ashlyn.

– A culpa não é minha – afirmou Kyle, preparando-se. – A culpa não é minha. Você é alcoólatra, Ashlyn.

Ela revirou os olhos e abanou a cabeça.

– Você é alcoólatra – repetiu ele. – Você tem de procurar ajuda.

– Vê se cresce – proferiu ela colericamente. Deu meia-volta e voltou para dentro de casa, batendo com a porta da cozinha depois de entrar. Kyle seguiu-a com o olhar. Sem saber bem o que havia de fazer. Não queria discutir com ela, mas já tinha enveredado por aquele caminho. Tinha enveredado por aquele caminho de sinceridade, logo, tinha de o seguir e ver o que havia no fim.

Ela tinha novamente as mãos submersas na água de lavar a louça. Pegou num prato, agarrou na esponja e começou a esfregá-lo.

– Ashlyn...

– Não quero falar mais sobre esse assunto – interpôs. – É evidente que tem algum tipo de problema e está tentando me responsabilizar por ele.

– Se não procurar ajuda, quero que você vá embora – disse Kyle, só um toque acima de um sussurro. Queria saber como soava dito em voz alta. Nunca o tinha dito em voz alta. Era algo que lhe tinha passado pela cabeça algumas vezes, mas era fugaz e caprichoso. Nunca o tinha dominado e conservado, revirado, passado os dedos do pensamento pelos entalhes das palavras, examinado e entendido. Entendido quais eram os significados por trás das palavras. Qual seria o resultado de cada uma dessas palavras.

Disse-o discretamente, mas ela ouviu. Ouviu e arquejou. Ashlyn largou o prato, sem se importar, desta vez, que a água a salpicasse. Virou-se para olhar para o marido. Estava completamente imóvel, com os pés firmemente assentes no assoalho envernizado e os braços cruzados sobre o peito. Ela percebeu que ele tinha perdido peso. Não olhava bem para ele fazia meses. Por que haveria de olhar, se ele estava sempre ali? Era uma presença, uma presença que fazia parte da sua vida; uma forma, uma figura que respondia se ela fizesse uma pergunta, que fazia perguntas e esperava uma resposta, mas não precisava de ser examinada com atenção. Dormia todos os dias com aquele homem e ele tinha mudado. Kyle tinha perdido peso e ela não tinha percebido. Tinha o rosto mais magro, olheiras, cortara o cabelo, não estando este rapado, mas sim mais curto. E faltava-lhe alguma coisa. A confiança? O ar descontraído? O brilho nos olhos? O que quer que o definisse como sendo Kyle tinha desaparecido. Teria desvanecido de um dia para o outro ou esvaído ao longo dos últimos meses, quando ela não estava atenta? Uma ideia consumia-lhe a consciência: talvez tivesse a ver com ela. Talvez tivesse sido ela a responsável por isso. Não, isso era um disparate. A culpa não era dela. Se Kyle tinha mudado, só a si o devia. Ela levou-lhe a mal tê-la feito pensar que a culpa podia ser dela. Sim, ele tinha mudado, fazia-a sentir-se uma desgraçada. Fazia-a sentir-se, constantemente, uma desgraçada. Costumava fazê-la sentir-se maravilhosa, completá-la. Ela pensava que, sem ele, morreria. Agora, só a fazia sentir-se horrível. Seria de admirar que ela precisasse de um copo ou dois? Se aquele homem lhe tinha feito aquilo?

– O que disse? – exalou ela.

– Disse... – Kyle hesitou. Conseguiria repetir? Conseguiria ir até ao fim? – Disse... Disse... – Mordeu-se por dentro. Claro que conseguiria ir até ao fim. Tinha de conseguir. – Disse que, se não procurar ajuda, quero que vá embora. Não vou continuar a sujeitar as crianças a isto. Não vou continuar a passar por isto. Ou você procura ajuda ou vá embora.

– Pensa que vou deixar as crianças aqui, contigo? Você enlouqueceria num instante.

– Aqui nos arranjaríamos. Você tem de procurar ajuda, Ashlyn. Não quero que vá embora, quero que procure ajuda. Contudo, se não o fizer, quero que vá embora.

– Você não pode ficar com as crianças – afirmou ela.

– Ninguém daria a guarda deles, não com tudo o que você tem feito desde que bebe.

– Por acaso, chama-se a isso “exercício do poder paternal” – declarou ríspidamente. – Não se chama “guarda”, mas sim “exercício do poder paternal”. Como é que eu sei? Porque já quis deixar você. Quando fazia tudo e você não fazia nada. Pensei se não seria melhor se você não estivesse aqui permanentemente. Assim, descobri isso. Não sou, porém, como você, seria incapaz de ir até ao fim. Porque, por mais que sejas um cretino, seria incapaz de te magoar como você, pelos vistos, não tem qualquer dificuldade em magoar-me.

Kyle nem pestanejou. Parecia uma coluna de pedra. Nada do que ela dissesse poderia penetrar aquela carapaça. Sem ser pela primeira vez, ela perguntou-se o que teria de fazer para conseguir chegar até ele. Não dava a mínima efetivamente para o fato de ela ter estado prestes a deixá-lo. Não dava a mínima para a decisão dela de não o fazer. Não dava a mínima para tudo o que se relacionasse com ela. Alguma vez assim não fora?

– E eles seriam entregues, Kyle, porque eu estou disponível para eles. Trabalho em função deles, passo metade da noite a trabalhar para poder estar disponível durante o dia. Preparo-lhes as refeições, levanto-os quando caem. Estou sempre presente quando vão dormir. Eu amo-os. É claro que vou ficar com as crianças, porque sou a mãe deles.

– Então, por que não age como tal? Põe-os em primeiro lugar, para variar.
– Com os braços firmemente cruzados sobre o peito, Kyle deu meia-volta e saiu.

Ela não podia saber. Não podia saber que ele quase tinha dito que não estava falando sério. Que não conseguia viver sem ela e as crianças. Que nada era sem ela. Ela não podia saber que a ideia de o abandonar era algo que ele não suportava. Durante aqueles dias em que ela tinha levado Jaxon e Summer a visitar a mãe, ele pensou que o silêncio da casa ia enlouquecê-lo, vagava de quarto em quarto, sentando-se nas camas deles, apanhando-lhes os brinquedos, abraçando-lhes a roupas, recordando as conversas que tinham. Ela não podia saber que, se não procurasse ajuda, talvez ele não conseguisse obrigá-la a ir embora.

– Depois disso, tudo ficou bem por uns tempos. Surpreendentemente. Ela começou a participar em reuniões para alcoólatras. Logo no dia seguinte. Acho que a assustei tanto como ela me assustou com a sua confissão. Participava em reuniões diárias e deixou de beber. Não sei por quê, mas pensei que tudo melhoraria como que num passe de mágica. Você sabe, se ela deixasse de beber, todos os nossos problemas desapareceriam. Não foi bem assim. Estava permanentemente de mau humor, quase como se sofresse de uma ressaca constante, mas, pelo menos, não bebia. Começamos a discutir mais, mas, pelo menos, comunicávamos. – Kyle deitou-se de costas, estendeu-se sobre a manta para piqueniques, olhou profundamente para o céu, como se lá desejasse estar. Como se o seu lugar fosse entre as nuvens e não ali, na Terra, comigo e com as crianças. – Então, eu fiz asneira. – Os seus olhos ficaram vidrados enquanto mergulhava ainda mais no mundo por cima de nós. Suspirou. – Oh, se fiz. Pediu-me para ir com ela a algumas reuniões, mas... – A sua voz perdeu-se. Observei-o. Era evidente que estava sofrendo enquanto se lembrava. – Não consegui fazê-lo, Kendra. A ideia de estar lá sentado, a ouvir pessoas falar sobre os motivos que as levavam a beber. Em que medida a culpa era dos companheiros. Eu não queria ouvir isso. Não queria que alguém olhasse para mim, sentado ao lado dela, e me condenasse.

– Acho que não é assim que funciona – disse eu. – Não atribuem culpa a ninguém.

– Pois, provavelmente, não é, mas eu não queria descobrir. Eu próprio me condenava por não ter dito nada mais cedo a respeito do que ela andava a fazer. Eu próprio me condenava, não precisava que mais ninguém o fizesse.

– E foi uma forma de assegurar que ela recebia o seu castigo, obrigando-a a participar em reuniões com a ameaça de perder tudo a pender-lhe sobre a cabeça – declarei.

Kyle virou-se para mim e fitou-me com ansiedade. Perguntava-se se eu estaria censurando-o.

– *Não estou condenando-o – acrescentei. – Quero dizer, ela fez comer o pão que o diabo amassou, Kyle. Não seria humano se não tivesse ficado*

furioso com ela e pouco interessado em ajudá-la, mesmo que isso implicasse a sua recuperação. Tornou-se alcoólatra sozinha, por que não haveria de se recuperar sozinha? Se, ainda por cima, se culpa, não me surpreende que não quisesse acompanhá-la.

– Eu queria que ela se recuperasse. E ajudei tanto quanto pude: não bebia, perguntava-lhe como decorriam as reuniões, como se sentia. Não podia, porém, fazer o que ela queria. Não podia ajudá-la dessa forma. Quando recusei, a Ashlyn achou que eu a tinha traído. Que a tinha obrigado a fazer aquilo e, depois, não estava apoiando-a. Tivemos algumas discussões a esse respeito, nada de mais, a maioria foi pouco significativa. Sem gritos, apenas trocas de palavras maldosas. Deixamos de nos falar, a menos que fosse sobre o que fazer com as crianças. Então, certa noite, ela simplesmente não foi para a cama. Depois, fez o mesmo noutra e noutra ainda. Julgo que foi Summer que lhe perguntou por que já não dormia na cama grande (eu que não ia perguntar-lhe) e ela respondeu que tinha passado toda a noite trabalhando e adormecido no estúdio. Eu nada disse e esse tornou-se o estado de coisas: no fundo, ela mudou-se definitivamente para o estúdio. É por isso que as crianças sabem abrir a porta e vão lá em qualquer altura: começaram a ir até lá de manhã, para a verem. Depois, certa manhã, ela desapareceu. Tinha saído de casa. Ido embora no meio da noite. Só que o Jaxon tinha-a visto. Tivera um pesadelo e estava acordado quando ela entrou no quarto dele para se despedir. Summer estava dormindo na nossa cama, por isso não se despediu dela. Jaxon, porém, que gostava de dormir na sua própria cama, estava acordado. Ela pediu-lhe que não dissesse nada. Ele levou as palavras dela à letra e deixou de falar. Dois dias depois, ela telefonou, querendo ver as crianças. A mim não, apenas às crianças. Assim, levei-os à casa da mãe dela; não era aí que ela estava hospedada, mas não queria que eu soubesse onde era, pelo que me pediu que aí os deixasse. Só voltei a vê-la algumas semanas depois, quando fomos a Nova York. – Expirou profundamente. – Se pudesse voltar atrás no tempo, teria simplesmente ido às reuniões com ela.

– Talvez não tivesse feito diferença nenhuma – retorqui.

– Mas, pelo menos, eu saberia.

– É verdade. Que tal dizer-lhe, da próxima vez que ela voltar, que vais às reuniões com ela?

Virou a cabeça na minha direção.

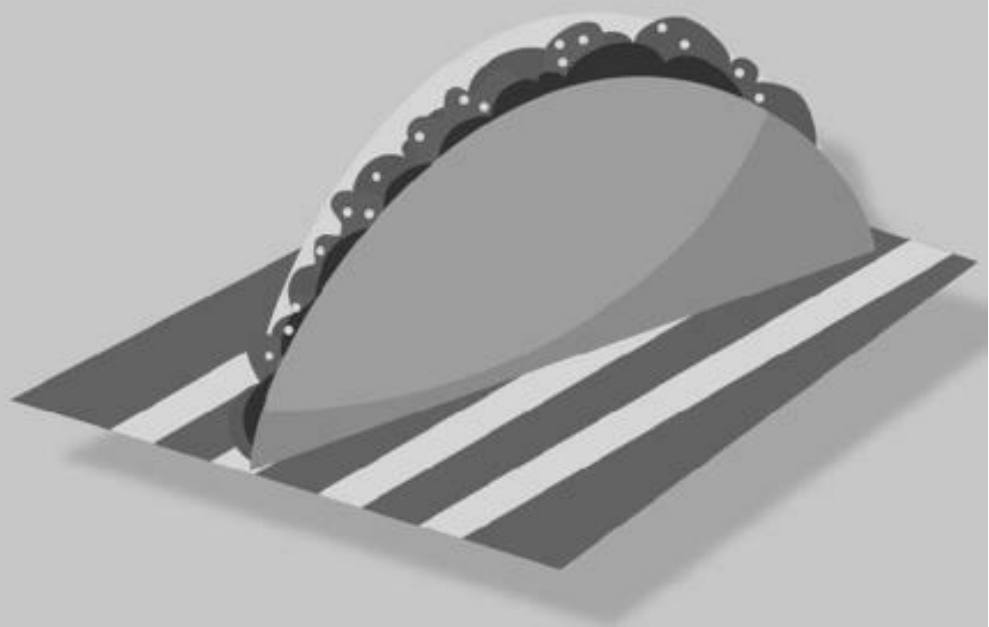
– Já é tarde demais.

– Nem que estivessem divorciados seria tarde demais... se quisessem dar certo. Se quisessem tentar tudo para que a relação sobrevivesse.

Vi-o refletir. Enquanto refletia, vi, de relance, as crianças a correrem na nossa direção. Seria imaginação minha ou tinham crescido vários metros nos últimos dias? Pronto, metros, talvez não, mas os seus corpos pareciam mais altos, como se ambos fossem sair ao pai no que se referia à estatura. Jaxon foi o primeiro a chegar e atirou-se completamente para cima do pai. Kyle, que não estava à espera, ficou sem fôlego com a pancada e bufou enquanto quase se dobrava sobre si mesmo. Instantes depois, Summer estava também em cima dele e ele agitava-se debaixo dos filhos, estando todos a rir. Dentro de algumas horas, Ashlyn telefonaria. Então, eles iam modificar-se, deixariam de rir e de brincar, iriam esconder-se nos quartos, destroçados com a ausência da sua mamãe, destroçados com a enorme distância que os separava.

Na verdade, Kyle devia-lhes isso: tentar tudo. Se isso implicasse ir a reuniões com a mulher, então, era isso que tinha de fazer. Não era esse o significado da expressão “para o bem ou para o mal”?

Tortilhas



Vigésimo terceiro capítulo

– Ah, Kendra, há um recado para você, comunicou-me Janene.

Estava usando a sua voz normal. Aquela com a qual falava com Gabrielle e Teri. Tínhamos ido acampar há uma eternidade e a sua tácita ameaça de se vingar de mim não se tinha concretizado.

– Os seus telefones tocaram quando você estava no lavabo, por isso anotei o recado. Esqueci-me de entregar a você. – Eu já tinha ido ao lavabo há mais de uma hora. Devia tratar-se de um cliente importante que esperava que eu ligasse em quinze minutos. Era esta a vingança dela: tentar fazer-me perder negócios.

Atravessou o escritório, sem que os olhos monótonos e atentos percebessem que ela estava “sorrindo”. Deu-me o bilhete.

Senhora Chelner, ela tinha escrito com um número de celular. Tinha também anotado a palavra URGENTE, que sublinhou cuidadosamente três vezes. Levantou um pouco a sobancelha enquanto esperava que eu ficasse destroçada. Que arrancasse o telefone do gancho e marcasse o número freneticamente. A nossa atividade dependia da manutenção de boas relações e da gestão de um serviço eficiente. Ou aquela pessoa precisava rapidamente de um profissional temporário ou não estava satisfeita com o que tinha. Qualquer que fosse a situação, não ia ficar impressionada com um telefonema sem resposta. Vaca.

– Agradeço-a por isso – afirmei, sorrindo amavelmente e pousando o quadrado amarelo na mesa. Não ia, de modo nenhum, dar a ela o prazer de ficar exasperada com aquilo. Já devia ter perdido o negócio; não ia aumentar a minha angústia ao proporcionar a Janene a mais ínfima satisfação.

Rangendo os dentes, pouco impressionada – verdadeiramente irritada – com o fato de não ter conseguido tirar-me do sério, deu meia-volta nos seus sapatos de salto alto LK Bennett e regressou à mesa com passo imponente. Gabrielle controlava toda a situação a partir da sua mesa, ainda que, para o mundo exterior, estivesse ainda a digitar um texto no computador. Se ela fosse sincera – como já tinha sido comigo, uma vez –, admitiria que não morria propriamente de amores por Janene, mas queria dar uma oportunidade moça. Pensava que, com compreensão e formação, podia transformá-la numa funcionária aceitável – residindo, evidentemente, a ironia da questão no fato de Gabrielle julgar que era eu a rainha das causas perdidas. Teri estava boquiaberta perante a audácia de Janene. Tinha me confessado que não gostava dela, mas fazia todo o possível para se dar bem com ela, de modo a não perturbar a dinâmica do escritório. Todas nós, à nossa maneira, éramos coniventes com o mau comportamento de Janene como pais excessivamente indulgentes era coniventes com uma criança malcriada para terem uma vida tranquila. Isso me irritava mais do que gostaria de admitir a quem quer que fosse, incluindo a mim mesma. Detestava que o mau comportamento das pessoas ficasse impune.

Senhora Chelner. Fiz um esforço de memória para situá-la. O nome não me era estranho, mas a empresa não vinha imediatamente à cabeça. Enquanto tentava lembrar-me, o que Janene tinha dito repetiu-se no meu pensamento.

– Você disse que os meus telefones tocaram? – perguntei-lhe.

– Disse – respondeu. – O seu celular não parava de tocar e eu desliguei-o. Está na gaveta de cima.

“Não vou deixar que você me afete”, pensei, visando-a, porque é isso que ela quer. Eu estava ali sentada há mais de uma hora com o celular desligado. Não seria grave, se tivesse sido eu a desligá-lo, mas tendo sido outra pessoa a fazê-lo... Abri a gaveta de cima e peguei no meu telefone prateado. Calmamente, sem revelar nem sequer um pouco da irritação que estava acumulando-se dentro de mim, liguei-o e marquei o número do correio de voz.

Tinha seis mensagens. Seis. Era evidente que tinham estado a me telefonar insistentemente, sem conseguirem contatar-me. Inspirando profundamente, aspirando tranquilidade e expirando a vontade de ir esbofetear Janene até estarmos em abril do ano seguinte, ouvi a primeira mensagem.

A senhora Chelner tinha uma voz extremamente tranquilizante; era perceptível que se tratava de uma pessoa que podia incluir a frase “calma sob pressão” no curriculum vitae ou em um impresso de candidatura sem se sentir culpada por nunca ter, efetivamente, sido posta à prova. Ela estivera numa situação de grande carga e tensão em que tinha de evitar que ela própria e todos os que estavam mais próximos de si rebentassem e não tinha evidenciado nem sequer o menor sinal de pânico. A senhora Chelner era deveras capaz de manter a calma sob pressão.

Agora, por exemplo: estava telefonando-me, tinha me telefonado mais de oito vezes para me informar que Jaxon tinha sofrido um acidente e iam levá-lo para o hospital. Pediu-me ainda para ir ao encontro deles, pois não tinham conseguido entrar em contato com Kyle, Ashlyn ou a avó deles e eu era a quarta pessoa na lista de contatos.

Ora, claro que não conseguem entrar em contato com Kyle. Está no banco, tentando pôr as finanças em ordem e conseguir um empréstimo por estar completamente falido no momento. Deve ter desligado o celular, pensei ao desligar o telefone e guardá-lo nas profundezas da minha bolsa. Não conseguem também entrar em contato com Ashlyn porque está em Nova York, disse à senhora Chelner que tinha no pensamento, enquanto desligava o computador. Não conseguem ainda entrar em contato com Naomi porque está em férias no Algarve, pensei ao levantar-me.

E não conseguiam entrar em contato comigo, pensei enquanto vestia o meu casaco, porque alguém queria se vingar de mim e desligou o celular, não me tendo também dado o seu recado.

– Gabrielle – exclamei, parecendo muito distante a mim mesma. Distante e tão abalada, tão assustada, que não conseguia sentir mais nenhuma emoção. – Importa-se que eu tire o resto do dia? O Jaxon sofreu um acidente e eu tenho de ir para o hospital. Não disseram em nenhuma das mensagens se ele estava bem ou se era muito grave, mas não conseguem entrar em contato com Kyle e não há mais ninguém. Imagino que Summer esteja um pouco preocupada.

A minha chefe, a minha amiga Gabrielle ficou branca e até os lábios perderam a cor. O mesmo aconteceu ao rosto de Teri, apesar de não o conhecer. Eu sabia o que ambas estavam pensando. O medo

com que ficaram. Não era preciso, o que eu tinha bastava para nós três.

- Manda-lhe um beijinho meu – sussurrou Gabrielle.
- Espero, sinceramente, poder fazê-lo – retorqui placidamente. Nem sequer olhei para Janene ao sair.

Da última vez que vi Will, ele estava fazendo isto, pensei enquanto descia a rua central, rumo à estrada principal, onde podia chamar um táxi. Dirigia-se a um hospital sem saber o que ia encontrar.

Depois de a mulher o ter obrigado a sair de casa, ele não foi correndo me encontrar.

Longe disso. Eu não tinha notícias dele fazia três meses, o que não era nada de novo. Éramos tão incoerentes, sempre tentando nos manter afastados um do outro, que o fato de se passarem meses sem haver contato entre nós era normal. Só soube que ele e a mulher já não estavam juntos quando recebi um envelope branco de um advogado.

Ao desdobrar a carta, descobri que vinham por aquele meio informar-me que quando a senhora Craigwood pedisse o divórcio, no prazo de pouco menos de um ano, iria indicar-me como cúmplice de adultério. Iria dizer ao mundo que eu era a galdéria que tinha dormido com o marido, destruído o seu casamento e, por defeito, a sua vida.

Isto é o que significa estar envolvida com uma pessoa casada, dizia-me ela nessa carta. Isto é o que ganha por dormir com o meu marido.

Só que eu não tinha dormido com o seu marido. Não nesse sentido. Tinha passado algumas horas enroscada nele, mas não fiz amor nem tive relações sexuais com ele. Em dezoito meses, tinha-o beijado três vezes. Éramos mais amigos do que qualquer outra coisa.

Algumas horas depois, Will apareceu no meu apartamento. Nunca tinha ido ali, mas, tal como a mulher, parecia ter descoberto onde morava. Era demasiado fácil encontrar alguém em Sydney. Demasiado fácil.

- O que aconteceu? – perguntei-lhe enquanto se sentava no meu sofá.

Foi então que me contou o que tinha acontecido, que a mulher tinha descoberto uma mensagem no e-mail e que ele estava hospedado na casa da irmã. Não queria ir me encontrar, porque não queria pôr-me aquela

responsabilidade nos ombros, tornar aquilo um problema meu. Só ali tinha ido agora porque a mulher lhe tinha telefonado e contado o que fizera. Esperava chegar até mim e ter a oportunidade de se explicar antes de eu receber a carta.

– Mas por que você não lhe disse que não andávamos dormindo juntos? – interoguei.

– Pensei que tinha dito – respondeu. – Disse que não dormi com mais ninguém.

– Então, por que está ela perseguindo-me desta forma? – perguntei, fixando a carta. – Deve odiar-me. Todos os amigos dela, os seus amigos, vão odiar-me. A Evangeline já está tão furiosa que nem imaginas; isto vai fazê-la perder a cabeça.

– Os meus amigos não vão odiar você. A Sarie também não a odeia.

– Você tem certeza disso? – Brandi-lhe a folha de papel A4 com duas dobras precisas e perfeitamente espaçadas. – Você tem certeza disso?

Todo o meu corpo pareceu incendiar-se – a sensação de ardor estava localizada nas minhas faces e carreguei nelas com as palmas das mãos para tentar arrefecê-las.

– Isto é um pesadelo. Vai ficar registrado o que eu fiz. Que sou “a outra”. Se alguém me investigar, é isto que irá aparecer. Ninguém vai dar ouvidos quando eu disser que apenas nos beijamos. Vão pensar que sou uma prostituta. – Tudo o que eu tinha feito foi apaixonar-me e, agora, ia ficar eternamente marcada como uma destruidora de lares. Não interessaria que o lar já estivesse praticamente destruído antes de eu ter aparecido, que eu não tivesse tido a intenção de que isto acontecesse, que não tivesse tido relações sexuais com ele.

– Desculpa, Kendra. Você não merece isto.

Will tinha um ar muito cansado: o rosto lindo pontilhado pela barba por fazer, o cabelo num desalinho cor de ébano na cabeça, o terno amarrotado. Devia estar comendo o pão que o diabo amassou.

Coloquei os braços à volta dele, aproximei-o de mim, fiquei quieta para sentir o seu coração a bater junto ao meu corpo.

– Não peça desculpa. Quero dizer, como haveria isto de acabar? Eu não queria que abandonasses a sua família e você também não queria fazê-lo. Não andávamos fazendo planos para o futuro nem sexo no presente – disse eu. –

Contudo, não se tratava de pura amizade e temos de assumir a responsabilidade por isso. Estávamos seguindo por um caminho extremamente precário e é este o resultado.

O seu sopro incidiu sobre o meu pescoço quando suspirou e senti o meu corpo reagir como sempre reagia em relação a ele. Eu estava ganhando vida. O meu coração começou a bater mais depressa, a minha respiração a intensificar-se, o meu âmagô a transformar-se num suave e fundente poço de desejo. Ele era o único homem que alguma vez tinha tido este efeito sobre mim. Fazer o meu corpo ansiar por ser tocado. Geralmente – sempre –, eu não suportava estar tão perto de outro ser humano, não tolerava a proximidade do corpo de outra pessoa em relação ao meu, nem o toque das mãos. Se isso acontecesse, tinha de esconder a minha repulsa e fingir estar interessada em intimidade física. Era mais fácil do que explicar o motivo de preferir ficar sozinha.

O seu corpo começou a reagir ao meu. Senti-lhe o bater do coração a acelerar à medida que a mão me percorria lenta e delicadamente as curvas. Fechei os olhos e aspirei-o, absorvi-o por completo. Estava subitamente embriagada por ele. Ébria de desejo. Levantei-me, segurei-lhe na mão e conduzi-o ao meu quarto. Ele não resistiu, não protestou. Agora, podíamos fazê-lo. Ele era solteiro. Todos pensavam que já o tínhamos feito. Seria registrado que assim fora, pelo que mais valia fazê-lo. Além disso, eu queria. Ansiava por isso. Pela primeira vez desde sempre, estava desesperada por isso.

A sua boca colou-se à minha, passei-lhe as mãos pelo peito. Despi-lhe o casaco e ele puxou a blusa. Entre beijos profundos e prolongados, desabotoei-lhe a camisa e ele desapertou-me o sutiã. O seu cheiro preencheu o quarto, o sabor de o desejar preencheu-me o corpo. Contudo...

– Não consigo – disse ele de repente, afastando-se de mim.

– Eu também não – retorqui. Segurei o sutiã sobre o peito enquanto o alívio me inundava. Estava tentando me concentrar, mas não conseguia. Era fácil dizer que mais valia cometermos o crime pelo qual íamos cumprir pena, mas a realidade não funcionava assim. Eu não era capaz. Queria-o, desejava-o, mas não era capaz. – Parece que você ainda está casado.

– Eu sei – replicou, avançando e percorrendo levemente o contorno do queixo com os polegares. – E estou. Mas parece que ainda estou com a minha

mulher.

– Eu sei e, apesar do que consta naquele papel, não quero dormir com um homem casado.

– Somos um belo par de burros, não somos? – disse ele.

Ri-me. Não ouvia aquela palavra há uma eternidade. Nem ali as pessoas a empregavam.

– Eu diria que somos mais um par de palermas – repliquei. Ele riu-se.

Deitamos na cama e Will tomou-me nos braços, pousando a cabeça no meu peito, escutando o meu coração.

– Quero ouvir você – afirmou. – Quero ouvir como você se sente. – Uma das coisas que eu adorava nele era a sua capacidade de ora estar gracejando, ora proferindo palavras tão emotivas. Não tinha problema em ser sincero comigo a respeito dos seus sentimentos.

Passei os dedos pelos finos farrapos negros do seu cabelo, desfrutando disto. Deslizando facilmente para esta parte de estarmos simplesmente juntos.

– Quero ouvir se o seu coração começa a se queixar aos pulmões de que você não come salada o suficiente por não gosta de comida fria... Oh, acho que os pulmões estão dizendo que não toma ar puro suficiente... Ah, sim, agora, o fígado está pronunciando-se. Está perguntando ao coração o que acha daquele britânico imbecil... E presta atenção ao baço, que está dando um palpite. Está dizendo que lhe parece que o britânico imbecil está apaixonado por você.

– Ora, aí tem – retorqui. – De todos os meus órgãos, o baço sempre foi o mais otimista. Que tolinho.

– Não, acho que ele tem razão.

– Pois escuta o meu coração e ouve o que ele tem a dizer sobre o assunto.

Will ficou calado por um momento e, em seguida, afastou a cabeça do meu peito de repente, como se tivesse sido queimado.

– Lamento informá-la, menina Tamale, mas o seu coração é obsceno! As coisas que ele estava dizendo...

Eu ia rir e ele impediu-me ao acariciar-me a protuberância da face e o contorno dos lábios com o polegar.

– Era capaz de ficar assim para sempre – disse de modo sério. – Era capaz de ficar contigo para sempre.

O seu celular interrompeu o momento, fendeu no nosso círculo de intimidade. Ele hesitou, encarou a hipótese de não atender. Depois, afastou-se de mim, estendeu a mão para fora da cama para alcançar o casaco e pegou nele. Abriu-o e encostou-o ao ouvido.

Atendeu. Depois, fez-se silêncio. Um silêncio de morte que pareceu fazer parar o tempo.

Ele gritou. Um brado grave e feroz que tinha origem num lugar de sofrimento. Ressoou pelo quarto, repercutiu-se pelo meu corpo.

– Vou já para aí – disse alto, ainda com um tom de loucura e urgência na voz. – Vou já para aí. – Desligou sem se despedir. – Ela tentou se suicidar – declarou. – Sarie tentou se suicidar. – Levantou-se da cama, abotoando a camisa, vestindo o casaco, sempre a tremer. – Por minha causa. – Não parava de repetir. – Por minha causa.

Não, queria eu dizer. Nos quinze anos em que tinham estado juntos, ela nunca tinha tentado se suicidar; por piores que as coisas ficassem, nunca tinha tentado se suicidar. Só o fez quando ele me conheceu. Não era por causa dele. Era por minha causa.

– Eu telefono – afirmou, ao dirigir-se para a porta.

– Não, não faça isso – disse-lhe eu. – Não faça. Eu não posso, não depois disto. Não volte a entrar em contato comigo.

Ele parou, virou-se e tomou-me o rosto nas mãos quentes e meigas.

– Eu telefono – repetiu, com seriedade, olhando-me no fundo dos olhos. – Eu telefono.

A porta fechou-se depois de ele sair e eu soube que não podia voltar a vê-lo.

Dois dias depois, recebi a mensagem por e-mail de Gabrielle, oferecendo-me um emprego na Inglaterra.

Vigésimo quarto capítulo

Summer estava sentada ao lado da Sra. Chelner, no serviço de urgência.

Encontravam-se na primeira fila de cadeiras, a mais próxima do balcão da recepção, sentadas lado a lado, em silêncio. Os pés dela nem se aproximavam do chão. Parecia pequenina, uma frágil bonequinha com um uniforme escolar azul e cinzento vestido, que parecia incompleto sem o coelho azul nos braços e o irmão ao lado. Saltou do assento e foi falar comigo quando me aproximei delas. Deu-me a mão e segurou na minha com força. Nada disse, mas eu era alguém que ela conhecia em toda aquela situação, pelo que se agarrou a mim como se se agarrasse à própria vida.

Não percebeu que eu também estava a segurar-me a ela, aliviada e grata por ela, pelo menos, estar bem.

A Sra. Chelner, uma mulher mais velha de cabelos castanhos com rastros grisalhos, apanhados atrás numa banana, um casaco azul que usava fechado até acima e um ar extremamente matronal, levantou-se.

– Deve ser a Kendra Tamale – disse-me.

Não sorriu e eu senti um aperto no coração. Um sorriso teria significado que ele estava bem; um sorriso teria querido dizer: “Ele vai ficar ótimo”.

– Como está ele? – interroguei, ciente de que a mão fria de Summer tremia na minha. Ou seria a minha que tremia enquanto segurava na dela?

– Estamos à espera de notícias – respondeu. – Não estão dispostos a fornecer informações sem ser a um familiar, mas ele nunca correu

sérios riscos. Julgo que não há de ser nada mais grave do que um braço partido e um traumatismo craniano.

– Podemos vê-lo? – inquiri.

Ela pareceu ficar na dúvida.

– Não é membro da família, é? – disse ela delicadamente.

Não, não sou.

– Na ausência do pai, da mãe e da avó, sou, de certo modo, responsável por ele – expliquei.

Ela não pareceu ficar convencida.

– Estávamos só à espera do pai. Só conseguimos que a Summer nos dissesse que a mãe está a uma viagem de avião muito longa de distância.

Summer sabia onde a mãe estava, mas o abalo devia ter-lhe apagado esse conhecimento da memória.

– Está em Nova York.

A Sra. Chelner acenou com a cabeça.

Apesar do que aquela tinha dito a respeito de eu não ser da família, decidi experimentar junto da recepcionista. Não queria que Jaxon ficasse sozinho. Não quando eu e a irmã estávamos ali. Eu e Summer percorremos a curta distância até ao longo balcão da recepção e esperámos pacientemente na fila para ser atendidas.

– Queria ver o Jaxon Gadsborough – declarei. – Trouxeram-no há cerca de duas horas, com suspeitas de um braço partido e um traumatismo craniano.

Digitou no teclado e olhou para o monitor do computador quando os pormenores relativos a Jaxon surgiram.

– Quem é a senhora? – perguntou.

– Chamo-me Kendra Tamale – respondi.

– É da família?

Hesitei. Não queria mentir. Tentava evitar mentir a todo o custo e sentia-me até incomodada quando dizia as chamadas “mentiras piedosas”, mas a ideia de ele estar ali deitado, completamente sozinho, assustado e com dores...

– Mais ou menos – disse.

O rosto da recepcionista dirigiu-me um sorriso de boca fechada. “Mais ou menos” não bastava. Não era isso que me permitiria vê-lo.

– *A Kendie é a minha segunda mamã – pronunciou-se Summer de repente, perante a recepcionista. – Mora em minha casa e prepara o café da manhã especial de sábado para mim e para o Jaxon. Sabe, marshmallows.*

– Sério? – perguntou a recepcionista a Summer. Esta respondeu com três breves e decididos acenos de cabeça. Percebi que a recepcionista não estava acreditando, mas notava a minha preocupação e Summer era da família de Jaxon, sendo acompanhada por mim. Além disso, ele tinha apenas seis anos. Chamou a enfermeira para nos levar para dentro do serviço de urgência, dizendo que não poderiam fornecer nenhuma informação clínica, mas que, se quiséssemos esperar lá dentro até os pais de Jaxon chegarem, não haveria problema.

– O que aconteceu? – perguntei a Summer enquanto seguíamos a enfermeira, passando por cubículos vazios e outros com as cortinas corridas. Durante todo aquele tempo, ainda não tinha descoberto. Não me tinha lembrado de perguntar.

– Ele caiu – afirmou ela calmamente.

– De onde?

– Caiu. Estávamos subindo e ele caiu. – A sua carinha foi-se abaixo, ela parou de andar e eu agachei-me até ao seu nível. Estava incrivelmente pálida, com o rosto raiado de lágrimas. – Caiu. Caiu. – Ela estava presente e tinha assistido. Tinha visto a única pessoa que tinha estado sempre ao seu lado, durante o alcoolismo da mãe e os desvarios do pai, magoar-se mesmo à sua frente. Eu conseguia imaginar isso. Ora estava junto dela, na estrutura para trepar, ora já não estava. Ela devia ter olhado para baixo e visto o irmão estendido no chão, imóvel. Talvez tivesse chamado o nome dele, mas, tal como a mãe, em inúmeras ocasiões, e o pai, poucos meses antes, ele não respondeu. Peguei em Summer. Abracei-a com força. – Caiu. Caiu. – Não parava de repetir enquanto eu lhe afagava o meio das costas e tentava acalmá-la. Disse-lhe que estava tudo bem e continuamos a caminhar em direção ao seu irmãozinho.

Ele estava a dormir.

Completamente estendido, de barriga para cima, com alguns hematomas a ficarem lentamente vermelhos no lado esquerdo do tronco pálido, com o qual tinha batido no chão, uma leve escoriação na face e outra na fronte. O pulso esquerdo estava levantado e afastado dele, numa tala, e anéis dos seus cabelos escuros colavam-se-lhe à testa. Parecia tão tranquilo, calmo, sereno. Eu queria tocar-lhe no rosto para verificar que estava quente e que continuava conosco. Que estava mesmo só dormindo.

Ainda agarrada a Summer, que tinha afundado o rosto no meu pescoço, sentamo-nos na cadeira à direita dele. A enfermeira correu a cortina à nossa volta, isolando-nos do mundo e envolvendo-nos num casulo amarelo-claro.

– Estamos aqui – disse-lhe eu. – Estamos com o Jaxon.

Agora que estávamos com o irmão, ela virou-se e sentou-se no meu colo, olhando fixamente para ele. Perguntei-me o que ela estaria pensando. Se estaria contando as costelas vagamente delineadas no peito dele ou se queria tocar nos hematomas que ele tinha na pele.

– O Jaxon vai acordar? – inquiriu-me calmamente quando já tinha olhado demorada e atentamente para ele.

– Vai – respondi com convicção. – Agora, só precisa de dormir. Dormir ajuda-o a ficar bom.

Ela acenou com a cabeça. Sem me dirigir mais nenhuma palavra, pôs-se de pé no meu colo, tendo eu de a estabilizar enquanto passava por cima do corrimão que rodeava a cama de Jaxon, e enroscou-se no espaço entre o corpo dele e as grades metálicas.

– Vou dormir – comunicou-me. – Para o Jaxon ficar bom. – Fechou os olhos. Sem saber o que mais havia de fazer, aproximei mais a cadeira da cama, tomei a mão de Jaxon numa das minhas e a de Summer na outra.

Fiquei a vê-los dormir.

Devo ter entrado em transe ou adormecido com os olhos abertos.

Quando dei por mim, a cortina estava sendo afastada e Kyle passou pela abertura. Parou de repente e mergulhou as mãos nos

curtos caracóis do seu cabelo.

– Ah, amigo, amigo – disse ele, baixinho, olhando fixamente para o braço de Jaxon, para o seu corpo magoado e o rosto marcado e imóvel. “Amigo.” Larguei-lhes as mãos e permiti que o pai ocupasse o lugar, assumisse o papel que era seu por direito. Pousou a mão nas costas de Summer e passou a outra pela testa de Jaxon.

– Sabe o que representam as minhas tatuagens? – interrogou, apesar de não ter demonstrado minimamente que tinha dado conta da minha presença. – São os nomes da Summer e do Jaxon em código binário. É por isso que tenho uma em cada braço. Se alguma vez perdesse qualquer um deles, mais valia cortarem-me o braço, pois, sem eles, não serviria para nada. – Abanou a cabeça ligeiramente. – Não acredito que não estava presente quando eles precisaram de mim.

– Não podia adivinhar – retorqui.

– Era isto que me apavorava. A ideia de receber um telefonema a informar-me de que a Ashlyn tinha batido numa árvore ou que tinha havido um incêndio e eu os tinha perdido. São a minha única família – disse. – Não vejo os meus irmãos muitas vezes. O meu pai morreu há uma década e nunca me dei bem com ele. Quanto à minha mãe, casou com um sacana que estava sempre a cobiçar as outras mulheres, incluindo a Ashlyn. Eu não o queria perto de mim, dela ou das crianças. Só os tenho a eles.

– Enfim, eles vão ficar bem – afirmei, parecendo mais confiante do que tinha sentido durante todo o tempo que tinha decorrido desde que ouvira a mensagem da Sra. Chelner. – O Jaxon vai ficar bem, tenho a certeza de que vai adorar ter o braço engessado, e a Summer só está dormindo porque, assim, ele fica bom.

– Só tenho a eles – repetiu, fixando-os.

Quando o médico chegou para falar sobre o estado de Jaxon, eu ia sair, mas Kyle pediu-me para ficar. Tinha tirado Summer da cama e estava agarrado a ela. Enquanto o médico explicava que, provavelmente, iam manter Jaxon sob observação por mais umas horas por ele ter perdido os sentidos durante alguns minutos no local do acidente, que ele tinha uma fratura total do pulso e um traumatismo craniano muito ligeiro e que podia ir para casa depois de

o gesso ter secado, os pálidos semicírculos que eram as pálpebras de Jaxon começaram a tremer quando ele começou a acordar.

Todos paramos e o observamos enquanto recuperava lentamente a consciência.

Os lábios pálidos começaram a mexer-se enquanto ele se agitava e, quando os olhos se abriram completamente, exclamou:

– Mamã?

Foi no meio da noite que os levei para casa.

Kyle sentou-se no banco de trás do carro, entre as crianças, que estavam ambos a dormir profundamente, e não falamos muito. Ele tinha telefonado a Ashlyn enquanto esperávamos que dessem alta a Jaxon e, desta vez, não discutiram. Não podiam, pois ela ficou histérica e queria apanhar um avião naquele preciso momento. Kyle tinha-a acalmado e dito que Jaxon estava bem, mas que, se ela quisesse voltar, eles adorariam vê-la evidentemente. A bateria do celular tinha-se esgotado a meio da chamada e ele tinha utilizado o meu para lhe telefonar novamente, a dizer que lhe ligaria quando chegasse a casa.

Eu levei Summer, e Kyle levou Jaxon ao colo para o seu quarto e, depois de lhes termos vestido cuidadosamente os pijamas, deitamo-los aos dois no meio da cama, pondo-os juntos como talvez dormissem antes de nascerem: virados um para o outro, com a cabeça baixa e os joelhos levantados.

Kyle ficou completamente imóvel, olhando para os filhos, admirando-se, penso eu, com o pouco que tinha faltado para os perder. Com a facilidade que aquilo podia ter acabado mal. Com o fato de não poder suportar ficar sem eles.

– Não volte para o apartamento esta noite, Kendra – pediu ele, ainda a fixar os filhos. – Fique aqui. Pode dormir naquele lado da cama, eu durmo neste. Não te tocarei nem tentarei fazê-lo, juro.

Não era isso que me preocupava. Inquietava-me um pouco, evidentemente, mas, se eu dormisse ali... Se eu ficasse com as crianças desta vez, naquela cama, como se fosse uma atitude normal, como

conseguiria eu voltar para o apartamento? Voltar a dormir sozinha?
Abanei a cabeça.

– Não posso – disse-lhe. – Lamento, mas não posso. Adoraria ficar e acredito quando dize que não tentará fazer nada, mas não posso.

Ele acenou com a cabeça, como se, de certo modo, já previsse aquela resposta, mas esperasse não receber.

– Está bem.

Toquei-lhe delicadamente no braço quando estava de saída, aceitei os seus agradecimentos e realizei a longa caminhada através do pátio.

Se tivesse ficado, podia ter descoberto. Podia ter descoberto, naquelas breves horas, o que era ser esposa e mãe.

Podia ter descoberto o que era ser a primeira pessoa por quem um menino pergunta quando acorda de um sono prolongado.

Ovos, toucinho defumado,
torradas, batatas bem
fritas em cubos
e chouriço



Vigésimo quinto capítulo

medida que o Verão avançava, os dias se tornavam maiores, o tempo ficava mais quente e o ar parecia repleto de possibilidades, a minha vida com os Gadsborough pareceu tornar-se quase definitiva. Como se o meu lugar fosse junto deles e em mais nenhum outro.

Eu adorava. Adorava estar com Summer, Jaxon e o pai deles. Já tinha começado a reorganizar a minha vida para os encaixar nela e eles criaram espaço para mim. Nunca se colocou a questão de eu ocupar a lacuna que a mãe e esposa tinha deixado. Eu evitava pensar que Summer tinha me chamado de sua “segunda mãe” e apenas aproveitava a posição de que gozava junto deles.

O acordo de ir buscar as crianças na escola uma ou duas vezes por semana, levá-los para casa, deixá-los com Kyle e voltar para o trabalho tornou-se definitivo. Nos dias em que ele trabalhava nas obras, eu arranjava uma maneira de entrar mais cedo e ficar até mais tarde noutros dias e, depois, saía mais cedo do trabalho e passava a tarde com eles. Todas as chamadas eram encaminhadas para o meu celular e eu consultava o e-mail em casa. Gabrielle compreendia que eu tinha de adaptar o meu horário para ir buscar as crianças, mas só porque eu compensava o tempo. Na verdade, trabalhava mais horas do que as exigidas para compensar esse fato. Muitas vezes, quando eu estava de saída, ela gritava: “Até amanhã, supermãe”.

Nas tardes que passávamos juntos, realizávamos os trabalhos de casa, fazíamos um desvio pelo parque e corríamos por lá, sentávamo-nos e víamos televisão após o horário escolar, jogávamos no computador e, por vezes, deitávamo-nos no meio da sala de brincar deles, imitando as estrelas-do-mar e conversando. Algumas vezes, no

meu apartamento, levávamos a mesa de jantar para a área da cozinha e acampávamos na minha sala de estar.

Comecei novamente a pensar em Will. Apenas em breves momentos, quando tinha vontade de lhe contar algo que Summer e Jaxon tinham feito ou dito, mas ele estava presente no meu pensamento. Na minha cabeça. Não ficava paralisada de medo quando me lembrava dele. O impulso de vomitar demorava um pouco mais a dominar-me de cada vez que olhava para a sua carta.

Lentamente, ele pôde voltar a entrar na minha vida. Muito lentamente, com os mais ínfimos incrementos, mas já não ficava completamente incapacitada sempre que pensava nele. E isso devia-se ao fato de estar feliz. Esta felicidade, este sentimento de força e de esperança que tinha origem na minha convivência com Summer e Jaxon, significavam que faltava cada vez menos para chegar o dia em que eu poderia, talvez, até considerar a hipótese de abrir a carta. De descobrir o que tinha acontecido. De descobrir se...

Estar com as crianças fortalecia-me. Estava tornando-me uma pessoa diferente. Uma pessoa que tinha parado e encontrado um lar. Sabia que jamais poderia tomar o lugar de Ashlyn. Jamais tentaria fazê-lo. Simplesmente me deixava levar pela corrente de ter três novos amigos. De passar tempo com eles, de me regalar com a companhia deles.

Não era coisa para durar.

Numa tarde de junho, a porta do escritório abriu-se e Kyle entrou. Tinha o rosto pálido, as mãos tremendo, os maxilares tão firmemente cerrados que os músculos do pescoço estavam salientes. Janene nem teve oportunidade para se atravessar no caminho dele, pois foi imediatamente me encontrar. Inquieta, um pouco assustada, levantei-me da mesa e, sem dizer uma única palavra, levei-o para a sala de informática onde realizávamos testes. Do bolso de trás das calças jeans, tirou um papel amarrotado e deu-me em vez de falar.

Cuidadosamente, alisei-o, sempre a lançar olhares ansiosos para o rosto de Kyle. Olhei, vi um conjunto de nomes de advogados no cabeçalho do papel e o tempo parou. Outra vez, não, pensei enquanto o enjoo começava a avolumar-se dentro de mim. Ser indicada num processo de divórcio não pode acontecer

duas vezes à mesma pessoa numa só vida, quanto mais acontecer-me a mim duas vezes no mesmo ano.

O enjoo cedeu e converteu-se em puro e autêntico horror relativamente ao verdadeiro teor da carta. Os meus olhos apavorados foram rapidamente ao encontro dos de Kyle.

– Ela não pode fazer isto – disse ele, sendo, finalmente, capaz de falar.

O advogado de Ashlyn estava informando Kyle que ela ia apresentar um pedido de exercício do poder paternal, se ambos não chegassem a um acordo amigável fora dos tribunais. O acidente do filho durante a ausência dela tinha-lhe confirmado no espírito que as crianças estariam em maior segurança com ela.

Nas entrelinhas, ela estava dizendo: “De uma forma ou de outra, vou obter a guarda das crianças”.

– Ela não pode fazer isto – repetiu Kyle, procurando em mim equilíbrio.

Infelizmente, podia.

Vigésimo sexto capítulo

Ela é linda. Igualzinha aos retratos. É linda.

Estava sentada ao fundo do grande e bem iluminado café de Beckenham, a três localidades de distância do apartamento. Era um café elegante, com assoalhos claros, paredes brancas, equipamentos cromados – Ashlyn integrava-se perfeitamente.

Diante dela, tinha uma atarracada caneca branca e um maço de cigarros, apesar de se encontrar em um estabelecimento onde era proibido fumar. Fiquei à porta, fingindo estar à procura de alguém, apesar de saber exatamente com quem ia me encontrar. Estava apenas adiando o máximo possível o momento do primeiro contato. Teria que encontrar com ela e cumprimentá-la, apresentar-me e dizer-lhe que, embora o marido tivesse combinado encontrar-se com ela naquele terreno neutro, não ia aparecer. Pediu muitas desculpas, mas tinha se colocado à minha mercê e deixado bem claro que não podia encontrar-se com ela naquele dia para falarem sobre onde as crianças iam viver.

– Não posso estar com ela – dissera ele enquanto andava freneticamente de um lado para o outro, na cozinha. – Não posso sentar-me e conversar com ela. – Eu tinha lhe lembrado que tinha de fazer, pois as crianças tinham de estar em primeiro lugar. Ele tinha explicado: não é por não querer conversar com ela. É por reear implorar-lhe que volte para mim. Na maior parte do tempo, não a quero de volta, mas, se a vir, provavelmente, direi seja o que for para convencê-la a voltar. Andava fazendo isso anteriormente. Andava usando as crianças para convencê-la a vir para casa. Já não faço isso, nem a quero de volta, mas, Deus me valha, se me sentar em frente a

ela, se olhar para ela, sei que vou perder o controle. Não me lembrarei do inferno, mas sim de todo o resto. Foi o que aconteceu em Nova York. – Pouco depois disso, ele tinha tido a ideia “inspirada” de ser eu a representá-lo. Apesar dos meus protestos, tinha implorado. E implorado. E implorado. Eu tinha aceitado ir e ouvir o que ela tinha a dizer, por ele estar tão sinceramente apavorado com tal perspectiva e, devo admitir, por estar curiosa, por querer descobrir por mim mesma como era Ashlyn Gadsborough.

Após o acidente de Jaxon, ela tinha regressado para a Inglaterra para passar um fim de semana prolongado. Nessa altura, também não tinha estado com Kyle. Em vez disso, tinha ido buscar os filhos na escola em uma quinta-feira, ao final da tarde, passado o fim de semana com eles na casa da mãe, deixado Kyle ir buscá-los no domingo à tarde e partido na segunda-feira de manhã.

Ao aproximar-me da sua mesa, notei as diferenças entre a Ashlyn das fotografias e a verdadeira. Tinha aparado o cabelo cor de caramelo alguns centímetros, num longo repicado que se lhe agitava em torno dos ombros. Como qualquer mulher da nossa idade, tinha pés-de-galinha junto aos olhos e a pele impecável devido à maquiagem.

Era evidente que, para aquele encontro, tinha feito um esforço no que se referia à aparência. Tinha conjugado vários tons de sombra verde e azul-pérola em torno dos olhos para realçar o seu verde carregado, aplicado rímel preto e posto um batom vermelho rosado brilhante; vestia uma blusa de alças castanha de seda com um pequeno lance de lantejoulas em forma de borboleta no meio do decote ligeiramente acentuado. Os ombros despidos caracterizavam-se por uma suave cor creme escura.

– Olá, disse-lhe ao chegar à mesa e sorri. – Chamo-me Kendra e você deve ser a Ashlyn.

Um sorriso confuso e cauteloso insinuou-se no rosto ao examinar-me. Eu tinha me esmerado ao vestir as minhas elegantes calças jeans azul-marinho, camiseta branca e casaco de bombazina vermelho, mas tinha demorado a escolher tal roupa – é difícil sabermos o que vestir para nos encontrarmos com a mulher que se separou do nosso senhorio para falarmos sobre as medidas a tomar quanto à guarda dos filhos de ambos.

– Kendra – repetiu Ashlyn. – Kendra... Kendra... Kendra? – balbuciou vezes sem conta, como se tentasse recordar onde já tinha ouvido aquele nome. – Kendie? – interrogou, percebendo. – É Kendie?

Eu sorri. Devia ter-me lembrado de que as crianças não me tratavam de outra maneira.

– Sou, a própria.

– Ah – exclamou ela, imobilizando-me com uma expressão de compreensão –, o Kyle não vem, correto?

– Não, receio que não.

A sua desilusão foi desoladora: o brilho dos olhos extinguiu-se e o rosto ficou desanimado. Tinha-se esforçado tanto, tinha-se posto bonita e, agora, ele não ia aparecer. Foi tudo em vão.

– Sente-se – convidou. – Mais vale sentar-se. – Os seus dedos magros e brancos alcançaram o maço de cigarros e tiraram um. Reparei no ligeiro tremor das suas mãos. Nervos, presumi. – Ele odeia-me a esse ponto – afirmou, batendo com o cigarro na mesa num gesto nervoso.

– Não, de modo nenhum. De modo nenhum. Ficou apenas nervoso com a ideia de estar com você. Preferiu que fosse eu a falar contigo.

Não era difícil perceber como, em tempos, eles se conjugavam, como a força serena e quase incontida dele alimentava a resplandecente exuberância dela. Como a alegria exterior dela o inspirava. Quando isso tinha mudado, ninguém sabia.

– Suponho que ele lhe tenha contado tudo a meu respeito – disse ela, com um tom esperançoso a dar a entender que desejava que não fosse verdade. Que o marido de quem se tinha separado não tivesse revelado o seu segredo à inquilina.

– Contou-me algumas coisas – retorqui de modo diplomático.

A boca cuidadosamente pintada de Ashlyn fez um esgar, esboçando um sorriso amargo.

– Quer dizer que lhe contou que eu era uma valente bêbada.

Ashlyn tomou a primeira bebida aos catorze anos.

Estava com Tessa Brandhope, cujos pais estavam passando por um divórcio. Eram os únicos pais de toda a escola que iam se separar. Os pais de

Ashlyn nunca se divorciariam. Embora o pai estivesse sempre maldisposto com a mãe e esta desconfiasse de que ele tinha uma amante, Ashlyn sabia que pessoas como eles não se divorciavam. Não mostravam ao mundo exterior que nem tudo estava bem. Escondiam os problemas e seguiam em frente. Ashlyn também seguiu em frente. Esta e Tessa surrupiaram o álcool do armário das bebidas dos pais da primeira.

Colocaram o uísque num copo alto e direito, quase até acima, e, depois, voltaram a encher a garrafa até ao nível certo com água. Em cima, no quarto de Ashlyn, verteram o líquido cor de âmbar e com um cheiro forte nas latas de cola, que estavam na metade, até o copo ficar quase vazio.

Ela começou a tossir depois do primeiro trago. Ardia-lhe na garganta, impossibilitava-a de respirar, provocou-lhe um intenso ataque de tosse. “Não gosto disto”, pensou. É nojento.

Fingiu, perante Tessa, que era a coisa mais deliciosa que alguma vez tinha experimentado. Fingiu ser como todas aquelas pessoas da televisão, que ingeriam bebidas alcoólicas e adoravam o seu sabor. Passaram a tarde a soltar risinhos no quarto dela. Tessa desmaiou. Ora estava rindo, ora se encontrava estendida na cama. Ashlyn tentou acordá-la, abanou e tornou a abanar a melhor amiga, mas ela só caía pesadamente como uma boneca de trapos, com um sorriso pateta estampado no rosto.

Quando a mãe de Ashlyn as chamou para jantar, esta sentia-se tonta. A sensação de ardor na garganta tinha-se transformado num calor no estômago e numa branda turvação na cabeça. Sentia-se feliz; calma e entusiasmada. Pela primeira vez, sentia o sangue a correr-lhe nas veias. Sentia-se viva. Tinha sorrido à mãe pela fresta da porta do quarto e dito que não tinham fome.

Viu o rosto da mãe contrair-se em sinal de desagrado; percebeu que estava em maus lençóis. A mãe não discutiu, não elevaria a voz com uma visita em casa, mas Ashlyn sabia que, no dia seguinte, estaria encrocada. E não se importava. Tudo era agradável e indistinto; suavizado e fácil. O mundo era mais agradável, suave, brando. Tessa ainda estava ressonando no meio da sua cama, babando pelo canto da boca, com o rosto ruborizado. Ashlyn sentou-se

beira da cama, bebendo o resto da cola da sua lata e, em seguida, tragando o conteúdo da de Tessa, que estava no meio. Não gostava do sabor, mas estava eufórica. Não se sentia indisposta, descontrolada, nem tinha vontade de

desmaiar como tinha acontecido com Tessa. Deitou-se na cama, ao lado desta, com um sorriso rasgando-lhe no rosto. Felicidade. Era isto a felicidade. Devia ser esta a sensação de ser outra pessoa que não Ashlyn Clarke-Sellars.

Vi Ashlyn erguer o cigarro, segurando-o com os dedos indicador e médio. As suas unhas eram longas e pálidas formas ovais que já tinham sido arranjadas há algum tempo, pelo que já estavam desleixadas, enquanto a sua restante aparência era cuidada.

– O Kyle exagera, sabe – declarou. – Exagera no que se refere à gravidade do meu caso.

Acordou completamente vestida, na cama. Tinha os olhos inchados e pareciam-lhe duas bolas de tênis cobertas de areia na cabeça; tinha a boca tão seca que lhe doía a língua. O espaço onde costumava ter a cabeça martelava como se uma hoste de mineiros estivesse ganhando bem a vida. Virou-se de lado e sentiu uma dor lancinante na zona esquerda do corpo. Levantou a mão; tinha a parte saliente da respectiva palma e o pulso em carne viva, com areia granulada incrustadas na ferida. Parou de repente ao olhar para esta. Como é que isto aconteceu?, perguntou a si mesma ao perceber que o joelho estava latejando. Ao olhar para baixo, encontrou o collant preto em farrapos no joelho, com longas malhas a serpentearem-lhe pela perna acima e abaixo. Instintivamente, tocou no rosto. Estava sensível. Machucado. Bocados de sangue seco colavam-se aos dedos ao afastar a mão. O que aconteceu?

Ignorando a dor, Ashlyn deitou-se de costas e olhou fixamente para o teto. Na noite anterior, tinha saído com Tessa, Audrey Narten e Lesley Trindale. Tinham ido até os balanços do parque da terra – alguns dos rapazes frequentavam aquele local. Justin Sharpe frequentava aquele local. De todas, Audrey era a que parecia mais velha e tinha conseguido roubar a carta de motorista da irmã. Assim, tinha comprado um par de garrafas de vinho tratado Crazy Cat 40/40 e uma garrafa de uísque. O vinho Crazy Cat era demasiado doce para Ashlyn – nos últimos dois anos, tinha se acostumado ao sabor a fumo do uísque e gostava da forma como este tornava a cola uma bebida mais estimulante, como produzia resultados mais rápidos se o bebesse puro. Tinham vestido saias curtas e, como Ashlyn detestava a pele malhada das suas pernas, tinha colocado meia fina. Lembrava-se de terem ouvido Bros

e Culture Club. Lembrava-se de que os pormenores do seu dia – estudar para as simulações de exame, ouvir a mãe queixando-se do pai, ver o pai tentar evitar olhar uma vez que fosse para ela e para a mãe durante o jantar – tinham sido muito rapidamente apagados pelas suas bebidas. Mais rápido do que o habitual. Ultimamente, não precisava beber tanto para a perda de consciência se instalar. Para o mundo ser um lugar mais agradável e luminoso; para ela ser bonita e merecedora de falar com Justin. Ou com qualquer outro rapaz. Hoje em dia, o mundo não demorava muito a tornar-se o lugar onde ela se integrava, se sentia desejada e importante.

Lembrava-se de terem ido embora, envergando as quatro minissaias de cores diferentes, blusas largas que lhes descaíam nos ombros, sobre coletes coloridos, collants, polainas de lã e o cabelo penteado para cima, de modo a ficar forte e volumoso. Pavonearam-se pela rua abaixo como se fossem donas dela. Ashlyn tinha o seu blusão ao estilo aviador vestido e, no bolso, tinha guardado três miniaturas – uma garrafa de Malibu e duas de Baileys – que tinha encontrado escondidas no fundo do armário das bebidas dos pais.

A partir daqui, as recordações começavam a ficar pouco nítidas, tornavam-se sombras espectrais que não conseguia propriamente discernir. Chegaram ao parque. Justin estava lá. Tinha falado com aquele idiota do Eric. Depois... nada. Tinha se esquecido. Não, calma, ela tinha falado com Justin. Ele tinha dito uma piada. Devia ter sido assim, pois lembrava-se de ter rido. Soltado risinhos. Inclinado a cabeça para trás e rido. Teria rido alto? Teria imaginado que tinha visto Justin lançar-lhe um olhar estranho? Que todos os outros estavam olhando para ela? O que aconteceu a seguir? Fez um esforço de memória, tentando compreender o que aconteceu depois do riso. Como se machucou. Como chegou em casa. Não era para ir dormir na casa de Tessa? Como foi parar ali? O negrume era extenso e profundo, cobrindo como um manto toda a noite anterior.

O medo que esse fato nela suscitou a fez tremer por dentro. O que tinha acontecido? Por que não conseguia se lembrar? Seria mesmo por causa do que tinha bebido na noite anterior? Isso ainda não tinha acontecido. Nunca. O medo fez com que ela tremesse novamente por dentro. Tapou o peito com o blusão, virou-se para o lado direito e enroscou-se.

Vai ficar tudo bem, disse a si mesma. Foi só desta vez. Além disso, quando falasse com Tessa, saberia o que aconteceu. Ficaria tudo bem. Claro que

ficaria.

Pedi um café e um copo de água e ficamos sentadas, em silêncio, enquanto esperávamos que chegassem. Deixei-me novamente impressionar pelo surrealismo da situação. Um agulhão de dúvida espicaçava-me a consciência. Não devia mesmo ter ido. Não devia ter me envolvido. Nunca tinha sido casada, nada sabia acerca do casamento deles e era capaz de fazer muito mais mal do que bem.

A garçonete pousou ruidosamente a minha caneca na mesa, dobrou a conta e colocou-a no meio da mesma, deixando-nos, em seguida, a sós.

Tessa disse muitas coisas. Disse que Ashlyn tinha se descontrolado. Tinha ficado rindo e Justin tinha olhado para ela como se fosse uma anormal. Ashlyn tinha decidido mostrar a todos que conseguia chegar muito alto no balanço. E mostrou. Subiu cada vez mais até se ter largado e caído. Todos começaram a rir dela, apesar de ter esfolado a mão, o rosto e o joelho e estar sangrando. Tinha se posto em pé num salto e ido embora correndo. Pela grama e, depois, pela rua. Tessa tinha chamado, tentado ir atrás dela, mas ela fora mais rápida, tamanha humilhação. Tessa tinha também dito que estava preocupada com o fato de ela estar bebendo muito. Tinha visto a garrafa que ela guardava na carteira, na escola, reparado que, muitas vezes, estava pálida, calada e cansada de manhã e preocupava-a que não tivesse conseguido lembrar-se do que tinha acontecido.

Se estivesse no meu lugar, pensou Ashlyn, compreenderia por que necessito de uma bebida estimulante de vez em quando. Para Tessa, estava tudo bem: podia falar com rapazes; a mãe não estava sempre a chateá-la por tudo e por nada; era linda. Tessa tinha tudo, mas Ashlyn, não. Precisava, de vez em quando, de um pouco de confiança em estado líquido, só para lhe dar alento. Tessa não compreendia. Ashlyn pensava que eram amigas, mas, pelos vistos, estava enganada. As duas deixaram de andar tanto juntas. Ashlyn arranjou novos amigos. Amigos que não a condenavam. Amigos que, quando voltasse a ter um lapso de memória, lhe contariam o que tinha acontecido e não lhe dariam um sermão. Se ela quisesse um sermão, céus, se quisesse que lhe lembrassem tudo o que já tinha feito de mal, falaria com a mãe.

Vigésimo sétimo capítulo

– Eu era capaz de adivinhar que ele faria uma coisa dessas – disse Ashlyn.

– Não foi por mal – expliquei. – Ele ficou um pouco assustado com a carta do advogado.

– Os telefonemas não estavam propriamente nos levando a lado nenhum e eu tinha de mostrar a ele que estava falando sério em relação a querer ficar com as crianças. Fiquei destroçada com o fato de Jaxon ter se machucado e eu não estar presente. Ele devia estar comigo.

– Ele sabe que está falando sério. Quer, de fato, resolver a situação; julgo que, depois de Nova York, ficou preocupado com a possibilidade de as discussões entre vocês dois recomeçarem. Assim, com alguém servindo, de certa forma, como intermediário, talvez possam avançar. Fazer o que é melhor para as crianças.

A senhora Gadsborough acenou com a cabeça. Estava profundamente desiludida. Não fazia questão de esconder. Fixou com um ar desolado a tira de papel que se interpunha entre nós e, depois, olhou para mim. Os seus olhos semicerraram-se um pouco e ela virou a cabeça ligeiramente, examinando-me com olhos um tanto desconfiados.

– Kyle está apaixonado por você – afirmou.

Fitei-a, perguntando-me o que esperava ela que eu lhe respondesse.

– Está mesmo – disse ela. – Eu conheço-o.

– Você não tem nenhum contato significativo com o seu marido há meses, senhora Gadsborough – retorqui. – Portanto, peço-lhe que me

desculpe por não acreditar que sabe o que ele sente.

Os seus lábios esboçaram um sorriso, não desagradável, porém mais de satisfação, como se eu lhe tivesse dado razão.

– *Vê, é exatamente isso que faz de você o tipo de mulher de que ele gosta. Que ele ama. Direta. Forte. Incrivelmente sensual. Nada a perturba.*

Abençoada senhora Gadsborough. Conhecia-me há dez minutos e tinha conseguido interpretar mal cada aspecto a meu respeito.

– *A propósito, eu não sou assim – declarou quando pousou o cigarro junto à caneca de café e passou o dedo pelo topo ralo da espuma do cappuccino, que se abatia. – Não sou nenhuma dessas coisas. Esse era o tipo de mulher com quem Kyle saía antes de mim.*

Ashlyn e Kyle faziam parte do mesmo grupo de amigos e, lentamente, ela tinha se tornado mais próxima dele. Tinha caído de amores por ele assim que o conheceu. Ele era bonito, calado e incrivelmente gentil. Durante anos, foi apaixonada por ele, mas Kyle nem sabia que Ashlyn existia; era apenas mais uma amiga no seu grande círculo de amigos. Ela tinha tentado fazê-lo reparar nela, investigando o tipo de pessoas com quem ele saía, as mulheres com quem dormia, com quem tinha encontros de ocasião, aquelas que se tornavam suas namoradas. Tentava insistentemente ser como elas – mudou de penteado, mudou a forma de se vestir, tentou até mudar de personalidade – para que ele reparasse nela. Quando ao tentar ser outra pessoa não deu certo, quando ele continuou a tratá-la como uma amiga, ela recorreu à verdade. Convidou-o para ir jantar à sua casa, preparou massa fresca com molho de espinafres e ricota, serviu-lhe um copo de vinho branco caro e disse-lhe que estava apaixonada por ele. Decidiu não se coibir – se ele soubesse quão profundos eram os seus sentimentos, talvez lhe desse uma oportunidade. Foi pego de surpresa, ficou olhando para ela e nada disse. Uma parte dela morreu nesse momento, pois soube, simplesmente soube, que ele não sentia o mesmo.

Kyle, porém, acabou por dizer:

– *Vamos marcar um encontro e ver o que acontece. – Obviamente, isso fez ela se apaixonar ainda mais por ele. Ele não tinha de o fazer, mas fez. Assim, saíram. Depois, tiveram mais um encontro. E ainda outro. Ao longo de todo esse tempo, ela pensava: “ele está apenas vendo o que acontece”. Assim, comportava-se o melhor possível. Não bebia, pois jamais conseguiria ficar no*

primeiro copo, nem fumava. Deixou-o também decidir quando deviam ir para a cama. Por pensar que ele estava pondo-a à prova. Era evidente que não estava muito interessado nela, pois esperou oito semanas para dar o primeiro passo. Depois de já namorarem há alguns meses “só para ver o que acontecia”, alguém a convidou para sair. Ela pensou que seria mais fácil para os dois se aceitasse. Então, ele teria uma saída, se veria livre dela e talvez aquele novo homem gostasse mais dela. Quando lhe contou...

– Quando contei ao Kyle que tinham me convidado para sair, ficou louco. – Ashlyn abanou a cabeça antes de um sorriso se lhe insinuar no rosto. – Quero dizer, perdeu completa e absolutamente a cabeça. “A minha namorada”, disse ele. “Que direito tem um tipo qualquer de convidar a minha namorada para sair? Eu mato o sacana.” Nunca o tinha visto assim. Nunca mais o vi assim. Estando eu tão satisfeita por parecer que Kyle tinha, finalmente, se apaixonado por mim, ignorei o óbvio. Era jovem, ingênua, estava desesperadamente apaixonada e não quis ver o óbvio. Sabe o que é o óbvio, Kendie?

Abanei a cabeça. Imaginava saber, mas não queria interrompê-la, travar-lhe o ímpeto, pois, nesse caso, teria de falar. Além disso, sinceramente, o que diria eu? Queria saber como Ashlyn era e ela era assim. Era o tipo de pessoa que partilhava com uma desconhecida coisas que esta não devia saber.

– Não, não é que ele me queria por outra pessoa me querer. O óbvio era que não estava apaixonado por mim. Kyle quer sempre fazer o que está certo. Sempre. E o que estava certo não era rejeitar-me imediatamente, pois isso feriria os meus sentimentos. O que estava certo não era simplesmente abdicar de mim quando havia outro interessado, mas sim dar-me uma oportunidade. O que estava certo era sentir ciúmes quando apareceu outra pessoa. É isso que motiva Kyle: fazer o que está certo. Namorar-me era o que estava certo. Não foi o amor que nos uniu, enfim, pelo menos, não da parte dele, mas sim a decência dele. Agrada-me, por vezes, pensar que ele, de fato, se apaixonou por mim, mas, se não foi o amor que o fez se apaixonar, foi o seu sentido de decência. Devido a isso, sempre o amei mais do que ele amou a mim. E era por isso que bebia uns copos. Depois de alguns

copos, sentia que merecia ser mulher dele. Depois de alguns copos, parecia que tinha tudo. Era tudo o que Kyle desejava.

– Compreendo – retorqui e dirigi a minha linha de visão para o meu café.

Teriam aquelas duas pessoas – Kyle Gadsborough e Ashlyn Gadsborough – realmente encontrado? Conheceriam-se minimamente um ao outro? É que, sinceramente, os dois falavam como se fossem casados com pessoas completamente diferentes. Nenhum deles achava que merecia o outro. Estavam os dois tão desesperados por serem merecedores que nunca se incomodaram em descobrir se o eram ou até mesmo o que podiam fazer para o serem. É isto que o casamento nos faz?, interoguei-me. Não falamos com a outra pessoa, não lhe contamos a verdade, não tentamos encontrar, em conjunto, uma solução para o problema, mas, em vez disso, vamos embora e nos autodestruímos: apaixonamo-nos por outra pessoa, dormimos com outra pessoa, bebemos, jogamos. Fazemos tudo, menos ser sinceros – conversar – com a pessoa com quem devíamos passar o resto da vida.

– O casamento é fácil quando se bebe um pouco para atenuar os problemas. O meu casamento foi fácil enquanto eu podia atenuar os problemas. Quando deixei de beber, por vontade do Kyle, tornou-se menos fácil. Os problemas graves e os maus bocados voltaram. Tornou-se um pesadelo.

A ponta rosada da língua saiu-lhe por entre os lábios úmidos e lambeu as pequenas bolhas de espuma do cappuccino do dedo. Tal gesto foi tão arrebatadoramente erótico que tive de desviar o olhar, constrangida. O homem da mesa ao lado ficou a olhar para ela de boca aberta, com o sanduíche parado entre o prato e a boca; o que o acompanhava quase caiu da cadeira. Como aquela mulher pensava não merecer ninguém, era um mistério. Emanava sexualidade e beleza. A maioria das mulheres faria tudo para ter qualquer um destes atributos, quanto mais os dois.

– O meu pai era alcoólatra – afirmou Ashlyn de modo objetivo. – Era esse o grande segredo de família. Nem eu soube, durante anos. Só depois de ter saído de casa e de o meu pai ter morrido. Era por isso que a minha mãe era tão controladora; não tinha qualquer controle sobre o alcoolismo dele, por isso que tentava me controlar. Pelo menos, por vezes, ele era divertido. Talvez estivesse a cair de bêbado,

mas eu só me recordo do divertimento. Dos presentes que ele comprava, das histórias engraçadas que contava. A minha mãe tentou me dizer que ele se tornava desagradável, mas eu não me lembro disso. Era ela quem estava sempre sendo desagradável. A tentar tornar tudo perfeito. Quem diria, a filha não é perfeita e paguei por isso... – A voz e os olhos distanciaram-se por um momento. – Talvez o meu pai fosse alcoólatra, mas isso não quer dizer que eu também seja. Kyle sabia do meu pai e foi por esse motivo que me atirou isso na cara.

Em toda a pesquisa que eu tinha efetuado desde que tinha tomado conhecimento do problema de Ashlyn, surgiam constantes referências transmissão do alcoolismo de geração em geração. Agora, ela tinha confirmado que não começara com ela. Laivos de medo perpassaram-me. Summer, Jaxon ou ambos? A quem se transmitiria? Quem daria por si impotente com álcool por perto? Eu tinha procurado afincadamente, mas ainda não tinha encontrado a resposta para a questão de ser ou não um fato consumado. Será que um deles ou os dois acabariam naquele caminho, ficariam como Ashlyn, independentemente de como fossem criados?

– Quero os meus filhos de volta – disse-me Ashlyn, como se pressentisse que eu estava pensando neles; o fato de ser mãe deles ligava-a tão intimamente às crianças que, mesmo quando uma desconhecida estava a pensar neles, ela percebia. – Era isso que queria dizer ao Kyle, só que ele mandou-a a si. Queria também dizer-lhe que o meu caso não é assim tão grave – declarou. – Ele nunca me deixava em paz por beber muito, mas eu não estava assim tão mal. Aposto que, segundo a versão dele, eu era algum monstro. Contudo, se formos a reuniões, ouvimos histórias muito piores. Percebemos que o meu caso não é assim tão grave. O meu marido pensa que eu sou a pior pessoa da face da terra, porque gostava de beber um copo, mas ninguém se magoou. Julgo que era por isso que se recusava a ir comigo às reuniões: não queria saber que eu não era tão má como ele me pintava. Na ordem superior das coisas, eu não era igual às outras pessoas que se encontravam naquelas salas. O principal motivo pelo qual quis que nos encontrássemos foi para lhe dizer que quero ficar

com as crianças. A carta foi apenas uma cortesia, um pré-aviso das minhas intenções. Esperava que pudéssemos conversar sobre o assunto. Não imagino o Kyle a sair-se muito bem e sei, pelo que eles dizem ao telefone, que sentem tanto a minha falta como eu sinto a deles, portanto, faça o favor de lhe dizer que quero os meus filhos. Agora, já estou bem e quero os meus meninos.

Não consegui evitar pensar que ela se referia a Kyle, o pai deles, como se fosse uma ama. Ela tinha-se afastado por uns tempos e, agora que estava de volta, queria que ele desaparecesse.

Os seus olhos foram ao encontro dos meus e, depois, tentaram entrar-me na cabeça, esforçando-se por desvendar os meus pensamentos por revelar e sentimentos por exprimir.

– Não simpatiza muito comigo – afirmou.

– Não a conheço, Sra. Gadsborough. Logo, não posso tirar ilações a esse respeito. Tento não ser crítica.

– Eu também não simpatizaria comigo, se estivesse no seu lugar. Eis-me aqui, uma mãe que abandonou os filhos. Haverá crime maior? – disse ela.

– Há – respondi brandamente –, muitos.

Aquele sorriso, o sorriso lento e fácil que era, muitas vezes, captado nas fotografias expostas em sua casa surgiu-lhe no rosto. Admirava-me que não se notasse que ela já tinha sido alcoólatra. Não só ao olhar para ela. A sua pele era impecável sob a maquiagem e os seus olhos eram límpidos.

– O Kyle deve ser incapaz de lhe resistir. Inteligente, espevitada, não vai em cantigas... Vocês dois...? Ou alguma vez...?

– Não – respondi. Apenas “não”. Não ia entrar naquele jogo, não queria que ela comesse a inventar histórias, a fazer suposições, a tentar apontar o meu nome no divórcio. – Não.

– Isso é que é ser direta. Pensei que teria de aliciá-la para obter uma resposta ou de a descobrir sozinha.

– Nada tenho a esconder. Não tenho qualquer interesse no seu marido, a não ser como amigo. Por isso, não.

– Eu não queria abandoná-los – disse de repente. Tinha lágrimas na voz e o corpo foi-se um pouco abaixo. Pela primeira vez desde que

me tinha sentado àquela mesa, percebi que estava perante a verdadeira Ashlyn. – Não queria mesmo. – Abanou a cabeça lentamente, deixando os olhos fecharem-se. – Não podia levá-los comigo. Não sabia para onde ia... Pensei em levá-los comigo, mas não tinha para onde ir. Não podia ir para casa da minha mãe. Não posso passar mais de três horas com ela sem que fique doida comigo e, naquela altura, não era conseguia suportar isso.

Encontrava-se no corredor do andar de cima de sua casa, com as malas junto à porta da rua, o casaco vestido e o cachecol que os seus meninos lhe tinham oferecido no Natal enrolado ao pescoço para lhe lembrar o que sentia quando eles a envolviam com os braços para lhe darem um abraço. Estava tremendo e as lágrimas tinham-lhe escorrido pelo rosto enquanto fazia as malas. Tinha de partir. Tinha de ir embora. Não podia ficar ali nem mais um segundo. Ali, tudo tinha corrido mal e ela não podia ficar. Tinha acabado de se despedir de Jaxon. Pensou em levá-lo consigo. Em vesti-lo e levá-lo consigo. Não sabia, porém, para onde ia. Tinha dinheiro suficiente para pagar um táxi para levá-la até à outra ponta de Buckingham. Tinha um cartão de crédito novo e por estrear guardado em segurança na mala. Contudo, não fazia ideia de para onde ia. Além disso, não podia levar Jaxon e deixar Summer; a separação ia destruí-los.

– Voltarei para te buscar – balbuciou à porta do quarto de Jaxon. – Prometo, voltarei para te buscar. – Virou para a porta do seu quarto, onde Summer dormia na cama grande. – Voltarei para te buscar também – disse a Summer, através da porta. – Prometo-te. – Então, quase mudou de ideia. Quase decidiu regressar ao apartamento e desfazer as malas. No entanto, já tinha passado por isso. Já tinha feito as malas para partir, mas decidido ficar e, se continuasse a ficar, sufocaria. Morreria. Ali, não conseguia respirar. Não conseguia pensar, sentir, não conseguia viver. Mais um dia ali ia matá-la. Ou, então, levá-la ao suicídio. Viva ou morta, tinha de partir.

O som do táxi a encostar na rua fê-la decidir-se. Já tinha feito as malas, mas nunca tinha chamado um táxi. Agora, tinha de ir. A sua fuga estava completamente delineada, o plano estava em curso, tinha de partir.

Limpando os olhos com determinação, com as lágrimas a infiltrarem-se na lâ das luvas, deu meia-volta e encaminhou-se para baixo. Não conseguiu

olhar para trás à medida que o táxi se afastava. Não podia olhar para a casa, pois, se o fizesse, era capaz de mudar de ideia.

– Não consegui aguentar. Pronto, já disse, não consegui aguentar.
– Esfregou os olhos com as palmas das mãos, esborratando a maquiagem cuidadosamente aplicada. – Ser mãe é algo que nos isola. Tinha muita dificuldade em dizer ao Kyle que não conseguia dar conta de tudo sozinha. Muito menos o diria à minha mãe. Não queria que pensassem que não estava à altura da tarefa. Todas as minhas amigas pareciam desempenhar o papel na perfeição. Amigas, digo eu. Já não tenho propriamente amigas. Agora, já não. Existe a ideia de que conhecemos imensas mulheres em grupos de mães, na clínica, no parque, mas o que acontece quando nada temos em comum com elas? Quando estamos sentadas numa sala, rodeadas delas, e nada temos a dizer? Todas são bem-feitas, os filhos são todos muito bonitos, felizes e restabelecem-se rapidamente de qualquer doença. Já nós não podemos sequer escovar o cabelo, porque um dos nossos filhos tem uma cólica ou não para de chorar, enquanto o outro caiu do sofá e bateu com a cabeça. O Kyle nunca estava presente e, quando estava, tinha a cabeça no trabalho. Eu compreendo, sério que compreendo. Ele estava esforçando-se ao máximo para assegurar que tivéssemos um teto por cima da cabeça e comida na mesa. Assim, dia após dia, tornei-me cada vez mais solitária e deparei com um pau de dois bicos. Se dissesse às pessoas que não estava aguentando, receava que me tirassem os meus filhos; eu não estava aguentando, portanto, precisava de alguém com quem falar. Não parava de pensar que a situação melhoraria quando eles entrassem para a escola. Aí, haveria outras mães, certo? Eu podia tentar encontrar, entre elas, outras pessoas com uma mentalidade semelhante.

– O quê? Na comissão das cabras? – esfoleguei.

– Conhece-as?

– Se conheço. Não falam comigo, porque partem do princípio de que sou a babá e, conseqüentemente, não mereço que gastem o seu latim comigo, mas estão sempre pedindo à Summer ou ao Jaxon para

me entregarem folhetos destinados à “Mamã ou ao Papá”, de modo a permitir-lhes candidatarem-se a uma ou outra comissão. Mesmo que eu esteja ao lado dos crianças.

O sorriso de Ashlyn voltou. Eu era uma estranha e ela também... Vi o curso do ciúme, por ser eu a ir e buscar as crianças na escola, a serpentear-lhe pelos olhos, mas não permaneceu por muito tempo. Eu estava falando a sua língua. Alcançou os cigarros, colocou um entre os lábios e pegou no isqueiro. Os dedos longos e afilados deram voltas ao isqueiro, vezes sem conta, na sua mão.

– Até as mães que não tinham aderido às convenções sofriam uma lavagem no cérebro. Desejavam aderir, pelo que, se eu travasse amizade com elas, pareciam não ter outros assuntos de conversa, além do ensino extracurricular. Eles só têm seis anos.

– Pois é.

– *E todo esse ensino extracurricular leva-nos a algum lado? Estamos criando a próxima geração de gênios? Não me parece. Estamos exercendo pressão sobre as crianças e os pais. Nem tudo parecia tão mau quando eu podia tomar uma ou outra bebida, mas, quando parei... – Abanou a cabeça, derrotada, frustrada, e começou a mexer ainda mais no isqueiro. – Alguma vez olhou nos olhos de uma criança e percebeu que ela conta consigo para... tudo? Aconteça o que lhes acontecer, acreditam que vamos ficar ao lado delas. Nós podemos melhorar tudo, remediar tudo, abraçá-las até a dor desaparecer, podemos fazer o sol nascer. – Bateu com o isqueiro na mesa com a palma da mão. – As crianças pensam que somos o universo. Deixam tudo a nosso cargo, acreditam que sabemos tudo. Para elas, tudo se resume a nós. Então, o que fazemos quando sabemos que não somos dignos disso? Que depositam toda a sua confiança na pessoa errada? Tomamos uma bebida de vez em quando, para atenuar os problemas. Quando parei, tudo se tornou demais para aguentar. A solidão, a pressão de ser perfeita. Não tinha escapatória, a terapia não parecia estar resultando com a rapidez suficiente, eu e o Kyle mal nos falávamos. Tinha de me afastar. Pela minha sanidade mental. Para não cometer nenhuma asneira. Assim, parti. Tive imensas saudades da Summer e do Jaxon. Imensas. Por todas as vezes em que os tinha silenciosamente culpado pelo que estava mal na minha vida, todos os dias se tornavam extremamente difíceis sem eles. Com eles, não conseguia aguentar, mas viver*

sem eles tornou-se impossível. Pensei... Suponho que pensei que o Kyle já teria enlouquecido, já estaria a implorar-me para levar as crianças de volta. É mais teimoso do que eu julgava.

– Teimoso, não. Está apenas cuidando deles. Até tem bastante jeito – disse eu.

– Eu sou a mãe deles.

– O Kyle é o pai.

– Só porque teve de ser.

– Talvez, mas isso não altera o fato de que tem se saído bem. – Até certo ponto.

Ashlyn voltou a guardar o cigarro, tirou o isqueiro de cima da mesa, deixou-o cair para dentro da mala e, em seguida, fez o mesmo com os cigarros. Estava de volta. A Ashlyn com quem me tinha sentado à mesa. A máscara tinha-lhe coberto o rosto e o muro de tijolos tinha-se erguido à sua volta.

– Foi um prazer conhecê-la, Kendie – declarou, sendo cada palavra ligeiramente gélida. – É tudo aquilo de que a Summer e o Jaxon falam. – Um pequeno sorriso passou-lhe pelos lábios. – Eu queria mesmo conhecer a mulher com quem os meus filhos passam tanto tempo. Não é quem eu esperava. – O sorriso desvaneceu-se. – Diga, por favor, ao Kyle que conseguirei que as crianças vão viver comigo. Algum dia terá de me encarar. Se não for frente a frente, será em um tribunal.

Correu o fecho da bolsa. Levantou-se e afastou-se, deixando o perfume a lírios e orquídeas atrás de si.

2p2N

Vigésimo oitavo capítulo

– Você vai nos levar à escola? – perguntou Summer.

Três minutos antes, eu regalava-me com a oportunidade de dormir até mais tarde em um dia de semana. Um dia da semana em que não tinha de me levantar e ir a algum lugar às pressas, pois ia a uma conferência no Yorkshire e só tinha de marcar presença à tarde. Dois minutos antes, tinha ouvido o chocalhar de umas chaves a serem introduzidas na fechadura da minha porta e conseguido chegar à porta do quarto antes de os gêmeos aparecerem no alto das escadas.

Já tinham vestido os uniformes – Jaxon estava de calções cinzentos, camisa azul e blusa azul-marinho e Summer vestia a saia pregueada azul-marinho, camisa azul com quadrados e blusa azul-marinho. Ambos tinham as meias puxadas até aos joelhos e os sapatos lustrosos. O gesso de Jaxon ainda estava esbranquiçado e tinha mais alguns adesivos. Todas as manhãs, pareciam tão arrebatadoramente bonitos e puros que me sentia sempre tentada a tirar-lhes uma foto, a captar aquela imagem deles numa fotografia, pois não perduraria. Nunca sabia bem em que altura do dia os botões das roupas deles se desapertavam, quando uma blusa ficava virada do avesso, quando as camisas se desentalavam, quando uma meia solitária acabava enrolada no tornozelo.

– Já disse a vocês que vou à conferência – respondi.

– Mas você não vai trabalhar – retorquiu Jaxon. – Por isso, pode nos levar à escola.

Era a primeira vez em meses que eu podia dormir até mais tarde num dia de semana. Era, sem dúvida, a primeira vez desde que tinha voltado à minha terra natal. Era uma joia rara na minha vida, algo que

tinha desenterrado e de que estava ávida de desfrutar. Andava sonhando me permitir desligar o botão de repetição do meu relógio despertador, tomar um banho demorado, ver o que acontecia no pequeno monitor depois da programação do café da manhã. Sim, eu adorava aqueles dois, mas, naquele momento, adorava um pouco mais a minha cama.

– Você vai ficar fora quatro dias – lembrou Summer, mostrando o número de dedos ao dobrar o mínimo. Sorri para mim mesma, perguntando-me com que idade as crianças perceberiam que era mais fácil encolher o polegar em vez do dedo mínimo quando faziam aquilo. – E talvez não volte.

– Eu volto – tranquilizei-os, com o roupão vestido e o cabelo ainda apanhado sob o meu lenço de proteção noturna. – Tirando o fato de não ter mais para onde ir, não volto sempre?

– Você não vai ter saudades nossas? – interrogou Summer.

Ah, ela tinha recorrido aos seus maiores trunfos. Era uma tática boa e eficaz.

– Nós vamos ter saudades suas – acrescentou Jaxon. Deteve-se, olhou para o espaço no chão, junto à perna direita, acenou com a cabeça e, depois, fitou-me. – O Garvo diz que também vai ter saudades suas. – Manipulação em estéreo. Olhei para os rostos sérios de um e de outro. Agora, estavam reforçando o discreto assalto com paciente e inocente silêncio.

– Vou me vestir – repliquei. Não tinha defesa possível contra aqueles dois espertalhões.

Quando já tinha levado os dois para dentro dos portões, abraçado, prometido que, de fato, voltaria para eles e regressado ao apartamento, estava demasiado acordada para ir deitar-me. Tomei um banho, vesti-me e entrei no meu carro.

Agora, o carro era meu. Kyle tinha me vendido pelo mesmo preço a que eu o teria comprado em segunda mão, o que lhe tinha rendido algum dinheiro, que bastante falta lhe fazia, e despertado em mim outro sentido de lar. Era ali o meu lugar e eu ia ficar. Sempre que entrava no carro, este parecia-me diferente. Como se, agora, me pertencesse. Tinha posto tapetes novos no chão, colocado fotografias dos meus sobrinhos no painel e pendurado um cristal no

espelho retrovisor. Tinha-o tornado meu. Will também tinha um carro prateado. Era uma tolice, mas sempre que entrava no meu carro, lembrava-me da manhã em que ele me tinha levado de volta para o centro da cidade de Sydney, depois de termos passado a noite juntos. Lembrava-me de ele ter me ajudado a colocar o cinto de segurança, afagando-me as costas da mão com o polegar quando terminou. Atualmente, esse era o único momento em que conseguia pensar nele. Tinha regredido um pouco a esse respeito. Provavelmente, devia-se à carta do advogado de Ashlyn, mas, agora, ficava cheia medo sempre que pensava na carta de Will. Não conseguia ir buscá-la e olhar para ela; tinha palpitações se, por acaso, deparasse com ela quando tirava roupa interior da gaveta onde a guardava. Se pensasse nele durante muito tempo, tudo o resto se desvanecia e o grito dele ao saber o que ela tinha feito invadia-me o pensamento. Não, a única forma de poder pensar em Will, em segurança, era no momento em que entrava no carro. Nada mais.

Enquanto conduzia o meu carro pela M1, pensei novamente no meu encontro com Ashlyn, no fim de semana anterior. Nada tinha ficado resolvido. Ela tinha telefonado às crianças e comunicado que voltara para Inglaterra “para todo o sempre, amém”, como Summer disse, por isso estaria com eles no fim de semana seguinte. Disse a Kyle que queria estar com as crianças e nada mais. Não fez qualquer referência ao fato de ele ter me mandado no seu lugar, nem aos advogados. Imaginei que isso quisesse dizer que ia recorrer à via judicial, o que desencadearia mais uma série de dissabores no seio da família.

“Dissabores. Ah!”, pensei ao sair da faixa de alta velocidade. O tribunal iria fazer com que se abatesse um tipo novo e nunca antes vivido de inferno sobre todos os envolvidos. Todos os segredos sórdidos, relegados para os cantos mais ínfimos e recônditos das suas vidas, passariam a ser do domínio público. Tornariam-se armas para usarem uns contra os outros.

Tal ideia inquietou-me durante a maior parte da viagem. Devia era preocupar-me com a mentira que tinha dito às crianças. Apesar de as minhas intenções serem as melhores, a Kendra que eles conheciam não ia voltar.

A conferência ia realizar-se numa vasta propriedade rural situada em infindáveis mantos de vegetação do Yorkshire. Nos próximos dois dias, representantes vindos de todo o país iriam tomar conhecimento das mais recentes novidades na indústria do recrutamento, das alterações à lei laboral e de formas de aumentar os lucros.

Cheguei cedo. A grama era pisada pelas rodas do carro enquanto eu parava à entrada do hotel. A mansão tinha sido linda e meticulosamente restaurada. Quando mostrei o local na internet a Kyle, este salientou que, onde era possível, tinham sido utilizados os tijolos originais, cor de areia e toscamente talhados, novamente assentes no telhado as lousas escuras originais, e que a maioria das vigas era também original ou feita de madeira do mesmo período. Disse-me para procurar imensos recantos, alguns dos quais eram ocultos por trás, pois tinham sido, outrora, entradas para passagens secretas. Recomendou-me também uma visita às caves, se tivesse oportunidade para isso. “Não me atraí”, respondi-lhe. Espaços fechados, úmidos e bafios podiam ser para algumas pessoas, mas não para mim.

Não podia dar entrada num quarto de hotel antes das duas horas, por isso dei as chaves do carro ao porteiro, para que o estacionasse, entreguei as malas na recepção e fui dar uma volta. Queria explorar o hotel antes de ficar cheio de representantes tensos e barulhentos de ternos impecáveis, ansiosos por levar toda a gente a crer que eram confiantes e bem-sucedidos.

A ampla recepção chiava com os passos que eu dava com os sapatos rasos que usava para conduzir enquanto caminhava sobre as lajes de pedra polida. À direita e em frente ao balcão de madeira escura, ficava uma escadaria também de madeira escura, com corrimões trabalhados que subiam até ao primeiro piso. Duas pessoas desciam as escadas. Um casal.

Não estavam de mãos dadas, mas tinham ar de estar “juntos”. Muito provavelmente, era a primeira vez que tinham um dia de descanso juntos; deviam ter passado a manhã tomando o café da manhã na cama e, agora, iam dar um passeio para recuperarem o apetite. Sorri-lhes. Ele estava contando a ela uma história que implicava gesticular freneticamente, o que a fazia rir palavra sim,

palavra não. O meu sorriso rasgou-se. Depois de viver no meio de um divórcio, era agradável ver duas pessoas na outra ponta que estavam fazendo o que era bom. Namorar, descansar, fazer amor. Sempre dava certo; valia a pena.

Enquanto continuava olhando descaradamente para o feliz casal, apareceu outra pessoa no alto da escadaria.

Pareceu ocupar todo o espaço atrás do casal. Pareceu preencher todo o primeiro piso. Pareceu ser capaz de encher todo o hotel com a sua presença.

Ele. O homem de todos os meus pesadelos.

– Eu gosto de você, Kendra, gosto muito de você, mas isto entre nós não vai dar certo. – Tobey, o meu primeiro namorado, o primeiro homem que beijei, estava terminando tudo comigo e uma parte de mim não acreditava. Tínhamos passado os últimos seis meses apaixonados e, agora, ele estava dizendo isto.

– Mas você disse que me amava – sussurrei, envergonhada por estar proferindo tais palavras. Tinha acabado de completar vinte anos, ainda estava na faculdade e ele era o meu primeiro homem, mas, mesmo assim, reparei que estremeceu perante as minhas palavras.

– E amava, mas já não amo.

Quis perguntar-lhe o que tinha mudado, o que tinha eu feito de mal, se era por eu ser inexperiente e não ter estado à altura. Ia também dizer que podia mudar. Pedir-lhe para me dar uma nova oportunidade. No entanto, mantive o silêncio, pois as palavras ficaram presas na garganta. Eu tinha algum orgulho. Apesar de o meu coração estar destruído, talvez porque o meu coração estava destruindo-se, não conseguia. Não conseguia implorar.

– Kennie – declarou calmamente –, não é por sua causa. Não é por sua causa, mas sim pela Penny. Vamos reatar o namoro. Eu gosto de você, mas é a ela que amo. – Eu não estava à espera disto, não sabia que ele ainda estava apaixonado pela ex-namorada, nem sequer que ainda se mantinha contato com ela. – Lamento imensamente – afirmou, para meu espanto. – Tenho de ir. – Foi-se embora, para nunca mais responder a nenhum telefonema.

Chorei. Fiquei abatida. Emocionalmente magoada e maltratada, fiquei obcecada por Tobey. Convenci-me de que ele perceberia que tinha errado, de

que se lembraria do motivo pelo qual ele e Penny se tinham, logo à partida, separado. Eu tinha dificuldade em compreender como podia alguém amar-nos num dia e, depois, não nos amar no seguinte. E, se estivesse, lentamente, a deixar de nos amar, não devíamos ter alguma ideia, uma suspeita de que estava afastando-se de nós e aproximando-se de outra pessoa? Não deveríamos saber?

Quando, um mês depois de termos acabado tudo, encontrei Lance, o melhor amigo de Tobey desde a infância, numa livraria de Leeds, pensei que o destino estava esfregando-se na minha cara. “Você o perdeu, mas aqui tem o amigo, converse educadamente com ele como uma boa menina”, dizia o destino. Dei meia-volta e saí da livraria correndo, não querendo que Tobey ficasse sabendo quão mal eu estava. Lance foi atrás de mim e me fez parar ao tocar levemente no meu braço. Tobey e Lance eram muito diferentes e, ao mesmo tempo, muito parecidos. Tobey era calado e reservado até conhecer melhor a pessoa, tinha o mesmo senso de humor pouco convencional que eu e era lindo. Tinha uma pele castanho-cacau fantástica, uns grandes olhos cor de mogno e uns lábios que sabiam fazer as pernas fraquejar com um beijo – não acreditei quando me convidou para dançar na discoteca onde nos conhecemos. Lance era branco, mais aberto e gregário, mesmo com pessoas que não conhecia. Muitas mulheres achavam-no bonito e, enquanto eu estava com Tobey, tínhamo-nos dado bem, pois ele fazia sempre o esforço de me incluir nas atividades deles. Era uma propensão inata para o convívio em sociedade.

– Lamento muito o que aconteceu contigo e com Tobey – disse Lance, pondo-se à minha frente e parecendo pouco à vontade. – Se isso conta para alguma coisa, eu disse a ele que achava que ele estava louco.

– Disse? – perguntei. Julgava que os homens não diziam aquelas coisas uns aos outros.

– Disse. Vocês dois ficavam tão bem juntos. Foi louco em abdicar de você. Se isso a faz se sentir melhor, já é raro estar com o Tobey e com a Penny. Não gostava dela antes e ela não mudou. – Era isto que eu precisava ouvir. Todas as minhas colegas de apartamento tinham sido fabulosas quanto àquela questão, mas o fato de saber que havia outras pessoas que não gostavam da nova mulher de Tobey e que pensavam que ele tinha cometido um erro vingava-me. Eu não era uma má namorada, ele é que estava simplesmente

atravessando um período de loucura temporária e depressa recuperaria o juízo. Lance pediu-me o meu número de telefone, mencionou que podia me ajudar a ter experiência profissional no jornal onde trabalhava, se eu ainda estivesse interessada em jornalismo, e repetiu que lamentava antes de ter sair correndo para se encontrar com a namorada.

Quando Lance me telefonou alguns dias depois para saber como eu estava, não dei importância. Tínhamos nos encontrado muitas vezes enquanto eu estava com Tobey, tínhamos falado, conversado, ficado amigos, logo, era simpático da sua parte preocupar-se comigo. Chegamos mesmo a nos encontrar para tomarmos um copo umas semanas depois, pois ele tinha vindo de Harrogate, onde residia, a Leeds.

Todas as manhãs, acordava com vontade de ver Tobey, de falar com ele, de o abraçar, de o ouvir sussurrar que me amava. Se não podia ter isso, uma amizade com Lance serviria.

Conversávamos, íamos jantar e, por vezes, ele reunia-se comigo e com as minhas colegas de apartamento para sairmos. Divertíamos-nos juntos. Cerca de três meses depois do término com Tobey, eu e Lance fomos comer uma pizza, ele acompanhou-me até casa, em Burley Park, e permanecemos algum tempo à minha porta enquanto terminávamos a conversa. Quando ficou claro que esta estava cansada, tirei as chaves do bolso e, de repente, os lábios de Lance estavam colados aos meus e ele estava puxando-me na sua direção. Fiquei assustada. Só tinha beijado Tobey, pelo que isto era diferente. Os nossos lábios não se encaixavam como os meus e os de Tobey, colocou as mãos no meu rosto e não à volta do meu corpo, cheirava a Aftershave, o cabelo louro roçava-me a face e a boca ao café que tinha bebido pouco antes. A princípio, hesitei, mas, depois, deixei-me levar. Correspondi-lhe um pouco ao beijo, mas, essencialmente, não resisti. Lance acabou por recuar e dizer:

– Queria fazer isto há séculos.

Dirigi-lhe um sorriso de boca fechada, não sabendo bem o que dizer. Eu não queria fazer aquilo há séculos. Nem sequer tinha pensado nele daquela forma, por isso, para nos poupar aos dois ao constrangimento de ter de lhe dizer isso, dei-lhe boa-noite e fugi para dentro.

Quando voltei a vê-lo, tinha ido a Harrogate para uma entrevista para obter experiência profissional no jornal onde ele era diretor de reportagens. Depois, fomos beber um copo e ele acompanhou-me até à estação de trem.

Enquanto estávamos no meio da multidão, eu me despedi rapidamente, mantendo a cabeça baixa, e virei-me para me afastar.

Lance puxou-me e beijou-me novamente. Desta vez, não pude me deixar levar. Eu gostava dele, era um amigo que eu não queria afastar, sobretudo quando tinha de o ver todos os dias, no jornal, mas não podia permitir que aquilo continuasse. Carreguei-lhe no peito com a palma da mão e afastei-o devagar, ainda que com firmeza. Um “não” físico. Afinal, as ações dizem mais do que as palavras. Ele recuou imediatamente, compreendendo logo o que eu queria dizer. Sorriu-me com um ar um pouco envergonhado. Claro que ele compreendia.

Ele não me viu. Tenho a certeza de que não me viu, disse a mim mesma ao dar meia-volta e me afastar para o interior do hotel, onde a recepcionista tinha dito que ficavam o restaurante e o bar. Pelo caminho, vi um pequeno e discreto letreiro a indicar os lavabos femininos. Virei na direção destes, abri a porta e entrei.

Grandes, limpos, equipados com bronze, mármore e toalhas brancas lavadas, estavam também vazios, encontrando-se as portas dos oito compartimentos todas abertas.

Pensei que era isso que queria. Sei como você é. Já vi como você é. Pensei que era isso que queria.

Debrucei-me sobre o balcão de lavatórios, cada um deles esculpido em pedra lisa e fria. Olhei para dentro do lavatório, fixando a tampa branca.

Antes de mais, foi o calor. Uma torrente de calor que incendiou as células do meu corpo, queimando-me de dentro para fora.

Carreguei com as palmas das mãos na pedra, estabilizando-me, permitindo que a frescura se infiltrasse em mim.

Você é especial. Para de resistir, você é especial.

Ar. Não conseguia fazer chegar ar aos pulmões. Carreguei no peito com a mão direita, tentando acalmar o coração acelerado, tentando

aliviar os pulmões espremidos.

Para de resistir e eu não mato você.

Ia desmaiar. Se não conseguisse fazer chegar ar aos pulmões, ia desmaiar. Já tinha acontecido. Eu já tinha ficado assim, sem conseguir evitá-lo, até, depois, ficar tudo negro. Contudo, já se tinham passado anos. Isto não acontecia há anos.

O aperto no peito intensificou-se, o bater do coração acelerou, fugindo do medo de uma lembrança. Eu estava ali presa. Não podia evitá-lo. Estava aprisionada naquele momento. A lembrança tornava-se cada vez mais forte e as palavras cada vez mais sonoras.

Pensei que era isso que...

A porta do lavabo abriu-se, girou sobre as dobradiças e bateu na parede. Eu dei um salto. Dei um salto do passado para o presente. De repente, estava novamente ali. No lavabo de um hotel. Não lá. Não naquele momento.

– Ui, desculpe – disse uma mulher quando me viu dar um salto, antes de entrar em um compartimento, fechar e trancar a porta.

Não peça desculpa, tive vontade de responder. Acabou de me resgatar. Acabou de me salvar daquele lugar.

Vigésimo nono capítulo

O auditório tinha capacidade para trezentas pessoas. Os anexos originais da mansão tinham sido convertidos em um centro de congressos com salas de reuniões, um centro de comunicações empresariais e o auditório.

As luzes estavam fracas e, à frente, um holofote estava apontado para a oradora convidada; o monitor atrás dela era iluminado por gráficos e figuras. Ministrava uma palestra sobre as mudanças nas práticas de recrutamento. Eu sabia porque estava escrito na folha que tinha à minha frente. Esta folha fazia parte do meu pacote de representante. Eu sabia porque tinha passado os olhos pela primeira página do meu pacote de representante e lido as palavras. Não as tinha apreendido, nem assimilado, mas, como boa menina que era, tinha-as lido. Nada tinha fixado desde o momento em que estava junto às escadas. Desde que olhei para cima e o vi.

Tinha a certeza de que ele não me tinha visto. Tanta certeza quanta poderia ter. Tinha ficado trancada num dos compartimentos do banheiro durante uma hora antes de me aventurar a sair, concluí o processo de registro no hotel e subi para o meu quarto, no quarto piso. Durante todo esse tempo, tinha ficado atenta para não esbarrar nele. Não ter de o ver de perto, agir com normalidade e cumprimentá-lo.

Quando me sentei no auditório, sabia que não estava completamente salva. Agora, a proximidade não era problema, a não ser que o espaço na minha cabeça contasse. Era por essa área que ele vagueava, mostrando os dentes, rosnando como um animal sedento de sangue.

Semanas depois de ter concluído a experiência profissional no Harrogate Local & International Chronicle, onde tinha passado quinze dias fazendo chá, tirando xerox e transcrevendo entrevistas, onde tinha ficado completamente apaixonada por todo o processo e decidido que era o ideal para mim, Lance convidou-me para ir a uma festa no jornal.

– Não é nada de grandes luxos – disse ele –, mas é uma boa forma de conhecerem você. Se voltarem a ver você, vão se recordar de como era boa. Talvez haja uma vaga para você quando terminar a faculdade.

Desde menina, quando anotava as minhas histórias e pedaços de imaginação, escrever era a minha paixão. Ele estava dizendo que o meu sonho podia realizar-se, que eu podia tornar-me jornalista.

Era uma festa discreta, realizada no andar de cima de um bar de Harrogate. O ar estava saturado pelo fumo dos cigarros e o cheiro a cerveja e a vinho barato entranhava-se no fumo. Sentei-me em um canto, não sendo propriamente uma pessoa de influência e sendo demasiado tímida para simplesmente abordar o diretor, o diretor-adjunto ou, na verdade, qualquer outra pessoa cujo cargo incluísse o termo “diretor”, tirando Lance.

Bastava estar presente. Lance passou a maior parte do tempo ao meu lado, indo buscar bebidas para mim, apresentando-me a pessoas e, por consequência, algumas disseram-me para lhes telefonar se desejasse adquirir mais experiência profissional. Eu estava lançada.

Não estava bebendo muito. Tinha conseguido beber uma caneca de 25 ml e, agora, estava debatendo-me com uma de meio litro. Desde que tinha me separado de Tobey, se bebesse mais de três copos, era transportada para um lugar desagradável, onde sentia pena de mim própria. Onde queria renascer à imagem de Penny, à imagem de qualquer pessoa, se isso me fizesse ter de volta o meu maravilhoso namorado. Detestava me sentir assim. Não percebia como podia eu deixar que um homem tivesse esse feito sobre mim, me fizesse sentir assim, mas deixava.

Estava ficando tarde e eu tinha de pegar o trem para Leeds. Tinha três quartos de uma caneca de meio litro em cima da mesa, por isso decidi terminá-la antes de ir embora. Fui ao banheiro e aí me demorei, olhando-me ao espelho. Não estava sempre a ver-me em superfícies reluzentes, mas fiquei fascinada. O que tinha eu que levava Tobey a voltar para a ex-namorada? Teria ela cabelos mais longos e mais femininos do que eu? Os meus ficavam

entre os ombros e o queixo. Teria ela olhos mais bonitos? Os meus tinham um tom castanho-escuro tão carregado que pareciam negros, como se tivesse duas grandes pupilas. Teria uma boca menor? É que os meus lábios eram bastante carnudos. Teria um nariz mais bonito? Seria isso? Oh, para com isso, disse a mim mesma. Já deveria ter ultrapassado isto; passaram cinco meses. Ele não vai voltar para você.

Lavei as mãos no pequeno lavatório e voltei para a mesa. Ao regressar ao o bar, vi Lance e três homens da seção de desporto concentrados em torno da mesa onde se encontravam as nossas bebidas. Estavam soltando risinhos abafados, usando um deles o corpo para esconder os copos que estavam em cima da mesa do resto do bar, com os outros dois, que eu não conhecia, a assistirem, incitando-o com os seus sussurros. Pelo pequeno espaço entre os corpos deles, vi que acrescentavam vodka na minha bebida. “Pois, então, é assim que se divertem, não é?”, pensei.

Fui até lá e, quando me viram, todos se endireitaram. Lance fez um certo ar de culpa, mas os outros mal conseguiam disfarçar o divertimento. Queriam, claramente, ver-me um farrapo embriagado e cambaleando. “Se não tivesse visto, teriam tido uma grande surpresa”, pensei. Teria ficado para aqui sentada, chateando-os de tanto falar sobre o meu maravilhoso ex-namorado.

– Está tudo bem, rapazes? – perguntei, enquanto ocupava novamente o meu lugar à mesa.

– Está, está – responderam em uníssono, soltando dois deles um ligeiro riso abafado.

– Porreiro – retorqui e alcancei a minha bebida. Os meus dedos tocaram levemente no corpo gordo e suado do copo, mas atrapalharam-se e este tombou, derramando o líquido sobre a mesa de madeira escura, o qual escorreu para o chão. Putz! – exclamei pesarosamente enquanto lhes fitava os rostos. – Ainda por cima, a caneca estava quase cheia.

Lance calculou que eu os tivesse visto. Sabia que eu não armaria uma confusão, mas não tomaria a bebida adulterada. Eu gostaria de ser o tipo de pessoa que armava confusões, que chamava a atenção para si própria quando era vítima de uma injustiça, mas não era. Lance sabia disso. Percebi mais tarde que contava com isso.

Para evitar mais loucuras da parte deles, decidi ir embora, pegar o trem para casa e não me esquecer de nunca mais beber com eles. Lance ofereceu-se para me acompanhar à estação.

Enquanto percorríamos as ruas escuras de Harrogate, em direção à estação de trem, eu respirava o ar puro da noite. Adorava a sensação purificadora que este me transmitia depois do ambiente abafado do bar. A meio caminho da estação, Lance parou em pleno passeio.

– Preocupa-me que você vá pegar o trem para casa tão tarde, sozinha – disse ele.

– Eu vou ficar bem – retorqui.

– Não, sinceramente, eu me odiaria se alguma coisa te acontecesse.

– Sério, eu vou ficar bem.

– Ouve, a minha colega de apartamento está fora e não há de se importar que fique no quarto dela.

Eu sentia que a sua preocupação era autêntica, mas queria ir para casa. Dormir na minha própria cama. Além disso, ainda me sentia um pouco inquieta com a questão da bebida, no bar. Não tinha sido ele, mas não os impedira. Era uma brincadeira, mas tentarem embriagar-me, adulterarem a minha bebida, era algo que não tinha graça.

– Levo você a Leeds logo pela manhã – afirmou.

A viagem até minha casa ainda era longa e eu já tinha ficado algumas vezes na casa de Lance quando saía com Tobey. Era uma casa bastante grande, dividida em três andares, e, como todos trabalhavam, não era uma imunda habitação de estudantes. Ele morava aí com mais três pessoas e todas eram amáveis. Mesmo assim, hesitei. Queria realmente voltar para casa, tinha ficado de ir almoçar em um bar com as minhas colegas de apartamento no dia seguinte e havia ainda a outra questão, que pairava sobre nós e ainda me preocupava um pouco.

– Escuta, Lance, gosto muito de tê-lo como amigo – declarei, sentindo-me pouco à vontade ao abordar aquele assunto, mas acentuando a palavra “amigo”. Não queria que ele achasse que eu era pretensiosa, que pensava ser algo de especial e que, por isso, ele albergava sentimentos em relação a mim, mas queria dizer algo que deixasse claro que não queria voltar a beijá-lo.

– Eu sei – disse ele, parecendo um pouco aborrecido. – Não tentei nada, não é?

O embaraço inundou-me. Eu tinha mesmo falado de um modo arrogante. Meu Deus, que idiota. Deve ter uma péssima impressão a meu respeito. Quem sou eu? É claro que ele não gosta de mim. Se gostasse, teria tentado beijar-me novamente e não tentou.

Percebi que, se não dormisse em sua casa, ele pensaria que eu era uma convencida ou algo do gênero.

– Está bem, eu durmo na sua casa – disse. – Muito obrigada.

Ele sorriu.

– Anda lá. Se você se portar mesmo muito bem, compro para você um pacote de batatas fritas pelo caminho.

Pensei que tinha acabado. Que o assunto estava encerrado. Terminado. E estava. Até algumas horas depois. Por volta da altura em que ele me disse:

– Nunca se sente frustrada?

– Eh, vá lá – exclamou alguém ao acotovelar-me. – Temos de voltar a nos reunir aqui dentro de quarenta minutos para os exercícios de grupo.

Virei-me para a mulher que estava ao meu lado. Era uma mulher bem-feita, que, tal como eu, não devia usar blusas de abotoar – os botões de cima da sua camisa branca repuxavam no peito generoso. Tinha um rosto amável, um sorriso fácil e olhos gentis.

– Temos riscas amarelas nos cartões de identificação, o que, por isso, quer dizer que pertencemos ao mesmo grupo – continuou, perante a minha expressão de confusão. – Quer igualmente dizer que estamos bem atrasadas, já que eu também adormeci.

O meu rosto dirigiu-lhe um sorriso amarelo enquanto eu recolhia a minha pasta, garrafa de água, caneta e bloco de notas e enfiava tudo no meu grande saco de representante.

Tenho de sair deste lugar, pensei.

Iria para cima, tomaria um banho, mudaria de roupa e, depois, iria a Leeds para visitar as minhas colegas de apartamento, conforme planejado. Elas não se importariam que eu aparecesse com dois dias de antecedência. Não as via fazia anos, pelo que deviam ficar radiantes por me verem ainda mais cedo.

– Talvez nos encontremos mais tarde – disse eu à mulher.

– Se saíres, denuncio você – avisou com mais um dos seus sorrisos fáceis. Tinha uma ligeira pronúncia galesa que lhe ronronava suavemente sob as palavras. – Ah, vá lá, volta. Parece ser a pessoa mais interessante daqui. E eu sei, simplesmente sei, que já todos terão feito o seu trabalho. – Sorriu-me novamente.

Não posso ir embora, percebi. Gabrielle tinha gasto dinheiro do seu próprio bolso para me mandar ali. Ir embora seria uma bofetada na cara dela, seria dizer-lhe que eu não tinha qualquer respeito por tudo aquilo para que ela trabalhava. Não podia fazer isso a Gabrielle. E o que lhe diria eu? Que vi uma pessoa que não via há anos e me assustei? Mesmo que ela compreendesse, provavelmente, perguntaria por que tinha me assustado. O que havia nele que me tinha obrigado a fazer-lhe aquilo. Eu teria de lhe contar a verdade, o que jamais aconteceria. Não conseguia falar sobre ele. A ninguém. Nem sequer pensava nele, quanto mais falar sobre ele. Como é que isso, a minha recusa em contar a verdade a Gabrielle, se repercutiria na minha relação com ela?

Tanto quanto eu percebia, tinha três opções: deixar que perdesse o dinheiro e recusar explicar o motivo a ela; deixar que perdesse o dinheiro e dizer-lhe o porquê; não deixar que perdesse o dinheiro e não ter de enfrentar o dilema de contar ou não contar.

Destas três opções, qual era a mais fácil? Sêrio, qual era a mais fácil?

– Está bem – respondi à minha parceira do grupo amarelo. – Encontramo-nos lá fora dentro de vinte minutos.

– Ótimo! – exclamou ela. – Vou sair rapidamente para fumar um cigarro ou uma série deles. Já não aguento mais.

Summer e Jaxon telefonaram pouco antes das 19 horas para contar como foram os seus dias e dizer que o pai tinha queimado o jantar, por isso tinham tido de encomendar uma pizza. Que a mamãe também tinha telefonado novamente para eles e estava muito entusiasmada com a ideia vê-los no sábado. O pai estava ainda tentando uma casa nova, mas não parava de dizer que não conseguia concentrar-se, porque eles faziam demasiado barulho. Será que eu achava que eles faziam demasiado barulho? Falar com eles transmitiu-me uma sensação de paz. Recordou-me que não tinha vinte anos, que não

estava sozinha e assustada. Tinha quase trinta e três anos, uma vida diferente e responsabilidades.

Tinha seguido em frente.

Trigésimo capítulo

O segundo dia de conferência começou cedo. Era um dia luminoso e soalheiro, com um céu azul maravilhosamente intenso e poucas nuvens.

Às oito horas da manhã todos já tínhamos tomado o café da manhã e estávamos sentados nos nossos lugares bem almofadados ouvindo lá o que tínhamos de ouvir. Eu não prestava muita atenção. A minha amiga galesa chamava-se Billie e se encontrava a duas salas da minha. Era divertida e, na maior parte do tempo, comportávamos-nos como alunas travessas, soltando risinhos ao fundo, conversando sobre programas televisivos sempre que tínhamos um momento livre e fazendo o nosso trabalho apenas sob coação. Eu estava sempre consciente do monstro que se encontrava no hotel, mas, quando ficasse livre da conferência, ia a Leeds para passar duas noites com umas antigas colegas de apartamento e estaria de regresso ao Sul no domingo à tarde. Podia evitá-lo durante esse tempo, pois ele não me tinha visto. Eu não o tinha visto – apesar de ter estado bem atenta – desde a outra manhã e ele não tinha visto a mim. Só tinha de evitá-lo e, depois, ir embora e esquecer toda aquela experiência.

Ao jantar, nessa noite, sentei-me à mesa com Billie e fizemos de conta que ouvíamos um emproado de Londres expor as suas teorias sobre o recrutamento de mulheres. Na realidade, ambas estávamos a soltar risinhos enquanto comíamos o pudim de chocolate, desejando que ele se calasse. Como muitas pessoas na sala, eu não tirava os olhos do relógio, pois ia telefonar para os meus meninos às sete.

Tinha saudades deles. Tinha, sinceramente, saudades deles. Devia tê-los visto quase todos os dias nos últimos meses e tinha saudades

dos sorrisos deles, das conversas disparatadas, de correr por cima dos sofás e de ouvir as chaves deles na minha fechadura. Tinha saudades de jantar com eles. Tinha saudades de fazer Summer parar com uma birra e de arrancar palavras a Jaxon quando estava zangado.

Quando Billie se levantou para ir ao banheiro, levantei-me também. Não ia ficar com o idiota que estava à nossa frente. Além disso, eram seis e quarenta. Eles já deviam ter acabado de jantar e Kyle não se importaria que a rotina deles fosse perturbada por quinze minutos. Eu e Billie nos separamos junto ao elevador. Chamei-o e senti-me ligeiramente ansiosa enquanto esperava por ele. Sabia que havia um monstro por perto e tinha de ir para um lugar seguro. Distraidamente, agitei de maneira leve as pernas, vendo as luzes indicadoras dos andares descerem desde o sexto até ao piso térreo.

As minhas pernas começaram a agitar-se mais. As portas levaram uma eternidade a abrir-se, mas, por fim, suavemente, afastaram-se. Entrei na cabina revestida a madeira e coloquei o botão correspondente ao quarto andar.

Enquanto esperava que as portas voltassem a fechar-se, ouvi passos pesados a irem na minha direção. Provavelmente, passos de homem. Desejei que as portas se fechassem e me permitissem sair dali. As portas metálicas começaram a unir-se, quando uma grande mão se interpôs entre elas, fazendo-as parar e, depois, voltar a abrir-se.

Senti um aperto no coração e faltou-me o ar. Baixei a cabeça, escondendo-me atrás do cabelo quando o homem que tinha parado o elevador entrou. Tinha uns lustrosos sapatos pretos calçados. Aproximou-se de mim e eu dei um salto para trás.

– Desculpe – disse ele –, não queria assustá-la. Tenho apenas de descer no três. – Não era a voz dele. Aquele homem era escocês. Atrevi-me a olhar para ele e estava a ler alegremente o aviso em caso de incêndio que estava afixado na parede do elevador. Expirei e disse a mim mesma para me acalmar.

O elevador chegou ao piso onde ele pretendia ficar e saiu, com um breve aceno de cabeça. Apertei a seta para fechar a porta e sosseguei um pouco. O elevador voltou a subir. Veio-me à cabeça o tema

“Suspicious Minds”. Comecei a cantarolar enquanto me perguntava quanto tempo demoraria a subir mais um andar.

Estava a examinar a tarja negra do meu cartão magnético quando as portas finalmente se abriram. “Até que enfim!”, pensei ao avançar.

Estava alguém à espera do elevador e apareceu no espaço entre as portas à medida que estas se abriam para me libertar. Ele sorriu-me e eu dirigi-lhe um pequeno sorriso sem estabelecer uma troca de olhares. Afastou-se para me deixar passar. Percorri apressadamente o corredor, dobrei a esquina para o meu quarto, o que quase equivalia a caminhar novamente em direção ao elevador. Um casal passeava pelo corredor e o homem afastou-se para me deixar passar. Esbocei um sorriso de agradecimento.

A plana lisura da minha chave escapou-se-me das mãos. Estava entusiasmada. Por mais ridículo que fosse, ia falar com Summer e Jaxon e isso deixava-me muito feliz. Na curva seguinte, outro hóspede saiu do quarto, fechando a porta atrás de si, e verificou o puxador. Virou-se na direção do elevador.

Pareceu ocupar todo o corredor de imediato. Pareceu ficar com dois metros de altura. Um sorriso surgiu-lhe lentamente no rosto.

– Não vai me cumprimentar? – disse ele.

Quando estava fazendo as malas para deixar a Austrália, vendi quase tudo. Não tinha tempo para organizar remessas para o meu país natal, por isso fiquei com um punhado de livros e CD da minha preferência, o computador portátil, a roupa e os sapatos que podia embalar. Decidi pagar a tarifa por excesso de bagagem, se assim tivesse de ser, mas vendi tudo resto – desde a cama às colheres de chá, plantas e sacos de compras reutilizáveis. Tive a casa aberta durante uma tarde e vendi tudo. Ganhei cerca de 1.500 dólares, o que se traduzia em cerca de 650 libras. Doei tudo aos Samaritanos, pois queria ajudá-los a ajudar outras pessoas. Tinha de assegurar que, se outra pessoa chegasse ao ponto que a mulher de Will tinha chegado, pediria ajuda em vez de optar pela autodestruição. Sei o que é estar à beira desse precipício. Querer saltar ou simplesmente largar-se e cair. Sei o que isso é e a ideia de ter sido parcialmente responsável por levar outra pessoa a chegar a esse ponto...

Era por isso que tinha de partir. Jamais poderia ser responsável por fazer a outra pessoa o que me tinham feito a mim.

Podia ter fugido, se não tivesse ficado tão assustada. Podia ter gritado, se não estivesse com tanto medo. Podia ter arranhado a cara dele quando se dirigiu a mim e, de repente, estávamos em um recanto, escondidos e resguardados do corredor principal, mas estava aterrada. O medo, o verdadeiro medo, que é denso e profundo, que nos esmaga lentamente, mas de modo seguro, uma molécula de cada vez, que faz parar o próprio tempo, tinha se apoderado de mim. O medo tinha se apoderado de mim e eu não conseguia fazer nada. Sabia o que era pensar que iam nos matar.

Antes dos vinte anos, nunca tinha pensado na morte. Nunca tinha precisado de pensar. E, se pensasse, naqueles breves momentos em que imaginava o fim da minha vida, era velha, frágil e partia tranquilamente enquanto dormia. Nunca pensei que seria por alguém ter decidido fazê-lo. Outra pessoa tinha me agarrado o pescoço e estava tirando-me a vida.

Eu sabia o que era pensar que iam nos matar. E temia-o.

Sabia que ele estava olhando-me, pois sentia os seus olhos a percorrerem-me grosseiramente cada traço do rosto. Eu não lhe retribuía o olhar. Olhava através dele, vendo o lambril de madeira escura que rodeava a parte inferior das paredes como uma pesada saia pregueada. Vi a tapeçaria pendurada atrás dele, no papel de parede aveludado. Vi a fraca iluminação embutida na parede.

Ele baixou a cabeça até os lábios ficarem a uma escassa distância do meu ouvido.

– Pareceu-me que era você – sussurrou. – Pensei que era um espantoso golpe de sorte; aqui estou eu, de férias, e lá estava você, no café da manhã, esta manhã. Pensei que era imaginação minha, mas não. É você. – Aproximou-se ainda mais. – Há quanto tempo.

Dois dos seus dedos acariciaram-me a clavícula e a repulsa seguiu-lhes o sinal pela minha pele, mas não reagi.

A que haveria de reagir? Aquilo que era o meu corpo era algo desligado, longínquo, e eu tinha perdido o contato com ele.

– Hummm – exalou –, ainda tem a mesma pele macia. Adoro a sua pele.

Passou as mãos pelo resto do meu corpo. Eu nada sentia, apenas percebia pelo nojo que se seguia a cada toque.

Inclinou-se na minha direção e voltou a pôr os lábios junto ao meu ouvido.

– Fala comigo, Kendra – disse. – Costumávamos estar sempre falando. Fala comigo.

– Não vai perguntar o que eu tive? – Percebi que estava o interrogando.

– O quê?

– Não vai perguntar se tiveste um filho ou uma filha?

– De que está falando? – As suas mãos pararam e ele afastou-se ligeiramente enquanto os olhos se concentravam no meu rosto. Pela primeira vez, olhei para ele e não através dele. Examinei-lhe o rosto, vi que pouco tinha envelhecido, que estava praticamente na mesma. Ainda louro; com aqueles límpidos olhos azul-turquesa salpicados de violeta e aqueles lábios que não se encaixavam nos meus. Nada nele tinha mudado.

– Estou falando – detive-me, enchendo-me de coragem para levar aquilo até ao fim – do bebê.

– Bebê? Qual bebê?

– Pensa.

Ele já tinha captado o sentido das minhas palavras, mas só nesse momento é que o seu pensamento o decifrou.

– Não – disse. Os seus olhos procuraram nos meus qualquer indício de que eu estivesse mentindo. – Não tiveste um filho meu. Não tiveste um filho meu.

– Não? – retorqui.

– Está mentindo – afirmou. – Está mentindo.

– Você tem um filho meu e não me contou? Não faz o seu gênero. Você se sentiria no dever de me contar.

– Sei aquilo de que você é capaz. Por que haveria de sujeitar uma criança a isso? – repliquei.

A dúvida atravessou-lhe o rosto; pela primeira vez, passou-lhe pela cabeça que eu podia não estar mentindo. Que talvez eu lhe ocultasse algo tão importante por ele ser capaz de grandes atos de maldade. Por ser malvado.

Jamais lhe passaria pela cabeça a verdade. Que, se não podia oferecer-lhe resistência física, travaria de outra forma. Faria tudo – tudo – para impedi-lo.

Quando ele não falou, sustive a respiração.

Recuou um pouco, não muito, mas o suficiente para o meu corpo não sentir o calor do seu. Continuei a sustentar a respiração.

– Fala-me do meu filho – disse ele.

Abanei a cabeça.

– Por favor?

Eu tentava não mentir. Na minha vida, tentava não mentir. Não me sentia sequer à vontade em deturpar um pouco a verdade. Preferia ficar calada, guardar algo para mim própria, a exteriorizá-lo e não corresponder à verdade. No entanto, tendo de escolher entre aquilo e a mentira, mentiria sempre.

Um estalido e, depois, o bocejo da dobradiça de uma porta a ser aberta invadiu o corredor. Eram pessoas. Alguém estava chegando.

– Afaste-se de mim – ordenei, ouvindo os passos que se aproximavam de nós, agarrando-me ao seu som.

– Mas quero saber do...

– Afaste-se de mim, senão, começo a gritar – disse eu, elevando a voz.

Ele recuou.

O casal apaixonado que eu vi a descer as escadas no dia anterior passou por nós e eu desloquei-me para o corredor propriamente dito, de modo tornar-me visível. O casal encaminhava-se na direção do elevador, afastando-se do meu quarto. Eu podia ir com eles, mas ele me seguiria. Estava presa naquele corredor e, quando o casal desaparecesse, ele podia tentar tocar-me novamente. Precisava de ajuda. Precisava desesperadamente de ajuda, naquele momento, para sair daquela situação. Para fugir dali. Então, aconteceu um milagre. A porta do quarto dele abriu-se e apareceu uma mulher.

– Oh, querido, pensei que já estavas lá em baixo – declarou quando o viu. Era alta, magra, ruiva, com pele de alabastro e límpidos olhos azuis. Não reparou em mim, era apenas outra hóspede no corredor.

– Ah – retorquiu ele. – Queria pedir para me trazeres o celular, estou esperando uma chamada do diretor... Eu sei, eu sei que estamos em férias...

Passei por eles, concentrando-me em pôr um pé à frente do outro o mais rapidamente possível. Passei por eles, concentrando-me na segurança que encontraria por trás da porta do meu quarto. Caminhei com o coração a martelar-me aos ouvidos. À minha porta, arrisquei-me a olhar para o corredor e verifiquei que estava vazio. Introduzi a chave na porta, entrei rapidamente e fechei a porta com a mesma rapidez. Arrastei uma cadeira da mesa e preendi-a sob o puxador.

Fiquei no espaço entre a cama e a porta, novamente gelada. Tinha frio por dentro. Ardia por fora, mas estava gelada por dentro. Era uma omelete norueguesa humana – se me cortassem, encontrariam gelo no meu âmago.

No silêncio, rebentou um TRRRRRRIIIIIIMMMM!

Não fiquei sobressaltada, sentia demasiado frio por dentro para isso. Os meus olhos precipitaram-se para o celular, que se encontrava em cima da mesa de cabeceira. Fui atraída até ele. Queria que o barulho parasse, precisava de silêncio. Para pensar, precisava de silêncio. Deslocando-me como um robô com as articulações soldadas, dirigi-me ao telefone e peguei nele.

Na tela, apareceram Summer, Jaxon e Kyle. Uma fotografia do dia em que fomos ao Museu Britânico. O retrato deles deu lugar aos nomes. Depois, voltaram, sorrindo-me. Em seguida, os nomes de novo. Os rostos alegres. Os nomes.

Não era capaz.

Não era capaz de falar com eles.

Faziam parte da vida de outra Kendra. Não desta. Esta estava corrompida. Era repugnante. Não podia falar com duas crianças. Apertei o botão vermelho para rejeitar a chamada e, depois, voltei a colocar o telefone na mesa de cabeceira, antes de ir para o banheiro dar início ao processo de o eliminar de todo o meu ser.

“Kendie, é a Summer. Precisamos falar com você. Vamos para casa da Vó Naomi amanhã e com a mamãe... Ah, pai disse que já te contei isso. A mamãe voltou a nos telefonar hoje e disse que está entusiasmada. Vou passar ao Jaxon... Fala, Jaxon. O Garvo perseguiu um gato. Ele correu para debaixo do carro dos vizinhos e não queria sair. pai disse que não era muito simpático, mas a culpa não é do Garvo. Telefone para nós... Sou eu outra vez. Pois, telefona-nos... O quê...? Pai disse que você tem de telefonar amanhã, se for depois das oito horas... Mas, pai, amanhã, vamos para casa da Vó Naomi... Está bem, pai... Telefona-nos.

Ouvi a mensagem vezes sem conta.

Fiquei deitada no escuro, ouvindo as vozes deles. Animadas e felizes. No viva-voz, preenchiam o quarto. Podia fechar os olhos e fazer de conta que estavam comigo. Estavam tão próximos que podia tocar-lhes.

Eu não tinha telefonado e, agora, era noite. Estavam em segurança. Aconchegados na cama. Diante dos meus olhos, os rostos deles enquanto dormiam tornaram-se claros. Os semicírculos orlados de pestanas das pálpebras fechadas, os lábios rosados delicadamente franzidos, a pele suave dos rostos enquanto tinham sonhos agradáveis.

Eu amava-os.

Amava-os muito, mas não podia falar com eles.

Trigésimo primeiro capítulo

Ele estava à minha espera na recepção. Eu sabia que estaria.

O hotel estava envolto em silêncio, pois eram apenas seis horas, e eu esforcei-me ao máximo por não o perturbar ao sair. Ele estava, porém, sentado no sofá mesmo em frente ao balcão da recepção. Não se mexeu até eu ter acabado de pagar a conta e, depois, dirigiu-se a mim enquanto me encaminhava para a saída.

Parecia cansado, abatido, estando com a palidez acinzentada de quem não dormia e revia a própria vida. Parecia ter passado as mãos pelo cabelo mais do que uma vez e tinha as roupas amarrotadas. Parei, para conservar uma distância entre nós e nos manter ao alcance da vista da recepcionista.

– Sabia que você iria embora antes de todos se levantarem – afirmou.

Quase lhe gritei na cara que parasse. Que parasse de acreditar que me conhecia, que sabia como eu pensava, como eu agia; que existia algum tipo de ligação entre nós.

– Deixe-me em paz – disse eu calmamente.

– Mas...

– Deixe-me em paz – repeti.

– Temos de conversar sobre o nosso filho. Ele ou ela deve ter cerca de... doze anos? É isso...? – perguntou.

– *Eu menti – interrompi. – Para impedi-lo de fazer o que estava fazendo. Não tive um filho teu. Não tenho filhos. – Nunca terei filhos.*

Tinha percebido desse fato na noite anterior. Não tinha filhos. Por mais que os desejasse, por mais que levasse e fosse buscar crianças à escola, por mais excursões que planejasse e histórias que lesse, não

tinha filhos. Por muito que dissesse a mim mesma que sabia que eles eram filhos de outras pessoas, andava enganando-me. Tinha me tornado demasiado próxima deles, não sendo meus. Eu não tinha filhos.

Por um momento, pensei que ele ia me atacar, agarrar o meu pescoço, estrangular-me e isso não me assustou assim tanto. Assustou-me um pouco, mas não como na noite anterior. Não como já me tinha assustado. Ele já me tinha me magoado tanto quanto podia. O seu rosto descontraiu-se. Não sabia em que acreditar.

– Mentiu?

Acenei com a cabeça.

– Estava tentando... Tinha que impedi-lo.

– Não ia machucar você – declarou. – Queria apenas que falasse comigo. Como costumávamos fazer.

– Nada tenho a dizer.

Pareceu ficar desiludido, como se não entendesse por que eu estava agindo assim. Por que não estava satisfeita por vê-lo. Afinal, éramos amigos. Por que não queria falar com ele? O silêncio entre nós alargou-se como um elástico relaxado: podia continuar indefinidamente e, ainda assim, não voltar atrás. Ele não sabia o que dizer para me levar a agir novamente como sua amiga; eu nada tinha a dizer-lhe – nem agora nem nunca. Estava na hora de partir. De o esquecer como tinha feito durante todos aqueles anos. Estava na hora de ir embora.

Desci as escadas. No estacionamento, atirei as malas para o lugar do passageiro, fechei e tranquei a porta. Introduzi a chave na ignição, coloquei o cinto de segurança, liguei o carro, engrenei a primeira velocidade e libertei o freio de mão.

Lance estava parado nas escadas, observando-me, quando comecei a sair lentamente. Ia devagar o suficiente para o ver. Para o ver olhar de relance pelo vidro de trás e reparar nas cadeiras de segurança de Jaxon e Summer.

Fatia de
pizza fria



Trigésimo segundo capítulo

Existe algo que possamos fazer quando parece que a nossa cabeça está dando tudo de si e o peito sendo esmagado?

Não tinha cessado desde que abandonei a conferência. Tinha me esquecido como era viver sem a dor e a sensação de ser comprimida de dentro para fora.

No sábado à tarde, sabendo que as crianças estavam com a mãe e que Kyle sairia para ir às compras, deixei-lhes uma mensagem no telefone de casa, dizendo que voltava na segunda-feira e não no domingo, desligando, em seguida, o celular. Não fui a Leeds. Limitei-me a regressar a Kent. Depois, tinha estacionado o carro a três ruas de distância e entrado sorrateiramente no meu apartamento.

Não me incomodei em despir-me – em vez disso, descalcei os sapatos, deitei-me debaixo dos cobertores e escondi-me. Estava a salvo debaixo dos cobertores, protegida e a salvo. Ninguém sabia que eu estava ali. Fiquei enroscada ali debaixo e dormi repetidamente. Adormecia e acordava. Abria os olhos e não fixava nada. Tentava não desabar no nó do que tinha acontecido no hotel. Do que tinha acontecido há tantos anos. Se aí caísse, nem que fosse só por um momento, ficaria enredada; presa e encurralada.

Na segunda-feira, levantei-me cedo. Tomei um banho com água fervendo e saí às quinze pras cinco, antes de as crianças levantarem. Sentia saudades delas. Queria vê-las, saber o que tinham feito enquanto eu tinha estado fora. Queria ver o brilho nos olhos delas, o sorriso nos lábios, ouvir-lhes as vozes a desvendarem animadamente os mistérios do tempo que tínhamos passado separados. O tormento dentro da minha cabeça não tinha desaparecido, a pressão no meu

peito estava aumentando e não diminuindo, a ferida no meu coração estava alastrando-se. Não podia transmitir-lhes isso. Nem sequer por uns minutos. Além disso, após a revelação que tinha tido, a lembrança de que não tinha e não teria filhos, sabia que tinha de me distanciar deles.

Cheguei ao trabalho antes de Gabrielle, pela primeira vez desde que trabalhávamos juntas. Ela ergueu as sobrancelhas em sinal de surpresa quando me viu no escritório ao chegar, mas não teceu nenhum comentário. Em vez disso, falamos apenas sobre a conferência e o que eu tinha aprendido. Aprendi que nunca vou ter filhos, quase disse. Foi isso que aprendi.

Eu sabia o que isto era. Era o luto. Eu estava perdendo algo precioso. Estava perdendo uma parte de mim que nunca tinha chegado a conhecer. Não tinha vivido a fase de luto como devia ter feito, há três anos, quando descobri. Tinha ficado apenas em estado de choque, talvez até de negação, e fingido que aquilo não estava acontecendo. Fingido que podia fugir daquilo ao ir viver na Austrália. Por consequência, não estava nem perto da aceitação, da parte do processo em que assimilamos a notícia e retomamos a nossa vida. Eu estava em algum lugar nesse processo de perda e sofrimento. Sabia disso. No nível intelectual, sabia disso. Já no nível emocional, a situação era completamente diferente. No nível emocional, um mero olhar desencadearia dor suficiente para me derrubar.

O dia passou vagarosamente. Olhei para o relógio para verificar que eram apenas 10h30 e que ainda faltavam horas para ir almoçar e perambular pelas ruas, sair para tomar ar puro, despercebida e anônima.

A minha pele não me assenta bem.

Sentia-me desconfortável. Queria enterrar as unhas na carne da área interior do braço e arrancar a pele. Queria cravar as unhas na parte mais sensível e delicada da minha face e despi-la de tudo. Queria sofrer fisicamente, para que tudo o resto desaparecesse.

– Kendra, pelo amor de Deus! – gritou a voz frustrada de Janene do outro lado do escritório e interrompeu o meu transe.

Os meus olhos deixaram de fixar os redemoinhos de palavras no jornal que tinha diante de mim e ergueram-se para encontrar a

assistente administrativa.

– Já voltou ao planeta Terra? – perguntou, estando cada palavra envolta em sarcasmo. – Ou tenho que enviar uma mensagem para o mundo louco no qual você está hoje visitando?

Gabrielle estava ausente do escritório, tal como Teri. Estávamos só nós duas e era por isso que ela usava aquele tom de voz. Desde o incidente com o recado telefônico, quando Gabrielle tinha feito uma advertência por escrito, ela tinha muito cuidado em esconder a sua antipatia por mim. Assim que ficávamos sozinhas, a delicadeza se transformava em agressividade e a sua verdadeira identidade revelava-se.

– Em que posso ajudá-la, Janene? – perguntei calmamente. Não queria brigar com Janene. Não queria brigar com ninguém.

– Você assinou aquelas faturas dos trabalhadores temporários? – interrogou.

– Ainda não – respondi. Tencionava assiná-las, mas não o tinha feito. Na verdade, tinha-me esquecido delas.

Ela revirou os olhos cor de avelã na direcção do teto e soltou um suspiro de frustração.

– Assino-os quando puder – declarei.

– Faça isso – afirmou com uma ligeira rispidez. – E, se alguém telefonar por não ter recebido o pagamento, encaminho-o para você. Não vou arcar com a culpa por você não estar fazendo o seu trabalho.

– Sabe o que mais adoro em você, Janene? – disse eu, estando a minha voz tão calma e serena como o mar antes de uma violenta tempestade. – Apesar de todas as provas em contrário, continua achando que é a chefe. E, apesar de eu exercer um cargo superior, de ser mais bem remunerada e, no fundo, de ter um emprego melhor, continua, dia após a dia, a laborar nesse delírio de que pode me dar ordens. É incrível. Louvo a sua capacidade delirante.

Enquanto Janene tentava detectar o insulto no que eu tinha dito, os meus olhos voltaram ao jornal que tinha diante de mim. Ergui a caneta, voltei ao início da seção dos pequenos anúncios, pois não tinha apreendido uma única palavra do que lera.

– Se alguma vez existiu uma mulher necessitada de um bom tratamento, é você – declarou Janene. – O que foi, Kendra, não anda pegando nada?

Continuei a olhar fixamente para o meu jornal, com o bico da caneta a carregar no papel com força suficiente para parti-lo.

– Faça a todos o favor de ir para a cama com alguém, Kendra... Ah, esqueci que você não gosta de sexo, por isso, depois, inventa coisas e chama a polícia para deter o homem, não é? Suponho, porém, que seja justo; dormir com você é crime, não é?

Se eu não tivesse acabado de regressar da conferência, se não estivesse com saudades das crianças, se tivesse dormido mais nos últimos dias, o que aconteceu a seguir podia não ter acontecido, eu podia ter apenas tirado calmamente o meu diário da escrivaninha, descrito em pormenor o que Janene tinha me dito e feito queixa dela a Gabrielle quando esta voltasse. Podia ter me levantado, saído da sala e dado uma volta pelo quarteirão até ser capaz de me sentar calmamente no escritório com Janene. Podia tê-la ignorado. Nunca saberei. Nos instantes depois de ela ter falado, os meus olhos fecharam-se e, em seguida, abriram-se para a fitar de modo feroz. Atentei-lhe nos lisos cabelos louros dourados que lhe caíam em camadas dispendiosamente penteadas sobre os ombros. Atentei aos olhos maldosos, na boca perversa, no sórdido nariz, no vil talhe do maxilar, no caro vestido preto. Só dinheiro e nenhuma classe. Atentei a tudo. Depois, abri a boca.

– Janene, se voltar a falar comigo, eu vou machucar você.

– Até parece – zombou.

– *Acabou de falar comigo. – Senti a minha boca retorcer-se num sorriso amargo e sem humor. – Pelo visto, não entendeu o que eu disse. – Abri as mãos diante de mim e inclinei-me para a frente. – Quero dizer que, se alguma vez voltar a falar comigo, se sequer pronunciar um simples “olá” ou “adeus”, me disser que há uma chamada para mim ou me pedir licença se nos cruzarmos no corredor, esperarei você em algum lugar e machucarei você. Agora, se entendeu, acene com a cabeça.*

Janene acenou com a cabeça.

– Ótimo. – Baixei os olhos na direção do jornal que tinha diante de mim. Tremia. Estava tremendo. Não conseguia ler e, na verdade, nem conseguia mexer-me. Aquelas palavras tinham acabado de sair da minha boca? Da minha boca? Eu tinha abandonado o meu corpo por alguns momentos e tinha me observado à distância. Agora, estava de volta e horrorizada. Eu não era assim. Não fazia aquele tipo de coisas.

– Então, agora que ficou claro que a Janene nunca mais vai falar com a Kendra, alguém quer explicar-me o que se passa? – perguntou Gabrielle.

A senhora Traveno estava à porta. Com a pasta preta de pele numa mão e a caixa de cartão quadrada e achatada com as canecas, mouse pad equilibrado na palma da outra. Tinha os olhos fixos em mim. Queimavam-me com a mesma intensidade e calor que um ferro de marcar calcinava a carne de um animal.

Quando nem eu nem Janene falamos, ela atravessou, de modo rígido, o escritório até à sua mesa, junto à grande janela de guilhotina, pousou a caixa naquela, largou a pasta no chão e atirou a bolsa para a cadeira. Pareceu fazer tudo sem tirar os olhos de cima de mim. Sem nem sequer se virar um pouco, abriu a boca pintada com batom vermelho.

– Janene, sai. – Janene não precisou de ouvir duas vezes. Nem sequer fez um ar de triunfo ao agarrar na bolsa e no casaco e sair. Assim que fechou a porta, a minha chefe, que vestia um terno de saia e casaco azul-marinho, foi trancá-la. Ninguém entrava ou saía sem a sua autorização. Cruzou os braços sobre o peito, fincou os pés no meio do chão e lançou-me um olhar feroz.

Sob o seu olhar, a cada minuto que passava, eu cedia um pouco mais. Não devia ter dito o que disse. Não acreditava que tinha dito o que disse.

– O que aconteceu? – Acabou por perguntar, com uma voz suave ao ponto de ser gentil.

Tentei respirar, mas não consegui, não completamente. Tentei umedecer os lábios, mas tinha a boca seca.

– Não posso contar a você – respondi.

O seu peito subia e descia em respirações controladas; ela estava esforçando-se para permanecer calma. Para manter o profissionalismo.

– Qualquer pessoa podia ter entrado como eu entrei. Um possível funcionário, a Teri, um cliente. Teriam tido de assistir àquilo a que eu assisti. Sei que não terias dito o que disse sem uma boa razão, mas não posso ajudar você se não me contar. Quero que pense muito bem antes de me responder desta vez. Kendra, o que ela disse?

Eu sabia que devia contar, explicar tudo. Transmitir o que o que Janene tinha dito afetava-me demasiado. Sabia que devia contar, pois, se havia alguém no mundo que eu sabia que compreenderia, era Gabrielle, mas não podia, não queria repeti-lo. Nem sequer em abstrato.

– Não posso contar – respondi.

– Tem a certeza? – Ela estava dando-me uma última oportunidade para me salvar.

Acenei com a cabeça.

– Muito bem. – Acenou com a cabeça. – Kendra Tamale você está suspensa do seu cargo de chefe de recrutamento e seleção de trabalhadores temporários, até que possa apresentar-me um motivo aceitável para o seu comportamento de hoje. Esta suspensão tem efeito imediato.

Enquanto ela falava, os meus dentes uniram-se, cerrando-se até me doer o maxilar. As lágrimas acumulavam-se por trás do nó, que me servia de represa na garganta.

– Obrigada – balbuciei. Levantei-me, desliguei o computador, guardei o celular e o diário na bolsa, peguei no casaco e saí sem que trocássemos nem mais uma palavra.

Trigésimo terceiro capítulo

Gabrielle e eu estávamos sentadas ao canto de um bar, mais perto do meu apartamento do que do escritório.

Era um bar tipicamente britânico, com madeira escura, tapete e papel de parede com cornucópias. Tínhamos uma pequena mesa, à qual tínhamos sentado uma em frente à outra. Ela tinha um copo grande de vinho tinto diante de si e, à minha frente, aguardava um copo de suco de mirtilo e refrigerante.

Eu tinha sido a primeira a chegar e encontrado a mesa por entre o amontoado de gente. Mais do que uma vez, no tempo que passei ali sentada, senti-me tentada a enviar uma mensagem escrita a Gabrielle, dizendo que tinha surgido um imprevisto e que eu não podia comparecer. Estava desesperadamente com vergonha de mim própria e não queria encarar ninguém. Era por isso que não tinha tido qualquer contato com ela durante toda a semana. Ela, porém, tinha me telefonado no dia anterior, pedido para me encontrar com ela quando saísse do trabalho e eu tinha hesitado.

– Como sua amiga, não como sua chefe – disse ela perante a minha pausa. – Não falamos sobre trabalho.

Continuei a hesitar.

– Não me obrigue a implorar – falou ela calmamente. – Sou sua amiga, não me obrigue a implorar. – Eu acedi.

Kyle e as crianças não sabiam da minha suspensão. Eu saía bem cedo, todas as manhãs, e chegava muito tarde, todas as noites. Durante o dia, pegava o trem para o centro de Londres, dava umas voltas, ia para a biblioteca perto de Leicester Square e lia livros e jornais. Um dia, peguei o metropolitano para a zona ocidental de

Londres e passei pela casa onde cresci. Ali já não vivia ninguém da minha família há anos, mas eu queria vê-la, agora que regressava à Inglaterra. Noutro dia, fui ao apartamento no Norte de Londres onde tinha morado quando voltei à cidade depois de ter frequentado a universidade de Leeds. Visitá-los era uma forma de recordar as minhas origens. Quão longe tinha chegado. Quão longe tinha ido só para voltar para trás.

Em parte, estar suspensa significava, provavelmente, que eu devia ficar em casa refletindo sobre os meus atos, mas, nesse caso, os Gadsborough ficariam sabendo e eu não queria que soubessem. Não queria que ninguém soubesse. Estava profundamente envergonhada.

Gabrielle bebeu um trago do seu vinho, pousou o copo na mesa e olhou para mim. Eu devia irradiar vibrações que lhe diziam para me deixar em paz. Não por estar zangada com ela por me ter suspenso, mas por estar envergonhadíssima por ela ter tido de o fazer. Eu não era assim. Não era alguém que causava problemas. Não era alguém que ameaçava as pessoas. Não queria falar com Gabrielle porque a tinha desiludido.

Ela estava com um ar cansado. Os cabelos negros ondulados que lhe emolduravam o rosto estavam brilhantes e reluzentes, mas a tez estava cinzenta como o mar depois de uma tempestade, com sombras carregadas a marcarem-lhe a área sob os olhos, feições macilentas e abatidas, como se ter apenas um aspecto normal fosse um esforço.

– Nós sentimos a sua falta – disse Gabrielle.

Involuntariamente, os músculos do meu corpo contraíram-se e recuaram ligeiramente perante ela.

– Sei que proibi você de trabalhar, mas sinto a sua falta.

– Eu também sinto a sua.

– Então, vai voltar?

– Combinamos não falar sobre trabalho – respondi.

– Combinamos.

Gabrielle bebeu metade do seu vinho de uma só vez e, em seguida, pousou o copo na mesa com uma intensidade que revelou que ela tinha tomado uma decisão importante.

– Fui violada quando tinha vinte e cinco anos – afirmou, olhando-me mesmo nos olhos.

O meu corpo chegou-se bruscamente para trás no meu lugar, recuando de novo perante ela.

– Conhecia-o. Era um amigo de família. Os nossos pais conheciam-se; tinham todos vindo da Austrália por volta da mesma época, quando eu tinha dezesseis anos e nos mudamos para a Cornualha. Ele era ligeiramente mais velho do que eu, por isso não o via muitas vezes, mas, quando vim para Londres para trabalhar, ele tomou-me, de certo modo, sob a sua proteção, sabe, prestando um favor aos meus pais. Levou-me a sair algumas vezes, mostrou-me alguns lugares, apresentou-me aos amigos. Era simpático, divertido, quase como se fosse um irmão mais velho. Nada disso aconteceu entre nós, até certo dia. Íamos nos encontrar com uns amigos no bar para o almoço de domingo. Ele foi lá em casa... Não chegamos a ir ao almoço de domingo. Enfim, eu não cheguei a ir. Ele foi. No que lhe dizia respeito, nada de importante aconteceu nesse dia.

Estava agachada no corredor, a abraçar a si mesma, a tremer, a olhar de modo inexpressivo para a parede em frente. O que aconteceu?, não parava de se questionar. O que aconteceu? A porta tinha se fechado há alguns minutos. Ou seriam segundos? Ou teria sido há horas? A porta tinha se fechado e ela estava sozinha. Não conseguia mexer-se, nem falar. O que aconteceu?

A porta abriu-se novamente e ela enroscou-se ainda mais, receando que ele tivesse voltado. Era, porém, a voz de uma mulher, a perguntar-me o que tinha acontecido. Não sei, queria Gabrielle responder, mas não conseguia falar. Olhou para a mulher da voz e era a sua colega de apartamento. Depois, apareceu a polícia, a fazendo perguntas. Em seguida, foi para o hospital. Mais perguntas. Respondeu-lhes. No entanto, durante todo esse tempo, no seu pensamento, interrogava-se: o que aconteceu? Durante todo esse tempo, no seu pensamento, sabia que não ia obter resposta.

– Ele foi detido e, para abreviar a história, rebentou o inferno. Os meus pais desentenderam-se com os dele. Tentaram convencer-me a voltar para a Cornualha. A minha relação com eles deteriorou-se acentuadamente. Os meus

irmãos foram atrás dele; felizmente, nunca o encontraram. O caso foi para o tribunal e ele foi considerado culpado, mas a pena foi suspensa, pois, segundo o juiz achou que ele não me tinha lesado assim tanto. Tive de deixar o meu apartamento, dormia com as luzes acesas, passava a vida no banho, mas ele não me tinha lesado, não? Agora, tenho trinta e nove anos e foi mais ou menos esse tempo que levei a chegar a este ponto. Ao ponto em que consigo falar sobre o assunto. Obviamente, não falo sobre ele com muita gente, apenas com as pessoas que sei que irão compreender, mas, anteriormente, não falava de todo. Embora todos soubessem, eu guardava para mim os meus verdadeiros sentimentos, pois a maioria das pessoas achava que eu devia superar o sucedido. Que alguma terapia e pensamento positivo “resolveriam o meu problema”. O que aconteceu tornou-se, de certo modo, uma coisa de quem ninguém falava, escondida no fundo do armário da nossa família. Penso sempre que, em algum lugar no futuro, alguém procurará informações sobre a história da nossa família e descobrirá que existe um segredo horrendo. Esse segredo sou eu. E o que deixei que me acontecesse. – Gabrielle sorriu, com o brilho dos olhos apagado. – Não me interprete mal, a minha família nunca me culpou. Levei este tempo todo a perceber que eles não compreendiam. Faziam o melhor que podiam. Quero dizer, esta enormidade tinha-lhes caído em cima; o que me aconteceu também os afetou. A vida deles também sofreu uma reviravolta. Claro que nunca me culpavam. Seja como for, todos seguimos em frente. Eu submeti-me à tal terapia e retomei a minha vida. Pelo menos, foi o que disse a mim mesma e aos outros. Até casei, o que é uma atitude muito estranha quando sofremos de um medo patológico de confiar nas pessoas. – Bebeu outro gole de vinho. – Atingi um ponto de transformação há cerca de sete anos, quando fui ver o filme “Thelma & Louise” numa retrospectiva de cinema, na National Gallery. Devia ser a única mulher com mais de trinta anos que ainda não o tinha visto, nem sabia de que tratava. Não sabia da existência daquela cena. Quando começou, perdi o controle. Saí correndo do cinema, vomitei à entrada e passei a noite chorando. Foi então que percebi que tinha de procurar ajuda. Desta vez, convenientemente. Telefonei para uma linha de apoio. Em seguida, consultei um terapeuta e, depois, fui ao quiropata que te recomendei e ao qual não foste. Ele não se limita a corrigir-nos as costas; ajuda-nos a libertar todas as lembranças que estão fisicamente aprisionadas no nosso corpo, as que nos mantêm presas a uma situação. Ele

explicaria melhor, se fosse consultá-lo, mas tudo o que nos acontece fica aprisionado no corpo e, quando conversamos com ele sobre isso e ele nos corrige a coluna, isso liberta a lembrança do corpo. Ajuda-nos a deixar partir essa parte física do problema. Se não fossem eles, eu não estaria a conversar assim contigo. Não me sentiria tão bem comigo mesma como me sinto agora. Não estou dizendo que já “superei o sucedido”. Continuo consultando o meu terapeuta de vez em quando, eu própria me tornei terapeuta e estou fazendo o mestrado em Psicologia do Trauma, porque quero compreender melhor o que me aconteceu, mas aprendi a lidar com isso. Estou de volta. Enfim, voltei a ser a Gabrielle. A Gabrielle que existia antes do que aconteceu desapareceu para sempre e nunca “superarei o sucedido”; estou apenas num patamar diferente. Já não deixo que isso me defina. Não sou a mulher assustada e aprisionada naquele momento, incapaz de avançar, de voltar a ser quem era. Presa numa interminável espiral de pavor... Sabe a que me refiro, não sabe?
– *Gabrielle desviou a linha de visão do copo de vinho para mim ao repetir: – Não sabe?*

Nada disse, nada fiz. Não estava preparada para aquilo, para aquele horror, para aquele exercício de carnificina. Como reagimos quando alguém abre o coração e nos faz uma visita guiada ao seu sofrimento? Agora, eu já sabia por que ela tinha me olhado daquela maneira na floresta, já sabia praticamente tudo a respeito de Gabrielle e não fazia ideia do que havia de dizer. Do que ela esperava que eu dissesse.

Os seus olhos perscrutaram os meus.

– Ora bem, Kennie, acabei de contar a você tudo isto a meu respeito por uma razão. Quero que me conte o que Janene disse a você. Tenho uma vaga ideia do que foi e é por isso que compreendo a tua reação. Já a avisei que, assim que me contar o que ela disse, vou despedi-la. Conta-me, preciso de uma explicação oficial e, então, poderei ajudá-la.

Olhei para as minhas mãos, agarradas uma à outra no meu colo.

– Não foi nada – disse eu. Foi tudo. Por vezes, as palavras são tudo e aquelas não saíam da minha boca. Sobretudo, depois do que Gabrielle tinha acabado de me confidenciar. Eu não ia fazer isso.

– Não posso deixar você voltar ao trabalho enquanto não me apresentar uma boa razão para aquilo que eu presenciei – retorquiu Gabrielle.

– Então, não poderei voltar ao trabalho – constatei.

– *Kendra – exclamou Gabrielle, frustrada. – Por que está me enfrentando? Você quer perder o seu emprego?*

– Não, mas não vou repetir o que ela disse. Nem por você, nem para salvar o meu emprego.

Gabrielle rangeu os dentes, inspirou profundamente pelo nariz e expirou também profundamente.

– Está bem, conte-me o que aconteceu a você – disse ela. – Por que voltou uma pessoa diferente da conferência? Vi na sua cara quando entrei no escritório, na segunda-feira. Alguma coisa aconteceu.

Olhei para o outro lado do bar e vi um homem com umas calças jeans sujas e uma camisa com capuz introduzir moeda atrás de moeda numa máquina de jogo. As luzes piscavam quando ele punha dinheiro e apertava os botões coloridos. Agarrei no meu copo, tencionando beber, mas a minha mão, trêmula e pouco firme, fez com que metade do conteúdo se derramasse sobre a mesa. Pousei o copo e procurei um lenço de papel na minha bolsa. Estava respirando de modo ofegante. Se não o fizesse, se não inspirasse o máximo de oxigênio possível, perderia o controle. O estado em que me encontrava, aquele em que conseguia conversar com outra pessoa, era frágil. Se a pressão aumentasse, cederia; eu ficaria desfeita.

– Querida, fale comigo.

– Sobre o quê? – Limpei a mão.

– Sobre o que aconteceu com você – respondeu ela.

A sua pele continua suave como seda. Adoro a sua pele.

– Não há nada a dizer – declarei a Gabrielle.

– Eu acreditaria nisso, se você não fosse o modelo do cartaz alusivo ao Distúrbio de Estresse Pós-Traumático – retorquiu Gabrielle.

– Desde que a conheço, você revela todos os sintomas característicos: nervosismo, isolamento, capacidade de falar sobre o que aconteceu

como se tivesse acontecido a outra pessoa, não deixando, porém, de reagir como se tivesse acontecido contigo. A forma como você se veste sempre de modo informal ou usas várias camadas de roupa. E tem lampejos de memória, não tem? Sente-se como se estivesse revivendo o acontecimento vezes sem conta? É tudo normal. E se tornaria mais fácil lidar com isso se falasse sobre o assunto. Desabafa comigo, fale-me sobre isso.

– Por favor, para com isso, Gabrielle. Eu não posso... – Nada mais conseguia dizer; o meu aspecto exterior estava a rarefazer-se como o plástico excessivamente esticado de um balão demasiado enchido. Se fosse pressionada mais uma ou duas vezes, rebentaria.

– Você o viu? É isso? – perguntou.

Fechei os olhos. Estava tão cansada. De repente, fiquei muitíssimo cansada. Não podia ficar ali mais tempo; coloquei a bolsa ao ombro e fiz menção de me levantar.

– Não vá, Kennie – disse ela desesperadamente, estendendo a mão para me impedir. – Desculpa, vamos mudar de assunto. Está bem? Não vá.

Permaneci no meu lugar, tirei a alça do ombro, voltei a instalar-me no assento e a pousar a mala no colo.

– De momento, não consigo dar conta do recado sem você, portanto, pode voltar ao trabalho na segunda-feira, mas terei de fazer uma advertência verbal a você. Constará na sua ficha – comunicou Gabrielle.

Acenei com a cabeça. Parecia mais do que justo. Eu tinha me portado mal e merecia ser castigada.

– Considere-se advertida. Contudo, o que disse à Janene continua de pé: se me contar o que ela disse, despeço-a.

– Então – disse eu, fazendo uso de todas as forças que me restavam para infundir alegria no meu tom de voz –, eu vou buscar a próxima rodada, de acordo? Outra vez o mesmo?

– Sim, Kendra, outra vez o mesmo – respondeu ela. Eu fiz de conta que pensava que ela se referia às bebidas.

Trigésimo quarto capítulo

– Você está fazendo isso errado! – proclamou Summer. Olhava com desespero, com profundo e autêntico desespero para o prato. Estava tudo errado. Era apenas uma tigela de flocos de milho.

– O que quer dizer? – interrogou Kyle.

– Está fazendo isso errado! – gritou ela, em resposta.

Aquele som, o grito, penetrou-lhe a cabeça, afetou-lhe os nervos e inflamou-lhe a cólera. Olhou para Jaxon. Este estava a fixar o prato com uma expressão idêntica de desespero.

A culpa é da Kendra, pensou Kyle. Não sabia como, nem por que, mas sabia que ela estava por trás daquilo.

– Como posso eu estar fazendo isto errado? São flocos de milho.

– É sábado – esclareceu Jaxon calmamente.

– Eu sei muito bem que é sábado. O que tem isso a ver com o que quer que seja?

– Está fazendo isso errado! – repetiu a filha. – Quero que seja a Kendie a fazê-lo.

Eu sabia!, pensou Kyle.

– A Kendie faz isso bem. A Kendie prepara bem o café da manhã de sábado. Você está fazendo isso errado.

Kendra. Como era a vida antes da Kendra?

Aquela mulher tinha induzido novos comportamentos nos seus dois filhos. Eles tinham se apegado a ela e já não a largavam. A princípio, ele pensava que se tratava do fator da novidade, do fato de haver alguém novo com quem podiam brincar. Depois, percebeu que era por Kendra ser constante. Eles sabiam que ela estaria sempre presente. Em plena crise de alcoolismo de Ashlyn, nenhum deles sabia

com quem estariam lidando de um dia para o outro. Por vezes, ela era alegre e divertida; noutros dias, não parava de chorar. Em alguns dias, amava-os a todos; noutros, dizia-lhes que lhe tinham destruído a vida.

Ela dizia coisas inacreditáveis a eles. Não se lembrava de nenhuma. Ele pensou, a princípio, que era a vergonha e o arrependimento que a levavam a agir como se nada tivesse acontecido, mas, depois, descobriu que não se lembrava mesmo. Não se lembrava de ter dito que ele era o homem com o pior desempenho sexual que já tinha tido. Não se recordava de lhe ter dito que estava contente por terem tido dois filhos de uma só vez, pois só a ideia de o ter em cima dela quando estava no cio era mais do que conseguia suportar. Não se lembrava de ter chorado nos seus braços, afirmando que se suicidaria se ele alguma vez a deixasse. Ele receava pensar no que ela dizia aos gêmeos quando ele não estava presente. Quando Ashlyn bebia, nunca sabiam quem ia entrar pela porta, de manhã.

Kyle sabia que não era só a vida que levavam com Ashlyn que tinha feito as crianças se ligarem a Kendra. Era também ele. Ele estava no trabalho. Sempre. Tinha se escondido do problema nos seus desenhos técnicos, maquetes e projetos, dizendo subconscientemente a si mesmo que as crianças eram demasiado pequenas para compreenderem. Dizendo subconscientemente a si mesmo que não havia qualquer problema para compreender.

Levou quase dez anos a encarar a situação, durante cinco dos quais os filhos estavam presentes para servirem de testemunhas – Kendra tinha-o feito escassos minutos depois de os conhecer. Deu o café da manhã aos filhos e pregou-lhe um sermão. Com as crianças, quando estes lhe pediam para saltar, ela, geralmente, perguntava-lhes a que altura. Kendra não os mimava, não cedia às suas exigências; apenas os punha em primeiro lugar. Sempre. Eles nunca tinham tido isso de forma tão incondicional. Não admirava que tivessem cravado profundamente os ganchos das suas vidas nela e não fizessem tentações de a libertar.

Por algum motivo, nos últimos sete dias, ela tinha desaparecido da face da terra. Tinha se tornado a inquilina que ele, de início, pensou que teria: uma pessoa reservada, que pagava o aluguel pontualmente,

que nunca se envolvia. Saía para o trabalho bem cedo e voltava sempre de noite, com a cabeça baixa, como se, se não a levantasse, se tornasse invisível e os que habitavam aquela casa não conseguissem vê-la. As crianças não paravam de perguntar onde ela estava, por que não estava no apartamento. Por que não os tinha ido buscar à escola naquela semana. Se ela não lhes telefonasse todas as noites, teriam pensado que também os tinha abandonado.

Ela andava evitando-os.

Andava evitando. Kyle suspeitava de que era ele o alvo.

Tentava perceber o que tinha provocado isso. Tinha se perguntado se seria por ela saber. Tinha olhado nos olhos num momento em que estava desprevenido e percebido a verdade.

Maldição! Kyle bateu com o pacote de leite na mesa, derramando o líquido sobre a mão e a mesa.

Tanto Summer como Jaxon se sobressaltaram e fixaram o pai. Estava rígido de fúria, com o semblante à beira de um rosnar e os olhos semicerrados e ferozes. Tinha a mão coberta de leite. A mãe tinha lhes dado a conhecer a fúria e eles sabiam que era assim que os gritos começavam. Ninguém lhes gritava há tanto tempo que tinham começado a acreditar que não voltaria a acontecer.

Nesse momento, Summer quis muito que Kendie estivesse presente. A mamãe ou Kendie. A mamãe estava com a Vó Naomi e Kendie estava ali. Kendie preparava um café da manhã especial e, quando ela preparava o café da manhã, era lindo. Fazia-lhe a barriguinha sorrir. Agora, o pai estava zangado por estar a fazer aquilo mal.

– Quero Kendie – sussurrou ela.

– Pois não pode tê-la – retorquiu Kyle com brusquidão. – Só tem a mim.

Kyle viu tudo desintegrar-se diante dos seus olhos. O rosto de Summer franziu-se e, depois, seguiu-se o lamento agudo, à medida que a boca dela se tornava uma chaga cavernosa na cara. O rubor invadiu-lhe o rosto quando as lágrimas começaram a formar-se. Kyle bateu com a mão salpicada de leite na testa. Estúpido.

Enquanto Summer chorava, Jaxon decidiu esconder-se. Se mantivesse a cabeça baixa e desejasse com força suficiente, ninguém o veria. Ninguém saberia que ele estava ali até Kendie chegar e perguntar a Garvo onde ele estava. Por vezes, ela entendia a língua de Garvo. Kendie o encontraria. E prepararia o café da manhã de sábado. Por enquanto, ele ficava escondido.

Kyle voltou as costas à chorosa Summer e virou-se para Jaxon. O filho tinha a cabeça enterrada na curva do braço, com o gesso sujo em cima da mesa, o braço livre por cima e os ombros a tremerem. Grande estúpido.

– Pronto – disse Kyle, tentando acalmar os filhos. – Pronto, desculpem. Desculpem. Ensinem-me a fazer isto corretamente, sim, fofinha? Ensinem-me a fazer isto bem.

– Quero Kendie. – Lamentou-se Summer. Longos regatos de sofrimento corriam-lhe pelo rosto vermelho vivo e todo o corpo tremia com as lágrimas. Cada lamento parecia um prego a espetar-se na cabeça dele. Estavam tornando-se mais sonoros, mais intensos.

– Está bem – declarou ele, agachando-se junto à filha, enquanto secava a mão encharcada em leite nas calças. – Eu vou chamar Kendie, está bem? Vou chamar a Kendie, mas, por favor, pare de chorar. Está bem? Por favor, pare de chorar. – O queixume de Summer abrandou quando ela percebeu que Kendie ia chegar. – Vê? – Kyle pegou o celular, sacudiu algumas gotículas de leite, abriu-o e marcou o número. – Vê, estou telefonando.

Summer olhou para ele com uma profunda desconfiança, mas o seu pranto tinha cessado. Ele tinha uma pequena brecha até os lamentos recomeçarem. O telefone tocou, voltou a tocar e, depois, a secretária eletrônica foi acionada.

Formidável. Ela estava filtrando as chamadas. Ele sabia que ela estava filtrando as chamadas, pois tinha acendido uma luz na casa dela por volta das duas horas, na noite anterior, mas não a tinha ouvido sair. Tinha estado atento a ela, pois, sem querer, andava controlando-a. Assegurando-se de que ela voltava à noite. De que estava em segurança, em casa.

Kyle e Summer fixaram-se mutuamente e trocaram um olhar de compreensão. Tinham um entendimento que ele não tinha respeitado

e a parte do acordo que lhe competia a ela consistia em começar a gritar se ele a desiludisse. O rosto de Summer franziu-se enquanto se preparava para começar novamente aos gritos; nada mais justo.

– Eu vou buscá-la – afirmou Kyle, tentando desesperadamente impedi-la. – Eu vou buscá-la.

Descalço, com a camisa meio entalada nas calças, Kyle precipitou-se pela porta de trás, com os trocos que tinha no bolso a chocalharem enquanto corria por cima das lajes que delimitavam o quadrado de grama e das do outro lado, tendo, depois, chegado à porta dela.

Kyle tinha quase a certeza de que Kendra andava evitando-o – e, por consequência, às crianças – por saber o que ele sentia por ela e não querer ter nada a ver com ele. Ele não queria sentir aquilo por outra mulher. Estava, de certo modo, errado.

Sempre tinha pensado que seria apaixonado por Ashlyn e só por Ashlyn para o resto da vida. Tinha, de fato, se comprometido a passar a eternidade com ela. Na noite em que ela lhe contou que estava apaixonada por ele, ficou sem palavras. Nunca tinha pensado que teria alguma chance com ela. Tinha reparado nela no meio do grupo de amigos que ambos tinham em comum e estava sempre à procura de um pretexto para falar com ela, mas nunca imaginou... Ela era incrível. Vivaz, talentosa, avassaladoramente bela. Tinha um brilho nos olhos que lhe chamava sempre a atenção e o delicado trejeito da boca dava-lhe vontade de a beijar vezes sem conta. Ansiava por lhe passar as mãos pelos cabelos. Ficou calado quando ela lhe disse o que sentia. À medida que o silêncio entre eles se dilatava, ele foi ficando desconfiado. Perguntou-se quem a teria mandado fazer aquilo. No entanto, o desejo que sentia por ela prevaleceu sobre a preocupação em fazer papel de bobó.

Mesmo assim, avançou com calma. Quando começaram a namorar, foi cauteloso. Esperou para ver, esperou que ela lhe gritasse: “Caiu que nem um patinho! Bobo!”. Não ousou tocar-lhe durante dois meses, não fosse ela mandá-lo dar uma volta. Estar com ela nunca era difícil, mostrava uma parte da vida que ele não sabia que existia. Costumava sentir o coração encher-se sempre que ela olhava para ele e dar graças a Deus todas as manhãs em que acordava e via que ela

ainda estava ao seu lado. Kyle queria dar a Ashlyn o mundo. Desenhar-lhe o estúdio tinha sido o projeto mais importante da sua vida. Cada ideia foi criada com a necessidade de facilitar, de tornar perfeita a vida da sua futura esposa; cada linha foi traçada com amor. Quando trocaram os votos, era para sempre.

Depois, não foi. Depois, não conseguia olhar para ela sem ver uma bêbada mentirosa, maldosa e descontrolada. Não conseguia ter uma conversa com ela sem que esta se transformasse numa discussão. Depois, já tinha de levar as crianças no carro para fugir a um dos acessos de fúria dela. Quanto a fazer amor...? Tinham-se passado quase dois anos sem que isso acontecesse. Durante todo esse tempo, ele continuou a sentir desejo, a querer ter relações sexuais com a mulher, mas, depois da última vez...

Ela deitou-se tarde, muito mais tarde do que ele. Ele não estava dormindo, porque, mesmo passado tanto tempo, tinha dificuldade em adormecer sem ela na cama. Podiam não dormir mais encaixados um no outro, mas isso não queria dizer que ele conseguisse dormir sem ela. Kyle reagiu quase imediatamente ao toque das mãos dela a percorrê-lo, rebentando de desejo a cada carícia. Depois, a boca dela estava beijando-o, sendo os lábios dela ardentes e ávidos nos seus. Tinha-se sentido um pouco atordoado com o cheiro do outro amante que ela tinha no hálito, mas já não a abraçava, não a sentia junto a si, não era parte do corpo dela há tanto tempo que ignorou a aversão.

Correspondeu-lhe ao beijo, levantou-se enquanto ela se sentava em cima dele, com uma perna para cada lado, ajudou-a a despir a camisola pela cabeça, vendo, com desejo crescente, o cabelo dela voltar ao seu lugar, caindo em cascata. Ergueu as mãos para lhe desapertar o sutiã preto quando, de repente, ela se afastou dele e saltou da cama, com a mão a tapar-lhe a boca enquanto corria para o banheiro, fechando a porta depois de entrar e vomitando na privada.

Por um momento breve e carregado de pavor, ele pensou que ela podia estar grávida. Depois, rejeitou tal ideia; era evidente que não estava grávida, mas apenas embriagada. Apenas embriagada.

Enquanto permanecia deitado no quarto escurecido, com os lençóis enrolados junto à cintura e os olhos concentrados no teto, ouvindo-a tossir,

passou-lhe pela cabeça que, se ela estava recorrentemente de ressaca, talvez não se lembrasse de tomar a pílula e, mesmo que lembrasse, usufruiriam da plena proteção do contraceptivo, já que ela vomitava constantemente?

Percebeu que jogavam a roleta russa sempre que dormiam juntos. A mais pura das verdades era que não queria ter outro filho com Ashlyn. Não podia trazer outro ser para aquela confusão.

Foi a última vez que tentou ter relações sexuais com a mulher ou correspondeu a uma das tentativas dela, embriagada ou não.

Se pensasse na Ashlyn que amava, lembrava-se da mulher de rosto pálido, suado e cabelos desgrenhados, sentada numa cama de hospital a segurar-lhe no filho recém-nascido, enquanto ele segurava na filha recém-nascida de ambos. Lembrava-se da mulher que passava todas as noites acordada, fazendo-lhe companhia, durante os exames, e, mesmo assim, ia trabalhar no dia seguinte. Pensava na mulher que o convencia a ter relações sexuais no quintal dos pais. Essa mulher já não existia.

Kendra, porém, existia. Existia e Kyle desejava-a. Esse fato fazia-o sentir-se culpado, como se estivesse sendo infiel à mulher. Kendra despertava algo nos seus filhos. Em si... Fazia-o falar. Não o incentivava a fazê-lo, mas, de certo modo, ele não conseguia evitá-lo. Kyle, que tinha passado a vida a guardar quase tudo para si próprio, a conter quase todas as suas emoções, contava, muitas vezes, tudo a Kendra.

Ela era linda de um modo subtil e discreto quando comparada com Ashlyn. Ele gostava da forma como Kendra, por vezes, apanhava o cabelo num rabo de cavalo, mostrando todos os suaves contornos do rosto atraente. Do calor e da serena força que lhe redemoinhavam nos grandes olhos negros, da firme fragilidade que lhe dominava os lábios quando sorria e das curvas raramente vislumbradas do seu corpo deslumbrante. Queria perder-se nela. Revelar a sua essência dentro dela, tornar-se parte do espírito e do corpo dela. Ansiava por saber tudo a respeito dela. Por senti-la desvendar os seus segredos no mais fundo do coração dele.

Kyle não tinha sentido nem uma ínfima parte de tudo isto quando a beijou. Aquele momento tinha sido tão constrangedor que o tinha apagado da memória quase de imediato. Agora que todos aqueles anseios e desejos por ela tinham brotado, ele queria recordar os lábios dela sob os seus, o cheiro dos cabelos dela, a suavidade da pele dela, como os corpos de ambos se confundiam – e não conseguia. Já tinha tentado, mas estava esquecido. A lembrança da proximidade física de Kendra tinha se desvanecido e, como ele sabia que, em tempos, tinha sido uma realidade, achava impossível criar uma falsa recordação.

Kyle tinha caído de amores por ela. Durante semanas, tinha suspeitado de que assim era, mas só quando do acidente de Jaxon, quando ela tinha estado presente num momento em que as crianças precisavam dela, em que ele próprio precisava dela, se apercebeu desse fato. Ela era A Tal. Ele amava a Ashlyn do passado e a Kendra do presente. Foi por isso que lhe pediu para ficar com eles. Para ficar com ele. Estava apaixonado por ela.

Muito provavelmente, era por isso que ela andava evitando-o. Sabia; não estava interessada. Tinha deixado isso bem claro. Simplesmente não o via dessa forma, não nutria por ele esse tipo de sentimento.

Assim, naquele momento, Kyle tinha de afastar tais ideias, tais desejos, do pensamento. Tinha de se encarregar dos filhos. De os fazer felizes. Levantou a mão e bateu à porta. Ela estava, sem dúvida, em casa, mas os passos não iam na direção da porta. Kyle tornou a bater, desta vez, com mais força. Acabou por ouvir passos a descerem as escadas e, lentamente, a porta abriu-se.

Kyle recuou um pouco quando olhou no rosto de uma completa desconhecida.

Trigésimo quinto capítulo

– Ah, viva – cumprimentou-me Kyle.

Não o via desde que tinha partido para ir à conferência e quase tinha esquecido de que ele era real. Tinha a fotografia no celular, mas ele era diferente em pessoa. Mais caloroso, concreto, humano. Necessitando que comunicassem com ele.

Foi apanhado de surpresa quando me viu. Eu não estava no meu melhor e sabia disso. Estava vestida – com calças jeans, camiseta e agasalho – porque estava de saída, mas sabia que o meu cabelo penteado com risco ao lado, de modo a esconder-me o rosto, era de um negro baço e insípido, que os meus olhos estavam raiados de sangue por não dormir mais de três horas por noite, que as sombras carregadas se tinham entranhado sob os meus olhos e a que a minha boca era uma contínua linha reta. Nem a maquiagem, que eu raramente usava, conseguia esconder a minha horrível aparência.

– Preciso da sua ajuda – declarou.

– Por quê? O que aconteceu? – perguntei, inquieta com a sua urgência.

– Deixei as crianças sozinhas, preciso de você. Summer está dando uma de doida porque eu preparei errado o café da manhã ou algo do gênero. O Jaxon está também dando uma de doido, mas em silêncio. Você sabe, como ele faz. Eles querem que vá lá. A única forma de conseguir fazê-los parar de chorar foi dizer que ia chamá-la para preparar o café da manhã. Você vem?

– Claro – respondi. – Vou já. Deixe vestir-me.

– Já está vestida – retorquiu.

Eu sabia que estava vestida, ainda não tinha chegado a esse ponto de alheamento. Precisava apenas de tempo para me preparar para vê-los. Tinha falado com eles ao telefone, mas ainda não os tinha visto desde a conferência e precisava de tempo para me preparar para tal tortura.

– Estou – exclamei com uma pequena e oca gargalhada.

O seu rosto franziu-se em sinal de preocupação.

– Você está bem? – perguntou suavemente.

– Eu? Estou ótima. Estou apenas sofrendo os efeitos de muitas horas de trabalho. Vamos.

As crianças se encontravam nos seus divergentes estados de angústia quando entrei na cozinha. Atrás de Kyle, Summer inspirava pequenas quantidades de ar que lhe abalavam todo o corpo em rápidos movimentos semelhantes aos dos soluços. Tinha a carinha oval ruborizada e as faces arredondadas raiadas de lágrimas. Jaxon tinha a cabeça apoiada nos braços cruzados e os ombros subiam e desciam em pesados arrancos semelhantes a suspiros. Com certeza não podiam estar assim tão transtornados por causa do café da manhã. Com certeza que não? Virei-me para Kyle, perguntando-me o que lhes teria feito.

O rosto de Kyle inflamou-se de indignação.

– Estava só tentando dar-lhes o café da manhã, como faço todos os outros dias da semana – disse, em resposta à minha tácita acusação.

– Mas é sábado – afirmei.

– Por que é que não param de repetir isso?

– Ele estava fazendo tudo errado – declarou Summer entre as inspirações, não tendo, obviamente, qualquer problema em denunciar o pai.

– Será que alguém pode me explicar como é possível que eu estivesse preparando errado os cereais? – resmungou Kyle por entre os dentes cerrados.

Ele não sabe, percebi. Recuei na memória. Desde que tinha me mudado, eles tomavam o café da manhã comigo, ali ou no apartamento, praticamente

todos os sábados. Tirando um ou outro fim de semana em que ficavam em casa da avó ou o anterior, que eu tinha passado fora, o que queria dizer que tinham sido eles próprios a preparar o café da manhã.

Aquilo era importante para eles. Aquele ritual do café da manhã que eu tinha inventado do nada e por desespero era importante para eles. Era algo especial que nós três partilhávamos. Eu tinha uma relação espantosa com aqueles dois. Nunca seria mãe. Nunca seria a mãe deles, mas tinha algo maravilhoso. Sobretudo tendo em conta o quanto eles se isolavam. Depois de todas as experiências que tinham tido, raramente deixavam alguém aproximar-se, mas, a mim, tinham me recebido de braços abertos. Se eu quisesse, podia pedir ao Saltitão que dormisse toda a noite no meu apartamento; com as lições de Jaxon, começava a entender a língua de Garvo. Nós tínhamos um ritual de café da manhã.

O que eu andava fazendo, afastando-me deles por estar passando por um tormento, não era justo para eles. Não tinha sido eu a originar aquilo como forma de expiar o que fiz em Sydney? Não se tratava de mim, mas sim deles. Eu não podia simplesmente isolar-me daqueles dois; tinha de ficar com eles. Podia sofrer nos momentos intermédios.

Alcancei a caixa dos cereais.

– Muito bem, vamos ter de ensinar ao pai de vocês a preparar o café da manhã de sábado – disse eu. – Mas só se pararem os dois de chorar. – Summer foi a primeira a animar-se; fungou para conter as lágrimas, agarrou na borda da camiseta cor-de-rosa e limpou a cara, deixando um rastro de riscos vermelhos por ter esfregado com tanta força. – E você, endireite-se – ordenei, não me dirigindo a ninguém em especial. Jaxon percebeu que eu estava falando com ele e endireitou-se. Usou a manga da blusa de mangas compridas para limpar as lágrimas.

“Por causa do café da manhã?”, pensei novamente, apesar de não ter olhado para Kyle, desta vez. Não queria perturbá-lo também.

– Muito bem, Kyle, pode ir buscar quatro tigelas, por favor? – solicitei.

Por um momento, Kyle ia dizer que estavam em cima da mesa, mas, depois, teve o bom senso de fazer isso através do pensamento.

– Algumas em especial? – interrogou.

– Não, desde que sejam iguais.

Olhou para a tigela branca, para a que tinha riscas azuis na borda e para aquela que era vermelha no meio, as quais se encontravam, atualmente, em cima da mesa.

– Ah, sim.

Depois de ter ido ao armário buscar outro conjunto de pratos, que, desta vez, condiziam, e de os ter assentado diante de cada lugar marcado na mesa, começamos a ensiná-lo a preparar devidamente o café da manhã de sábado.

Mingau de aveia
e natas espessas
e viscosas



Trigésimo sexto capítulo

As coisas boas vêm em três.

As coisas más também acontecem em três. Esqueci-me disso.

Trigésimo sétimo capítulo

Elouise, uma das minhas antigas colegas de apartamento dos tempos de faculdade que vivia em Leeds, foi passar alguns dias em Londres a trabalho. Telefonou-me, repreendeu-me por não ter aparecido em Leeds no outro fim de semana para me encontrar com ela e com a nossa outra colega de apartamento, Meg, e disse que eu tinha de ir a Londres para ficar com ela. Podíamos cumprir todo o programa londrino, como turistas: jantar, assistir a um espetáculo, beber uns copos no hotel dela.

As férias de Verão estavam começando e Kyle ia levar as crianças a uma viagem surpresa a Brighton. Tinha conseguido poupar o suficiente para pagar duas noites numa pensão. Perguntou-me se queria ir, mas eu recusei – não via Elouise fazia quatro anos e me sentia culpada por não ter ido encontrar-me com ela daquela vez.

Eu e Elouise jantamos – em um restaurante tailandês – no Soho, assistimos a um espetáculo em Shaftesbury Avenue, fomos para o hotel dela e ficamos conversando. Adormecemos e eu acordei na madrugada de sábado sentindo pena de mim. Detestava dormir vestida; ainda tinha de ir para Kent e teria muita sorte se o motorista do táxi não me pedisse o cartão de débito e o respectivo código só pelo prazer de saber para onde eu queria que me levasse. Além disso, o passeio da vergonha seria o mesmo, quer eu tivesse passado cinco horas dormindo vestida ou oito. Virei-me e continuei dormindo.

No sábado, sem termos motivos para pressas, vagamos pelas lojas da Oxford Street. (Eu tinha tomado um banho e pedido algumas roupas emprestadas a Elouise.) Fomos jantar novamente e eu voltei a adormecer, desta vez, com as roupas de Elouise vestidas. Às três

horas, decidi que já bastava – tinha de ir para casa. Tornei a vestir as minhas roupas, coloquei a bolsa a tiracolo e saí do quarto dela.

O porteiro chamou-me um táxi e, quando este chegou, sentei-me no banco de trás, ignorando valorosamente os números digitais que me revelavam que comeria sopa enlatada no próximo mês.

Abri o meu portão lateral e, sentindo-me quebrada e precisando do meu pijama e da minha cama, dobrei a esquina para o pátio.

No degrau à entrada do meu apartamento, onde as crianças costumavam sentar-se quando estavam à espera de que eu chegasse a casa, estava um vulto, curvado sobre os joelhos, com o rosto oculto no negrume das quatro horas.

O coração subiu-me à garganta e parei de repente. O vulto, que pertencia, sem dúvida, a um homem, não me tinha visto. Ainda podia dar meia-volta e fugir. Era nisto que pensava quando o vulto levantou a cabeça e me viu. A familiaridade do movimento e a adaptação dos meus olhos à escuridão permitiram-me perceber que se tratava de Kyle.

– Credo, Kyle, você me pregou um susto – sussurrei, devido à hora. Carreguei a mão ao peito para acalmar o meu coração sobressaltado.

Ele pôs-se de pé com esforço e pareceu descomprimir-se de alívio quando me viu. Avancei lentamente, mas ele percorreu a distância que nos separava em três passos largos e abraçou-me. Automaticamente, o meu corpo ficou rígido, pouco à vontade, nervoso; quase assustado.

– Oh, graças a Deus – exclamou enquanto se agarrava a mim, sem prestar atenção ao fato de eu querer que me largasse. – Oh, graças a Deus – repetiu e, depois, abrandou um pouco o seu domínio sobre mim, examinou-me o rosto, com os seus olhos a percorrerem-me as feições como se estivesse desesperado por confirmar que eu era real. A sua mão dirigiu-se ao meu rosto e eu afastei a cabeça antes de ele me tocar, saindo dos braços dele.

– *O que aconteceu? – perguntei. Demorei um pouco a lembrar-me de que ele não devia estar ali. Eles não deviam estar ali.*

– Tenho ligado para o seu celular nos últimos dois dias. Gabrielle também tem telefonado.

– Fiquei sem bateria e era para vir para casa na sexta-feira à noite, por isso não levei o carregador, mas isso não tem importância. Por que você está aqui? Por que não está em Brighton?

– Pensei que também tinha acontecido alguma coisa – disse ele, ignorando a minha pergunta.

– Também? – interroguei com cautela.

– São as crianças – declarou, com o rosto a ir abaixo ao afirmá-lo. – Desapareceram.

– Desapareceram? – perguntei. – Desapareceram como?

– Ashlyn levou-os e eu não sei para onde.

Kyle andava de um lado para o outro, na minha sala de estar, enquanto contava a história. Eu, entretanto, tendo abandonado o meu corpo, pairava a uma pequena distância, vendo-me sentada no sofá, rígida e manifestamente incrédula, ouvindo-o.

hora de almoço, na sexta-feira à tarde, ele tinha ido buscar as crianças, como de costume. Assim que chegassem à casa, fariam as malas e partiriam. Deviam seguir viagem logo após as aulas, mas tinham demorado muito tomando o café da manhã e Kyle tinha uma reunião, por isso não tiveram tempo para embalar os seus pertences, nem para arrumarem a casa antes de saírem.

Eles não estavam na escola. A senhora Chelner estava confusa. Franziu o rosto ao informá-lo de que a mãe tinha ido buscá-los. Ela constava na lista e a sua fotografia estava no impresso de autorização com a de Kyle.

Nem sequer era assim tão inusitado que Ashlyn fosse buscá-los. Quando saiu de casa, fazia-o frequentemente; levava-os a jantar, passava tempo com eles no seu apartamento e levava-os a casa antes da hora de irem dormir. Eles tinham até roupas e brinquedos de reserva em casa dela. Quando ela foi para a América, Kyle partiu do princípio de que aqueles pertences que ela conservava no apartamento tinham ido para casa da mãe, mas não. Ashlyn tinha-os guardado. Pelo visto, à postos para uma ocasião como esta. Geralmente, ela telefonava quando ia buscá-los. Avisava-o para que

não se preocupasse. Desta vez, não tinha telefonado. Já tinham passado dois dias e ela não tinha telefonado.

Kyle descobriu, através da mãe, onde ela estava, desta vez, hospedada na Inglaterra e foi lá, mas a casa tinha sido abandonada. A vizinha disse que ela tinha chegado a um acordo com o marido e ia deixar Londres com os filhos. Tinha o celular desligado e Naomi não sabia onde eles estavam, nem tinha tido notícias dela.

Kyle referiu que Naomi tinha ficado perturbada. Esta defendeu que deviam chamar a polícia e seguir-lhes o rastro, mas Kyle recusou. Achou que devia dar-lhes mais alguns dias antes de recorrerem a essa via. Sabia da animosidade que existia entre Naomi e Ashlyn. Elas tinham uma relação complexa – apesar de Ashlyn gostar muito da mãe, tinham tantos problemas por resolver e mágoas recalcadas que limitavam o tempo que passavam juntas. Evidentemente, Naomi não sabia que Ashlyn era alcoólatra e, se fossem à polícia, ele teria de o revelar e ela ficaria sabendo. E, se, como ele suspeitava, eles voltassem dentro de alguns dias, essa seria uma das piores coisas que alguma vez tinha feito a Ashlyn.

Sabia que ela não tinha saído do país, pois os passaportes e certidões de nascimento dos filhos ainda estavam na sua pose, mas era isso que ela tinha planejado com eles. Ele sabia, pois o Saltitão, o Fantastic Mr. Fox de Roald Gahl e a máscara para os olhos/tiara de Summer tinham desaparecido, assim como a comida e os bebedouros de Garvo, os óculos de sol de Ashlyn e o trem a vapor preferido de Jaxon. No último fim de semana que eles tinham passado com ela, devia ter dito a eles para levarem os objetos mais importantes para a escola e não contarem a Kyle.

Fiquei pacientemente à espera de ouvir a parte da história em que ele diria: “Depois, telefonei à polícia e estão passando a pente fino o país para os encontrarem”. Obviamente, seria melhor ouvir: “Então, acordei e descobri que tinha sido tudo um horrível pesadelo”. No entanto, a primeira hipótese serviria.

Essa parte nunca chegou.

Enquanto eu estava num hotel, falando do noivado de Elouise e de como tinha acabado em Geelong quando tencionava ir para

Melbourne, as crianças eram levadas para cada vez mais longe de casa. Estavam sendo raptados.

Kyle já não estava falando. A sua corpulenta constituição erguia-se no centro da sala, muito quieta, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa. Como se eu tivesse uma solução.

Estava tentando me recordar da última coisa que lhes disse. Julgava ter sido: “Aproveitem a surpresa”. Julgava, mas não tinha a certeza.

O meu pensamento corria a grande velocidade. Eu teria abraçado e beijado? Provavelmente, não. Tinha tirado o dia de sexta-feira de folga para estar com Elouise e dormido até tarde num dia de semana, como há tanto tempo ansiava. Só tinha falado com eles ao telefone.

No dia anterior, falamos sobre quê? Sobre as férias de verão? “As minhas férias”, tinha chamado Summer, acreditando que o nome tinha sido inspirado nela. Talvez. Mas o que dissemos que faríamos nesse tempo? Chegamos nem sequer a falar sobre isso? Qual foi a última conversa que tivemos? Jaxon falou sobre Garvo? Ou estou pensando em todas as outras ocasiões?

Fiquei sentada, olhando através de Kyle, com o meu pensamento a tentar recuperar as lembranças, assuntos de conversa, motivos de riso, atividades realizadas nos últimos dias. Nas últimas semanas. Depois, veio-me à memória a semana que tinha passado evitando-os. Aqueles sete dias em que tinha desperdiçado preciosos momentos com eles.

Eu não sabia. Não sabia que se devia aproveitar e prezar cada momento como se fosse o último.

Trigésimo oitavo capítulo

O tempo passava devagar sem as crianças. Eu e Kyle passávamos juntos cada momento livre, no meu apartamento.

O silêncio da casa era demasiado grande, avassalador, sufocante. Sempre que um de nós transpunha a soleira da porta, parecia que estava sendo submerso num tanque de penas, com a suavidade do sossego a dissimular o perigo mortal que estava à espreita dentro daquelas paredes. A realidade da ausência deles descia-nos à força pela garganta, enchendo-nos os pulmões e adormecendo-nos os sentidos. Eu sentia o frio de não ver Summer correndo para mim como se não estivesse comigo há uma eternidade. Flagelava-me o gelo de não ver Jaxon arrastando os pés na minha direção e a envolver-me o pescoço com o braço antes de me apertar rapidamente. O fato de não ouvir Summer gritar que não ia à escola e que ninguém podia obrigá-la ecoava, qual fantasma, à minha volta; não ouvir Jaxon tratar-me, sem querer, por “mamãe” era um sussurro que me tinha aos ouvidos de modo ensurdecedor.

Estar sem eles era uma ferida tão profunda que não sabia como a suportaria, se alguma vez sarasse. A casa era uma relíquia da família que tínhamos formado. Kyle nada tinha alterado desde a manhã em que os tinha visto pela última vez: as tigelas do café da manhã estavam de molho na pia; sobre a mesa da cozinha, encontrava-se a caixa dos flocos de milho, assim como as duas torradas com manteiga, nas quais os dois só tinham dado três dentadas; o sapato de Jaxon jazia, intactos, junto à porta da rua, tendo-lhe, provavelmente, caído da mochila quando estavam de saída; o desenho de Summer que representava o avião que a levou à América estava no pufe da sala de

estar, com o lápis de cor que ela usava em cima, onde tinha sido obrigada a largá-lo antes de saírem. Ao lado do lápis, estava o meu anel de turquesa, que ela não tinha levado consigo. Olhei fixamente para ele, mas não peguei nele; queria que fosse ela própria a restituir-me.

Kyle adquiriu o hábito de dormir no meu sofá, com a barba por fazer e o rosto macilento, os olhos baços e vazios. Comia se eu preparasse alguma coisa; tomava banho só para ter algo o quê fazer. Passava a maior parte do tempo sentado no meu sofá, agarrado ao bocal branco do telefone sem fio de casa, olhando para o vazio e rezando para que ela os trouxesse de volta. Eu sabia que ele estava rezando, porque eu também rezava.

Eu compreendia por que Ashlyn tinha feito aquilo. Devia sentir-se desesperada àquele ponto há meses. Sóbria e desesperada. Não podendo nem sequer beber para anestesiar a dor de não estar com os filhos. Eu compreendia o porquê tinha feito aquilo. E odiava-a por isso.

O meu ódio por ela aumentava a cada minuto que passava com os filhos. Era a incerteza. Estariam bem? Teria ela sofrido uma recaída e feito algo que os pusessem em risco? Eles se importariam de não estar com Kyle? Comigo? A incerteza era uma tortura que ela não tinha o direito de nos infligir. Não eram meus filhos, mas eu amava-os. Ela sabia disso. Mesmo que não se importasse com isso, então, e Kyle? Ele estava destruído. Ela sabia que ele ficaria assim, senão, para quê levá-los daquela forma?

Muitas vezes, o meu ódio por ela ficava descontrolado. Eu refletia sobre o assunto e, depois, odiava-me a mim mesma. Por não me agradar que uma mãe estivesse com os filhos. Por não ter adivinhado, quando nos conhecemos, que ela estava prestes a fazer aquilo. As emoções rodopiavam dentro de mim, deslizando e torcendo-se umas sobre as outras como um amontoado de serpentes.

Por que é que ela não telefona?, bradava por dentro. Diga-nos que eles estão bem. Diga-nos que voltaremos a vê-los.

Adquiri o hábito de negociar com Deus, com o universo, com quem quer que fosse: se soubermos que eles estão bem, será suficiente. Não temos nem

sequer de voltar a viver com eles. Basta sabermos que estão bem.

– Em que você está pensando? – inquiriu Kyle, fazendo-me parar de desejar que o telefone tocasse e que Summer dissesse: “Kendie, estamos nos divertindo muito”. Enquanto isso, Jaxon balbuciava: “Você tem o meu trem de brincar?”.

Olhei para Kyle. Era o décimo dia sem as crianças. Ele estava estendido no sofá, com a cabeça apoiada nas minhas coxas enquanto fixava a televisão. Então, virou-se de barriga para cima, espalmando o cabelo desalinhado no fundo azul da minha calça jeans. Tinha feito a barba, por isso estava com um ar fresco, com mais vida do que nos últimos dez dias, mas ainda tinha as faces pálidas cavadas e sombras cinzentas esverdeadas marcadas sob os vidrados olhos cor de mogno. A separação tinha sugado a juventude do rosto outrora calmo e feliz de Kyle; tinha-o envelhecido.

– Em nada em especial – respondi-lhe à pergunta. Sem pensar, levantei a mão, com os meus dedos a tentarem alcançar-lhe as madeixas negras do cabelo para lhas afagarem. Parecia algo perfeitamente natural, mas, depois, lembrei-me de que ele não era Will. Não tínhamos esse tipo de relação. Parei e baixei a mão.

A boca de Kyle virou-se para cima, com os lábios a retorcerem-se num pequeno e íntimo sorriso que não lhe mostrou os dentes, nem lhe erradicou por completo a tristeza. Tinha visto o que eu quase fizera e, provavelmente, tinha-o interpretado mal.

– Ainda bem que você está aqui – afirmou, com a voz rouca de emoção. – Não sei o que teria feito... – Ergueu a mão e os seus dedos, com as unhas pequenas e roídas, dirigiram-se ao meu rosto. A palma da mão assentou na minha face e, lentamente, o polegar acariciou-me a maçã do rosto. Ele nem tentava tocar-me assim fazia uma eternidade. Os meus instintos diziam-me para me afastar, para pôr termo àquilo, mas lutei contra mim mesma, permiti-lhe tocar-me. Fitei-o e os nossos olhares ligaram-se como os nossos corações tinham sido ligados por aquela perda.

Beija-o. A ideia aflorou-me ao pensamento. Beija-o e acaba com isso. Ele era um homem simpático. Um dos bons da fita. Os nossos sentimentos tinham a mesma origem: aquele lugar de dor. Aquela terra de interminável

tormento. Nós éramos capazes. Eu era capaz. Não interessava que não nutrisse por ele aquele tipo de sentimentos, que não me sentisse atraída por ele. Seria apenas algo a fazer. Uma forma de ir de um ponto ao outro sem sentir tudo o que estava no meio. Porque era o que estava no meio que estava destruindo-me. Destruindo-o. Destruindo-nos. Precisávamos de uma maneira de esquecer um pouco tudo aquilo. De pensar noutra coisa. Beija-o e vê o que acontece.

– Você é especial, sabe? – sussurrou Kyle.

“Você é especial. Pare de resistir, você é especial.”

O meu corpo afastou-se bruscamente do seu antes que eu pudesse evitar. De repente, fiquei em chamas, com a lembrança a percorrer-me a pele, a queimar-me o pensamento, a arrastar-me para o passado. Não, decidi. Não vou para lá. Vou ficar aqui. Vou ficar. Não vou voltar àquela noite, vou ficar aqui. Com o Kyle. No presente.

Levantei a mão, cobri com ela a de Kyle, passando calor de mim para ele, dele para mim. O vínculo que existia entre nós era incrivelmente forte, talvez indissolúvel, mas não tinha aquele teor.

Entrelacei os meus dedos nos seus e, sorrindo-lhe tristemente, concentrando-me nele, afastei-lhe a mão devagar e voltei a colocar-lha sobre o peito.

– Kendra – sussurrou Kyle. – Por quê...? – Fechou os olhos e abanou a cabeça, confuso. Eu continuei a fitá-lo. Tinha de o fazer. Ele era a minha âncora. A minha concentração. A minha raiz no presente. Se perdesse aquela ligação, acabaria naquele lugar. Naquele momento.

Kyle abriu os olhos.

– Sabe como você é importante para mim, não sabe?

Acenei com a cabeça. Sim. Sabia. Ele também era muito importante para mim. Era o pai dos meus filhos.

– Seremos sempre amigos – disse eu.

A infelicidade perante mais esta rejeição juntou-se à angústia que já lhe estava patente nos olhos. Não se incomodou em escondê-la. De que adianta? Para quê esconder seja o que for?, diziam os olhos de Kyle. Tudo é inútil.

Virou-se para o lado, apertou o telefone contra o peito e continuou a olhar para a televisão.

Décimo nono dia.

Eu estava ficando doida; a loucura progredia de modo lento, mas seguro, de dentro para fora.

Aonde quer que fosse, via um lampejo de cabelos negros como azeviche, vislumbrava algo cor de laranja, ouvia um risinho e pensava que era Summer.

Sempre que tinha a impressão de que uns olhos pousavam em mim, que sentia uma presença batendo-me ao de leve nas costas, que ouvia um riso abafado, tinha a sensação de que se tratava de Jaxon. Eles perseguiam-me, o que estava tornando-me mentalmente instável.

Cada momento era preenchido pelo vazio da ausência deles. Nada parecia importante. O trabalho, pelo menos, não o era. A minha relação com Gabrielle ainda não tinha voltado ao normal e eu não sabia se isso alguma vez aconteceria.

Devia ter-lhe dito o que ela queria ouvir. Não consegui. Ela não compreendeu por que razão não consegui repetir o que Janene tinha dito. Tinha se despedido por inteiro, revelado a própria essência, para me convencer a falar com ela e eu não conseguia. Recusava-me a fazê-lo. Tal torpeza não sairia da minha boca. Se eu não estivesse vivendo naquele inferno sem as crianças, não sei como a nossa amizade teria evoluído. Assim sendo, trabalhávamos juntas e ficávamos por aí. Janene também mantinha a distância. Mesmo que não o fizesse, não teria importância. Nada tinha importância. Summer e Jaxon tinham desaparecido.

Sempre que pensava vê-los, que me sentia impelida a ir atrás das suas aparições, sentia a esperança de voltar a vê-los morrer mais um pouco. Comecei a acreditar que eram fantasmas. Que tinham desaparecido para sempre. Ela emparedara em uma parede com eles. Adormecera com uma panela ao lume e dera-se um incêndio. Levaram os para algum lado e esquecera-se deles. Eu nunca mais os veria. Tinham desaparecido.

Comecei a ter pavor de ir para casa. Virava para Tennant Road e via a nuvem de dor que pairava, baixa e ameaçadora, sobre o número trinta e quatro. Os meus passos abrandavam, os meus membros tornavam-se bigornas que tinha de arrastar em direção ao meu destino. Por vezes, tinha vontade de dar meia-volta e fugir. Escapar à tristeza. Por vezes, dava cinco ou seis voltas ao quarteirão, com os passos a ecoarem-me aos ouvidos e o coração pesado e lento no peito, apenas para adiar a chegada à casa. Para adiar o regresso ao pesadelo que era a minha vida sem as crianças.

A situação tornou-se tão grave, tão lúgubre, que, por algumas vezes, estive prestes a abrir a carta de Will. Certa vez, cheguei a passar o dedo pela dobra do envelope. Se fossem más notícias, as piores notícias, apenas aumentariam a dor que eu já sentia. Completariam a minha infelicidade. Acelerariam o processo de demência. Acabei por não o fazer, mas sabia que, se passasse muito mais tempo, faria.

Kyle foi viver comigo. Não perguntou se eu me importava, nem me parece que se tivesse lembrado de perguntar, mas apenas o fez. Voltei do trabalho um dia e descobri que ele tinha levado as maquetas e os desenhos do seu mais recente projeto, o estirador e a cadeira para minha casa. Instalou-se no espaço morto entre o ponto onde a área de jantar acabava e o ponto antes de a área de estar começar. Uma pequena mala com roupas suas permanecia entre o braço do sofá e a parede; a máquina de barbear, a escova de dentes, o Aftershave e o desodorante encontraram um novo lugar no meu banheiro. Todas as noites, eu regressava e vi-o ali sentado, debruçado sobre o estirador e vezes no do computador, com a régua a calcar o papel milimétrico azul e branco e o lápis de minas encostado àquela, traçando linhas. A televisão era um baixo sussurro ambiente e o ar estava carregado com o odor fresco e amargo do café verdadeiro. Ele alimentava-se de café. Não comia até eu chegar em casa e parecia mais envelhecido a cada dia que passava. A falta de esperança tinha-lhe gravado rugas na testa e a perda tinha lhe tirado quilos do corpo.

Mal levantava a cabeça quando eu chegava, à noite. Cumprimentávamo-nos sem sequer olhar um para o outro, quanto mais olhar nos olhos. Eu vestia umas calças jeans e uma blusa, preparava comida, algo simples – arroz com guisado ganês, salada de grão-de-bico e feijão, massa com molho de tomate –, e comíamos no

sofá, sentados lado a lado, mas praticamente em mundos diferentes, olhando para a televisão. Depois, eu lavava a louça, dava-lhe boa-noite, ia para a cama e deitava-me em cima dos cobertores, com o ar abafado da noite estival a tornar impossível dormir, mesmo que eu conseguisse. Ficava deitada, com os olhos bem abertos, sonhando acordada com a possibilidade de voltar a ver as crianças. Sabendo, no meu íntimo, no fundo do meu ser, que não voltaria. Que não voltaríamos.

Kyle e eu mal nos falávamos, pois também ele tinha aceitado que não ia voltar a vê-los. Eu sabia que ele o tinha aceitado, porque, certo dia, reparei que tinha pregado com uma tacha o desenho que Summer não tinha terminado na borda do seu estirador e que, debaixo deste, se encontrava o sapato errante de Jaxon. Alguns dias depois, quando enfrentei uma ida à casa para buscar o correio de Kyle e mais umas quantas coisas, reparei também que ele tinha lavado e arrumado as coisas do café da manhã.

Trigésimo nono capítulo

– Você tem que chamar a polícia – disse eu a Kyle, no trigésimo sétimo dia.

Para mim, já chegava. Tinha me calado, mas isso acabara. Ele tinha de tomar alguma atitude. Não podíamos ficar passivamente de braços cruzados deixando que aquilo nos acontecesse. Não podíamos aceitar aquela situação. Tínhamos de tomar alguma atitude.

Kyle interrompeu o que estava esboçando, mas não relanceou o olhar na minha direção. Fixou o papel que tinha diante de si sem realmente o ver, ouvindo, mas sem olhar.

– Temos de aceitar que ela não vai trazê-los de volta de modo próprio. Você tem de chamar a polícia.

– Ela é mãe deles – afirmou e baixou a cabeça para retomar o desenho.

– Eu sei, mas isto é um inferno, Kyle. É um inferno e nós temos de tomar alguma atitude.

– Essa, não.

– Por quê?

– Ela é mãe deles.

Os meus olhos precipitaram-se pela sala, à procura de algo para lhe arremessar. Algo que lhe ricocheteasse na nuca, que lhe incutisse algum juízo, mas não o matasse. Eu não seria capaz de explicar a existência de um cadáver à polícia. Por outro lado, talvez compreendessem. Talvez compreendessem a pura frustração daquela situação. As crianças tinham desaparecido e o pai recusava-se a fazer fosse o que fosse quanto a isso.

– Eu sei que ela é mãe deles, sei que os ama, mas é alcoólatra. Pode fazer-lhes mal sem nem sequer se perceber.

– *Ela é mãe deles – repetiu, com a voz perigosamente baixa.*

– Para de dizer isso!

– Não. Tenho de continuar a dizê-lo, porque não posso esquecer-me disso.

– *Você não pode esquecer disso?*

– Eu vivi com Ashlyn, lembro-me de como ela era. Lembro-me do que ela fez, mas sei que está sóbria e que não lhes faria mal enquanto está sóbria. É isso que vai mantê-la assim. É mãe deles e nada fará para os magoar. Se eu pensasse, nem que fosse por um instante, que faria, chamaria a polícia num piscar de olhos.

– Está se iludindo, Kyle. Ninguém mantém um alcoólatra sóbrio. Ele é que se mantém assim. Não consegue fazê-lo por mais ninguém. Se assim fosse, você acha que alguém seria alcoólatra? Conseguiria deixar de beber quando alguém que amasse lhe pedisse para o fazer. Não é capaz. Sofre de uma doença e essa doença consome-o por inteiro. É por isso que é tão destrutiva: nada é mais importante do que a próxima bebida. Então, o que acontece se esse anseio dominar Ashlyn? O que acontece se ela cometer um desliz? Nesse caso, o que acontece às crianças? Você tem de chamar a polícia.

– Não.

– Se você não chamar, chamo eu.

Ele levantou-se, pôs-se de pé com toda a sua estatura. Eu não sabia se ele estaria ciente de que estava tentando me intimidar, tentando me levar a fazer o que queria com o seu porte físico.

Em resposta, eu também me levantei completamente, finquei os pés no chão com firmeza e cruzei os braços de modo defensivo sobre o peito. O assunto era demasiado importante para me deixar amedrontar por ele. Nada interessava, a não ser a segurança das crianças.

– Não, não chame. Eles são os meus filhos. São filhos da Ashlyn e eu não lhe causarei problemas ao chamar a polícia. Ela vai trazê-los de volta.

– Então, por que é que ainda nem telefonou para dizer que eles estão bem? Ou enviou uma mensagem de e-mail? Ou mandou até um pombo-correio? Porque talvez não estejam. Talvez não estejam bem e ela não saiba como contar a você.

Kyle deteve-se, estando as variadas hipóteses a colocar-se no pensamento. Ele sabia, tinha estado na linha da frente, sabia melhor do que eu o que poderia acontecer às crianças. O que mais poderia acontecer-lhes. Afundou a mão no denso cabelo negro e arrastou-a para trás.

– Desejei isto tantas vezes – declarou Kyle, com a voz carregada de emoção. – Quando Summer se queixava de ir para a escola, quando o Jaxon não me dizia o que tinha, quando me atribuíam um trabalho pouco estimulante, desejava não estar amarrado. Não era algo em que me detivesse ou que sentisse, apenas me passava pela cabeça. Sentia-me muito culpado só de pensar nisso. Agora, eles desapareceram e a culpa é toda minha. Se eu tivesse sido mais compreensivo quanto às visitas, se não os tivesse usado como joguetes para fazê-la voltar para casa, ela não se teria sentido obrigada a fazer isto. A culpa disto é toda minha e sei perfeitamente como ela se sentiu. E por que o fez.

– A diferença é que você avisaria que estavam bem. Não a torturaria desta forma. Nunca o fizeste, nem nunca o faria.

– Acha que eu devo chamar a polícia? – perguntou, depois de uma pausa.

– Acho – exalei. – Não para causar problema. Se chamar a polícia, esta pode divulgar a notícia. Alguém pode entrar em contato, se tiver visto as crianças. Pelo menos, saberemos que estão bem. Viver assim, sempre olhando por cima do ombro, também não deve fazer bem nenhum. Tanto quanto sabemos, eles podem estar em constante movimento, pernoitando em lugares diferentes de tantos em tantos dias. Isso não é benéfico para as crianças, não é? Sobretudo para umas crianças que têm passado por muitos tumultos nos últimos dezoito meses.

– Não quero causar problema – disse ele, com um ar derrotado.

– Nem eu. Ouve... – Precipitei-me para o meu quarto e voltei com uma pasta que tinha compilado. – Encontrei isto na internet, para

quem precisa de ajuda para recuperar os filhos se estes tiverem sido levados pelo outro progenitor. – Apresentei a pasta a ele. – Preenchi tudo o que pude, de acordo com o que sei; coloquei as fotografias mais recentes que encontrei. Você tem de preencher o resto e entregá-la à polícia e a um advogado.

– Como é que cheguei a este ponto? A minha mulher sequestrou os meus filhos e tenho de fazer queixa dela à polícia. Quando é que a minha vida se transformou num drama digno de uma adaptação para televisão?

Coloquei a pasta em cima da mesa de centro e dirigi-me a ele, pousei-lhe a mão no antebraço, tentei tranquilizá-lo com um toque.

– Ambos sabemos que Ashlyn ama as crianças. Eles fazem parte dela, são a vida dela, mas temos de nos certificar de que estão em segurança. Navegar na internet e ficar à espera de que alguém bata à porta para dizer que alguma coisa aconteceu não é vida. E não é justo para eles que isto lhes aconteça duas vezes. Primeiro, Ashlyn simplesmente desaparece e, depois, no fundo, você desapareceu também. Não está certo.

Durante longos momentos, Kyle olhou para o vazio. Eu via-o a tentar chegar a uma conclusão, dando volta à questão, lenta e cuidadosamente, na cabeça.

Eu ia tirar a mão; já tinha dito o que tinha a dizer e, agora, era com ele. Era evidente que eu não chamaria a polícia; não me competia fazê-lo. Gostaria, porém, que Kyle percebesse que era a atitude acertada a tomar. Tínhamos de encontrá-los. Tínhamos de fazer alguma coisa para encontrá-los. Kyle colocou a mão sobre a minha e, depois, afastou-a lentamente do antebraço, entrelaçando, em seguida, os seus dedos nos meus. As nossas mãos encaixaram-se. Os espaços entre os nossos dedos tornaram-se preenchidos, plenos e completos. Ficamos de pé, de frente um para o outro, de mãos dadas. Ele estava a agarrar-se a mim, como se procurasse que eu lhe desse forças para fazer aquilo. Para dar início àquele processo de revelar ao mundo quão afastados ele e Ashlyn estavam; quão desfeita estava a sua família. Para dar início ao processo de aceitar que talvez não voltasse a ver os filhos. Suponho que a polícia fosse a última esperança – se esta não

encontrasse as crianças, talvez nunca os encontrássemos. Ter a certeza de que eles não voltariam era algo com que lidaríamos calmamente. Esta realidade tinha de se ir entranhando em nós e não de nos dar uma bofetada na cara. Ao solicitarmos a intervenção da polícia naquele assunto, estaríamos a dar a cara para que fosse esbofeteadada. Eu tinha quase a certeza de que estava pronta para essa bofetada psicológica, tinha-me preparado para ela.

Ele regressou ao presente, vindo de onde quer que tivesse estado, e olhou-me fixamente. Inspirou, com o peito a expandir-se enquanto respirava fundo e, depois, a baixar, de modo desesperançado.

– Não posso fazer isso – sussurrou. – Não posso. Ela vai trazê-los de volta. Eu sei que vai.

Kyle não estava preparado para aquela bofetada psicológica, mas estaria preparado para uma a sério? É que eu estava prestes a dar-lhe uma bem na face dominada pela negação. A incutir-lhe algum juízo à força.

Libertei a mão com brusquidão e cruzei firmemente os braços sobre o peito. Estava tentando me controlar.

Tinha me esquecido de que aquele homem era um especialista em negação. Tinha vivido com uma alcoólatra durante mais de dez anos e conseguido fazer de conta que isso não constituía um problema; atribuía tudo o que ela fazia à pequenas alterações de comportamento, para não ter de aceitar a realidade da sua situação. Tinha se recusado a aceitar que Ashlyn ia encetar uma batalha legal contra ele pelos filhos e, assim, mandou-me no seu lugar. Negava o fato de ela lhe ter feito algo tão abominável, pelo que nada fazia para encontrar as crianças. A negação compunha quase toda a identidade de Kyle. Definia-lhe a vida. Por que haveria algo de mudar?

Percebi que me tinha tornado parte disso quando lhe voltei as costas, fui até ao extremo mais distante do sofá, me afundei e encostei a testa aos joelhos. Tinha sido apanhada na esfera de negação que rodeava a sua família. Tinha sido submersa nela. Por consequência, aceitava o modo de proceder de Kyle.

– Não sei como você consegue suportar – afirmei por entre os joelhos. Aquele peso oprimia-me as próprias células do corpo,

esmagando-me. – Não sei como consegue suportar estar sem eles.

– Não consigo – retorquiu Kyle.

– Então, por que não faz todo o possível para ter as crianças de volta?

– Não compreende. Quando eu fizer esse telefonema, acabou. Não poderei voltar atrás. Não poderei dizer à polícia que ela fez isto sem intenção. E que fez o quê, ao certo? O poder paternal não foi regulado. Quando muito, é Ashlyn que tem uma prova escrita de que tencionava que as crianças fossem viver com ela. Eu nunca fiz um pedido formal. Parti apenas de um princípio, deixei tudo como estava, porque ela os tinha deixado comigo. Nunca coloquei nada por escrito.

– Então, por que não pede agora o poder paternal? Pode fazer isso. Ela não fez o pedido, porque teria de contatar você. Logo, faça você e, então, poderá tomar alguma atitude. Então, poderá chamar a polícia e colocá-la à procura dela. Tenho, porém, a certeza de que, se você explicasse a história da Ashlyn, eles tomariam alguma medida imediatamente. Você tem de fazer todo o possível para encontrá-los.

– Não sei se consigo fazer isso à Ashlyn. Não posso contar a ninguém o que aconteceu, o que ela fez. Ela já não é assim, não quero que as pessoas pensem que é.

Todos os músculos do meu corpo ficaram subitamente sem sentido, fazendo o meu corpo levantar-se, pelo que fiquei direita como um fuso.

– Quando é que vai parar de protegê-la? – gritei-lhe. – Quando é que vai deixar de dar mais importância a ela do que a todo o resto, incluindo os seus filhos?

O seu corpo cada vez mais acabrunhado, vestido com uma camiseta branca e calças jeans azuis e largas, recuou, admirado.

– Não compreende... – principiou.

– Não, você tem razão, não compreendo – continuei a vociferar, interrompendo-o. – Não compreendo, nem quero compreender. Enquanto der a alguém mais importância do que aos seus filhos, não compreenderei, nem sequer tentarei compreender.

Pus-me de pé com dificuldade.

– Kendra...

– Não quero saber! – gritei. Não era pessoa de vociferar, de fazer tanto alarido, mas tinha atingido o meu limite. Não aguentava mais. Aquela dor, aquela dor insuperável era demais para conseguir suportá-la. Sobretudo, sobretudo, quando Kyle podia pôr fim ao sofrimento. Não precisávamos nem sequer os ter de volta, mas apenas de descobrir se estavam a salvo, bem e vivos. Vivos. – Enquanto você não colocar os seus filhos em primeiro lugar, não quero saber. – Saí de perto do sofá e dirigi-me ao meu quarto, para me esconder dele. Para procurar refúgio, mesmo que provisório, do homem que estava me deixando doida.

– Não é assim tão simples – protestou Kyle para as minhas costas enquanto eu me afastava.

Tais palavras detiveram-me, mas não me obrigaram a virar.

– É – retorqui com um suspiro de frustração. – É, sim.

– Não me odeie – disse ele, calmamente. – Não suporto que, ainda por cima, você me odeie.

– Eu não o odeio – repliquei. – É claro que não o odeio, Kyle, mas não vou compactuar com esta passividade. Não quando se trata disto. Mesmo que tenha medo de tentar tê-los de volta, não quer, pelo menos, saber se estão a salvo, saudáveis e felizes? Pode dar início a esse processo com um telefonema.

– Não posso fazer isso – declarou.

– Então, nada temos a conversar.

Trriiiiiimmm! O toque do telefone, do telefone branco da casa principal que ficava no estirador de Kyle, sobressaltou-nos aos dois.

O coração subiu-me à garganta quando a esperança explodiu dentro de mim. Ambos nos voltamos para ele, nos fixamos nele enquanto continuava a tocar. Já tinha, evidentemente, tocado outras vezes, mas com pouca frequência. A maioria das pessoas tinha adquirido o hábito de lhe ligar para o telefone do apartamento, pois ele tinha lhes dito que ia ficar ali hospedado enquanto as crianças estivessem de férias com a mãe. A mão tremia ao alcançar o bocal, pegar nele, apertar o botão verde para atender a chamada e encostá-lo ao ouvido.

– Alô? – A voz fraquejou-lhe ao falar. Nada disse durante os escassos segundos em que ouviu o interlocutor falar e, depois, a cara

começou a tremer-lhe, fechou os olhos e caiu no chão, de joelhos, ao lado do estirador, escapando-lhe o bocal dos dedos sem energia enquanto se baixava. Encostou a cabeça ao chão e começou a balançar-se para trás e para a frente, para trás e para a frente.

Oh, meu Deus, não. Não, por favor, não.

Deslocando-me como se caminhasse para a morte, dirigi-me a ele, dobrei-me e peguei o telefone. Pus-lhe a mão no ombro, estabilizando-me enquanto tentava proporcionar-lhe algum consolo. Detendo-me por um momento, querendo adiar o mais possível aquilo que ia ouvir, encostei o telefone ao ouvido.

Quadragésimo capítulo

O sol tinha se posto algumas horas antes e eu conduzia num manto negro azulado quando viramos para o caminho semi particular que ia dar à casa de campo onde estavam Ashlyn e as crianças. Uma casa em Penzance. A centenas de quilômetros de distância.

Durante a maior parte da viagem, tínhamos estado absortos nos nossos próprios mundos – sem falarmos, sem realmente darmos conta da presença um do outro. Tive de ser eu a dirigir, porque, de nós dois, era a que estava mais calma.

Depois de ter pegado no telefone e de o ter encostado ao ouvido, escutei a voz de uma mulher. “Kyle, está aí?”, disse ela. “Ouvii o que eu disse? Preciso que venhas buscar as crianças.”

Quando Ashlyn me deu o endereço e desliguei sem falar com as crianças, ele assoberbou-me. Os seus braços envolveram-me o corpo, puxando-me para si, e enterrou a cara no meu pescoço enquanto chorava. Um verdadeiro desabafo de dor. Toda a sua compostura, todo o seu pavor, estavam sendo libertados em uma corrente. Percebi, enquanto me debatia com o desejo de me soltar, lhe afagava o ponto calmante no meio das costas e o meu corpo lhe absorvia as lágrimas, de que, apesar de tudo o que ele tinha dito, pensava que não voltaria a vê-los. Que não conseguia encarar a possibilidade de não voltar a vê-los ou de ela os ter machucado e, assim, tinha decidido não descobrir. Tinha sido fechado num ciclo de medo de não saber, o que era horrível, e de temer que saber fosse ainda pior. Eu sabia o que era estar fechado nesse ciclo, não saber que medo – o de saber ou de não saber – era pior.

Quando parou, nos afastamos e olhamos nos olhos um do outro, compreendendo-nos mutuamente muito melhor do que apenas quinze minutos antes. Com os polegares, limpei-lhe as lágrimas e, depois, levei-lhe delicadamente os lábios à testa. Ele fechou os olhos enquanto recebia o meu beijo. Seguidamente, pusemo-nos de pé, ele foi ao banheiro e eu imprimi um roteiro na internet. Fiquei abstraída por completo. Não pensava em mais nada, a não ser na viagem que tinha de realizar. Se parasse para refletir, para prestar atenção ao fato de que faltavam apenas horas e não dias, semanas ou meses para os vermos, podia ir abaixo como Kyle e não conseguiríamos chegar lá o mais rapidamente possível.

Enquanto dirigia, tudo o que me motivava, que me impelia, era a imagem da carinha de Summer sorrindo por ter um segredo que, provavelmente, ia partilhar, e dos grandes olhos de Jaxon enquanto me explicava o que Garvo estava fazendo.

Doíam-me os músculos e tinha os olhos secos e tensos por trás dos meus óculos para dirigir enquanto me concentrava na casa ao longe. Era um edifício de pedra amarelada com telhado de lousa, três janelas em cima e mais duas, grandes, em baixo. A luz que saía pelas janelas de baixo brilhava num tom cor de laranja, atraindo-nos para mais perto. Abrandei para conferir a tabuleta branca que se erguia no limite da propriedade. “Casa de Campo Agateaen.”

– É aqui – disse a Kyle, sendo a minha emoção abafada pelo cansaço. Não tinha parado em todo o trajeto. Dirigia havia quase sete horas; as únicas pausas efetivas eram os engarrafamentos no trânsito, onde, por vezes, tínhamos de esperar vinte minutos para começarmos a andar.

Kyle, que tinha permanecido bem acordado, com a cabeça apoiada no vidro e os olhos fixos em frente, sem pestanejar, endireitou-se. Tanto rosto, que tinha ficado manchado de vermelho e branco por ter chorado, como os olhos, que incharam assim que parou de chorar, ficando vermelhos e inflamados, se acalmaram. Estava novamente com um ar normal. A proximidade da família tinha voltado a infundir-lhe uma centelha de vida. Dirigi o carro lentamente pelo

largo caminho de gramado verde de ambos os lados, em direção a outro carro, que se encontrava junto à entrada.

A porta da rua abriu-se de repente. Antes de eu poder nem sequer parar completamente, Kyle já tinha desapertado o cinto de segurança, aberto a porta e saído do carro. Travei a fundo, embora já estivesse praticamente parada.

Jaxon foi o primeiro a sair correndo, seguido de Summer. Ambos estavam vestidos com a roupa de dormir, o primeiro com o pijama do Super-Homem, a segunda com a camiseta pelo joelho do Homem-Aranha, e tinham meias calçadas.

– Pai! – gritaram os dois a plenos pulmões. – Pai!

Kyle pôs-se de joelhos à frente dos faróis do carro. Jaxon foi o primeiro a saltar-lhe para cima e a colocar o braço à volta do pescoço do pai. Depois, foi a vez de Summer, unindo os braços à volta do pescoço dele. Os braços dele enlaçaram-nos. As crianças estavam falando. Tagarelavam os dois, contando ao pai tudo o que tinham feito nas últimas semanas. Tudo, imediatamente. Fixei-os, com os meus olhos a percorrerem-nos de cima a baixo, verificando-os. Confirmando. Estavam bem. Estavam bem, a salvo e felizes.

O alívio acometeu-me como um punho dirigido à zona mais sensível e profunda do meu estômago. Dobrei-me para a frente, agarrando-me a este, sobre o epicentro do alívio. Do doce alívio. Doía e fazia-me sentir bem. Estava tudo bem. Eles estavam mesmo bem. Já não me sentia assim há uma eternidade. Muitas coisas não tinham acabado bem, tinham corrido mal e não sabia se o mesmo não aconteceria desta vez. O meu corpo começou a ter ânsias, com as lágrimas que eu não tinha derramado durante todo o tempo em que estivemos separados a assomarem, a debaterem-se para se libertar, a esforçarem-se por se soltar.

Bateram-me no vidro e o meu coração pulou. Limpando os olhos turvos, endireitei-me.

– Kendie! – bradou Jaxon, com o rosto a sorrir-me através do vidro.

– Kendie! – ecoou Summer.

Kyle puxou-os para trás enquanto eu abria a porta e, depois, caíram-me nos braços, apertando os corpos quentes contra o meu, com o cheiro da pele acabada de lavar invadindo-me as narinas, os cabelos fazendo-me cócegas nas faces, os braços esmagando-me.

– Kendie, Kendie, Kendie, Kendie, Kendie. – Não paravam de repetir. Tratava-se apenas do meu nome, mas era a coisa mais querida que alguma vez tinha ouvido.

Ashlyn estava em frente à grande lareira de pedra que não albergava qualquer fogueira. Parecia ter estado a andar de um lado para o outro, sendo o seu rosto uma máscara de ansiedade, com os olhos verdes arregalados e assustados enquanto fixava a porta. Estava mais magra do que da última vez que a tinha visto, mas aparentava estar bem. Muito melhor do que Kyle. Muito melhor do que eu. Tinha algumas olheiras, o cabelo apanhado atrás num rabo de cavalo descuidado, o corpo vestido com umas calças jeans azuis sem cinto e uma blusa de mangas compridas e uns enormes chinelos felpudos calçados. Kyle conseguiu dar apenas quatro passos para dentro de casa antes de Ashlyn se atirar a ele.

Segurou-lhe na parte da frente da camiseta e enterrou o rosto nela, como se procurasse consolo e absolvição no grosso tecido que lhe cobria o coração. Desatou a chorar ruidosamente enquanto se agarrava ao marido. Todo o corpo de Kyle ficou rígido assim que estabeleceram contato físico e ele olhou-lhe por cima da cabeça, na direção da parte de trás da casa, da porta que dava para a enorme cozinha que servia também de sala de jantar.

Cada uma das minhas mãos segurava numa das dos gêmeos, pequena e perfeitamente formada, quente e linda. Tive de me lembrar de não os agarrar com demasiada força, de que o fato de os soltar não redundaria em que desaparecessem de novo. Guiei-os em direção ao sofá creme. Debaixo deste, estendia-se um enorme tapete oriental, cujo padrão complexo estava gasto em determinados pontos, devido à duração da sua permanência ali. A casa era confortável e acolhedora. As crianças deviam ter adorado ali estar. Era o lugar ideal para passarem as férias escolares, que devia ser o que pensavam que era o tempo que tinham passado fora. Umas férias. Não o demorado e

tortuoso caminho que atravessava todos os patamares do inferno que eu e Kyle considerávamos que era.

Sentei-me no meio do sofá e as crianças afundaram-se ao meu lado, observando a mãe e o pai. Kyle não interagiu com Ashlyn. Não tinha chamado a polícia, mas isso não queria dizer que não a odiava por ter feito o que fez, por tê-lo deixado às portas de Hades sem nem sequer um mapa para ajudá-lo a chegar ao outro lado.

O choro dela abrandou quando começou a falar.

– Desculpa – disse-lhe chorosamente para o peito. – Queria estar com eles. Tinha tantas saudades deles. Só queria estar com eles. Desculpa. Desculpa. – Não parou de lhe repetir os seus pedidos de desculpa para o peito, até que, lentamente, como um bloco de gelo sob a fraca luz do sol, ele derreteu, compadeceu-se. Parou de lhe olhar por cima da cabeça e, abanando a sua lentamente, fitou a mulher, levantou os braços devagar e colocou-os à volta dela.

– *Shhh*. – Silenciou-a enquanto baixava a cabeça até à dela, acalmando-a. – *Shhh*... Falamos sobre isso depois. Falamos sobre isso depois. – O seu consolo alastrou-se pela sala, com a sua aquietação estendendo-se vagarosa a todos nós.

Eu e as crianças os observávamos. A quantidade de afeto que existia entre os dois era palpável. Os corpos encaixavam-se, ele sabia como consolá-la e, provavelmente, os corações de ambos batiam a compasso. O modo como Kyle e Ashlyn se encaixavam fez-me recuar, por breves instantes, até à noite que eu e Will passamos juntos, deitados na cama, com os corpos tão próximos que era impossível acreditar que não tínhamos estado sempre assim, que não tínhamos estado sempre tão próximos que não conseguíamos funcionar um sem o outro. O que eu não faria para voltar para Will... Para ter a oportunidade de o abraçar assim... Aqueles dois tinham essa oportunidade. Por que eram eles as duas únicas pessoas no mundo que não conseguiam perceber que estavam destinados a ficar juntos?

Summer pôs-se de joelhos, pousou-me a mão na face e virou-me a cabeça na direção dela.

– Mamãe e papai já são amigos outra vez? – perguntou ansiosamente. Os seus olhos brilhantes sorriram-me, esperando a

minha confirmação. Eu não podia dar-lha. Claro que não podia. Jaxon pôs-se também de joelhos e eu voltei-me para olhar para ele. Os mesmos olhos, à espera da mesma resposta.

Olhei para Kyle e Ashlyn, perdi-me, por um momento, nos belos e suaves contornos que os seus corpos criavam enquanto estavam juntos – era impossível dizer onde ela começava e ele acabava.

Voltei novamente a minha atenção para as crianças. Fitei Jaxon e, em seguida, tornei a pousar os olhos em Summer, pois tinha sido ela a fazer a pergunta.

– Espero que sim – repliquei. Era a resposta mais sincera que podia dar-lhes. Eles podiam ser amigos, mas não da forma como Summer e Jaxon desejavam. Devido à sua incapacidade de falar um com o outro, de contar a verdade um ao outro, talvez nunca se tornassem amigos como Summer e Jaxon desejavam.

Quadragésimo primeiro capítulo

Estava deitada no sofá, debaixo do edredom com a sua capa branca e centáureas azuis, apoiada em três almofadas moles e macias, bem desperta na escuridão. Detestava a escuridão. Era sufocante. Quando os meus olhos não conseguiam concentrar-se em uma forma, fixar-me num ponto, temia afogar-me na escuridão.

Está escuro, um infindável breu. O peso esmaga o meu corpo. O negrume avança sobre mim pela visão periférica à medida que a mão que me agarra o pescoço me priva de ar e dos sentidos. Tento resistir. Tento impedi-lo. Contudo, o negrume continua a avizinhar-se. “Você é especial”, sussurra a voz. “Pare de resistir, você é especial. Pare de resistir e eu não a mato.”

Pus-me direita como um fusos. Não, Agora, não. Não vou para lá agora, decidi. Se me ocupasse com outra coisa, aquilo pararia. Se me mexesse, não me dominaria. Afastei os cobertores e levantei-me do sofá. Agarrei na pequena manta de lã que cobria as costas deste. Precisava sair, tomar ar; lá fora, conseguiria respirar. Teoricamente, talvez fosse mais seguro ficar dentro de casa do que sair, mas eu sabia que o perigo nem sempre partia do exterior, dos desconhecidos.

Se pensasse no assunto de modo racional, o que representava maior perigo para mim encontrava-se dentro daquela casa. E tinha o nome de Ashlyn. O modo como ela me olhou pouco antes... Fulminou-me com os seus glaciais olhos verdes e tentou afastar-me da sua vida com todo o ódio que sentia por mim concentrado num só olhar.

Eu sabia que não era nada pessoal. Ashlyn odiava a minha presença na sua vida, o meu papel na vida da sua família. Por que não desaparece?, perguntou-me o seu olhar. A sua linguagem corporal e o ligeiro empurrão com que me deu o edredom e as almofadas acrescentaram: Por que não sai das nossas vidas de vez?

Sim, em toda a Cornualha, era ela que representava o perigo mais óbvio e iminente para mim. Atravessei sorrateiramente a cozinha, em direção às portas do pátio. Destranquei-as e abri-as suavemente antes de mergulhar na noite. Na rua, estava frio. O fato de estarmos no final de agosto significava que as noites eram frias, cortando a pele levemente, causando arrepios e levando o corpo a enrolar-se um pouco sobre si mesmo. Desloquei-me sorrateiramente por cima da grama para me dirigir aos dois balanços idênticos que se erguiam no exterior, no amplo jardim das traseiras.

Pela tinta verde lascada e pela ferrugem, era evidente que estavam ali fazia alguns anos. Talvez tivesse sido por isso que Ashlyn tinha arrendado a casa: viu os balanços duplos, ficava apenas a vinte minutos de caminhada do mar, era perfeita para as crianças.

Sentei-me no balanço verde e, felizmente, apesar da idade, não chiou. Não avisou ninguém na casa de que eu estava acordada e andava por ali. Balancei-me devagar, para trás e para a frente, arrastando as pontas das sapatilhas pela cortiça no chão, sob os balanços.

Fechei os olhos, lembrando-me da expressão estampada no rosto de Jaxon quando saiu pela porta da rua, correndo. Da alegria incontida que se apoderou dele enquanto corria para o pai. Senti o sorriso tomar-me conta do rosto. O sorriso tornou-se ainda mais rasgado quando me lembrei de Summer a colocar-me os braços à volta do pescoço. Formou-se um nó na minha garganta. Um nó provocado pela lembrança da desolação em que se tinha tornado a minha vida sem eles. A ideia de viver sem eles... O pânico surgiu rapidamente, subindo-me à garganta, formando um nó que não conseguia fazer desaparecer ao engolir. Um nó que só conseguia fazer desaparecer se chorasse. Senti as lágrimas a virem-me aos olhos. Como podia eu viver sem eles? Precisava da constante tagarelice de Summer, das

observações indiretas de Jaxon. Precisava das crianças. A dada altura, pensei que elas também precisavam de mim e talvez precisassem, mas só enquanto a mãe estava ausente. Agora, ela estava de volta. Quase me dobrei sobre mim mesma com esta nova tortura. Agora que ela estava de volta, reaveria o que era seu por direito. Sim, talvez eles ainda quisessem estar comigo, mas como amiga. Não como a pessoa a quem recorriam quando tinham um problema nos trabalhos de casa, não como a mulher com quem enlouqueciam com as suas perguntas, não como a sua “segunda mamãe”.

Não olhei quando ouvi a porta abrir-se e alguém sair silenciosamente de casa. Sabia quem era. A única pessoa que poderia ser.

Ashlyn sentou-se ao meu lado, no balanço. Um breve relance pelo canto do olho revelou que estava tão insensatamente vestida como eu. Envergava o penhoar de cetim que lhe dava pela barriga das pernas, a camiseta azul que Kyle levava vestida e um par de meias grossas azul-turquesa, puxadas até onde iam. Eu sentia o cheiro de Kyle nela. A sândalo e citrinos, o odor masculino e vagamente doce dele. Devia ser a isso que eu cheirava – ao homem com quem tinha vivido durante quase seis semanas. Esperava que ela cheirasse a ele por se terem reconciliado. Que tivessem conversado e feito amor. Seria uma desgraça para mim e para a minha relação com as crianças, mas era disso que aquela família precisava. Precisava se refazer.

Ela balançou-se de forma desencontrada em relação a mim, com as correntes do balanço de cada uma de nós a produzirem um som áspero como asmáticos a expirarem silenciosamente a cada movimento para trás e para a frente. Lá andávamos nós, para trás e para frente, movimentando-nos a um compasso desigual, emitindo uma sinfonia dessincronizada. Não sabia se ela estava à espera de que fosse eu a primeira a falar, mas nada tinha a dizer-lhe. Queria que a família deles voltasse a ficar junta, que formassem novamente uma feliz união, mas estava revoltada. A revolta assolava-me como um rio sem represas sob a superfície. Era capaz de estender a mão, arrancar-lhe um punhado de cabelo e esbofeteá-la da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, sem ter de fazer um grande esforço. Era

capaz de machucar Ashlyn pelo inferno pelo qual me tinha feito passar, assim como a Kyle. Nada tinha a dizer-lhe e nada do que ela dissesse me faria falar com ela.

– Comecei a beber de novo. – A sua voz pouco mais era do que um sussurro. Tão silenciosa, tão avassaladora, que me perguntei se não teria inventado aquelas palavras para tornar-se diabólica.

Quanto parou o balanço, assentando os pés no chão, e se virou para mim, apercebi-me de que o tinha dito. E era a única coisa que podia dizer para me fazer falar com ela.

– Estou ouvindo-a – declarei a Ashlyn.

– Ainda não contei a mais ninguém – afirmou, mal passando a sua voz de um frágil sussurro. Falava com cuidado, como se pudesse despedaçar-se a cada palavra proferida e não ser capaz de continuar. Olhava para baixo, para longe, para o colo coberto de cetim, com as mãos ainda a agarrarem as correntes. – O Jaxon sabe. Encontrou-me desmaiada no sofá. Summer não sabe. Ou talvez saiba; começou a ter pesadelos, creio que por sentir o cheiro a álcool em mim e isso a lembrou... Uma certa ocasião. Já não dorme a noite toda... – A voz de Ashlyn perdeu-se. – Deixei de participar nas reuniões – informou. – Era muito difícil, quando eu... Quando nós chegamos aqui, eu não sabia se ele tinha chamado a polícia, se tinha telefonado ao meu responsável ou se andava à minha procura. Não queria ter muitas ligações com outras pessoas, não fosse ele descobrir, pelo que era mais fácil não ir. Tinha de me concentrar nas crianças. Já tinha me esquecido do trabalho que eles davam. De toda a atenção de que precisam. Só tinha estado com eles alguns dias de cada vez, esporadicamente, nos últimos seis meses ou assim. E, antes disso... estava desintoxicando-me. Ou, pelo menos, era isso que dizia a mim mesma. Agora, percebo que não passava de uma alcoólatra abstinência. Não estava tentando deixar de ser alcoólatra. Participava em reuniões, mas não fazia progressos. Limitei-me a deixar de beber e a sentir-me infelicíssima com isso. Não esforçava-me por atingir um objetivo, mas apenas a manter a abstinência e a ostentá-la, como quem diz: “Vejam só a linda menina que eu sou, não bebo”. Adorei ter Jaxon e Summer de volta. Era como se uma parte de mim tivesse regressado. Não

percebi como me sentia adormecida, morta por dentro sem eles. Depois, a minha mãe veio passar uma semana aqui.

Sua mãe? Vaca. Vaca mentirosa. Sabia onde eles estavam e tinha massacrado Kyle daquela forma. Tinha-o enganado com a falsa intenção de chamar a polícia. Vaca. Espero nunca a conhecer. Nunca. Eu a machucaria seriamente. Se não for fisicamente, será verbalmente.

– Pude sair de casa e, para ter algo que fazer, decidi participar em algumas reuniões – prosseguia Ashlyn.

Ashlyn pôde sair de casa e, para ter algo que fazer, decidiu participar em algumas reuniões. Não tinha revelado à mãe o seu problema, como é evidente; em vez disso, alegou ir encontrar-se com umas amigas. Entrar nas salas foi ainda pior, depois da interrupção nas reuniões. Não estava bebendo, mas foi horrível. Cumprimentou algumas pessoas, foi buscar uma caneca de café e sentou-se ao fundo, ao canto, numa cadeira dobrável. Desta vez, estava insegura. Ansiosa. Provavelmente, por não ter comparecido durante tanto tempo. Ou talvez devido ao que aconteceu na hora seguinte. Pela primeira vez, percebeu realmente do que aquilo significava.

Ela era como eles. No passado, tinha se sentado ali, ouvido e pensado: Não sou como eles. Não estou assim tão mal. Apesar do que o Kyle pensa, não estou tão mal como eles. Agora, percebia que estava. Talvez por estar sozinha com os filhos. Talvez por saber que, depois, não poderia falar com ninguém. Estava, porém, compreendendo. Tinha magoado a família. Tinha ofendido o marido reiteradamente. Tinha praticamente arruinado a sua carreira.

O pior para ela, todavia, foi ter percebido que nunca mais poderia tomar uma bebida.

Nunca mais. Se era alcoólatra, nunca mais podia beber. Nem para comemorar um aniversário, nem numa festa, nem para se descontraír à noite, nem para tornar o mundo um lugar mais agradável, se este lhe parecesse penoso e pouco seguro.

Não é verdade, disse a si mesma. Não podia ser verdade. Talvez ela fosse diferente. Talvez fosse a alcoólatra que sabia perfeitamente controlar o que bebia. Tinha estado sem o fazer durante muito tempo, sem ser uma presença assídua nas reuniões, o que mostrava que talvez fosse diferente. Podia muito

bem tentar. Beber um copo e provar a si mesma, a Kyle, ao resto do mundo, que tinha melhorado. Que estava curada do seu problema de alcoolismo.

Quando a mãe foi embora, decidiu experimentar beber de forma controlada. Beberia um copo e nada mais. Tinha melhorado, já não era alcoólatra, logo, podia fazer isso. Nunca tinha conseguido tomar só uma bebida na vida, nem uma única vez, mas, agora, seria capaz. Só para marcar uma posição.

Não bebeu na noite em que tomou a sua decisão. Desejava-o tão ardentemente que, por isso, o evitou. Lembrou a si mesma que a vontade passaria em algumas horas. E passou. Era a sua faceta sensata em ação, a faceta que sabia que ela não era alcoólatra. Se ansiava pela bebida, tinha um problema, o que votaria a sua experiência ao fracasso. Esperaria que a vontade passasse e, depois, tomaria uma bebida. Seria assim que aquilo daria certo; só beberia quando não quisesse beber e, assim, conseguiria parar. Quem conseguiria parar ao satisfazer uma vontade?

Passados dois dias, comprou uma garrafa de vinho. Depois, comprou uma segunda, porque ia provar que não precisava dela. Podia beber um copo e ter outra garrafa em casa sem nem sequer lhe tocar. Fazia parte da experiência. De provar que estava curada.

A primeira vez que tinha provado o vinho estava bem presente no espírito, ainda agora, duas semanas depois. Como soube maravilhosamente na boca, deslizando-lhe pela garganta. O segundo gole foi quase tão delicioso; a cabeça ficou enlevada e sentiu a primeira onda daquele conhecido calor a percorrê-la lentamente. Parecia que não se sentia tão livre há uma eternidade. Sorriu. Um sorriso motivado pelo fato de estar fazendo algo que adorava. A vida era aquilo. Não tudo o resto, toda a necessidade de fazer coisas e de refletir sobre elas. Por vezes, precisávamos de desconstrair; devíamos a nós próprios. A terceira prova remeteu-a para tempos mais felizes.

Não se lembrava da quarta prova. Nem da quinta ou da sexta. A seguir, só se lembrava de ter acordado no sofá. Jaxon estava no chão, em frente à televisão, com o som desligado (pois era isso que ela os obrigava a fazer quando estava de ressaca) e fazendo o carro correr à volta de uma das garrafas de vinho vazias. Ela tinha um dos braços enfiado no casaco, pendendo o resto deste da borda do sofá, e as chaves do carro na mão. Sentiu um tênue fio de

vergonha descer-lhe pela coluna – obviamente, queria ir buscar mais vinho, mas tinha desmaiado antes de o fazer.

A sua experiência não tinha dado certo, mas só porque não tinha se esforçado o suficiente. Comprou mais vinho – quatro garrafas, em vez de duas. Se tivesse mais vinho, não se sentiria tentada a conduzir alcoolizada se a experiência voltasse a falhar.

Após quinze dias a tentar e a não conseguir provar que era normal, que estava curada, Ashlyn voltou a acordar no sofá. Desta vez, Jaxon estava debruçado sobre ela, a abaná-la desesperadamente. Tinha o rosto desfigurado pela preocupação, os olhos arregalados e assustados. Era evidente que já estava tentando acordá-la havia algum tempo. Na rua, estava escuro como breu; a única luz na sala provinha da televisão.

– Summer está doente – disse Jaxon. Apesar da turvação provocada pelo álcool, ela percebeu o quanto ele estava assustado e, depois, ouviu os gritos de Summer, no andar de cima.

Oh, meu Deus, não. Ashlyn esforçou-se por se pôr de pé, mas não se lembrava de como fazer uso das pernas. Estas vacilaram debaixo dela e voltou a cair no sofá. Jaxon apoiava-se ora num pé, ora no outro, contorcendo as mãos e olhando constantemente na direção de onde vinham os gritos da irmã. Ashlyn levantou-se novamente e, caminhando sobre as pernas de borracha e através de uma densa nebulosidade de sono e vinho, conseguiu subir as escadas aos tropeções, atrás do filho.

– Summer ainda estava dormindo. Estava coberta de suor agitando-se na cama, aos gritos. Consegui acordá-la e ela começou a falar precipitadamente da substância viscosa. A substância viscosa estava tentando apanhá-la. Não pude nem sequer consolá-la de maneira correta, pois mal conseguia falar, mal conseguia abraçá-la. No fim de contas, foi Jaxon que subiu para a cama e lhe disse que tudo ia ficar bem. “Não se preocupe, Summer”, afirmou ele. “Não deixo apanhá-la. Eu e o Garvo protegemos você”. E abraçou-a. Fez-lhe cafunés na cabeça. O meu filho de seis anos estava desempenhando o papel de mãe da minha filha, porque eu não conseguia. Fiquei sentada vendo Jaxon consolá-la. Acabou por adormecer na cama dela e eu fui para o outro quarto, voltando a desmaiar. Telefonei ao Kyle no dia

seguinte. Tive um momento de lucidez. Percebi que, agora, eles têm de ficar com Kyle. Precisam de estabilidade.

Fiquei estupefata. Ashlyn tinha feito aquilo aos filhos. Sério. A sua voz estava repleta de tristeza enquanto falava; tinha de parar constantemente para respirar fundo, para se recompor. Tinha, porém, feito aquilo aos filhos. Tinha-o feito a si própria e a outras pessoas.

– Sei que, um dia, poderei oferecer estabilidade às crianças – dizia.
– Em breve. Tenho, porém, de me desintoxicar devidamente. Tenho de me desintoxicar pelos meus filhos.

– Que tal desintoxicar-se por si própria? – perguntei.

Ashlyn fitou-me ferozmente, com os olhos brilhantes devido às lágrimas.

– Summer e Jaxon são as duas coisas mais importantes da minha vida.

– Eu sei, mas não bebia pelos seus filhos, bebia por si. Porque sofre dessa doença. Logo, talvez deva desintoxicar-se por si própria, para que possa ficar em condições de estar com eles, em vez de lhes imputar os seus êxitos ou os seus fracassos. Estou sempre ouvindo que devemos cuidar de nós primeiro, antes de tentarmos cuidar dos outros.

Mesmo na escuridão, vi as faces inflamarem-se quando a fúria lhe ascendeu aos olhos e entranhou na expressão. Estava zangada. Não tinha ouvido o que eu disse, mas sim uma crítica da minha parte ao amor que sentia pelos filhos. E eu não a tinha tecido. Estava salientando que “fazê-lo pelos filhos” era um caminho certo para a infelicidade, porque, se voltasse a cometer um deslize se convenceria de que era por não amar os filhos o suficiente, de que era má pessoa, que de era escusado tentar ficar sóbria. Tinha de o fazer por ela própria.

– Peço desculpa – afirmei. – Não devia ter dito nada. É óbvio que sabe o que está fazendo.

– Estou contando-lhe isto. – Estava com dificuldade (e a falhar redondamente) em ocultar a raiva na voz –, porque amo os meus filhos. Mais do que tudo. Faço tudo por eles. Estar perto de mim, neste momento, não lhes faz bem. Precisam do Kyle. Ele é constante e

estável... – A voz ficou embargada. – Não quero fazer isto. – As palavras saíram-lhe numa torrente chorosa. – Quero ficar com eles. Quero dar-lhes, todos os dias, um grande abraço. Quero ver Summer dançar ao som da música dos programas televisivos e Jaxon falar com o seu cão imaginário. Quero acordar todas as manhãs e saber que eles vão dizer ou fazer algo diferente do dia anterior. – As lágrimas caíam-lhe da ponta do nariz empinado, mas não as limpou. – Mas isso sou eu. Eles querem uma vida normal. Comigo e com o Kyle novamente juntos, sei disso. E, neste momento, não é possível. Talvez no futuro, mas, agora, não. Tem de decidir o que vai fazer. – Ashlyn estava, agora, falando de mim. Falando de mim e para mim.

– O que quer dizer? – interroguei.

– Tem de decidir se vai ficar ou não. Summer e Jaxon adoram você. Custa-me muito dizer isto. – Colocou a mão sobre o coração, para mostrar onde lhe doía. – Estavam constantemente tratando-me por Kendie, sem querer, o que me faz lembrar o quanto deve ser próxima deles. – A mão magra carregou ainda mais no coração. – Já não permitirei que os magoem. Se não vai continuar por perto num futuro próximo, até chegar o momento em que eles não precisem de você, tem de partir já. Vá embora já. Não os deixe gostar ainda mais de você para, depois, partir, decidir ir viver para outro lugar. Se permanecer, agora, na vida deles, fará parte dela para sempre. Se não puder assumir esse compromisso, vá embora.

Desceu do balanço e se pôs à minha frente, com os braços cruzados. Talvez para se proteger do frio ou, então, para me amedrontar.

– Tenho sido uma péssima mãe e vou impedir quem quer que seja de voltar a sujeitá-los a isso. Fique definitivamente ou vá embora.

Só para ser dramática, creio eu, voltou as costas e afastou-se.

Vi-a ir embora enquanto assimilava o que ela tinha dito. O que ela exigia de mim equivalia a fazer um teste de gravidez e descobrir que estava grávida. Percebi que tinha de tomar uma decisão: ter ou não ter o bebê; ficar com Jaxon e Summer ou partir; abrir mão da possibilidade de ser feliz, casar e adotar um filho com alguém que

ainda não tinha conhecido ou ficar eternamente onde seria sempre a segunda opção.

Estar com eles, agora, era fantástico e estar separada deles era um inferno que não queria voltar a viver, mas seria eu capaz disso? Seria capaz de me comprometer a passar a eternidade com duas crianças que nunca seriam minhas?

Quadragésimo segundo capítulo

Por volta das dez horas, na manhã seguinte, depois do banho, do café da manhã e de uma caneca de chá para a viagem, eu e Kyle começamos a levar os pertences de Summer e de Jaxon para o carro. Tinham acumulado bastantes coisas nas últimas seis semanas, mais roupas, brinquedos, livros e Dvd e foi muito difícil guardá-las nas malas deles. Recorremos a sacos de compras e, quando estes se esgotaram, levamos as coisas nos braços e pusemo-las à força em cima dos objetos metodicamente acondicionados na parte de trás do carro. Summer e Jaxon ficaram sentados no sofá, com a mãe, analisando o mapa do trajeto que devíamos seguir para regressar a Kent.

Ashlyn ainda estava de camisola, embora tivesse devolvido a Kyle a sua camiseta e colocado, no lugar desta, um casaco creme de malha grossa que lhe ficava demasiado grande. Depois de termos atulhado o carro com o último carregamento, voltamos para a sala de estar. Summer olhou, do sofá, para mim e para Kyle enquanto permanecíamos junto à porta, à espera de que as despedidas começassem. Virou-se para a mãe de camisola, afagou-lhe a mão e disse:

– Mamãe, você tem que se vestir como deve ser. Pai não deixará você ir de camisola no carro.

Cada um dos adultos recuou um pouco, surpreendido. Todos tínhamos partido do princípio de que um dos outros tinha explicado. Ninguém tinha, efetivamente, dito às crianças que Ashlyn não ia regressar conosco. Ninguém lhes tinha, efetivamente, dito que ficariam uns tempos sem ver a mãe. Ashlyn ergueu o olhar e fixou-o no de Kyle. Este fechou os olhos, com silenciosa angústia. Com a

emoção de estarmos de novo junto deles, não tínhamos tido o cuidado de explicar a situação às crianças.

Summer reparou na pausa que se seguiu à sua afirmação. Ergueu a cabeça e semicerrou os olhos ao fitar a mãe.

Não ofereceu resistência quando os dedos magros de Ashlyn, semelhantes a canas, com as suas longas unhas ovais, lhe pegaram na mão. Não se mexeu quando a outra mão de Ashlyn segurou na de Jaxon.

– Summer – disse Ashlyn. – Jaxon. – Deteve-se para olhar para cada um dos seus filhos. Estava fixando na memória a imagem deles; percebi isso pela forma como os seus olhos devoravam avidamente cada traço e curva dos rostos, dos cabelos, dos corpos deles. – Eu não vou voltar com vocês. Pelo menos, por agora. Por muito tempo. Tenho de ficar boa.

– Por quê? – perguntou Summer. A sua voz estava calma, débil, mas à beira de soltar um grito.

– Tenho de ficar boa – respondeu Ashlyn. – Há coisas que preciso fazer. Não me sinto muito bem há algum tempo e tenho de ficar boa para poder voltar para vocês, mas vamos nos ver muito em breve. Prometo.

Summer libertou a mão da mãe, começando visivelmente a irritar-se, com um misto de raiva e incompreensão a apoderar-se dela. Foi desabando pouco a pouco, momento a momento. Manifestou no rosto o sentimento de traição; deixou entrever a angústia quando se inclinou para a frente e, em pequenos soluços, começou a chorar. O seu débil pranto transformou-se num lamento agudo e, depois, num pranto sonoro.

– Por quê, mamãe? – interrogou enquanto chorava. – Por quê? Começou a balançar-se para trás e para a frente. – Vem para casa, mamãe, vem para casa. – Não se tratava desta ocasião. Não se tratava apenas de deixarmos Ashlyn para trás desta vez, mas sim de todo o tempo que a mãe tinha vivido longe deles. Eram os meses infindáveis que ela passava sem a mãe.

Após o reencontro do dia anterior, ao verem Ashlyn e Kyle abraçados, por que não haveriam Summer e Jaxon de esperar que a

mãe regressasse? Que a sua família, por mais imperfeita que fosse, se refizesse?

– Vem para casa, mamãe. Vem para casa. – O choro rude e aspirado de Summer cortou-me o coração. Kyle cruzou os braços firmemente junto ao corpo, tentando esconder o quanto cada lágrima o destroçava. Jaxon levantou-se do seu lugar, ao lado da mãe, atravessou silenciosamente a sala, sentou-se no chão, junto à porta da cozinha, encostou os joelhos ao peito e, depois, apoiou a cabeça neles.

– Eu me comporto bem. Prometo. Eu me comporto bem – lamentou-se Summer, tornando-se os seus gritos mais altos e angustiantes a cada palavra que proferia. – Serei uma linda menina, mamãe, prometo. Prometo.

– Oh, Sum, não é por sua causa. – Ashlyn tomou a filha nos braços. – Não é por sua causa. Você já é uma linda menina. É sempre uma linda menina. É por minha causa. Por causa da mamãe. Tenho de continuar aqui até ficar boa.

– Vem para Casa! – gritou Summer por cima das palavras de consolo da mãe. – Por favor! Mamãe, por favor! Por favor! Mamãe, por favor!

– Summer, querida – disse Ashlyn, mal sendo audível por cima dos gritos constantes de Summer. – Oh, Summer, desculpa. Desculpa. – As palavras de Ashlyn não tinham volume, sendo abafadas pelas lágrimas. – Desculpa, desculpa.

Kyle movimentou-se. Pensei que ia ter com Summer, mas dirigiu-se à cozinha. A Jaxon. Ao filho, o calado, o pequeno volume ao canto cujo coração estava a ficar tão destroçado como o da irmã, mas que não faria o que Summer estava fazendo. Não era de sua natureza. Era como o pai, despedaçava-se de dentro para fora, mas em silêncio. Absoluto tormento disfarçado de quietude. Kyle agachou-se junto ao filho, tomou-o nos braços e pegou-lhe ao colo.

– Você está bem, amiguinho? – perguntou Kyle enquanto puxava Jaxon na sua direção. Este colocou as pernas à volta da cintura do pai, enterrou-lhe o rosto no pescoço, uniu os braços em torno dele. Agarrou-se ao pai e permitiu-se ser levado para a cozinha, para longe da dor.

Eu devia sair. Devia deixar Ashlyn acalmar a filha à sua maneira, ao seu ritmo, pensei. No entanto, não podia fazê-lo. Não podia abandonar Summer quando ela estava destroçada. Ela estava sofrendo e isso magoava-me. Tal como devia acontecer com Ashlyn e Kyle, quando ela sofria, eu também sofria. Era impossível negar: eu estava ligada a Summer. Estava apegada a Jaxon. O que quer que os afetasse, afetava a mim também.

Summer começou a debater-se com a mãe, virando-se e contorcendo-se nos braços desta, debatendo-se porque não estava a ouvir o que queria.

– Mamãe, vem para casa! Vem para casa! – Não estava pedindo muito, não achava que fosse exigir muito da mãe fazer só aquilo por ela. Por eles. Sem pensar, aproximei-me do sofá, avançando na direção delas. Queria abraçar Summer, acalmá-la.

– Está tudo bem, Summer – disse eu, antes que pudesse evitar. – A sua mamãe vai para casa, só que não é para já.

Summer fugiu dos braços da mãe, percorreu a curta distância até mim a correr, atirou-se contra mim, colocou os braços à volta da minha cintura e enterrou o rosto no meu plexo solar. Ainda estava chorando, gritando, mas as palavras tinham se desvanecido. Era apenas som. Apenas um lamento dilacerante, um constante queixume pela dor que aquilo lhe infligia. Não voltaria a ver a mãe e o pai juntos. Melhor do que aquilo era, literalmente, impossível. Estavam presentes na mesma sala, falavam, mas não iam para casa juntos. Não iam formar uma família. A família dela tinha deixado de existir e não era justo. Não era justo. Não era justo.

Baixei-me até ao nível de Summer, envolvi-a nos meus braços e acolhi cada grito e lamento que me fustigava o corpo. Acolhi-os, assimilei-os, aceitei-os. Acariciei-lhe as suaves madeixas de cabelo negro como ônix, abracei-a, tentei acalmá-la. Os gritos de Summer abrandaram à medida que foi ficando esgotada. Foram diminuindo de intensidade cada vez mais, até ela estar apenas a tremer nos meus braços, soluçando para conter a angústia.

– Faça-a ir para casa, Kendie – sussurrou-me junto à face. – Faça a minha mamãe ir para casa.

Carreguei-lhe nas costas com a palma da mão, abraçando-a com força.

– Um dia, ela vai – retorqui. – Só que não é para já.

Pálida, trêmula e com o rosto lavado em lágrimas, Ashlyn foi encontrar conosco. Quando lhe olhei nos olhos, vi dor. Uma dor profunda e de partir o coração. Ela também não queria que fosse assim. Por que não vem para casa?, apeteceu-me perguntar-lhe. Pode procurar ajuda em casa. Não precisa de fazer isto.

– Posso falar com a Summer, por favor? – interrogou de modo rígido. Como se precisasse da minha autorização para ter uma audiência com a própria filha.

– Com certeza – disse eu. – Com certeza. – Afastei delicadamente Summer de mim, embora não tenha sido fácil. Ela agarrou-se a mim, não queria encarar a mãe. Se a encarasse, aquilo ia tornar-se realidade. Ela teria de aceitar que a sua família, finalmente, tinha deixado de existir.

Com relutância, voltou-se para a mãe. Encarou-a com a pele manchada, os olhos inchados e o corpo trêmulo. Tinha um ar derrotado e arrasado. O brilho da esperança tinha-se apagado dos seus olhos. Era uma expressão que nunca devia ser vista no rosto de uma criança de seis anos. Uma expressão que não devia ser vista no rosto de ninguém.

Deixei-as sozinhas. Abri a porta da rua e fugi para o carro. Abri a porta e sentei-me no lugar do passageiro. Não tinha dormido muito na noite anterior, depois da minha “conversa” com Ashlyn. Deitei-me tomando os lugares do passageiro e do condutor, tapei os olhos com as mãos e escutei o silêncio. Escutei o som do meu coração, batendo rápido e ruidosamente na quietude do carro de Kyle. Invadindo o espaço com o tormento do que tinha acabado de acontecer.

Aquilo não me tinha ocorrido. Não tinha pensado que ter as crianças de volta implicaria destroçar-lhes o coração.

Deitada no carro, tirei o celular do bolso do jeans e olhei para o visor. Tinha algo a fazer. Procurei o número, fixei-o, com os meus olhos a penetrarem-no, assim como ao nome por cima dele, até tudo se esbater numa mancha negra quando o visor se apagou.

Apertei o botão verde para efetuar a chamada antes que eu própria me demovesse.

– Alô? – ronronou ela ao telefone.
– Sou eu – informei.
– Ah. Olá, eu. Como você está? Por que está me telefonando, eu? O que aconteceu?
– Estou na Cornualha. Em Penzance.

– Está bem, estou percebendo, você foi raptada pela Brigada dos Pastéis de Carne. Vou mandar ajuda o mais rapidamente possível. Irão de gorro e levarão salsichas, purê de batata, empadas de enguia e uma lata de fumo.

Sorri para o telefone.

– Calma aí, já estou de partida. Só passei aqui uma noite...

– *Uma noite?! – interrompeu. – É tarde demais. Noto-o na sua voz. Está com sotaque. A seguir, começará a passar aí os fins de semana e, depois, vai querer fazer uma mudança radical. Irá viver aí. Oh, meu Deus, por quê? Por que é que as pessoas boas ficam imbuídas do espírito do pastel tão cedo? Por quê?*

– Gabrielle, para – sussurrei para o telefone. Não queria começar a rir. Não com tudo o que estava acontecendo dentro de casa. – Estou ligando para avisar que encontramos as crianças.

– Oh, graças a Deus – exalou Gabrielle para o telefone. – Graças a Deus. Começava a pensar... Não interessa. Graças a Deus, encontraram-nos. Estão a salvo? Estão bem?

– Sim, estão bem, de um modo geral. É difícil voltar a deixar a Ashlyn, mas vão ficar bem.

– Desde que estejam bem, é só isso que importa. Obrigada por me avisar. Sei que todos têm vivido um inferno. Para mim, também foi um inferno, portanto, obrigada por me ter avisado.

– Também telefonei para pedir desculpa pelo que aconteceu no bar.

– Querida, não precisa pedir desculpa.

– Preciso, sim. Só por sermos amigas, isso não quer dizer que não tenha de pedir desculpa. Você merece esse respeito.

– Não precisa pedir desculpa, porque não acho que você tenha feito nada de mal. Se alguém tivesse me pressionado como eu a

pressionei, teria perdido as estribeiras com essa pessoa. Se me tivesse perguntado, seria diferente, mas não perguntou. E não competia a mim fazê-lo. Portanto, não peça desculpa. Quando muito, eu é que devia pedir desculpa e não você.

– Estava só tentando ajudar.

– *Pronto, não vamos entrar no ciclo de tentarmos as duas arcar com as culpas. Digamos que ambas pedimos desculpa e vamos nos encontrar quando você regressar da – baixou a voz – Cornualha. Só eu e você.*

– Excelente. Obrigada, Gabs.

– Obrigada por ter telefonado, Kennie. Dá um beijinho meu à Summer e ao Jaxon.

– Darei. Até breve.

Junto ao carro, Ashlyn abraçou os filhos como se pudesse nunca mais os ver. Agora, Summer estava derrotada e não calma. Tinha abraçado a mãe e, depois, subido para a sua cadeira de segurança, permitindo à mãe apertar-lhe o cinto e ficando, em seguida, em silêncio. Era um silêncio que se identificava mais com Jaxon. Mesmo quando não falava, Summer era barulhenta. Agora, estava quieta e calada, com a testa encostada ao vidro e a olhar por este.

– Cuide da sua irmã – sussurrou Ashlyn a Jaxon enquanto o ajudava a entrar no carro e lhe apertava o cinto.

Virei a cara quando Ashlyn se voltou para Kyle, entretive-me a verificar os cintos de segurança de Summer e de Jaxon, a confirmar que as cadeiras estavam firmemente posicionadas e que o saco de comida estava bem fixo debaixo do meu banco. Evidentemente, conseguia ouvi-los. Ouvia os balbucios, a promessas, a conversa. Quando o silêncio se abateu, presumi que já era seguro endireitar-me e levantei-me mesmo a tempo de ver Kyle prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha da mulher e tomar-lhe o rosto na mão, fitando-a como se não soubesse o que dizer. Tinha muito a dizer, mas não lhe ocorriam as palavras para o exprimir – eu conhecia bem aquela expressão.

– Amo você – afirmaram os lábios de Ashlyn.

Kyle acenou com a cabeça, mas nada disse.

Diga que também a ama, quase gritei. Era doloroso saber que ainda estavam apaixonados um pelo outro, mas agiam assim. Não falavam, não eram sinceros. Deram um abraço e Kyle foi o primeiro a quebrá-lo, afastando Ashlyn e olhando para ela. Bebia-lhe a imagem como se quisesse recordá-la para sempre. Como se soubesse que não voltaria a vê-la assim. Abriu a porta do carro e entrou. A angústia estava gravada nos sulcos do rosto, nas rugas que se tinham formado durante a ausência de Jaxon e Summer. Enquanto colocava o cinto de segurança e se esforçava por evitar ir-se abaixo, Ashlyn deslocou-se até ao meu lado do carro e bateu no vidro. Eu abri-o, um pouco receosa do que ela pudesse dizer.

– Adeus, Kendie – despediu-se, com os seus olhos a perscrutarem os meus. – Aproveite a viagem de regresso, está bem? – Lembre-se do que eu lhe disse, a respeito de decidir ficar ou partir, transmitia ela. – Tenho muito em que pensar. Tenho de perceber por quem estou a fazer o que faço – continuou. Vou pensar no que me disse.

– Foi bom vê-la, Ashlyn – retorqui.

Afastou-se do carro, com os lábios unidos num sorriso de coragem e os olhos arregalados e apavorados. Recuou lentamente até ficar à porta da casa de campo. As crianças acenaram pelo vidro de trás, Kyle buzinou, ergueu a mão e, depois, começou a sair do caminho de acesso à casa.

– Pare o carro! – exclamei com urgência, desapertando o cinto de segurança e alcançando desajeitadamente a maçaneta da porta. – Esqueci-me de uma coisa.

Kyle travou e puxou o freio de mão.

– Do que você esqueceu? – perguntou, com a sobrancelha ligeiramente franzida a enrugar-lhe a testa, pois não tínhamos trazido nada. Teoricamente, não havia muita coisa de que eu pudesse ter me esquecido.

– Ah, você sabe... – respondi, abrindo a porta e saindo com esforço antes que ele pudesse fazer mais perguntas.

Avancei pelo caminho, pisando a grama com os sapatos, o que tornava pouco firme o meu andar, mas não o meu propósito. A cada passo que dava, maior era a certeza do que estava a fazer. Notei a confusão no rosto de Ashlyn à medida que me aproximava.

– Kendie? – interrogou.

– Entremos – disse eu, passando por ela para entrar na casa de tijolos de pedra. – Esqueci-me de uma coisa. – Não queria que Kyle e as crianças vissem o que ia acontecer a seguir. Não esperava que a situação redundasse em violência, não me parecia que ela fosse arrancar-me o cabelo, nem que eu fosse derrubá-la com uma placa de rugby, mas estas coisas eram imprevisíveis.

Ela seguiu-me para dentro, empurrando a porta devagar atrás de si, de modo a ficar quase fechada, mas não completamente. A luz entrava pelas grandes portas de vidro nas traseiras da casa de campo.

– De que se esqueceu? – inquiriu cautelosamente. Eu estava à frente dela, sem fazer qualquer menção no sentido de vasculhar o caos e os detritos do êxodo das crianças em busca do que quer que fosse que tinha deixado para trás.

– De lhe dizer umas verdades – afirmei, tremendo ligeiramente por trás das minhas severas palavras. Não tinha dúvidas de que o meu objetivo era legítimo, mas estava apavorada.

Ela deu um passo atrás, o que era bom sinal. Não avançou, com uma expressão agressiva estampada no rosto, os tendões do pescoço salientes, os músculos do corpo contraídos e preparados para o ataque.

– *Ashlyn é a pessoa mais egoísta que eu alguma vez conheci – declarei, controlando o meu nível de voz. – Acho incrível que nunca tenha sido chamada a prestar contas por tudo aquilo que já fez à sua família. Talvez eu esteja passando dos limites, mas não me interessa. Você precisa levar uma reprimenda. Como se atreve? Como se atreve a fazer isto? Como se atreve? Eu sei que está doente, que o alcoolismo é uma doença, mas por que os seus filhos têm de sofrer? Muito bem, vá procurar ajuda, mas por que tem de o fazer longe deles? Realizam-se reuniões por todo o país, por todo o mundo. Por que não pode ir para casa? Tem imensa sorte em ser casada com Kyle. É que, se dependesse de mim, teria feito queixa à polícia assim que levou as crianças. Teria posto a assistência social no seu encalço. Ele, porém, tinha fé em você. Teve sempre fé em você. Durante todo o verão, acreditou que continuava sóbria. Nem lhe ocorreu que Ashlyn nem sequer pensasse em beber quando sequestrou as crianças, mas, também, ele recusa encarar a sua*

doença e a si mesma. Porque jamais lhe passaria pela cabeça que Ashlyn mentisse para ele. Ele não percebe que, para você, nada é mais importante do que o próximo copo, nem mesmo os seus filhos. Tem que lhe contar a verdade. Ele precisa saber, para poder sair desta fase de negação e encarar esta situação. Precisa enfrentar a realidade. Perceber que Ashlyn não está “curada”, que não existe uma cura milagrosa e que você pode voltar a fazer o mesmo.

– Não voltarei – asseverou, scandalizada por eu nem sequer levantar tal possibilidade. Por aquela acusação, de todas as que eu podia dirigir-lhe, ser a mais injusta, a mais absurda.

– Como sabe? Quando estive com você, há uns meses, disse que o seu caso não era assim tão grave. Que tinha deixado de beber. Pois bem, quem diria? Não só começou a beber de novo, como pôs as crianças em risco.

– Eu contei tudo isso em confidência, não para me atirar à cara.

– Contou-me isso para poder me levar a entrar neste jogo estúpido de negação em que todos os que a rodeiam participam. Pois bem, não vai dar certo. Sou completamente a favor da negação, a menos que prejudique duas pessoas inocentes que a amam mais do que à própria vida. Eles fariam tudo por você. Tem ideia da sorte que tem? Tem? Há quem desse tudo para ter o que Ashlyn tem e, sim, está doente, mas isso não quer dizer que não possa se recuperar junto deles. Não por motivos egoístas.

O ambiente na casa de campo efervesceu com o meu desabafo e com o espanto de Ashlyn. Ninguém lhe tinha feito isto. Kyle já a tinha enfrentado, mas recuou quando pensou que ela ia deixá-lo, que tinha procurado ajuda e estava desintoxicada. Não compreendia, não sabia, suponho eu, que não era algo que se conseguia de um dia para o outro. Era possível deixar de beber, mas isso não tinha qualquer importância, se continuassem a existir motivos para isso. Apesar do que Ashlyn pensava, não bebia por causa de Kyle, nem por não ser capaz de lidar com as crianças. Bebia porque era alcoólatra, o que significava que qualquer desculpa era válida para o fazer.

Se quisesse ajuda, podia obtê-la e fazê-lo junto dos filhos. Havia mulheres que o faziam todos os dias. Lidavam diariamente com o seu

problema de alcoolismo com os filhos, o marido, o emprego.

– *Não tinha o direito de me fazer exigências, de me mandar decidir ficar ou partir, quando não faz o mesmo. E eles são seus filhos. Gostaria muito que fossem meus, mas são seus.*

O rosto de delicada estrutura óssea de Ashlyn empalideceu e os seus olhos concentraram-se no grosso tapete junto aos meus pés; ela parecia ter encolhido nos últimos minutos.

– *Vai... Vai contar ao Kyle que tenho bebido? – interrogou, mal passando a voz de um sussurro. Por um momento, tive vontade de avançar e abraçá-la. Dobrá-la nos meus braços e abraçá-la melhor, tal como fiz com a filha. Ressoava-me aos ouvidos aquela frase: “Serei uma linda menina, mamãe, prometo. Prometo”.*

– Não – respondi, endurecendo para não desabar. Se não tivesse cuidado, voltaria atrás com tudo o que tinha acabado de dizer. – Tem de ser a Ashlyn a contar.

Lenta e precisamente, abanou a cabeça.

– Não posso.

Encolhi os ombros, ainda que ela não estivesse a olhar para mim.

– Está bem, não conte. Não lhe conte, não volte, faça o que bem entender, Ashlyn. Só não se esqueça de que isso faz parte da sua doença. Fazer o que bem entende, pondo-se sempre a si em primeiro lugar, em detrimento de tudo o resto e dos outros; agradar a si própria em primeiro lugar faz parte daquilo que faz de si uma viciada. Ao não contar a verdade ao Kyle, todas as conversas que tiver com ele doravante terão por base essa mentira.

Andando muito mais devagar do que quando entrei, dirigi-me à porta. Pousei a mão no puxador de ferro fundido.

– Não se esqueça também de que eu posso não contar ao Kyle, mas não tem qualquer garantia de que Jaxon não o faça. Por quem preferia que ele soubesse?

De cada vez que pisava na grama, parecia que o ruído produzido por esta inculcava o que eu tinha dito na superfície da minha alma. Eu compreendia Ashlyn. Mais do que ela imaginava. Mais do que eu desejava. A minha droga de eleição era o ódio por mim própria.

– Ufa! – exclamei ao voltar a entrar no carro, tremendo as minhas mãos ao apertar o cinto de segurança. – Ainda bem que decidi ir. Não sabia que precisava tanto ir ao banheiro. Imagina que só descobria que estava tão aflita quando estivéssemos em plena rodovia. – Sabia que estava falando demais, mas não pude evitar. Estava ansiosa em relação ao que tinha feito. Aquela família parecia levar-me constantemente a ser firme e a fazer-me ouvir. Tinha constantemente de marcar uma posição, de ser dura.

Compreendia Ashlyn perfeitamente. Era por isso que podia dizer o que disse. Não tinha, porém, dito que me preocupava com ela, que me magoava que ela estivesse a magoar-se a si mesma, que a amaria para sempre, mas precisava que procurasse ajuda. Não o disse porque não era verdade. Todas as palavras que tinham saído da minha boca eram inspiradas em Summer e Jaxon. Nas duas criancinhas que se tinham apegado a uma pessoa praticamente desconhecida, porque, durante muito tempo, tiveram uma mãe ausente e um pai amalucado.

– Não disse que tinha esquecido de uma coisa? – contrapôs Kyle.

– Ah. Sim. Disse... – Tentei raciocinar rapidamente. – Disse que me tinha esquecido de ir ao banheiro.

Ele abanou a cabeça.

– Não, não disse. Lembro-me claramente ter dito que tinha esquecido de uma coisa.

Os meus olhos dirigiram-se ao espelho retrovisor. Tinha dois pares de olhos fixos em mim. Encolhi os lábios para os umedecer, subindo-me calor dos pés ao topo da cabeça, à velocidade da luz.

– Pois, esqueci-me de ir ao banheiro.

Kyle voltou a ligar o carro e, enquanto avançava, senti um aperto no coração.

– Para o carro! – ordenei. Kyle pisou no freio. Virou-se para mim.

– O que foi agora?

– Eu, aah, esqueci-me de outra coisa. – Comecei a desapertar o cinto de segurança e tateei desajeitadamente a porta até conseguir abri-la.

– De que outra coisa?

– Volto num instante.

Saí do carro, com os meus pés pisando a grama de modo ainda mais ruidoso enquanto corria novamente para a casa. Ashlyn estava sentada no sofá, olhando fixamente para a lareira, com os braços a envolverem-na. Olhou de relance quando entrei na sala de estar. Vi o seu corpo ficar tenso, preparando-se para outra investida.

– Desculpe – afirmei. – Fui sincera no que disse, mas não devia ter dito daquela forma.

Ela fixou-me, com os olhos vidrados, desligada. Os meus olhos percorreram rapidamente a sala, à procura da sua garrafa, da bebida que parecia ter tomado. Nada. Não havia nada à vista, nem cheiro a álcool no ar. Encolheu-me os ombros com desolação.

– Eu mereci – balbuciou.

– Ashlyn, desculpe. Eu... Não devia tê-la recriminado. Ou melhor, não, devia mesmo tê-la recriminado, devido ao inferno pelo qual fez com que todos passassem, mas devia também ter dito que é muito corajosa em tentar obter ajuda novamente. Merece muito respeito por isso. Devia também ter dito que é boa pessoa e que tenho quase a certeza de que ninguém poderia fazê-la sentir-se pior do que já se sente. Eu só... – Avancei e empoleirei-me à beira do sofá. – Eu adoro os seus filhos. Sou muito próxima deles. Obviamente, nunca o serei tanto como eles o são a você e jamais tentaria ocupar o seu lugar, mas o fato de não estar presente magoa-os muito e eu quero protegê-los de tudo o que os magoa. Sabe, também me custa tudo o que Ashlyn está perdendo. Quem me dera que visse como eles são fantásticos. Summer lê uns livros que são destinados a jovens adolescentes e reescreve os finais. Chega mesmo a sentar-se e a reescrever os finais, se considerar que são insatisfatórios. E escreve cartas de reclamação às pessoas. Cartas propriamente ditas, sobre aquilo com que não concorda. Como escreveu ao Primeiro-Ministro, por ter visto um homem que não tinha onde dormir. Jaxon começou a criar uma cidade na sala de brincar. É incrível. Agora, põe Kyle cortando blocos de madeira e pinta janelas e portas. Há arranha-céus, um centro comercial e casas. É algo incrível. Ashlyn está perdendo tudo isso e...

– Levantei e baixe a mão. – Ashlyn, venha para casa. Eu saio do

apartamento, pode morar lá, se não conseguir viver com Kyle, mas venha para casa.

Ela abanou a cabeça.

– Se eu pudesse ir para casa, não acha que iria?

– Não sei.

– Se pudesse ir para casa, iria. Mas não posso.

Eu tinha de repetir a questão. Tinha de a colocar a outro membro da família Gadsborough.

– Como suporta? Como aguenta estar longe deles?

– Kendie, devia era estar perguntando-me como suporte viver comigo mesma depois de tudo o que fiz. Do que posso ainda fazer-lhes. Como posso magoá-los muito mais se voltar. Não quero que me vejam assim.

– Mas isso pertence ao passado, a Ashlyn não será sempre assim.

– Já contou a alguém o seu maior e mais sórdido segredo?

Olhei-a de modo inexpressivo, pensando: claro que não; ninguém pode saber isso sobre mim.

– Duvido. Porque não quer que conheçam a sua pior faceta. Os meus filhos passaram toda a vida vendo a minha pior faceta. Convivendo com o meu maior e mais sórdido segredo. Não quero que continuem a fazê-lo.

Nada do que eu dissesse convenceria-a a mudar de ideia. A ir para casa e recuperar.

– Está bem. Ashlyn sabe o que faz, mas não se esqueça de que os seus filhos só querem você. Você, só precisam que lhes dê um bom exemplo. O único exemplo que tiveram de você foi o de ser uma bêbada e, depois, uma pessoa sóbria e infeliz. Ouça, eu voltei atrás para lhe pedir desculpa. Quero que fique bem e peço desculpa pela forma como disse o que lhe disse. Espero que encontre o que procura.

– Antes que pudesse pensar no que estava fazendo e a quem estava fazendo, coloquei os braços à volta de Ashlyn e dei-lhe um abraço. Tentei mostrar-lhe que, embora não compreendesse o motivo que se recusava a ir para casa e não aprovasse o que ela tinha feito sob o efeito do álcool, não deixava de esperar que ficasse bem.

Pus-me de pé de um salto e ela também se levantou. Enquanto eu corria para o carro, ela deslocou-se vagarosamente para a porta.

– Pronto – exclamei, instalando-me no lugar do passageiro, à frente. – Está tudo despachado.

– Está tudo despachado? – interrogou Kyle. – Pensei que tinha dito que esquecera de uma coisa.

– Então, de ir ao banheiro.

– Ainda agora você disse que tinha ido.

– Disse?

– Sim e disse que tinha esquecido de outra coisa. Falou como se tratasse de um objeto. Não falou como se fosse uma ação, como se fosse fazer alguma coisa, mas sim como se fosse buscar alguma coisa.

– Você é algum fiscal da gramática ou coisa que o valha? – perguntei-lhe. – E que diferença faz? Sério, Kyle, que diferença faz?

Ele examinou-me, com uma atenção um pouco excessiva, como se eu estivesse sob um microscópio. Os seus olhos negros exploravam-me o rosto, tentando decifrar-me. Senti-me perder forças sob a sua observação. Se ele me fizesse uma pergunta direta, eu cederia; sabia que assim seria. O calor começou a queimar-me a pele; o meu rosto devia estar latejando com o calor do seu olhar intenso.

– Aconteceu alguma coisa, não é? – inquiriu calmamente.

– Esqueci-me de uma coisa – pronunciou-se Summer. Senti o meu corpo descontraí-se, relaxando-se cada músculo tenso quando ela me salvou ao desviar a atenção de mim.

Em uníssono, eu e Kyle nos viramos dos nossos lugares, para olharmos para ela.

– Eu também me esqueci de uma coisa – afirmou Jaxon.

– *Desse jeito, nunca mais vamos embora* – disse Kyle, com a mão alcançando o fecho do cinto de segurança.

– Esqueci de propósito – continuou Summer.

– Eu também – acrescentou Jaxon.

– Esqueci do Saltitão – informou. – Deixei-o de propósito. Vai cuidar da mamãe. Eu tenho papai, Jaxon e Kendie para cuidar de mim. Mamãe não tem ninguém. – Summer acenou-nos com a cabeça,

segura do que estava dizendo. – Saltitão vai cuidar da mamãe. Pode dar-lhe abraços quando nós não podemos.

– Eu deixei o Garvo – comunicou Jaxon. – Também vai cuidar da mamãe.

Redirecionei o meu olhar para Kyle e colidiu com o dele. Quase conseguia ver-lhe o coração a palpitar depressa, igualando o rápido bater do meu. Tomei a atitude acertada. Ashlyn precisava ouvir umas verdades.

– Ora bem, o que vamos ouvir no caminho de volta? – perguntou Kyle enquanto se instalava no seu lugar, virando-se para a frente.

– Jaxon quer o CD da Pequena Aranha – disse Summer.

– Summer quer o livro do Harry Potter – replicou ele.

Pelo espelho lateral do carro, vi Ashlyn aparecer novamente. Agora, parecia mais frágil. Abalada, fraca, assustada. Por um momento, passou-me pela cabeça o que lhe tinha dito. Seria eu responsável pelo seu aspecto? Percebi que não. Os problemas de Ashlyn tinham começado muito antes de eu entrar na sua vida. Uma eternidade antes de o próprio Kyle o ter feito.

Espero que procure ajuda. Enviei-lhe uma mensagem tácita. Os seus filhos precisam de si, você precisa de si própria.

Vindo de algum lugar dentro dela, Ashlyn esboçou um sorriso no rosto e ergueu o braço para acenar. As crianças acenaram-lhe pelo vidro de trás, Kyle buzinou, levantou a mão e, depois, levou o carro vagarosamente para fora do caminho de grama que dava acesso à casa.

Da última vez que a vi, Ashlyn estava enquadrada no espelho lateral enquanto Kyle virava para a esquerda, no fim do caminho: estava à porta, com os braços magros cruzados sobre o corpo, uma meia puxada para cima e a outra enrolada junto ao tornozelo. Foi-se abaixo. Obviamente, não conseguiu aguentar até nos afastarmos o suficiente. Deixou-se cair para a frente e, provavelmente, desatou aos gritos.

Cereal caseiro
com iogurte
natural



Quadragésimo terceiro capítulo

– Quero levar Summer e Jaxon ao centro de Londres, em dezembro, para fazermos isso – disse eu a Gabrielle –, mas não me parece que Kyle queira perdê-los de vista por três minutos, quanto mais um dia inteiro. Tornou-se extremamente paranoico a respeito deles. Eu compreendo, ainda que, sempre que ele age assim, Jaxon e Summer lhe façam uma cara como quem pergunta: “Qual é o seu trauma de infância?”.

A minha linda chefe segurou-se à borda da pista gelo, com o peito a palpitar e a respiração a sair em pequenas e cerradas nuvens brancas devido ao esforço das seis voltas que tinha dado em rápida sucessão.

Eu adorava patinar no gelo. Adorava estar no gelo, deslizando pelo mundo sem nada que me impedisse. Sem nada que me detivesse. Tinha problemas de equilíbrio em quase tudo, era absolutamente incapaz de andar de patins, mas, no gelo... Com o frio repuxando-me a cara, a emoção, a liberdade, sentia-me liberta e à vontade. Descansada e em paz.

Era uma paixão que eu e Gabrielle partilhávamos e, para o nosso “encontro” após o meu regresso da Cornualha, ela tinha sugerido que fôssemos patinar no gelo. Quando saímos do trabalho, lá fomos, pois a pista estava aberta até tarde para os verdadeiros patinadores, e só mais duas pessoas andavam pelo gelo. Ambas tinham treinadores, haviam colocado a sua pequena insígnia e estavam praticando saltos, voltas e outros passos. Tínhamos um dos extremos da pista praticamente só para nós.

– Como está o apetecível Kyle? – perguntou Gabrielle.

– Paranoico, mas está bem. Estão todos bem, agora que estão novamente juntos.

– Isso é fantástico – declarou Gabrielle. – Fico muito contente pelo fato de a sua família estar novamente unida.

Fitei-a com a sobancelha arqueada, mas ignorei o seu comentário. Ela lançou-se para longe da berma da pista e deslizou pelo gelo, andando para trás, bela e graciosa, com os seus longos e negros anéis de cabelo a voarem-lhe no rosto. Quando chegou ao outro lado, ali se deteve e, depois, voltou na minha direção. Parou, bastante desajeitadamente, atirando-se contra a parte lateral, quase tombando por cima da barreira ao fazê-lo.

– Kennie, eu sei que está seguindo em frente – principiou, enquanto se endireitava –, mas tenho de fazer apenas a seguinte observação: devia ter me contado o que Janene disse.

– Não podia – retorqui simplesmente. – Já existe demasiada torpeza no mundo. Não podia repeti-lo.

– Mas será que não percebe? Assim, ela fica impune. Quando nos calamos a respeito desse tipo de coisas, o autor fica impune.

– Eu não me calei, eu... Enfim, você ouviu quase tudo.

– Devia ter me contado. Quando as pessoas cometem esse gênero de ofensas, mesmo que sejam verbais, se nada dissermos, as protegemos. Não é fácil falar, mas sabe o que mais? É uma das coisas mais importantes. Para nós próprias. O silêncio ajuda as pessoas que nos prejudicam.

– Mas o que é isto? Algum filme de sensibilização pública? Pensei que era só eu que tinha a mania dos discursos – repliquei. Ela tinha me dito, certa vez, que eu devia ser a única pessoa à face da terra que tinha direito a mais do que um púlpito na vida, por ter gasto o primeiro.

O sorriso de Gabrielle iluminou-lhe o rosto, realçou-lhe o negro nos olhos azuis e os fios de puro negro do cabelo.

– *Por vezes, não consigo evitar. – Largou a parte lateral, deu uma pequena volta e, depois, voltou a agarrar-se. – Deixo-me envolver tanto... Você sabe, depois de... – Deteve-se e examinou-me, tentando perceber se podia pronunciar a palavra à minha frente. Não sei por que pensava que,*

agora, tinha de se censurar. – Depois de ter sido agredida. – Optou pela palavra mais segura, pela menos emotiva, por aquela que não parecia tão brutal e violenta. – A decisão de apresentar queixa não partiu de mim, mas não me arrependo. Nem por um instante. Por vezes, gostaria que as pessoas não soubessem, gostaria de não ser “a que foi... agredida” na minha família, mas não me arrependo de ter ido até ao fim. Não por vingança, mas porque isso significou que o enfrentei. Foi depois do fato consumado, depois de ele me ter feito mal, mas, ainda assim, enfrentei-o. Nunca me arrependerei disso.

– As pessoas acreditaram em você. Há quem não tenha tanta sorte. O rosto de Gabrielle ficou ensombrado.

– Nem todos acreditaram em mim. Ficaria admirada com a quantidade de pessoas que não acreditaram em mim; muitas recusaram nem sequer pôr a hipótese de um “homem tão bom” fazer algo assim. Outras afirmaram que eu era mentirosa e tinha problemas mentais. Algumas disseram que eu era tão reprimida que não conseguia simplesmente admitir que era sexo, mas isso não interessa. No final de contas, nada disso interessou, pois eu sei a verdade. Ele sabe a verdade. Sabe também que contei ao maior número de pessoas possível, que a sua tentativa de me silenciar não deu certo.

– É justo.

– O mal prospera quando as pessoas boas não fazem nem dizem nada.

– Comunicado de sensibilização pública.

– Desculpe. – Solto um risinho, levantando os ombros e franzindo o nariz, parecendo a menina que era há muitos anos. – Então, mudando de assunto, posso fazer uma pergunta?

– Claro. Não quer dizer que eu responda.

– Kyle está pagando por aquilo que algum sacana fez a você? – interrogou. – Não dá uma oportunidade por causa de algo que aconteceu com você? – Eu sentia os seus olhos examinarem-me, estando bem atentos à minha reação.

A minha reação consistiu em revirar os olhos. Debrucei-me sobre o muro, deixei o sangue afluír-me à cabeça – o meu chapéu azul não caiu, mas o cabelo desceu e destapou-me o pescoço. Quando estivesse novamente de pé, poderia olhar para Gabrielle para encarar aquilo.

– Mesmo que eu soubesse a que se referes, seriam duas questões distintas. Kyle não está pagando por nada, porque não passa de um amigo. Quem me dera que entendesse isso.

– E entendo.

– Não entende. Para fazer essa pergunta, não entende. Eu adoro Kyle, é uma pessoa fantástica, tem um lugar especial no meu coração, mas não o vejo como um homem. Não dessa forma. É um amigo. Gosto dele como gosto de você. Isso é incontornável. Ele não... ainda amo o Will. Não posso mudar isso. Sei que não vai acontecer, que ele está na Austrália, que não vai ser possível e que nunca conseguirei perdoar-me pelas circunstâncias da nossa relação, mas amo-o. E, sim, todo mundo acha que eu deveria esquecê-lo. Mas como? Não entrando em contato com ele? Já tentei. Não vivendo perto dele? Não possível afastar-me muito mais dele do que estando na Inglaterra. Não pensando nele? Não o faço de propósito. Ele simplesmente me assalta. Eu amo Will e não poderei dar uma oportunidade a ninguém enquanto isso não acabar.

Olhei para Gabrielle, um pouco envergonhada com o arrebatamento que tinha tomado conta de mim. Com a intensidade dos meus sentimentos. Sabia que ainda estava muito ligada a ele, mas não tinha reconhecido a profundidade de tais sentimentos perante ninguém, incluindo eu própria. Principalmente, por ter um enorme receio de pensar nele. Ele acarretava pensamentos sobre a carta e o que esta poderia dizer. Quando pensava nele, pensava na mulher, desesperada, tão desesperada que tentara se suicidar. Tanto quanto eu sabia, tinha, efetivamente, se suicidado. Quando pensava nele e, por um momento, esquecia tudo o resto, sentia-me alumiada de dentro para fora. Como uma árvore de Natal com as luzes acesas, como a Torre Eiffel iluminada à noite. Quando podia pensar em Will sem tudo o resto, o meu coração ganhava vida.

Quando acabei de falar, percebi que Gabrielle estava sorrindo para si mesma.

– Pareço uma idiota falando? – perguntei, sentindo a vergonha a alastrar-se pelo meu corpo como uma praga.

– Não, querida, não. De modo nenhum. Estou sorrindo porque você pronunciou o nome dele. Pela primeira vez, pronunciou o nome dele. Deixou de ser o homem casado cuja vida você julga ter destruído e tornou-se um homem. Tornou-se Will. Um homem de verdade, por quem sentiu algo. Pela primeira vez, quando falou nessa época, não se recriminou pelo que sente. Você confessou os seus sentimentos e não se envergonhou de tê-los.

Baixei o olhar.

– Sim.

– Não estou dizendo que seja a situação ideal, mas não podemos decidir por quem nos apaixonamos. Se pudéssemos, haveria alguém solteiro? Haveria alguém divorciado? Haveria desentendimentos com a família? Por vezes, penso que a melhor forma de esquecermos e de seguirmos em frente é experimentar. Vermos por nós próprios se vai dar certo ou não. Sairmos magoados, se não der certo, e, depois, aprendermos a ultrapassar isso.

– Neste caso, é pouco provável que isso aconteça.

– Talvez sim, talvez não. Will pagou por aquilo que algum sacana fez a você?

– Mesmo que eu soubesse a que você se refere – introduzi a minha resposta –, talvez tivesse pago, em longo prazo. Não sei. Recordo-me, porém, de ter me sentido extremamente segura junto dele quase de imediato. Não me preocupei com... com nada. Ele nunca me pressionou por motivo nenhum, nem me pediu para carregar os seus fardos. Lembra-se de ter falado na intuição? Culpa à parte, nunca tive um momento de mal-estar em relação a ele, nem quando estava com ele. Dava por mim descontraída. Ficava normal. O meu corpo tinha sensações normais, eu não era...

Gabrielle pousou a mão no meu antebraço quando as minhas palavras se esgotaram, desvanecendo-se no ar a minha explicação com o meu sopro branco.

– Eu percebo, querida – tranquilizou-me. – Céus, se percebo.

– Então – exclamei, animando-me e preparando-nos para uma mudança de assunto –, quer fazer uma corrida à volta da pista ou você demasiada medrosa para competir comigo?

– Eu, com medo de disputar uma corrida contigo? Pois, sim – zombou. – O Ted sofreu com o que aconteceu comigo. Sofreu muito. – Endireitou-se, deu uma volta nas pontas dos patins e inclinou-se para a frente, por cima do muro, fixando a escuridão que espreitava debaixo dos bancos. – Não foi tanto o que eu fiz, mas mais o fato de ter me visto ficar destroçada. Queria ajudar-me, mas não podia. Eu não podia ajudar-me a mim mesma, logo, como poderia ele fazê-lo? Depois, ele quis que tentássemos ter um bebê. Não consegui. – Encolheu os ombros de modo desalentado ao dirigir o olhar para o teto. – Jamais conseguiria trazer uma criança ao mundo depois do que tinha acontecido. Pensei que conseguia, mas, quando chegou a hora da verdade, não consegui. Ele teve dificuldade em aceitar isso, mas só a princípio. Comprometeu-se “para o bem ou para o mal” e foi sincero. Eu, por outro lado, não podia deixá-lo fazer tal sacrifício. Pedi-lhe para ir embora e ele recusou. Continuei a pedir para que fosse embora até que, um dia, ele me ouviu. Disse que só o faria se eu o visse fazer as malas, porque, se, a qualquer momento, eu mudasse de ideia, ele ficava. Fiquei ali sentada, debulhada em lágrimas, a ver o homem, o único homem, em quem tinha confiado desde os vinte e cinco anos deixar-me. Posteriormente, fiquei semanas sem suportar ir para casa. Ficava no escritório depois do trabalho e chorava.

– Quando é que isso aconteceu?

– Alguns meses antes de você ir para a Austrália.

Fiquei estupefata. Não fazia ideia. Não fazia ideia nenhuma. Nunca deixou perceber que algo tão avassalador se passava com ela.

– Ele já está com outra pessoa?

– Não.

– Então, ainda se falam?

– Sim, mantemos contato.

– Podem voltar a ficar juntos?

Virou-se para mim, parecendo os seus olhos duras e cintilantes safiras na cabeça, com o semblante a exhibir um indício de um sorriso escarninho.

– Por que haveria de o fazer passar novamente pelo mesmo?

– Não cabe a ele decidir? – perguntei. – Se Ted quiser voltar para e você o quiser de volta, para quê colocar entraves a isso?

– Nem sempre o que queremos é o melhor para nós.

Pela primeira vez, desde que a conhecia, interroguei-me sobre a lucidez de Gabrielle. Se Will fosse solteiro, estivesse ali e ainda se interessasse por mim, nada me impediria. Nada.

– Vocês não se maltratam mutuamente – disse eu a Gabrielle. – E, sério, se tem a mais remota hipótese de ser feliz, por que não a agarra com ambas as mãos? Já é difícil que chegue a encontrar alguém por quem nos sintamos atraídos, que seja solteiro, esteja no momento certo da vida e corresponda aos nossos sentimentos. Para que haveremos de lutar contra isso? Quero dizer, passados três anos, continuam os dois sozinhos e interessados um no outro. Acha que talvez o universo esteja a tentar dizer alguma coisa?

– Oh, não sei, Kennie. Será assim tão fácil?

– Por vezes, é. Outras vezes, não. Há momentos em que temos de ser nós a facilitar. Mas nunca saberá, se não tentar. Afinal, o que tem a perder?

– A minha última réstia de esperança. Quando tiver a certeza, tenho a certeza. Assim, posso sempre manter viva a esperança de que podia ter dado certo.

– A esperança só é útil se fizermos alguma coisa com ela. Ficarmos de braços cruzados, a esperar que algo dê certo, e esperarmos que algo dê certo enquanto fazemos tudo ao nosso alcance para nos assegurarmos de que isso acontece são duas coisas completamente distintas.

– Talvez tenha razão – disse ela. – Sei que, sempre que falamos, imagino como seria voltar a ser a mulher dele. Foi por isso que não tornei a adotar o nome de solteira, sabe? Porque ainda podia fingir... Talvez precise fazer isso. Só de o fazer, para ter a certeza. – Virou a cabeça para um dos lados enquanto me sorria delicada e afetuosamente. – E você, hã? O que vamos nós fazer a respeito da linda Kennie? – Estendeu a mão e puxou-me uma madeixa de cabelo para trás.

Afastei-me dela com brusquidão, não me sentindo à vontade com aquele tipo de contato. Com ninguém, quer fosse homem ou mulher; amigo, familiar ou desconhecido.

– Desculpa, desculpa, não devia ter feito isso – afirmou. – Muito bem, observa-me. – Patinou até à deserta extensão no meio da pista, deu algumas voltas largas e, em seguida, acelerou, deslocando-se a uma velocidade cada vez maior. Depois, deu um salto no ar, fez duas piruetas e meia e, seguidamente, aterrou no gelo, ficando com a perna de trás bem esticada e os braços estendidos para se equilibrar. De modo espontâneo, desatei a aplaudi-la. Tinha jeito. Havia de dizer que era uma grande exibicionista, mas tinha esse direito.

A minha última réstia de esperança? Esta frase ecoou por cima do arranhar dos seus patins quando começou novamente a dar grandes voltas, cada vez mais depressa, cada vez mais rapidamente, até, de repente, ficar a rodopiar sobre as pontas dos patins, erguer os braços no ar e começar a andar roda vezes sem conta, transformando-se numa esguia e retorcida névoa azul, vermelha e roxa no gelo.

Fechei os olhos; por trás das pálpebras, ainda via o redemoinho de luz refletida no seu fecho metálico.

A minha última réstia de esperança. Pensei na carta por abrir de Will e a habitual ansiedade não me esmagou, pois a conversa com Gabrielle tinha originado uma nova linha de raciocínio. Talvez descobrir que era tarde demais e que a mulher de Will tinha morrido não fosse o único motivo pelo qual eu receava abrir a carta. Talvez não a tivesse aberto porque isso podia também significar que saberia se tudo tinha acabado com o primeiro homem com quem senti uma ligação física, emocional e mental tão forte.

Talvez não a tivesse aberto porque me revelaria que eu encontrara o verdadeiro amor e o perdera.

Quadragésimo quarto capítulo

As palavras de Will estavam estampadas na página, estampadas, uniformes e azuis, mas o que ele disse era tridimensional e preencheu a sala, o meu pensamento e o meu coração.

Respirei fundo várias vezes e tive cinco ou seis falsas partidas antes de, por fim, abrir o envelope. Decorreram mais dez minutos de respiração profunda e calmante até conseguir tirar as duas folhas de papel do interior. Depois, já tinham passado mais vinte minutos quando consegui olhar para as palavras.

Ela está bem. Mudou de ideia mesmo a tempo, percebeu que nada valia abandonar as crianças e telefonou à irmã. Tiveram de lhe fazer uma lavagem ao estômago, mas, felizmente, não sofreu lesões irreversíveis no fígado. Está bem, muito melhor, e sendo acompanhada.

Foram essas as palavras que li vezes sem conta, com a gratidão a correr-me pelas veias, livre e sem ser reprimida. Ela estava bem. Estava viva. Eu não tinha sido parcialmente responsável por...

Eles tinham iniciado a terapia obrigatória para quem desejava obter o divórcio e descoberto que não queriam ficar juntos. Segundo ele, já deviam ter-se separado há mais tempo ou recorrido à terapia, mas, agora, queriam seguir em frente. Estavam aprendendo a ser amigos novamente e ainda a atravessar o processo de divórcio.

As palavras que me fizeram passar os dedos pela página, como se tentasse absorver os sentimentos dele através da tinta azul, foram as seguintes:

Eu amo você, Kennie. Se pudesse ir para Inglaterra, iria. Espero que saiba isso, mas não posso abandonar os meus filhos. Você pode regressar? Sei que é pedir muito, mas quero ficar contigo. Recebas esta carta quando receberes, sei que isso não terá mudado. Esperei quase dois anos para ficar contigo. Creio que o que sinto jamais mudará. Assim, pensa nisso? Se você receia que os seus sentimentos possam alterar-se quando me conheceres bem, porque não vem passar umas férias aqui? Fica três meses e pensa, depois, no que fará em longo prazo.

Ele tinha escrito aquela carta há uma eternidade, mas, no pouco tempo que o conheci, tinha adquirido uma noção da pessoa que ele era. Não a teria escrito de ânimo leve. Teria detido em cada palavra. Teria pensado no que estava dizendo. Teria pedido para voltar para ele por ser esse o seu desejo.

Eu sabia, como uma pessoa que ama outra sabe, que ele não teria mudado de ideia. Nada se teria alterado entretanto. Assim era comigo e assim devia ser com ele.

Tinha escrito aquela carta há meses, portanto, faltava muito menos tempo para eles estarem divorciados. Agora, podíamos ficar juntos. Eu podia voltar à Austrália, àqueles momentos de felicidade que me tinham sido arrebatados. Podia regressar e sentir-me calma novamente. Sentir-me segura. Era isso que eu tinha quando estava com Will. Uma sensação de segurança. De normalidade. Estava literalmente a recuar no tempo. Até uma época anterior aos meus lampejos de memória. Antes de pensar duas vezes em tudo o que as pessoas me diziam. Antes de ter de esconder uma enorme parte de mim. Com Will, não tinha de proceder assim. Podia contar-lhe tudo. O que quer que fosse. Agora, podia voltar a ter isso.

Peguei o celular. Segurei-o e, em seguida, selecionei o campo das mensagens novas. Fiz um rápido cálculo para determinar que horas seriam lá. Era de noite. Eu sabia que ele ficava acordado até tarde, mas, mesmo que não ficasse, acordaria com uma mensagem.

Tentei pensar nas palavras certas a dizer. Tinha de lhe perguntar se ainda me queria de volta. Se achava que ainda tínhamos futuro.

Não ia correr para lá, nem confirmar a minha ida, mas tinha de saber se, caso fosse, ele estaria à minha espera.

Ainda quer que eu regresse?

Escrevi e, depois, enviei a mensagem antes que pudesse pensar nisso. Não assinei; não era necessário. A não ser, evidentemente, que ele tivesse outra mulher na Inglaterra que queria que regressasse e, nesse caso, teria uma grande surpresa no aeroporto.

Trrriimmm! O meu celular tocou menos de trinta segundos depois. Sobressaltei-me. Estaria ele telefonando-me tão depressa? Olhei de relance para o visor e deparei com Summer, Jaxon e Kyle a sorrirem-me.

– Olá – disse eu para o telefone, perguntando-me qual dos três seria.

– Kendra, Kyle. – A sua voz estava formal, cerimoniosa. Algo se passava.

– Olá – retorqui.

– Você pode vir aqui em casa? Há um problema com o seu débito em conta; pode vir para falarmos sobre isso?

– Por quê? O que aconteceu? – perguntei, em pânico. Tinha a certeza de que tinha dinheiro suficiente na conta para pagar o aluguel. Eu nada fazia todos os meses. Teria alguém roubado a identidade e deixado a conta descoberta?

– Preferia que falássemos pessoalmente. Pode vir agora em casa?

– Sim, com certeza – respondi.

– Obrigado. – *Desligou sem esperar que eu me despedisse. Fiquei olhando para o telefone, com a boca aberta de espanto. Não é que acabou mesmo de desligar o telefone na minha cara? Como se atreve? Quem julga ele ser?*

Eu não ia tolerar tal comportamento. Se houvesse algum problema, eu teria, literalmente, falhado apenas um pagamento. Um pagamento.

Desci pesadamente as escadas, com as chaves a chocalharem numa mão e a outra a agarrar o celular, a boca firmemente fechada e os olhos semicerrados.

Eu dou-lhe a porcaria do débito. Bati rapidamente à porta e, depois, sem esperar por uma resposta, abri-a e entrei.

– Surpresa! – exclamaram Kyle, Jaxon e Summer quando entrei na cozinha.

O meu coração parou de bater quando o meu corpo deu um salto para trás com o espanto. Uma pessoa tão nervosa como eu, de um modo geral, não apreciava surpresas. Mesmo que fossem agradáveis.

Olhei para os seus rostos, todos sorridentes e concentrados em mim. Havia balões vermelhos, azuis e verdes atados, em conjuntos de três, à parte da frente dos armários de parede. Uma toalha vermelha, branca e azul cobria a mesa de madeira, ao longo de cujo rebordo tinham sido pregadas serpentinas. No meio da mesa, encontrava-se um enorme bolo – e era mesmo enorme. Era camada sobre camada de chocolate, bolacha de chocolate, recheio e mais recheio de chocolate. O topo tinha sido personalizado com marshmallows brancos e cor-de-rosa, cuidadosamente colocados em cada pico de cobertura de chocolate. No centro, havia uma floresta de velas – tantas quantas conseguiram amontoar –, todas acesas.

A minha cara confusa, depois de ter compreendido o cenário de festa diante de mim, dirigiu-se aos rostos deles.

– Um, dois três... – contou Jaxon e, depois, a divisão foi invadida pela versão deles dos “Parabéns a Você”. Cantaram de modo afinado, com o barítono rico e suave de Kyle deixando-se acompanhar as vozes mais jovens e agudas. A cada palavra que me cantavam, vinham-me as lágrimas aos olhos.

– Boa!!! – exclamaram no fim e aplaudiram-me. Tapei a boca com a mão, tentando conter a emoção que me estava presa na garganta.

Abanei-lhes a cabeça.

– Não faço aniversário. – Consegui dizer por entre profundas inspirações.

– Nós sabemos – retorquiu Kyle.

– Disse que era em agosto – principiou Jaxon.

– Mas, em agosto, estávamos na Cornualha – continuou Summer.

– *Portanto, vamos festejar agora. A surpresa não poderia ser maior.* – Terminou Kyle. – *Agora, apaga as velas do seu bolo.* – Fez sinal com a mão

para o bolo com a sua floresta de chamas e cobertura de marshmallows derretendo-se lentamente.

– Não cabiam mais velas no bolo, não? – gracejei.

Foi tão amoroso. Não só pelo que tinham feito, mas por isso revelar muita coisa. Queria dizer que, finalmente, conseguiram. Finalmente, eram uma família coesa. Tinha trabalhado em conjunto para fazer aquilo. Davam explicações em conjunto. Sentiam-se seguros. Jaxon conseguia falar, pois não receava dizer algo que destruísse tudo. Summer não precisava de fazer birras constantes, pois conseguia que o pai reparasse nela com o seu comportamento normal. Kyle estava novamente com a sua família. Jaxon e Summer tinham o pai de volta. Sob alguns aspectos, a partida de Ashlyn foi o melhor que ela podia ter feito pela relação de Kyle com os filhos.

Avancei, fui até à mesa e inclinei-me para a frente.

– Faça um pedido! – lembrou Summer.

Levantei a cabeça e chamei a atenção de Kyle. Os nossos olhares fixaram-se por alguns momentos. Eu sabia o que tinha de desejar. Fechei os olhos, pedi o meu desejo, respirei bem fundo, franzi os lábios e soprei. Com força. Abri os olhos enquanto o sopro emanava de mim num fluxo longo e regular e andei à roda, assegurando que apagava todas as velas de uma só vez. Aquele desejo tinha de se realizar.

– Temos presentes! – comunicou Summer e precipitou-se para fora da cozinha, com Jaxon logo atrás dela, antes que eu pudesse gritar que não precisava de presentes, além do bolo.

– Ela vai gostar mais do meu presente do que do seu! – bradou Jaxon atrás dela, seguindo-a bem de perto, pelo que os sons davam a entender.

– Não vai nada! – respondeu-lhe ela.

Estavam discutindo. Summer e Jaxon estavam, de fato, discutindo. Tratava-se de uma mera questão, mas, ainda há poucos meses, isso parecia impossível. Costumavam unir-se, desesperados, incapazes de existir um sem o outro para mostrarem o outro lado das suas personalidades. Agora, aquele laço entre irmãos gêmeos com que se estrangulavam mutuamente parecia ter-se afrouxado o suficiente para existir uma certa rivalidade entre os dois.

Puxei uma cadeira, afastei um longo balão em forma de salsicha e sentei-me. Kyle fez o mesmo, à minha frente. Pegou num chapéu de festa cônico e vermelho e brincou com o fino e filamentosso elástico branco antes de me entregar. Eu coloquei-o sem hesitações.

Quando ficou com as mãos livres, encontrou algo mais com que ocupá-las, tirando as velas de cima do bolo. Concentrou-se na sua tarefa, mas eu percebi que ele queria dizer algo.

– Eu... Aah... Ashlyn telefonou-me – declarou. Começou a mexer no corpo retorcido de uma vela cor-de-rosa. – Telefonou para mim, não para as crianças. Contou-me. – Examinou-me o rosto; obviamente, sabia que eu sabia. – Tudo. Era isso que estava fazendo quando não parava de sair do carro? Estava obrigando-a confessar?

– Já te disse que me esqueci de uma coisa – retorqui.

– Está bem. Tivemos uma longa conversa. Concordamos que devo ser eu a ficar com a guarda das crianças. Apresentei o pedido de poder paternal e, provavelmente, será deferido, pois Ashlyn não vai contestá-lo. Aceitou que não pode ser a principal responsável por eles e não quer que voltemos à mesma situação.

– Kyle, fico muito contente por você – afirmei.

– Nunca pensei que também ficasse contente com isso, verdade seja dita, mas não imagino nada melhor. Posso também deixar de me preocupar com Ashlyn. Está sendo submetida a um tratamento. Só quando me disse isso é que me percebi de que ela nunca tinha realmente reconhecido que tinha um problema. Começou a participar em reuniões por eu ter dito que ela tinha um problema, não por reconhecê-lo perante si própria ou qualquer outra pessoa. Reconheceu que tem um problema e pediu ajuda.

– Consta que esse é o primeiro passo: reconhecer que se tem um problema que não se consegue controlar.

Ele sorriu para si mesmo.

– Foi isso que ela disse.

– Tem sorte em tê-lo, sabe, Kyle. Muitas mulheres na situação dela são casadas com homens bons que não saberiam por onde começar se dessem por si nesta situação, mas você assumiu mesmo a responsabilidade. Após algumas falsas partidas.

– E com uma grande ajuda de uma certa pessoa.
– Transmitirei os seus agradecimentos à senhora Sobrancelhas, da casa ao lado – disse eu. Já não a via há uns tempos. Talvez para não fazer besteiras em público havia algum tempo.

Kyle riu-se. Uma pequena gargalhada que lhe iluminou o rosto. Era muito bonito. Um homem adorável com bom coração.

– Eu também tenho um problema. Já aceito isso – continuou. – Ajudei-a a ser alcoólatra. Ao fingir, durante tanto tempo, que aquilo não estava acontecendo, ao encobri-la, ao ficar tão zangado com ela quando fazia asneiras, ao culpá-la tacitamente por me ter destruído a carreira, não a ajudei. Se pudesse fazer tudo de novo, procuraria ajuda. Falaria com alguém. O silêncio não foi útil.

– Talvez possa, agora, falar com alguém – sugeri brandamente.

Ainda a mexer na vela cor-de-rosa, sorriu-me.

– Já falo.

– Com um profissional – esclareci. – Ou talvez com outras pessoas que tenham vivido com alcoólatras.

– Talvez... Veremos... Ainda estamos em processo de divórcio. A avançar, não a retroceder, percebe?

Acenei com a cabeça.

– Concordamos em tentar manter a civilidade, mas somos realistas. A situação pode complicar-se, mas, aconteça o que acontecer, não vamos usar as crianças como armas como fizemos anteriormente. A questão não deverá demorar a ser resolvida. Os aspectos financeiros que vão levar mais tempo a ficar decididos. É assustadora, ideia de não estar com Ashlyn. Passei a maior parte da minha vida adulta com ela. É difícil imaginar estar sem outra pessoa.

– Que presente quer abrir primeiro? – gritou Summer ao voltar a entrar na divisão, correndo atrás de Jaxon e interrompendo a nossa conversa. Os dois jovens ficaram em sentido, à porta, com as mãos atrás das costas, escondendo os presentes.

– Não me obriguem a escolher no meu aniversário a fingir – disse eu, saindo habilidosamente da linha de fogo.

– Pronto, escolhe você, pai. – Determinou Summer.

A angústia de um pai colocado numa posição nada invejável passou pelo semblante de Kyle.

– Jaxon, você primeiro. Visto que a Summer foi a primeira a nascer, é o mais novo aqui presente.

Jaxon sorriu, avançou e tirou o presente de trás das costas. Estava dentro de um canudo para cartazes, decorado com desenhos e rabiscos de Jaxon, onde podia ler-se: “Feliz Aniversário, Ken”. Destapei o canudo e levei o dedo indicador e o polegar ao seu interior para retirar o cartaz. Desenrolei a folha lustrosa e ergui-a. Num grande e reluzente papel de cartaz, estavam alguns projetos de um edifício de dois andares. No topo da página, estava escrito “Casa de Kendie”, com letras pequenas.

– É a sua nova casa – esclareceu Jaxon.

– A minha nova casa – afirmei, olhando para o cartaz. Examinei-o com atenção. No primeiro piso, havia uma grande sala de estar, ligada qual estava a cozinha e, depois, uma divisão mais pequena, ao longo de cujo centro podia ler-se: “Sala Especial da Kendie”. No meio do projeto, estava uma escada que dava acesso ao segundo piso. Aqui, havia quatro divisões. O quarto principal, o banheiro e, depois, os quartos “do Jaxon” e “da Summer”.

– Tem um quarto para mim e outro para a Summer, para quando dormirmos contigo – declarou Jaxon.

– Entendo.

– Papai ajudou-me a fazer isso no computador dele. Disse-me que constrói, se lhe der muita passa.

– Acho que disse “massa” – corrigiu Kyle rapidamente. – Massa, ou seja, dinheiro.

O nó de emoção na minha garganta avolumou-se, fazendo-me quase sufocar. Baixei a cabeça, incapaz de conter as lágrimas. Algumas libertaram-se, caindo no cartaz. Usei a manga para as limpar, vendo o algodão branco da minha blusa absorver a umidade.

– Adoro-a – disse-lhe, secando o rosto com as costas da mão. – É maravilhosa. – Consegui olhar para ele. – E, quando conseguir alguma passa, peço ao seu pai para construí-la.

Jaxon sorriu. Summer avançou e ofereceu-me o seu volume de papel, laço e fita adesiva. Estava admiravelmente embrulhado e eu não fazia ideia do que podia conter. Peguei nele com cuidado, certa de que era frágil, e encetei a cuidadosa tarefa de o desembulhar, pedaço de fita adesiva a pedaço de fita adesiva, removendo camadas de papel ora aqui, ora ali, até que, à minha frente, surgiu um cesto com as dimensões de um prato de sobremesa. A base era cor de tijolo; o entrançado dos lados tinha uma mistura de palhas vermelhas, pretas, amarelas e cor de laranja. Em torno da base, Summer tinha escrito, com tinta branca, “Para a Kendie”, mas tinha calculado mal o espaço de que dispunha para escrever e o “d”, o “i” e o “e” eram mais pequenos, sendo este último minúsculo. O entrançado era irregular e imperfeito.

– É para os seus brincos e anéis engraçados – explicou Summer.

– É lindo – sussurrei, com a emoção a brotar em cada célula do meu corpo.

– Papai ajudou-me com o entrançado, mas fui eu que escolhi as cores e que pinte o seu nome no fundo. O seu nome verdadeiro, não aquele que todos tratam você.

O meu lábio inferior começou a tremer. Summer ficou estarrecida quando as lágrimas me caíram dos olhos.

– Não podes chorar por tudo e por nada – disse ela, afagando-me as costas da mão. – Já nem o pai chora tanto.

– Desculpa? – exclamou Kyle.

Mordi o lábio e tentei não rir e chorar ao mesmo tempo.

Abri os braços para neles os receber.

– Há muitos anos que não tinha um aniversário assim – afirmei. Eles aproximaram-se e abraçaram-me. Cheiravam tão bem, era tão bom tocar-lhes. Era tão fácil, tão simples, estar com eles dois. O meu coração parecia tão verdadeiro por poder abraçá-los, por ter o privilégio de os conhecer. Enquanto me abraçavam e eu me agarrava a eles, apenas porque podia fazê-lo, senti o peso da atenção de Kyle sobre mim e abri os olhos. Os nossos olhares fixaram-se novamente e os seus lábios suaves e carnudos viraram-se para cima num sorriso. Eu retribuí, vindo-me à memória o desejo que tinha formulado. O

meu desejo foi o seguinte: que ele encontrasse a mulher certa para amar. Eu tinha a impressão de que essa mulher era Ashlyn, mas, se não fosse ela, que fosse alguém percebesse tudo o que ele tinha de maravilhoso e o amasse como merecia ser amado. Se alguém merecia ser abraçado, amado e acarinhado, era Kyle.

Aquela festa de aniversário, aqueles presentes, eram fabulosos por mais do que uma razão. Revelaram que eles já não precisavam que uma intrusa os ajudasse a manter tudo equilibrado. Estavam funcionando – prosperando – como família e não precisavam de mim.

Isso significava que, se eu quisesse, podia voltar para a Austrália.

Como se esperasse pela deixa, o meu celular, que eu colocara em cima da mesa, apitou. Summer e Jaxon libertaram-se de mim e foram ajudar o pai a cortar o bolo. Peguei o celular e abri a mensagem escrita.

Hei de sempre te querer de volta. Enviarei dinheiro para a viagem. Amo-te.
Will x

Eles não precisavam de mim, ao contrário de Will. Se eu quisesse, podia voltar para a Austrália.

Água



Quadragésimo quinto capítulo

Vou ter saudades disto, pensei enquanto andava pelo supermercado, empurrando um carrinho de compras que já continha feijão, grão-de-bico e caldo. Hoje, os meus ajudantes não estavam comigo, pois iam dormir na casa de Ashlyn, depois de terem passado o dia com Naomi.

Naomi... Depois do que ela fez, achei que Kyle foi uma pessoa incrivelmente magnânima por tê-la perdoado como perdoou. Eu teria dado chutes no traseiro até chegar a Páscoa, parando apenas no Natal para descansar o pé. Ele, porém, não queria afastar a família. Estava mesmo levando a sério a questão de pôr as crianças em primeiro lugar.

Quando virei para o corredor das bebidas não alcoólicas e me dirigi à seção de água mineral, no outro extremo, o meu celular tocou. Tirei-o da bolsa e, como não reconheci o número, atendi com cautela.

– Olá, senhora Tamale. Estou telefonando para informá-la do preço dos voos para a Austrália – disse a voz amável do outro lado da linha.

– Ah, olá – retorqui. – Neste momento, não tenho uma caneta à mão, mas pode me dar uma ideia de quanto custará?

Leu-me a informação.

– Os preços variam se viajarmos via Hong Kong em vez de Singapura? – perguntei, apoiando-me no carrinho de compras e passando os olhos de modo indolente pelos objetos que enchiam as gôndolas. Ouvi digitar do outro lado da linha antes de ela me transmitir alguns dos valores. Nunca permitiria que Will me pagasse a viagem, mas andava investigando quanto me custaria e calcularia quanto teria de poupar antes de ir.

Não podia ir imediatamente. Tinha de poupar, não só para a viagem, mas também para o tempo que passaria sem trabalhar enquanto lá estivesse. Tinha também de me separar devagar dos Gadsborough.

No prazo de cerca de seis meses, se me esforçasse ao máximo por conseguir novos negócios no trabalho, teria o dinheiro necessário. E, agora que Ashlyn tinha regressado a Kent e trabalhava em Londres, eu imaginava que começaria a se relacionar novamente com Kyle e, dentro de cerca de seis meses, estaria preparada para voltar para casa.

Nesse tempo, eu podia desprender-me lentamente da família. Ela não me queria sempre por perto e eu acharia isso impossível. Apesar de tentar convencer-me do contrário, teria dificuldade em estar perto de Ashlyn, em ser permanentemente recordada de que ela era a mãe deles. Eu sabia, mas, por vezes, era mais fácil ignorar, viver num estado de faz de conta. Assim, a Austrália proporcionaria uma ruptura radical. Voltava a ser o fato de não poder ter filhos que me levava até lá, mas, desta vez, sabia que havia alguém à minha espera. Will estaria lá.

Will.

Agora, podia pensar nele sem receio do que poderia ter acontecido sua mulher e estava sempre a sorrir a propósito dele. Era um sorriso demorado, que se expandia a partir do meio da minha cara. Gabrielle perguntava-me frequentemente por que eu estava sorrindo; eu nada dizia. Olhava furtivamente para a fotografia dele, que tinha no celular, e sentia-me enlevada. Nunca tinha sentido isto por um homem e, sim, seríamos sensatos, avançaríamos com calma e não nos precipitaríamos, quando eu, por fim, lá chegasse, mas eu não conseguia evitar. Ele não conseguia evitar. Estonteávamo-nos mutuamente.

– Muito obrigada – agradei, quando a mulher acabou de me relatar os valores e as companhias aéreas. – Vou refletir um pouco sobre o assunto e, depois, telefono-lhe. – Desliguei o telefonema e voltei a colocar o celular na bolsa. Comecei novamente a dirigir-me à água engarrafada, mas fui interceptada por outro carrinho de compras, que se atravessou à minha frente e parou, obstruindo-me a

passagem. Olhei. Era Kyle. Sorri-me, mas o meu sorriso esmoreceu quando vi a sua cara. Não parecia satisfeito por me ver. Na verdade, parecia trovejar por trás dos seus olhos cor de mogno enquanto me fitava. Os suaves contornos que lhe moldavam as feições estavam duros e o maxilar firme, como se mal prevalecesse sobre a sua fúria.

– Olá, Kyle – disse com cautela. Ele não respondeu, apenas me lançou um olhar feroz. Quando um homem com o respectivo carrinho de compras manifestou sonoramente a sua impaciência por não conseguir passar, Kyle dirigiu o seu olhar para ele. De repente, o homem percebeu que preferia seguir na direção oposta, deu a volta com o carrinho e foi-se embora. Bastante depressa. Kyle virou novamente a cabeça na minha direção.

– Então – exclamou, em vez de me cumprimentar –, vai voltar para a Austrália. Quando é que pretendia me contar e às crianças?

A minha boca inundou-se de saliva e, depois, ficou seca com a mesma rapidez. Não era para ele ter descoberto daquela forma. Muito menos agora. Eu ia contar-lhe e às crianças dentro de alguns meses, quando já estivessem habituados a que eu não fosse uma presença tão assídua.

Aturdida por ter sido descoberta, nada disse. Em resposta, Kyle tapou os olhos com as mãos abertas e carregou na testa com os punhos.

– *Por quê? Por quê?* – disse em sinal de frustração, com a cara virada para cima, para o teto do supermercado. – *Por que isso sempre me acontece?* – Afastou as mãos. – *Por quê?*

De um lado e de outro do corredor, iam pessoas na nossa direção. Saí de detrás do meu carrinho, puxei o de Kyle para o lado e toquei-lhe para fazê-lo desviar-se. Ele repudiou o meu toque e afastou-se sozinho.

A primeira pessoa a passar por nós, a presenciar a reação extremamente física de Kyle à minha proximidade, foi a nossa vizinha das sobrelhas maltratadas. Estas praticamente se projetaram da cara quando olhou para Kyle, que tinha o rosto franzido de raiva e o corpo rígido de fúria. Continuou a andar, mas, depois, parou junto

aos refrigerantes e começou a observá-las como se fosse encontrar nos rótulos os números da loteria da próxima semana.

Aproximei-me de Kyle e baixeí a voz para que a senhora Sobrancelhas não ouvisse.

– Não vou embora amanhã.

– Por que tem sequer de ir embora, hã? – retorquiu ele, alto o bastante para que o ouvissem na Escócia. – Responde-me isso. Por que tem de ir embora?

Olhei de relance para a vizinha – tinha os olhos a saírem-lhe das órbitas enquanto fixava os refrigerantes.

– Shiu. – Mandeí-o calar. – Fala baixo.

– Não – replicou Kyle, ainda mais alto. – Diga-me porque tem de ir embora.

– Não digo nada enquanto você não se acalmar.

Kyle encolheu os lábios para dentro da boca e acenou com a cabeça em sinal de aquiescência.

– Ouve, como eu já disse, não vou partir amanhã nem nada que se pareça. Talvez dentro de alguns meses. A questão é que vocês três já não precisam de mim. Já posso ir embora.

– O quê? – Quase gritou. *Ergui as sobrancelhas, depois de ter olhado para a senhora Sobrancelhas, que estava olhando de maneira descarada para nós, e avisei-o tacitamente.* – Está bem, está bem – disse calmamente. – De que raio você está falando?

– Vocês já estão todos perfeitamente bem e parece que, muito em breve, Ashlyn vai voltar a tornar-se uma parte mais importante das vidas de vocês, logo, não precisam de mim e eu posso ir embora.

– Mas que...? *Julga-se alguma Mary Poppins, que aparece quando precisam dela e, depois, voa para longe mais uma vez? Kendra, você faz parte da nossa família. Nós queremos você perto de nós.*

Eu tinha de contar, de explicar.

– Eu... Eu quero estar com o Will.

– Quem é Will? – perguntou.

– O meu... O... – Fiz um vago movimento por cima do ombro.

– O tipo da Austrália? – interrogou Kyle, compreendendo. – Não o vê há... Quê? Oito... nove meses? Como pode voltar para ele? O que tem ele de tão especial?

– Tudo. Nada. Não é ele. É como me sinto quando estou com ele. Sinto-me normal. Sinto-me uma pessoa normal. Coisas como não poder ter filhos não parecem tão graves. Não me sinto uma pessoa comum há muito tempo, mas, quando estou com Will, quando converso com ele, é assim que me sinto. Igual aos outros.

Kyle fitou-me por um momento, como se tentasse desatar os nós dos segredos que compunham a minha identidade, como se, se olhasse tempo suficiente, descobrisse o que se passava comigo.

– Por que você se odeia? – inquiriu calmamente.

Senti o meu rosto fazer uma imitação aceitável do da Vizinha quando as minhas sobrancelhas se levantaram em sinal de surpresa.

– Desculpa? – perguntei.

– Uma vez, você me disse que se odeia. Por quê?

Virei-me para trás para lançar um olhar feroz à Senhora Sobrancelhas, para me assegurar de que não estava escutando esta parte da conversa, que, quando muito, devia ter decorrido à porta fechada, mas ela tinha desaparecido. Obviamente, os nossos sussurros tinham acabado com o divertimento. Ou talvez tivesse ido correndo ao gabinete da gerência para os fazer pedir, pelo alto falante, ao casal que estava discretamente a discutir no corredor das bebidas não alcoólicas para seguir o seu caminho ou falar alto para todos ouvirem.

– Não disse nada.

– Disse, sim. No dia em que fomos ao museu. Tentei tirar uma fotografia sua e você disse que se odiava.

– Nas fotografias, odeio ver-me nas fotografias.

– Não, houve, sem dúvida, um ponto-final entre a afirmação de que se odiava e a referência às fotografias.

– Você é algum fanático da gramática? É que, sério...

– Mal você disse, soube que não se referia apenas às fotografias. Diga-me por que se odeia.

Ele não tinha esquecido aquilo durante todo aquele tempo, esperando pelo momento ideal para abordar o assunto.

– É difícil explicar – disse a Kyle, sabendo que, se tentasse enganá-lo com uma justificção incorreta, lhe despertaria ainda mais a curiosidade.

– Experimenta.

– Perdão?

– Tenta explicar-me.

– Não vejo que diferença fará – declarei. – Isso não tem nada a ver com a minha partida.

– Pode contar-me tudo.

Encolhi os ombros.

– Eu sei, mas não há nada para contar.

Os seus olhos começaram a penetrar-me, procurando a verdade nas minhas palavras. Não havia mesmo nada para contar. Absolutamente nada. O braço de uma mulher interpôs-se entre nós enquanto alcançava uma garrafa de suco de cereja vermelho vivo. Retirou-a da prateleira e afastou o braço do meio de nós, mas Kyle fitou-me como se não tivéssemos sido interrompidos.

– Pode contar tudo – repetiu. – Ficaré entre nós.

– Obrigada – retorqui.

– Você sabe tudo sobre mim. Tudo. Coisas que nem contei à minha mulher. Quero fazer o mesmo por você.

– Como já disse, obrigada, mas, sério, Kyle, não há nada para contar.

– Kendra, pode contar-me tudo. Eu acredito em você.

Por um instante, o tempo parou. Só por um instante. Tive uma experiência extracorpórea. Como muitas que tinha tido ultimamente. Como ficar a assistir enquanto ameaçava Janene. Como ver-me reagir ao desaparecimento das crianças. Como estar ausente do recanto do hotel enquanto as mãos dele me percorriam o corpo. Agora, observava-me enquanto o tempo parava. De pé, no supermercado bem iluminado, com o burburinho de sábado a prosseguir em meu redor, via-me a mim própria. Parecia frágil. Apesar de envergar um casaco de lã, calças jeans e sapatilhas. Apesar de o cabelo me esconder o rosto, o meu corpo estava coberto de fissuras. Um toque

mais forte despedaçaria. Aquelas quatro palavras tinham feito parar o tempo. Nunca soube que precisava de ouvi-las. Nunca soube que desbloqueariam tudo. Que desatariam o contínuo nó que estava implantado no meu peito.

Quando o tempo começou novamente a andar, eu já tinha voltado para dentro do meu corpo. Já não me via a partir do exterior.

– Por que haverias de acreditar em mim, Kyle? – disse eu, abanando a cabeça. – Nem eu acredito em mim.



Ar,
apenas
ar

Quadragésimo sexto capítulo

– Quero que você fique aqui enquanto lê isto. Estarei no quarto. Eu... Hum... Toma. – Coloquei o envelope branco na mão de Kyle, evitando sempre o seu olhar. Tinha demorado duas semanas a fazer aquilo. A contar-lhe “tudo”.

No final, tomei a opção mais segura: o plano de recurso. No fundo, acovardei-me e escrevi uma carta.

Kyle estendeu a mão para me tocar no rosto, talvez para me tranquilizar, mas eu encolhi-me. Ele ficou com a mão no ar durante alguns instantes e, depois, baixou-a.

– Eu chamo você quando tiver acabado de ler. – Nada mais disse.

Queria pedir-lhe desculpa, deixá-lo tocar-me no rosto e tranquilizar-me, mas não podia. Estava prestes a mudar tudo entre nós. Eu sabia que, quando ele descobrisse o meu passado, nada voltaria a ser como antes. Arrastei os pés pelo meu apartamento, até ao quarto. Andei de um lado para o outro durante alguns minutos e, depois, dei por mim sentada na cama, olhando fixamente para os nós que desfiguravam o assoalho, com os braços a envolverem-me. Imaginei Kyle sentado no sofá, virando com as grandes mãos, o envelope branco onde eu tinha escrito o seu nome e os seus dedos a abrirem-no. Conseguia imaginá-lo a tirar do interior as numerosas folhas de papel branco, a desdobrá-las e a começar pela primeira linha.

Não encontraria a palavra “caro”, “Kyle”, nem a data, pois eu tinha levado muito tempo a escrever a carta.

Vou contar tudo a você. Tudo o que me trouxe de onde estava, de quem era, até aqui.

Vou contar tudo.

Nunca antes falei sobre o assunto. Raramente penso nisso. Apenas outra pessoa sabe o que aconteceu e a sua versão deverá divergir da minha.

Quando eu tinha vinte anos, um homem em quem confiava possuiu-me à força. Antes que você pense que era o que eu queria, digo já que não era. Garanto que não era.

Quadragésimo sétimo capítulo

Vou contar tudo a você. Tudo o que me trouxe de onde estava, de quem era, até aqui.

Vou contar tudo.

Nunca antes falei sobre o assunto. Raramente penso nisso. Apenas outra pessoa sabe o que aconteceu e a sua versão deverá divergir da minha.

Quando eu tinha vinte anos, um homem em quem confiava possuiu-me à força. Antes que você pense que era o que eu queria, digo já que não era. Garanto que não era.

Começou no meio da noite, na noite em que fui a Harrogate para a festa de trabalho dele.

Ele tinha sido um perfeito cavalheiro quando chegamos a sua casa. Preparou-me um café e mostrou-me o quarto onde eu ia dormir. Não era o quarto onde eu tinha dormido com Tobey, mas era agradável. Limpo, arrumado, com a cama bem-feita e as cortinas corridas. Ligou-me o candeeiro da mesa de cabeceira e sentamos na cama, a conversar. Eu estava um pouco intranquila, abstratamente inquieta. Ele não tinha mencionado que todos os seus colegas de apartamento estavam fora, que estaríamos sozinhos em casa, porém, uma vez mais, disse a mim mesma que estava sendo tonta. Que não devia ser tão precavida, que ele era um bom homem e não tinha tentado nada desde que eu o impedira de me beijar.

Mudei de roupa para ir me deitar – ele tinha me emprestado uma das suas camisas de flanela, à qual faltava o botão de cima, para

dormir. Fiquei grata pelo empréstimo, pois não queria dormir com a minha roupa.

Mal deitei a cabeça na almofada, adormeci. Naquela altura, era capaz disso. Era capaz de adormecer à vontade.

Na metade da noite, quando estava escuro, escuro como breu, ia virar-me na cama, mas tinha um grande peso em cima de mim. Tentei voltar-me de novo, mas continuava a sentir aquele peso... Era cada vez maior ou talvez eu estivesse acordando e ficando, por isso, mais ciente dele. Estava, porém, a exercer pressão sobre mim e a dificultar-me a respiração.

Abri os olhos quando a sua mão me tapou a boca, impossibilitando-me de falar, gritar ou berrar.

Por um momento, pensei que ele estava brincando, fazendo graça, talvez tentando me assustar. Movi-me para o repelir, mas os meus braços não queriam mexer-se; estavam presos. Não sabia como, mas não conseguia mexer-me. Não conseguia fazer nenhum movimento. Foi então que o medo, denso e profundo, como um tanque de alcatrão a ferver, começou a assaltar-me. Comecei a debater-me. A tentar fazê-lo sair de cima de mim, impedi-lo de fazer o que quer que fosse que estava a fazer.

De repente, uma das suas mãos agarrou-me o pescoço. Apertou, impediu completamente a entrada de ar nos meus pulmões. Quando o medo começou a dilacerar-me, molécula a molécula, e o negrume a surgir-me na visão periférica, vieram-me dois pensamentos à ideia, ao mesmo tempo: “Ele já fez isto. Vai me matar.”

Tinha os lábios encostados ao meu ouvido.

– Você é especial. Pare de resistir, você é especial – sussurrou. – Pare de resistir e eu não a mato. – Eu tinha de parar. Se não parasse de resistir, ele ia apertar com mais força. Se eu não parasse, ele ia...

Aconteceu pela primeira vez. Abandonei o meu corpo. Em criança, era uma sonhadora. Ia para lugares na minha imaginação, lia um livro e explorava novos mundos, mas nunca tinha feito isto. Nunca tinha abandonado o meu corpo e descoberto um esconderijo. Fechei os olhos e enrolei-me naquela escuridão, a salvo de tudo o resto. Desligada e a salvo.

Algo estava acontecendo. Eu sabia disso, mas não estava ali. Ouvia o que ele me dizia ao ouvido, mas não ligava. O seu cheiro infiltrava-se pelo meu nariz e descia-me pela garganta, mas eu não estava ali. Ele mexia-se contra o meu corpo, dentro do meu corpo, mas aquilo não era real. Não estava acontecendo. Não podia estar acontecendo e eu não estava ali para presenciar.

De repente, acabou. Acabou e ele estava deitado em cima de mim, a respirar de modo ofegante, sendo o peito a única parte do seu corpo que se mexia. O peito e o suor. O suor. Escorria dele para mim. Deixando-me coberta com o seu cheiro. Deixando ainda mais a sua marca em mim. Eu queria repeli-lo, afastá-lo de mim, mas não me mexi. Se o fizesse, reconheceria que estava ali, que aquilo que tinha acontecido.

Do resto, tenho lembranças fragmentadas. Imagens e lampejos. Como os disparos do obturador de uma máquina fotográfica.

Disparo.

Ele estava falando. Estava deitado ao meu lado, apoiado no braço falando.

– Nunca se sente frustrada? – perguntou, passado algum tempo. – Nunca você quis tanto uma coisa que estivesse disposta a fazer tudo para alcançá-la?

Ele estava me olhando, à espera de uma resposta. Eu ouvia a minha respiração. Era por isso que sabia que estava viva. Não me mexia. Olhava para as fissuras no teto, mas não conseguia mexer-me. Não sentia nada, mas ouvia a minha respiração. Sopros curtos e superficiais aos meus ouvidos. Ainda respirava, logo, sabia que estava viva.

– Não vai dizer nada? – perguntou ele. – Fala comigo, Kendra. – Os seus dedos longos estenderam-se na direção da minha fronte, talvez para afastarem alguns fios do meu cabelo, talvez para me acariciarem a fronte, talvez para apenas me tocarem. Estremeci. Assustada. Com pavor de que ele me machucasse. Outra vez.

– Não vou machucá-la – disse ele, horrorizado com a minha reação, mas não me tocou. – Nunca machucaria você, Kendra. Você é muito especial para mim. Nunca a magoaria. Pensei que era isso que você queria.

Ele tinha acabado de afirmar estar disposto a tudo para obter o que desejava e, agora, estava dizendo que era o que eu queria. Qual era a verdade? Seria por causa dele ou por minha causa?

Disparo.

– Kendra, a questão é que eu sei como você é. Como realmente é. Já vi como é – dizia ele. – Pensei que era isso que você queria.

Afastei-o da última vez que me beijou. Tinha tentado opor-me desta vez. Tentei abanar a cabeça. Teria oposto, se ele me tivesse deixado respirar, mas ele pensava que era aquilo que eu queria. Por quê? Como podia ele pensar tal coisa?

– Olha, amanhã, você quer almoçar na cidade? Acho que é dia de mercado. Têm coisas ótimas, você vai gostar muito.

Ele estava agindo com tanta naturalidade. Teria eu imaginado o que tinha acontecido? Teria interpretado tudo mal? Teria ele dito que me mataria? Se podia estar apenas conversando, talvez eu tivesse percebido mal.

– Pensa nisso, está bem? Você pode faltar às aulas amanhã, não pode? Eu levo você de volta à tarde. – Não voltou a aproximar-se de mim. – Pronto, vou dormir um pouco. Boa noite. – Virou-se e, escassos minutos depois, estava a respirar lenta e profundamente, dormindo. Então, mexi-me. Devagar e com cuidado, virei-me de costas. Não podia mexer-me muito, pois não queria que ele acordasse. Que me tocasse. Que falasse comigo. Se pudesse, teria levantado, vestido e ido para casa, mas não sabia muito bem como chegar à estação de trem e partir dali. Não sabia se conseguiria mexer as pernas. Lá fora, ainda era noite.

Disparo.

Sentia o seu cheiro. Estava por todo o meu corpo. O quarto também cheirava a ele. Cheirava a ele e tresandava àquilo. Ao que ele

tinha feito.

Disparo.

Doía-me, lá bem no fundo. Não só onde ele me machucado, mas também na garganta. Tinha me esmagado a traqueia, mas a dor era mais profunda do que isso. No centro da minha garganta, mesmo no meio, nada havia, senão um tormento. Como se alguém me tivesse arrancado aquela parte da alma e deixado uma ferida profunda que jamais sararia. Nunca poderia falar sobre aquilo. No meu âmago, sofria. Queria cobri-lo com as mãos, aliviá-lo, fazer parar a dor, mas era impossível tocá-lo. Não era uma parte de mim que doía, mas sim a minha própria essência. A vergonha e o nojo corriam como rios pelo meu corpo. Desaguavam no buraco que existia em mim. O buraco no meu âmago, aquele que eu não podia aliviar, nem preencher.

Disparo.

– Quer ser a primeira a usar o chuveiro? – perguntou.

Sobressaltei-me por dentro com a sua voz. Não tinha dormido. Tinha ficado a observar o negrume do lado de fora das cortinas, à espera do nascer do sol. As horas tinham passado vagarosamente e aquilo parecia nunca mais perder importância.

Acenei com a cabeça.

– Excelente, vou ligar a chaleira. – Pulou da cama e saiu do quarto.

Lentamente, levantei-me da cama, agarrei nas minhas calças jeans, camiseta, blusa e casaco com os braços e desloquei-me sorrateiramente do quarto para o banheiro.

Disparo.

Deixei a água correr sobre mim, mas não consegui tocar no meu corpo.

Disparo.

Ele tinha mudado o lençol e feito a cama. O lençol estava volumosamente enrolado, qual gigantesco merengue, ao canto do

quarto. Ele tinha aberto as cortinas e permitido que a luz entrasse.

Disparo.

Deixei-lhe a camisa, à qual faltavam agora todos os botões, bem dobrada em cima do lençol.

Disparo.

A casa ecoava com o silêncio. Com o vazio. Com o que tinha acontecido.

Disparo.

A água começou a jorrar do chuveiro enquanto eu descia para esperar.

Disparo.

– Você dormiu bem? – perguntou quando se dirigiu à chaleira. Mantive os olhos pousados na mesa, passando a vista pelas tênues linhas dos veios da madeira. Como se percorresse um labirinto, deixei a minha mente seguir as linhas até estas terminarem e, depois, encontrava outras para seguir do princípio ao fim. – Eu dormi como uma pedra – continuou para meu silêncio. – Não sabia que a Heidi tinha uma cama tão confortável. Vaca sortuda. – Retirou duas canecas do armário. Heidi se importaria que eu tivesse dormido na sua cama? Adivinharia o que se tinha passado ali? – Então, já tomou uma decisão quanto ao almoço?

Estava olhando fixamente para mim, à espera de uma resposta. Ouvi a chaleira desligar-se e a cozinha ficar em silêncio enquanto esperava que eu falasse.

– Eu... – Era a primeira vez que usava a voz desde o meio da noite e falar com a garganta magoada e a alma extirpada era um tormento. – Eu tenho de voltar – disse.

– Ah – exclamou. Admirado. Verdadeiramente admirado. Como se esperasse que eu ficasse. Talvez não tivesse tentado matar-me. Talvez as outras tivessem ficado. Talvez ele pensasse realmente que não tinha

feito nada de mal. Ou estaria eu enlouquecendo? – Tem certeza? – interrogou.

Acenei com a cabeça. Um pequeno movimento para baixo, sem outro para cima.

– Está bem, se tem a certeza. Levo-a à estação quando terminarmos. – Pousou uma caneca de café à minha frente. Com leite e uma colher de açúcar.

– Obrigada – agradei automaticamente. Pois é assim que procedemos quando alguém faz alguma coisa por nós: agradecemos.

Disparo.

Não bebi o café. Tal como não bebi o da noite anterior. Ainda estava na mesa de cabeceira, frio, com uma teia de nata de leite por cima. Não bebi o café da noite anterior, nem aquele, pela simples razão de não gostar de café. Na noite anterior, tinha sido demasiado educada para referir esse fato. Naquele momento, parecia muito importante não fazer algo que não me agradava. Parecia vital. Era o único controle que eu detinha.

Disparo.

As náuseas agitavam-se dentro de mim enquanto estava sentada à mesa. Sentia dor. Uma dor generalizada. Sob a pele. À flor da pele. No fundo da cabeça. No fundo do peito. Sentia dor e queria que esta cessasse. Queria ir para longe daquele lugar.

Disparo.

Eu sabia que ele estava observando-me e mantive a cabeça baixa, com os meus olhos a fixarem o café que não ia beber para não ver o que ele estava realmente pensando. Se lhe visse triunfo, a satisfação por ter conseguido o que queria, no rosto, era bem possível que morresse. Se não visse nada, se lhe olhasse no rosto e percebesse que aquela era apenas mais uma manhã normal de outro dia normal, morreria mesmo. Perderia juízo e morreria.

Disparo.

Ficou demasiado perto de mim enquanto eu comprava o bilhete de volta para Leeds. Doíam-me os dentes. Sem querer, tinha estado a rangê-los, cerrando-os firmemente, para conseguir suportar aquilo, e latejavam com a pressão.

Disparo.

Agradei-lhe o convite para a festa, a hospedagem, a carona para a estação. Era educada; tinha sido bem criada. Ele acenou com a cabeça. Nos instantes que se seguiram, inclinou-se para se despedir com um beijo na boca e eu afastei a cabeça subitamente, fiz o meu corpo recuar com um movimento brusco. A fúria, a confusão, o transtorno, passaram-lhe pelo rosto. A aceitação passou-me pela cabeça: tinha mesmo acontecido. Era isso que me revelava a reação instintiva do meu corpo. Eu não estava ficando louca, não era mais um dia normal; eu tinha sido molestada.

– Eu ligo para você – disse ele quando virei na direção da porta. A propósito, nunca chegou a ligar, mas o pavor de que o fizesse não me abandonou até sair daquela casa.

Disparo.

A paisagem passava a grande velocidade pela janela do trem, numa névoa de vegetação e casas. Uma sucessão de manchas que me distanciava do meio da noite.

Disparo.

Perdi a calma quando fechei a porta da rua depois de entrar. A casa estava vazia e corri para o banheiro. Larguei a mala. Rasguei as roupas. De modo frenético, desesperado, puxei-as violentamente. Não queria que nenhuma delas me tocasse. Não queria que nada me tocasse. As minhas mãos escorregaram nas torneiras da banheira. Era uma casa de estudantes e só havia uma banheira. Encheu-se muito lentamente. Muito lentamente. De repente, porém, já estava suficientemente cheia. Sentei-me na banheira e passei o pequeno sabonete branco pelo corpo. O sabonete, mas não as mãos. Estava demasiado enojada para tocar na minha pele.

Disparo.

Passados alguns minutos, não estando aquilo a dar certo, conseguindo eu ainda cheirá-lo em mim, senti-lo junto a mim e dentro de mim, larguei o sabonete e inclinei-me para a frente, sobre os joelhos, na banheira. Não chorei. Fiquei dobrada para a frente, com o punho enfiado na boca tanto quanto possível, para poder gritar e ninguém me ouvir. Para eu própria não me ouvir.

Disparo.

Sentamos no bar, estando todos a falar, a rir e a gracejar. O mundo não parou. Não sei por que esperava o contrário, mas não parou. Por que haveria de parar? Meg e Elouise estavam na sua melhor forma, pareciam formar uma dupla de comediantes e eu não consegui deixar de rir. Tinha aquilo presente, no fundo da minha mente. Pairava-me sobre o ombro, insinuava-se no limite da minha consciência, mas, por momentos, esqueci. Não pensei nas calças jeans, na camiseta, no sutiã, nas cuecas, na blusa e no casaco cinzento e branco guardados num saco de plástico e escondidos no fundo do meu roupeiro, à espera de serem jogados fora quando os homens do lixo viessem, na semana seguinte. Não pensei no hematoma interno que tinha na garganta e que fazia com que me custasse engolir. Não pensei no tormento que cercava a parte inferior do meu corpo. Não pensei no desejo de me levantar e gritar.

Disparo.

Pela primeira vez na minha vida, rezei para ficar menstruada. Rezei para não engravidar. Para não ter de tomar tal decisão. Na altura, não sabia que, por causa daquela noite, nunca engravidaria.

Disparo.

A enfermeira que me colheu sangue para o teste do Hiv tinha um rosto amável e mãos frias. Era da idade da minha mãe, branca e tinha cabelos castanhos curtos. Foi cuidadosa quando me picou a pele. Ficou impressionada por eu não ter vacilado, nem ficado tensa, apesar de lhe ter dito que tinha medo de agulhas. Perguntou-me por que tinha seis camadas de roupa vestidas, já que era verão. Quando lhe

disse que tinha sempre frio, não pareceu ficar convencida. Pareceu não se ter deixado convencer minimamente por mim.

– Se alguma vez quiser conversar, estou sempre aqui, durante o horário de consulta – disse ela. – Basta marcar. – Agradei-lhe e preparei-me para ir embora. À porta, ela impediu-me de rodar a maçaneta. – Kendra, mesmo que não consiga falar comigo, procure alguém. Um amigo, um familiar, quem quer que seja. Nem que telefone para uma linha de apoio, mas fale. É importante.

– *A questão é mesmo essa – retorqui, encolhendo os ombros. – Nada tenho a dizer. – Não tenho palavras para descrever isto, logo, nada tenho a dizer.*

Disparo.

Por vezes, dizia a mim mesma que era apenas sexo. Com Tobey, tinha tido sorte, pois ele era um homem que me respeitava, me amava e me tratava como se fosse outro ser humano. Aquela vez só tinha sido diferente. Era apenas sexo. Mesmo enquanto me convencia disso, sabia que não se tratava de sexo, mas sim de violência. De ódio. Era a sua raiva que ele tinha descarregado em mim e dentro de mim. Na maior parte das vezes, eu nem sequer pensava naquilo e, mesmo enquanto não pensava, sabia que a sua raiva tinha me contaminado.

Disparo.

A faculdade tornou-se um martírio, tal como conviver em sociedade. As pessoas começaram a ficar preocupadas comigo. As minhas notas baixaram. Fui ao médico e este diagnosticou-me uma depressão. Disse-me que devia beber menos álcool e comer mais fruta legumes.

– *Pratique também exercício físico, minha menina – recomendou. – Ter melhor aparência fará se sentir melhor. – Ter melhor aparência?, apeteceu-me dizer-lhe. Não faço ideia de como está a minha aparência, porque nem me olho de relance ao espelho há meses. Não suporto ver-me. Não suporto ver a palavra “estúpida” estampada no meu rosto e “vítima” gravada nos meus olhos. Recompus-me. Fiz a maior atuação de uma vida para terminar a faculdade com uma licenciatura acima da média e levar o mundo a crer que eu era normal.*

Disparo.

Os lampejos começaram quase logo a seguir. Fazem-me voltar lá e sinto-o por todo o corpo. A sua voz na minha cabeça, o seu corpo junto ao meu, o pavor no meu coração. Não deixei de os ter, mas descobri que, se me mexer, me ocupar com outra coisa ou me concentrar no presente, eles param. Penso – espero – que, um dia, deixarei de os ter.

Disparo.

Voltei a ter relações sexuais. Aconteceu cinco anos depois e ele não era ninguém especial ou importante. Era como todos os outros homens desde então: saía com eles por uns tempos, antes de a relação se tornar física. Frequentávamos sempre locais públicos – nunca ficávamos em casa – e eu avisava-os sempre de que não dormia fora. Ia sempre para casa. Entretanto, tinha aprendido a dirigir, por isso não bebia e ia sempre de carro para casa. Quando tínhamos relações sexuais, nunca me lembrava. Fingia estar presente. Fingia gostar. No entanto, desligava-me sempre, ausentava-me, distanciava o pensamento para o corpo ir até ao fim.

Will era diferente. Eu gostava dele. O meu corpo e o meu espírito reagiam a ele. Queria beijá-lo. Queria que ele me beijasse. Não o fazia por sairmos e ser isso que se faz quando se sai com outra pessoa. Queria que ele me tocasse, me abraçasse, me beijasse. Queria fazer amor com ele. Ter relações sexuais com ele. Desde os vinte anos que não reagia assim a um homem. Desde aquela noite, não sabia que era capaz de desejar que o meu corpo ficasse assim tão próximo do de um homem. Não se pode dizer isso às pessoas, não é? Não se pode afirmar: “Sei que aquele homem casado é especial, que tenho uma ligação com ele, porque, nos últimos doze anos, nenhum homem me beijou sem que eu me desligasse e fingisse gostar. Sei que o amo porque eu o desejo”.

Disparo.

Por vezes, telefonava para os Samaritanos e não dizia uma única palavra. Só precisava de sentir a presença de alguém. Para não optar pela outra via. Para não o fazer.

Disparo.

Você me perguntou por que me odeio e respondi que é difícil explicar. Por vezes, dizia-o em voz alta: “Odeio-me”. Odiava o meu corpo, não por ser gorda, magra ou porque as roupas não me serviam, mas sim porque algo que sempre tinha sido meu, algo tão precioso – o meu corpo – tinha sido, em tempos, usado por outra pessoa. Ele tinha se apoderado dele sem que eu conseguisse impedi-lo. Durante aqueles minutos, o corpo não foi meu e eu odiava esse fato. Odiava-me – odiava quem era – por não ter prestado atenção a todos aqueles sinais que indicavam que ele era perigoso. Tinha tido a sensação de que devia simplesmente apanhar o trem para casa. De que devia ter prendido uma cadeira por baixo do puxador da porta que não trancava, pois só estávamos os dois em casa. De que uma pessoa que era capaz de ver alguém adulterar-me a bebida e nada fazer não era completamente digna de confiança. Tinha, porém, ignorado todas essas sensações. Elas tinham surgido por algum motivo e eu tinha-as ignorado por querer ser educada. Dei mais importância ao que outra pessoa pensava de mim do que ao que sabia que me manteria a salvo.

Agora, já não me odeio constantemente. Só de vez em quando. Já não digo que me odeio em voz alta e tais sentimentos só afloram de vez em quando, quando me lembro dos dois erros crassos que cometi. O segundo erro foi o de não pedir ajuda mais cedo. Porque, se o tivesse feito, a patologia, que ele me transmitiu, podia não ter evoluído para doença inflamatória pélvica. Ainda poderia ter tido filhos.

Está, porém, tudo bem. Eu estou bem. Tenho os meus maus bocados, como os momentos em que alguém diz ou faz alguma coisa que me recorda aquela época, mas, de um modo geral, estou bem.

Pronto. Eis a história completa.

Kendra

Quadragésimo oitavo capítulo

Ao fim de cerca de quarenta e nove minutos e quarenta e seis segundos, decidi não dar mais tempo a Kyle e dirigi-me à porta do quarto.

Ele já podia ter lido a carta três vezes. Estava, obviamente, escondendo-se de mim, agora que sabia a verdade. Agora que sabia que tinha se precipitado na sua declaração de que acreditaria em mim.

Fiquei à porta e observei Kyle. Estava com as costas arqueadas, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos a segurarem-lhe a cara, os ombros a subirem e a descerem, em prantos. Eu nunca tinha visto Kyle chorar. Talvez o fizesse em todas aquelas noites em que sabia que Ashlyn não ia voltar. Talvez o fizesse durante todas aquelas semanas de ausência das crianças. No entanto, nunca tinha visto fazê-lo. Muito menos ouvido. Tal como não o ouvia agora – só percebia que chorava pela forma como todo o seu corpo tremia. Vi-o chorar e quis consolá-lo, puxá-lo para junto de mim e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

Contudo, não ficaria. Era impossível ficar.

Fiquei paralisada quando ele arrastou as mãos pelo rosto a baixo e passou as respectivas palmas pelos olhos. Depois, lentamente, como se se movimentasse com um grande peso no coração, como se não quisesse fazer o que estava prestes a fazer, levantou-se e virou-se para a porta. Parou quando me viu. Parou e ficou olhando. Tinha o rosto coberto de manchas, os olhos raiados de sangue, estando também a ponta do nariz a pingar com um tom escarlate mais rosado.

– Eu, aah... – principiou, limpando o nariz à manga. – Ia só passar um pouco de água no rosto para, depois, ir encontrá-la.

Eu nada disse, apenas me desloquei mais para dentro do quarto. Era como estar diante de um pelotão de fuzilamento, à espera de ser executada. Como estar nua no meio de um estádio, sob todos os holofotes. Como ser uma pessoa assustada que estava vulnerável, pois, agora, alguém sabia tudo o que havia para saber a seu respeito.

– Li a carta – comunicou.

– Então, já sabe.

– Acredito em você. – Até conseguiu ser convincente. – Acredito em você e, só de pensar que passou por isso sozinha... – Abanou a cabeça e mordeu o lábio inferior. – Se soubesses o quanto gosto de você...

– Kyle, para. Não precisa dizer isso.

– Eu disse que acredito em você.

– Ah, entendo. Pena. Sério, não preciso da sua pena – retorqui.

– Precisa da minha amizade, compreensão e apoio.

Eu não o queria ali. Tinha estado muito bem sozinha durante todo aquele tempo, guardando o meu segredo, lidando sozinha com a situação.

– Quero ficar só.

– Não tente me afastar, Kendra. Não vai dar certo. Você é a minha melhor amiga.

– Quero ficar só. Gostaria que saísse.

– Não vou deixar você nem agora, nem nunca.

– Ah, formidável, mais um homem que quer impor-me a sua vontade.

Kyle ficou aturdido, o seu rosto manchado titubeou um pouco e, depois, pareceu estar prestes a ir abaixo de novo. Eu sabia que, então, iria embora. Sabia que ele perceberia que eu, ainda por cima, era louca. Ficou calado por alguns instantes e, depois, propôs:

– Conte-me o que aconteceu. Nunca disse e ambos sabemos que é preciso reconhecer algo plenamente antes de podermos começar a lidar devidamente com isso. Conte-me o que aconteceu.

Abanei a cabeça com incredulidade e desviei o olhar.

– Conte-me o que aconteceu – insistiu.

Manifestei impaciência antes voltar a olhar para ele.

– Já te contei ou está retirando prazer de tudo isto?

O rosto de Kyle endureceu, ficando firme como pedra enquanto me fitava.

– Conte-me o que a aconteceu.

– Já contei.

– Conte-me o que a aconteceu.

– Por que está fazendo isto comigo?

– Conte-me o que a aconteceu.

Passei as mãos pelos cabelos. Sabia o que Kyle queria que eu fizesse. O que queria que eu dissesse. Não era capaz. Simplesmente não era capaz. Se o fizesse, tornaria-me uma vítima. Aos seus olhos e aos meus. A única coisa que me restava – a forma como eu me definia – estaria perdida e, para mim, isso era inaceitável.

– Conte-me o que a aconteceu.

– Não posso.

Kyle aproximou-se alguns passos de mim e encurtou a distância que nos separava.

– Pode, sim, querida. Pode, sim. – Estando ele mais próximo de mim, eu conseguia ver as lágrimas que tinha no fundo dos olhos. Aquilo também estava fazendo-o sofrer. E fazia-o sofrer porque acreditava em mim. Era a primeira pessoa a fazê-lo sem reservas. Por vezes, nem eu acreditava em mim própria. Perguntava-me se não me teria equivocado. Kyle, porém, acreditava em mim. Lá bem no fundo, eu também acreditava em mim. Agora, tinha de o reconhecer. De acreditar e de o reconhecer. Senti-me desistir. Render-me ao passado, render-me ao que tinha acontecido.

– Conte-me o que a aconteceu – disse Kyle brandamente.

– Fui violentada.

Tudo e
mais alguma
coisa



Quadragésimo nono capítulo

O que fazemos é recuperar pouco a pouco, passo a passo, vivendo um dia de cada vez.

Se tentarmos fazer tudo de uma vez, não dá certo. Regredimos e odiamo-nos. Se quisermos mudar em longo prazo, temos de avançar com calma.

Com calma, fui recuperando.

Não sabia como estava doente, o quanto sofria, até permitir a outra pessoa ver as minhas feridas. A outras pessoas. Kyle foi a primeira. Gabrielle foi a segunda. Will foi a terceira. Todos acreditaram em mim.

Parece uma tolice que eu pensasse que poderia não ser assim, mas, durante todos aqueles anos, nunca pensei que alguém acreditasse em mim. Sobretudo porque ele não era um estranho que me apareceu de surpresa na rua. Não empunhava uma faca, nem uma arma de fogo. Eu conhecia-o. Era um amigo. Tinha-o deixado beijar-me uma vez, as pessoas viam-nos juntos regularmente. Como podia eu ter a certeza de que alguém acreditaria que o que tinha acontecido não era da minha vontade? Como podia eu ter a certeza de que alguém o julgaria capaz de me fazer tal coisa? Estas eram algumas das muitas interrogações que me mantinham calada. Que me impediam de contar a quem quer que fosse o que ele me fez. Agora, tinha descoberto que era possível acreditarem em mim e já havia quem o fizesse. Estava livre.

A princípio, os outros trataram-me de forma diferente, agiam como se eu fosse extremamente frágil, como se precisasse de ser protegida de tudo o que havia de mal no mundo. Faziam-no por amor e isso punha-me louca.

Kyle perguntava-me constantemente como me sentia, Gabrielle telefonava-me a qualquer hora para conversar, Will dizia recorrentemente que usaria o que lhe restava do subsídio de férias para ir passar duas semanas na Inglaterra para ficar comigo. Eu não queria que eles agissem como se nada tivesse mudado. Continuava a ser a mesma pessoa que todos tinham conhecido. Apenas descobriram outra faceta da minha personalidade.

Summer e Jaxon foram os que mais me ajudaram nos primeiros dias de aceitação do que tinha acontecido. As crianças não sabiam que eu tinha sofrido uma experiência traumática quando era mais nova e duvido que teriam me tratado de maneira diferente se soubessem. Teriam continuado a repreender-me por não os deixar comer hambúrgueres em certas espeluncas, tentando adiar a hora de ir dormir mais alguns minutos, teriam me chamado de tonta por não ter percebido logo que o Novo Garvo era, na verdade, um canguru e não um cão e perguntado por que ria quando o lobo, no final do conto da *Chapeuzinho Vermelho*, não era morto, mas tirava umas férias.

Os meus dois filhos de coração eram assim. Eram diretos, queriam apenas que eu fosse igual a mim própria.

Os outros só me irritavam porque eu ainda estava resolvendo o que tinha a resolver comigo própria. Ainda estava aceitando o significado daquelas duas palavras. Eu sabia. Sempre soubera. Contudo, só quando proferi aquelas duas palavras em voz alta é que reconheci o que elas diziam a meu respeito. Podia parar de fingir que aquilo não tinha acontecido, mas sofrer por ser essa a realidade. Se haviam alguém que não devia fingir, era eu. Tinha de aceitar tudo o que me tinha acontecido. Fui violentada.

Quando conseguisse dizer isso a mim mesma, conseguiria admitir que fui impotente em relação ao que me acontecera há tantos anos, mas detinha controle absoluto, poder absoluto sobre a forma como a isso reagia agora. Como adaptava a minha vida a isso. Como permitia que isso influenciasse todos os momentos que passava acordada.

Entrei na dor e tentei chegar ao outro lado.

Fui consultar o quiropata de Gabrielle, recorri à terapia, ficava olhando para o vazio, enroscava-me na cama e escondia-me do

mundo. Não era fácil.

Por vezes, o buraco que tinha na garganta abria-se, o silêncio que tinha sido infundido na essência do meu ser expandia-se, tornava-se tão grande que eu não conseguia respirar. Os lampejos de memória tornavam-se tão intensos que eu me enchia de pânico quase ao ponto de entrar em estado catatônico. Era aterrador. Valia a pena. Sempre que isso acontecia, eu sabia que não era a única pessoa no mundo a sentir-se assim. Eu era normal. Tinham me feito mal, mas eu continuava a ser normal. Kendra Tamale era normal. Essa foi a maior dádiva da revelação do meu segredo – descobri que não estava sozinha e que era normal.

Will e eu falávamos ou trocávamos mensagens de e-mail todos os dias. Tinha saudades dele. Queria estar com ele, deitar-me aconchegada a ele, beijá-lo, ver a sua expressão quando falávamos sobre coisas importantes e banalidades. Ainda ficávamos estonteados com a ideia de ficarmos juntos. Ele não podia ir à Inglaterra por causa dos filhos; eu ainda não tinha dinheiro para ir à Austrália, mas isso não queria dizer que não pudéssemos continuar assim até decidirmos como ficar juntos ou que a nossa relação já não estivesse dando certo, independentemente do que viesse primeiro. Ele dizia que me amava todos os dias. Eu era cautelosa em dizê-lo, mas tinha partilhado algo de tão grande importância a meu respeito que ele sabia o que eu sentia. Agora, éramos os dois livres – ele era solteiro e eu me libertara do meu segredo. Precisávamos apenas ultrapassar aquela distância física e, tendo em consideração o longo caminho que tínhamos percorrido e aquilo por tínhamos passado para chegar até ali, essa não parecia uma barreira intransponível.

Gabrielle e eu passamos a ter uma relação mais franca. Ela chorou quando lhe contei, disse que a culpa não era minha e que podia sempre falar com ela, mas nunca conversamos sobre as nossas experiências. Nunca. Limitamos a continuar a ser amigas e colegas de trabalho e havia um certo consolo em saber que outra pessoa me conhecia como eu a conhecia a ela.

Kyle e eu nos tornamos próximos. Ainda mais próximos. Encontrávamo-nos frequentemente para almoçar nos dias em que eu

não ia buscar as crianças; ficávamos sentados conversando até tarde da noite; planejávamos passeios com as crianças. Eu tinha sido desconfiada em relação aos amigos – em relação às *pessoas* – durante muitos anos e, agora, o meu melhor amigo vivia do outro lado do jardim. Tinha a minha boa amiga Gabrielle e Will, o meu amor a distância, mas, por ter sido a primeira pessoa a fazer-me desabafar e a acreditar inequivocamente em mim, Kyle tornou-se o melhor amigo que eu alguma vez tivera.

Pão torrado
com requeijão



Quinquagésimo capítulo

Fui uma mãe alcoólatra. Não consigo respirar quando penso nisso.

Não consigo respirar.

Aquilo pelo que fiz os meus filhos passar. A quantidade de vezes que dirigi embriagada. A quantidade de vezes que lhes gritei por estar de ressaca. A quantidade de vezes que podia tê-los machucado, pois perdia a memória e o meu marido contava-me quão agressiva me tornava. Não guardo qualquer lembrança desses tempos, mas todos eles guardam. Cometi uma quantidade de atrocidades contra os meus filhos. Contra a minha família. Contra quem eu sou.

Só quando sequestrei os meus filhos – sim, fiz mesmo isso – e comecei novamente a beber é que percebi quem eu era. O que eu era. Dei-me por vencida. Deixei de lutar. Deixei de lutar contra a verdade, de me esconder dela, e voltei para cá.

Compreendi. Pela primeira vez, percebi que não detenho qualquer controle sobre o álcool. Eu sou alcoólatra. Eu sou igual a vocês. Costumava sentar-me nestas salas e pensar que não era igual a vocês. Que o meu caso não era assim tão grave. Gostava apenas de uns copos. O meu caso não era assim tão grave. Mas era. É. Eu sou alcoólatra.

Quando bebia, era divertida, bonita, podia falar com quem quer que fosse, pensava que sabia lidar com tudo. A realidade não era, de todo, essa. Quando bebia, era sempre tudo culpa dos outros. Se o meu marido simplesmente me dissesse que me amava mais vezes, eu não precisaria beber para aumentar a minha autoconfiança. Se a minha mãe não me criticasse permanentemente, eu não teria de beber para conseguir falar com ela. Se os meus filhos não fossem tão enérgicos, eu não precisaria beber para conseguir acompanhá-los. Se as pessoas para quem trabalhava não fossem tão exigentes, eu não demoraria

tanto a concluir os meus projetos. Nunca me passou pela cabeça que era a bebida que me impedia de ser capaz de funcionar devidamente.

O que de mais importante posso fazer agora é desintoxicar-me. Permanecer desintoxicada. De momento, é essa a minha principal prioridade. Tenho participado, pelo menos, numa reunião por dia, todos os dias. A princípio, pensei que seria impossível, mas, depois, percebi que arranjava tempo para beber todos os dias. Por que não haveria de conseguir ir a uma reunião todos os dias?

Quando possível e eu estiver desintoxicada, poderei ser a mãe que pretendo ser. Isso é, porém, pensar no futuro e, se aprendi alguma coisa, foi a viver um dia de cada vez. Nunca antes tinha realmente compreendido isso. Apenas decidimos não beber, um dia de cada vez. Todos os dias, renovamos esse compromisso. Por vezes, é um momento de cada vez, pois o desejo é muito intenso, mas tento pensar que, se conseguir aguentar a hora, a meia hora ou o minuto seguinte sem uma bebida, ficarei bem. Ou, então, telefono a alguém. Não fico de braços cruzados, a debater-me. Procuro ajuda. Um dia de cada vez.

Só agora começo a perceber que, nos últimos meses, tenho estado de luto. Tenho estado de luto pela pessoa que era quando bebia. Não me interpretem mal, não quero voltar a isso, mas tinha dificuldade em saber quem era sem a minha autoconfiança em estado líquido. Mas sabem que mais? Lembro-me do nome do amigo imaginário do meu filho. Sei que a minha filha acha que os cereais Weetabix são marshmallows quando os comemos no café da manhã de sábado. Não é outro dia qualquer, apenas ao sábado. Sei que a minha filha não vai acordar a meio da noite com pesadelos em que eu vomito para cima dela por, pouco antes, ter sentido o cheiro a álcool em mim. Sei que o meu filho nunca terá de se debruçar sobre mim, assustado por eu ter desmaiado e ele não conseguir acordar-me. Vou trabalhar e não tenho de transpor uma névoa mental para conseguir concentrar-me.

Um dos aspectos mais dolorosos é que o meu ex-marido começou novamente a sair com mulheres. Não é nada sério, mas ele é um bom homem e não deverá demorar muito a encontrar alguém especial. Pensei que já tinha encontrado, mas são só amigos. Custa-me imensamente imaginá-lo com outra pessoa. Custa-me imensamente. Mas isso também é bom. Dói-me, mas não vou usar isso como pretexto para beber. Se tiver um dia ruim, tenho de o

viver. Se tiver um dia bom, tenho também de o viver. Enfrento o mundo tal como ele é. Enfrento o mundo tal como sou – sem estar de ressaca, nem embriagada. Apenas a velha e simples Ashlyn.

Hoje é o primeiro aniversário da minha desintoxicação. Um ano sem uma bebida. Pensei que já seria mais fácil, mas o desejo nunca nos abandona por completo. O meu ex-marido queria trazer as crianças e vir passar o dia comigo. “Saíamos e comemorávamos”, disse ele. Ele me acompanharia, ainda, a esta reunião. Sim, apesar de estarmos divorciados. No entanto, eu recusei. A vida deles, a vida dos meus filhos, já girou muito em volta do meu alcoolismo e da minha desintoxicação. Quando voltar a vê-los, quero apenas comemorar o fato de estar com eles. Porque sou a mãe deles. Mal posso esperar por ir para casa, para junto deles.

Chamo-me Ashlyn e sou alcoólatra. Obrigada pela atenção vocês.

Quinquagésimo primeiro capítulo

– Deixa-me ver se entendi, Gabrielle. Você é que vai dar uma festa, mas quer que seja eu que pare pelo caminho para buscar os molhos, as batatas fritas, o vinho, os chocolates, as azeitonas, as bebidas não alcoólicas, o queijo e os pães? – questionei. – Conhece a palavra “gozar”?

Ouçó-a sorrir-me pelo telefone.

– Oh, querida, você não se importa, não é? Voltar a conhecer o Ted tem sido tão intenso que não tive tempo.

– Você é que está folgada! – retruco, incrédula.

– Escuta, é a minha única dama de honra. Considere isso uma das suas obrigações.

– Como se Summer alguma vez me deixasse ser a única dama de honra.

– Por favor? – Consegui ouvi-la piscar-me os olhos pelo telefone. – Por favorzinho?

– Bem, hei de querer algo em troca – declarei. – Fica devendo-me um favor.

– Oh, obrigada, obrigada. Adeus, fofa, adeus.

– Hummm – murmuro quando ambas desligamos.

Dez segundos depois, o telefone voltou a tocar. Peguei nele.

– Não me diga que também precisa que compre a roupa ideal para usar – afirmei.

Dá-se uma pausa.

– Preciso ver você. Temos que falar – disse a voz do outro lado da linha. Por um momento, não percebo de quem se trata. – Temos que falar sobre o nosso bebê.

A sala parou.

Parece o momento entre as pulsações. O intervalo em que nada acontece. Quando o sangue abrandando nas veias, a respiração se sustém e a mente mergulha naquele enorme vazio de irreabilidade.

Estou falando com ele ao telefone.

É ele. É mesmo ele.

– Temos de conversar sobre o nosso bebê – disse.

Eu largaria o telefone se conseguisse me mexer. Se a voz dele não se tivesse infiltrado no meu corpo e provocado a paralisação de todos os meus músculos.

– Kendra? – perguntou. – Está ouvindo-me?

Há um ligeiro ruído na linha, pois ele ligava de um celular; um telefone tocou em algum lugar do outro lado do meu escritório vazio, mas eu consegui ouvi-lo. Claro que consegui ouvi-lo. Cada palavra é clara e precisa, sendo a sua voz profunda e suave como uma tina de xarope quente. Consegui ouvi-lo e a sua lembrança assoma-me ao pensamento.

A sua mão grande e forte estende-se para me impedir de tropeçar; o pulso férreo cinge-me o pescoço. A boca sorri ao dizer que, por mim, é capaz de tudo; sinto a sua respiração ao ouvido ao prometer me matar.

– Kendra, está ouvindo-me? – Repetiu perante o meu silêncio.

– Sim. – Consegui responder. – Sim, estou ouvindo-o.

– Temos de conversar sobre o nosso filho... Você tem de me falar dele ou dela. – Deteve-se e inspirou. – Nem sequer sei se é menino ou menina. Não é justo. Tenho o direito de saber. Tenho o direito... Kendra, Você tem de falar comigo. Deves-me, pelo menos, isso.

Nada digo.

– Vou encontrar-me com você – afirmou. – Quando sair do trabalho. Já estou à entrada do seu prédio, mas espero. Que horas você sai?

Como ninho de morcegos perturbados, o pânico avolumou-se dentro de mim e tornou-se um cobertor de asas de couro, espessas e

negras, amortecendo todas as restantes sensações. *Ele está lá fora? Ele está lá fora – neste momento?*

– Hoje à noite, tenho que fazer – replicou, tentando falar normalmente. Tentando impedir que a minha voz revele o meu medo.

– Não me interessa o que tenha que fazer – falou. – Nada é mais importante do que isto. Temos de conversar.

– Eu, hum, eu, aah... – Hesitou. Tenho de recuperar o controle desta situação. Ele não pode fazer isto comigo.

– Eu sei onde trabalha. Quanto tempo acha que demorarei a descobrir onde mora? Aparecerei em sua casa. Irei ao seu local de trabalho todos os dias e, depois, irei à sua casa. Não deixarei você em paz até que fale comigo. Poderá evitar tudo isso se você encontrar comigo agora.

Ele está falando sério. Eu sei que ele está falando sério. Sei o que ele faz quando não consegue o que quer.

– Encontramo-nos à entrada, às 16h45 – declarou. – Posso dispensar meia hora a você.

– Linda menina – ronronou, num tom suave, sensato e calmo. – Eu sabia que tomaria a atitude acertada. Mal posso esperar...

– Adeus – proferi abruptamente e desliguei o telefone, quase atirando o aparelho branco para o descanso.

Há cinco minutos, o que de mais me ocupava o pensamento era em qual supermercado eu iria fazer compras.

Agora, isto.

A mão esmaga-me o pescoço; a sua voz de mel insinua-se ao meu ouvido.

Desta vez, ele vai mesmo me matar, não vai?

Não tenho pressa em abandonar a minha mesa e, depois, em sair do edifício. Ele estava do outro lado da rua, vestido de modo adequadamente informal com calças jeans pretas, camiseta branca, sapatilhas e casaco com listras. Tinha as mãos afundadas nos bolsos e as pernas bem afastadas.

Atravessei lentamente a rua principal reservada à circulação de pedestres, mas não consegui adiar o encontro tempo suficiente.

Poucos segundos depois, estava à frente dele. De repente, pelo mais breve dos momentos, olhei nos olhos de Lance Peters.

– Olá – diz ele, inclinando-se para me beijar na face.

Virei a cara e todo o corpo, com a repulsa a inundar-me cada nervo.

– Podemos ir aqui – sugeri, entrando à frente num pequeno café, a quatro lojas do nosso escritório.

O proprietário do café indicou-nos uma mesa pequena e sossegada, ao fundo. Sentei-me de costas voltadas para a parede, de modo a ver a porta.

Ele pediu café e eu pedi um copo de água.

Quando ficamos sozinhos, permanecemos em silêncio. Eu olhei para a porta, para além do ombro dele, e para o mundo existente do lado de fora da janela; ele observou o homem atrás do balcão enquanto lhe prepara o café. Quando recebemos os nossos pedidos, ele continuou a aguardar em silêncio. Grande urgência em ver-me. Deixei de olhar para a porta e fitei-o. Os nossos olhares cruzam-se e eu virei a cara – odeio-me por isso.

– Restam-te dezesseis minutos. Depois, vou embora. Não me importo de ficar em silêncio, nada tenho a dizer a você – falei de modo frio. Calmo e frio. É uma surpresa perceber que falo assim, não por me esforçar, mas porque é assim que estou. O abalo e o medo iniciais esvaíram-se e, agora, nada sinto. É grande a diferença em relação ao nosso encontro casual no hotel, no ano anterior. Nessa altura, pensei que ia morrer só por estar perto dele.

Ele aclarou a garganta.

– Kendra, eu acho... Eu tenho... – Sorri, ou melhor, ri. – Estou saindo-me pessimamente nisto.

Deixei de olhar para a porta a fim de o fitar e, depois, tornei a desviar o olhar.

– Kendra, vim pedir desculpa por aquela noite.

– Qual noite? – interroguei enquanto examinava os entalhes na rodela de limão que flutuava na minha água.

– Sabe muito bem a que noite me refiro. – Pareceu confuso. – Refiro-me *àquela* noite.

– Não faço ideia do que está falando – falei para dentro da minha água.

– Estou falando da noite em que tivemos relações sexuais... –
principiou.

Levantei a cabeça e olhei-o bem nos olhos.

– Mas nós não tivemos relações sexuais, Lance. Não tivemos relações sexuais, não copulamos, não fornecemos e muito menos fizemos amor. – Fitei-o diretamente. – Você me violentou.

Ele é apanhado de surpresa. É visível no seu rosto. Devo ser a primeira pessoa a dizer isso a ele. É a sua vez de desviar o olhar. Primeiro, para o café e, depois, para a parede atrás de mim.

– Lamento – disse discretamente.

– O quê?

– O que aconteceu naquela noite.

– Qual noite? A da violação ou a da agressão sexual?

– Ambas – respondeu sem pensar duas vezes. Tal como o que fez comigo. Fez sem pensar duas vezes. Eu tinha a certeza de que, na primeira ocasião, tinha sido premeditado, mas fez sem pensar duas vezes. – Lamento muito. O que aconteceu foi errado e...

– E criminoso.

Com os olhos, com o rosto, pede uma trégua. No entanto, a sua voz disse:

– Eu... Hum... Tenho frequentado aulas de controle de raiva e consultei um psicoterapeuta. Procurei ajuda para lidar com o que aconteceu.

– Ainda bem para você – disse sarcasticamente. – É ótimo que consiga lidar com o que aconteceu.

– Sinto-me tão culpado por isso. Lamento, Kendra. Lamento muito.

– Não lamenta nada – retruquei.

O seu olhar foi ao encontro do meu, surpreendido. Devia esperar que eu dissesse que estava tudo bem ou aceitasse o seu pedido de desculpas em piedoso silêncio. Ainda acha que me conhece. Ainda acha que sou a mulher que nem pensaria em armar uma confusão. A

mulher que foi discretamente para casa, de trem, em vez de se dirigir delegacia de polícia mais próxima; a mulher que lhe agradeceu a carona e a hospedagem, em vez de lhe gritar na cara que ia contar a todo mundo que ele era um monstro. Esperava que Kendra ficasse ouvindo enquanto ele a manipula.

– Kendra...

– Se realmente lamentasse, não estaria aqui. Se lamentasse verdadeiramente, passaria pela cabeça que talvez eu esteja feliz e não queira pensar em você. Lamentar não implica pedir perdão. Implicaria, sim, perceber que, aconteça o que acontecer, jamais poderá se redimir dos seus atos, por isso me deixaria em paz. Lamentar não implica ameaçar-me para vir encontrar-me contigo e, depois, implorar perdão com um pedido de desculpas pouco sincero. Não lamenta.

– Kendra, lamento, sim. – Os seus olhos fecharam-se e abanou a cabeça. Um pequeno soluço escapou-lhe dos lábios e a voz enche-se de arrependimento e pesar. – Lamento imensamente. – Ensaiado. Tudo ensaiado.

– O quê?

Abriu os olhos, cobrindo-os um verniz de surpresa e cautela.

– O que aconteceu, evidentemente.

– O que aconteceu ou o que fizeste? – insistiu.

– Eu... Lamento.

– O quê?

– Kendra, dê-me uma chance. Custou-me muito fazer isto.

– Não pedi para você vir aqui – argumentei, encolhendo os ombros.

Não lhe passou pela cabeça que também poderia ter me custado muito fazer isto. Sentar-me à sua frente. Estar minimamente próxima dele. Não lhe passou pela cabeça que poderia dar-me volta ao estômago como carne putrefata. Só vim porque não queria que me seguisse até em casa, que nem sequer se aproximasse das crianças.

Ele voltou a cair no silêncio e eu olhava para o relógio.

– Kendra, teremos de encontrar uma forma de nos darmos, porque eu quero ver o nosso filho. Ele ou ela já deve ter... O quê? Doze, treze anos? Já perdi muita coisa, mas, agora, quero compensar isso. Quero

fazer parte da vida dele ou dela. Pelo menos, diz se tenho um filho ou uma filha.

Olhei fixamente para a minha bebida, adiando o momento em que teria de lhe contar a verdade.

– Kendra, está ouvindo-me?

Preparei-me, levantei a cabeça e olhei-o nos olhos. Tentei não estremecer ao vir à memória a forma como os seus olhos me fulminaram na estação, quando me afastei bruscamente enquanto ele tentava beijar-me na boca.

– Já disse que você não tem um filho meu – afirmei, com a voz firme e calma. – Só disse isso para impedir você de me violentar de novo. Sabia que era a única forma de impedi-lo. Não tive um filho seu.

A expressão esperançosa esvaiu-se do rosto quando ficou branco como alabastro.

– Não acredito em você. Vi as cadeiras infantis no seu carro, sei que você tem filhos e, se mentisse a esse respeito, também mentindo agora.

– Sou fisicamente incapaz de ter filhos. Descobri há alguns anos. Quanto às cadeiras de segurança? O carro era emprestado. Não tive um filho seu. Menti quanto a isso para impedir você de fazer o que estava fazendo. Teria dito qualquer coisa para impedi-lo.

O silêncio instalou-se ao nosso redor e sobre nós. Ele lançou-me um olhar feroz e eu também o fitei. Queria que soubesse que já não me assustava. Agora que reconheci o que me fez, não me assusta. De repente, olhei para baixo e percebi que acredita em mim. Sabe, finalmente, a verdade e me deixará em paz.

Pus-me de pé, levei a mão à bolsa e tirei uma nota de cinco libras. Assim que coloquei a bolsa a tiracolo, deixei cair a nota no espaço entre o meu copo e o seu café.

– Desta vez, fica por minha conta, já que não voltarei a vê-lo.

Saí do café sem olhar para trás, mas sei que ele me seguiu a três passos de distância. Cheguei à beira da calçada e, depois, virei-me para ficar de frente a ele.

– Ainda não acabei o que... – principiou.

– Tive tanto medo de você durante tanto tempo, mas, agora, não percebo porquê – interrompo, com a voz ligeiramente elevada. – Inspira dó. Na minha cabeça, criei uma imagem de um homem poderoso que podia esmagar-me, quando, na verdade, inspira dó. Conheço crianças de oito anos que são mais assustadores do que você. – A cada palavra que saía da minha boca, via a sua fúria aumentar, o rubor cobria-lhe o rosto, os punhos cerravam-se. Olhei-lhe de relance para os punhos, enormes e temíveis, capazes de me machucar. Voltei a fitá-lo.

– Se me bater, irei à polícia – declarei calma e sensatamente. – Irei à polícia e contarei por que me bateu. Contarei o que me fizesse há muitos anos. Podem acreditar em mim ou não, mas ficará registrado e será desenterrado se alguma vez surgir uma queixa semelhante contra você. Então, vai em frente e bate-me. Só o sentirei por alguns instantes. Já a ti, por outro lado, farei você sofrer enquanto puder.

Nada fez. O seu corpo permaneceu rígido, prestes a desferir-me um soco. Os seus olhos azuis-turquesa salpicados de violeta cruzaram-se com os meus, negros. Não desviei o olhar.

Lentamente, ele sorriu, ou melhor, riu. O riso matreiro e perverso de um animal predador.

– Estava pedindo, *vaca* – rosnou enquanto sorria. – E eu dei.

– É, e eu sobrevivi. Você tentou me destruir e eu sobrevivi. Isso não faz de você uma criatura digna de dó?

Como que por milagre, devagar, Lance quebrou a troca de olhares e virou as costas. Com a mesma lentidão, afastou-se. Não olhou para trás, nem mostrou saber se eu permanecia ali parada. Subiu a empedrada rua principal e saiu da minha vida.

Então, fiquei tremendo. Todo o pavor abalou o meu corpo. Pensei mesmo que ele ia me bater. Pensei mesmo que tentaria me matar. Contudo, o medo não me paralisou. Consegui chegar ao interruptor que acendia a luz e fazer o monstro desaparecer.

– Ora bem, querida, vem aqui muitas vezes? – disse Kyle, aparecendo por trás de mim. Quase dou um salto. – Desculpa, desculpa – afirmou, dando a volta para ficar à minha frente. – Desculpa, peço imensas desculpas.

– Não faz mal, seu grande pateta – retruquei. Provavelmente, nunca perderei o nervosismo; já aceitei esse fato.

– Certeza?

Acenei com a cabeça, ainda vendo Lance afastar-se.

Do bolso do casaco, Kyle tirou um pacote de *marshmallows* brancos cor-de-rosa.

– As crianças quiseram que eu desse isto à Senhora das Guloseimas – informou. – Em troca de não terem sido convidados para a festa dela. Por que não me disse que não tinha contado a eles onde íamos esta noite?

– Kyle, não lhes contei porque não sou idiota. Sabia que perderiam a cabeça. Antes você ou ela do que eu.

– Não ficaram nada satisfeitos. Julgo que mandaram isto para a fazerem sentir-se culpada.

– Pois não dará certo. A mulher não tem vergonha nenhuma. Encarregou-o de fazer todas as compras para a festa dela.

– A mim?

– Sim, telefonou há pouco para me dar uma lista que devo transmitir a você.

– Por que a mim?

– Acho que simpatiza contigo. É melhor ter cuidado. Ainda pode tentar fazer pagar o casamento.

Arregalou os olhos por momentos e eu tive de encolher os lábios para evitar rir da sua expressão escandalizada. Era tão fácil de enganar. Kyle fitou-me, com os seus olhos a examinarem cada palmo do meu rosto, percebendo que estou brincando com ele e ri. O largo sorriso envolveu-lhe o rosto já lindo. Adoro a forma como ele o faz. Adoro a forma como o meu melhor amigo sorri.

Prendi o braço no seu.

– Anda lá – falou, fazendo-o virar na direção do supermercado –, eu ajudo você com as compras.

– Então, quem era o homem bonitão que vi afastando-se de você quando dobrei a esquina? – perguntou Kyle.

Abanei a cabeça.

– Ninguém – respondi. – Absolutamente ninguém.

Marshmallow



Quinquagésimo segundo capítulo

– Kendie, quando for para a Austrália, tem de nos levar contigo – diz-me Summer.

Fomos comprar presentes de aniversário para os pais deles – fazem aniversário em novembro, com três dias de intervalo. Estamos no final de outubro e faz frio. Ainda não me habituei ao inverno britânico. A geada parece pairar no ar e fustigar-nos a pele se ficarmos parados muito tempo; o frio está sempre à procura de uma maneira de se infiltrar nas roupas e nos abraçar.

Até agora, compramos para Ashlyn uma moldura para fotografias digitais para eles dois lhe oferecerem e um par de sapatos com saltos de arrasar em cetim preto – um de cada um deles, que embrulharemos separadamente. Dirigimo-nos a uma loja de material de artes plásticas, na outra ponta da cidade. Sou da opinião de que deviam comprar ao pai uma prancheta para o trabalho artístico não relacionado com a sua atividade profissional, assim como para os papéis, lápis e pastéis de desenho. Eles dois não ficaram tão seguros quanto ao presente, mas eu disse-lhes que tínhamos de incentivar o pai a ser tão bom como eles. Concordaram com isso.

– Pois – pactua Jaxon –, se você nos levar, o Novo Garvo poderá ver os irmãos.

Os meus planos de viajar para a Austrália estão pendentes. Já ando poupando havia um ano e tenho uma quantia razoável de lado. Eu e Will continuamos falando todos os dias e estivemos juntos durante doze horas, há seis meses, quando ele trouxe os filhos para a Inglaterra para visitarem os avós. Ainda queremos ficar juntos, mas...

mas. Somos realistas. Debateremos todas as nossas opções – mesmo as mais dolorosas – e ainda queremos ficar juntos, mas... mas.

Paro e puxo-os cuidadosamente para o retângulo da entrada de uma loja que está fechada ao sábado, de modo a podermos resguardar-nos da multidão na rua.

– Quem disse a vocês que eu ia para a Austrália? – pergunto.

– Papai disse que talvez voltaria para lá – explica Jaxon. – Disse que quer voltar para o seu namorado.

– Pensei que o papai é que era o seu namorado – confessa Summer –, mas ele disse que não. Disse que quer ser seu namorado, que está apaixonado por você desde todo o sempre, amém, mas o seu namorado vive na Austrália e você quer ir para lá. Você tem de nos levar contigo. Nós vamos nos portar bem.

– Muito bem. Quero ir no avião – explica Jaxon. – Quero ver cangurus.

Os meus olhos examinam Summer. Fiz seis tranças grossas no cabelo, que se afastam como suaves e sedosos pedaços de corda do seu rosto, presas nas pontas com elásticos de diferentes cores. Tem o cabelo quase todo escondido sob um grosso chapéu de lã azul e tem o seu blusão preto vestido, o que a faz parecer um boneco de neve e lhe realça as sardas espalhadas pelo nariz. Os seus olhos verdes marinhos, salpicados e orlados de castanho cor de mogno, observam-me com atenção enquanto espera que eu lhe responda se vou ou não levá-los comigo.

Depois, os meus olhos reparam em Jaxon. Tem um gorro azul na cabeça e o blusão preto vestido. Tem sardas espalhadas pelo nariz, mas chegam-lhe às faces. Os olhos, idênticos aos da irmã, observam-me com a mesma intensidade dos dela.

– Escutem, em primeiro lugar, eu também adoro o seu pai, mas prefiro tê-lo como amigo. É melhor assim – princípio. – E, sim, estava pensando em ir para a Austrália. O seu pai tinha razão quanto a isso. E, sim, aquele que é, de certo modo, o meu namorado está lá, mas, se eu fosse, não poderia levar vocês comigo, porque seus pais teriam muitas saudades de vocês.

Os seus olhos precipitam-se na direção um do outro e ficam ambos com um ar desesperadamente preocupado, sendo a sua perturbação palpável.

– Mas... Mas... – exclamo, para voltar a chamar-lhes a atenção. – *Mas...* – repito, quando já estão os dois a olhar para mim, com a apreensão patente nos rostos. – Se fosse, também teria saudades de vocês, por isso já não vou.

Eles são os meus dois “mas”. Claro que são. Não posso deixá-los. Adoro Summer. Adoro Jaxon. Adoro Summer e Jaxon. Foi o fato de tê-los conhecido, de tê-los amado, que me ajudou a reparar a alma, a sarar o coração. Não posso abandoná-los.

Eu e Will já debatemos longamente esta opção – falamos sobre tudo – e ele compreende. Disse que esperaria até eu achar que podia deixá-los por um período prolongado para estar com ele, mas isso não vai acontecer. Tenho de reconhecê-lo perante mim mesma. Tenho de o dizer a Will. Vai ser difícil, mas teremos de aprender a encarar a realidade de que não temos futuro juntos. Teremos de nos libertar mutuamente. Vou voltar a ser solteira, na verdadeira acepção da palavra. É uma ideia aterradora, mas também libertadora.

Sei que Ashlyn tem os seus motivos para continuar a não viver com eles, sei que está fazendo o que julga ser melhor para todos, mas eu seria incapaz de abandoná-los. Seria incapaz de abandoná-los e continuar viva.

– Não vou a lado nenhum, está bem? – digo-lhes. – Vou ficar com vocês até crescerem.

Ambos acenam com a cabeça e deixam passar alguns instantes enquanto assimilam esta nova informação e aceitam as respectivas implicações no seu futuro.

– Mas eu quero conhecer a Austrália – protesta Summer.

– Eu também – afirma Jaxon. – E o Novo Garvo também.

Não imaginam quão importante foi a minha decisão, quão nobre e abnegada. Vou desistir do amor da minha vida por eles e não fazem ideia. Essa é uma das muitas coisas que adoro em Summer e Jaxon, em Jaxon e Summer: não querem ter nada a ver com grandiosos gestos de abnegação. Nem devem querer.

– Com certeza que, um dia, lá irei – digo, levantando-me. Pegolhes numa das mãos enluvadas com cada uma das minhas e saímos para o passeio.

– Mas eu quero ir agora, não um dia – refuta Jaxon.

– E eu também – acrescenta Summer.

– Fazemos o seguinte: quando chegarmos em casa, pedimos ao pai de vocês. Tenho a certeza de que terá todo o gosto em pagar-nos uma viagem de regresso à Austrália. E digamos que queremos ir em primeira classe. Tenho a certeza de que ele ficará contente com isso. Mesmo muito contente.

Os dois acenam com a cabeça em sinal de acordo e caminham alegremente ao meu lado enquanto nos tornamos parte da torrente de gente que desce a rua principal.



©2015, Pri Primavera Editorial Ltda.

Título **Marshmallow for breakfast**

©2015

Equipe editorial **Lourdes Magalhães e Larissa Caldin**

Revisão **Project Nine**

Capa **Larissa Caldin**

Projeto gráfico e diagramação **Larissa Caldin**

Diagramação e ebook: **Schäffer Editorial**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital

Koomson, Dorothy

Marshmallow / Dorothy Koomson ; tradução Vera Falcão Martins. -- São Paulo : Primavera Editorial, 2015.

Título original: Marshmallow for breakfast.

ISBN 978-85-61977-94-8

1. Ficção inglesa I. Título.

15-06888

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Av. Queiroz Filho, 1700 - Vila B
37 Vila Hamburguesa
05319-000 – São Paulo – SP
Telefone: (55 11) 3034-3925
www.primaveraeditorial.com
contato@primaveraeditorial.com

*Todos os direitos reservados
e protegidos pela lei
9.610 de 19/02/1998.*

*Nenhuma parte desta obra poderá
ser reproduzida ou transmitida
por quaisquer meios, eletrônicos,
mecânicos, fotográficos ou
quaisquer outros, sem autorização
prévia, por escrito, da editora.*